

*Tecendo biografias e
memórias de leituras de
pós-graduandos:*

"O professor me ensinou a fazer uma carta de amor"



In memoriam: bell hooks e Paulo Freire

Organizadoras

Bethania Medeiros Geremias

Camila Martins Januário de Freitas

Daiane Cenachi Barcelos

Mariana Moreira dos Santos

Ilustração

Janaína Torres Lopes

**TECENDO BIOGRAFIAS E MEMÓRIAS DE LEITURAS
DE PÓS-GRADUANDOS: “O PROFESSOR ME ENSINOU
A FAZER UMA CARTA DE AMOR”**

In memoriam: bell hooks e Paulo Freire

Bethania Medeiros Geremias
Camila Martins Januário de Freitas
Daiane Cenachi Barcelos
Mariana Moreira dos Santos
Organizadoras

Ilustração
Janáina Torres Lopes

**TECENDO BIOGRAFIAS E MEMÓRIAS DE LEITURAS
DE PÓS-GRADUANDOS: “O PROFESSOR ME ENSINOU
A FAZER UMA CARTA DE AMOR”**

1ª Edição Eletrônica

In memoriam: bell hooks e Paulo Freire

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2024



Navegando Publicações



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com
Uberlândia – MG – Brasil

Direção Editorial: Navegando

Revisão: Lurdes Lucena

Diagramação: Lurdes Lucena

Capa: Janaína Torres Lopes

Copyright © by autor, 2024.

T2551 – GEREMIAS, B. M.; FREITAS, C. M. J. de; BARCELOS, D. C.; SANTOS, M. M. dos. Tecendo biografias e memórias de leituras de pós-graduandos: “o professor me ensinou a fazer uma carta de amor”. Uberlândia: Navegando Publicações, 2024.

ISBN - 978-65-6070-022-2



10.29388/978-65-6070-022-2

Vários Autores

1. Bethania Medeiros Geremias, Camila Martins Januário de Freitas, Daiane Cenachi Barcelos, Mariana Moreira dos Santos. 2. Ética 3. Informação. Danieli Duarte. II. Navegando Publicações. Título.

CDD – 370

Índice para catálogo sistemático

Educação

370

Navegando Publicações



www.editoranavegando.com
editoranavegando@gmail.com
Uberlândia – MG
Brasil

Editores

Lurdes Lucena – Esamc – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp, Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU, Brasil

Conselho Editorial Multidisciplinar

Pesquisadores Nacionais

Afrânio Mendes Catani – USP – Brasil
Anderson Brettas – IFM – Brasil
Anselmo Alencar Colares – UFOPA – Brasil
Carlos Lucena – UFU – Brasil
Carlos Henrique de Carvalho – UFU, Brasil
Cilson César Fagiani – Uniube – Brasil
Dermeval Saviani – Unicamp – Brasil
Elmiro Santos Resende – UFU – Brasil
Fabiane Santana Previtali – UFU, Brasil
Gilberto Luiz Alves – UFMS – Brasil
Inez Stampa – PUCRJ – Brasil
João dos Reis Silva Júnior – UFSCar – Brasil
José Carlos de Souza Araújo – Uniube/UFU – Brasil
José Claudinei Lombardi – Unicamp – Brasil
Larissa Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Livia Diana Rocha Magalhães – UESB – Brasil
Marcelo Caetano Parreira da Silva – UFU – Brasil
Mara Regina Martins Jacomeli – Unicamp, Brasil
Maria Ciavatta – IFF – Brasil
Maria J. A. Rosário – UFPA – Brasil
Newton Antonio Paciulli Bryan – Unicamp, Brasil
Paulino José Orso – Unioeste – Brasil
Ricardo Antunes – Unicamp, Brasil
Robson Luiz de França – UFU, Brasil
Tatiana Dahmer Pereira – UFF – Brasil
Valdemar Sguissardi – UFSCar – (Apos.) – Brasil
Valeria Lucilia Forti – UERJ – Brasil
Yolanda Guerra – UFRJ – Brasil

Pesquisadores Internacionais

Alberto L. Bialakowsky – Universidad de Buenos Aires – Argentina.
Alcina Maria de Castro Martins – (I.S.M.T.), Coimbra – Portugal
Alexander Steffanell – Lee University – EUA
Ángela A. Fernández – Univ. Aut. de St. Domingo – Rep. Dominicana
Antonino Vidal Ortega – Pont. Un. Cat. M. y Me – Rep. Dominicana
Armando Martínez Rosales – Universidad Popular de Cesar – Colômbia
Artemis Torres Valenzuela – Universidad San Carlos de Guatemala – Guatemala
Carolina Crisorio – Universidad de Buenos Aires – Argentina
Christian Cwik – Universität Graz – Austria
Christian Hausser – Universidad de Talca – Chile
Daniel Schugurensky – Arizona State University – EUA
Elizet Payne Iglesias – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Elsa Capron – Université de Nimés / Univ. de la Reunión – France
Elvira Aballi Morell – Vanderbilt University – EUA.
Fernando Camacho Padilla – Univ. Autónoma de Madrid – Espanha
Francisco Javier Maza Avila – Universidad de Cartagena – Colômbia
Hernán Venegas Delgado – Univ. Autónoma de Coahuila – México
Iside Gjergji – Universidade de Coimbra – Portugal
Iván Sánchez – Universidad del Magdalena – Colômbia
Johanna von Grafenstein, Instituto Mora – México
Lionel Muñoz Paz – Universidad Central de Venezuela – Venezuela
Jorge Enrique Elias-Caro – Universidad del Magdalena – Colômbia
José Jesus Borjón Nieto – El Colegio de Vera Cruz – México
José Luis de los Reyes – Universidad Autónoma de Madrid – Espanha
Juan Marchena Fernandez – Universidad Pablo de Olavide – Espanha
Juan Paz y Miño Cepeda, Pont. Univ. Católica del Ecuador – Equador
Lerber Dimas Vasquez – Universidad de La Guajira – Colômbia
Marvin Barahona – Universidad Nacional Autónoma de Honduras – Honduras
Michael Zeuske – Universität Zu Köln – Alemanha
Miguel Perez – Universidade Nova Lisboa – Portugal
Pilar Cagiao Vila – Universidad de Santiago de Compostela – Espanha
Raul Roman Romero – Univ. Nacional de Colombia – Colômbia
Roberto González Aranas – Universidad del Norte – Colômbia
Ronny Viales Hurtado – Universidad de Costa Rica – Costa Rica
Rosana de Matos Silveira Santos – Universidad de Granada – Espanha
Rosario Marquez Macias – Universidad de Huelva – Espanha
Sérgio Guerra Vilaboy – Universidad de la Habana – Cuba
Sílvia Mancini – Université de Lausanne – Suíça
Teresa Medina – Universidade do Minho – Portugal
Tristan MacCoaw – Universit of London – Inglaterra
Victor-Jacinto Flecha – Univ. Cat. N. Señora de la Asunción – Paraguai
Yoel Cordovi Núñez – Instituto de Historia de Cuba v Cuba – Cuba

DEDICATÓRIA

Dedicamos essa obra, composta por várias cartas e, escrita com muito engajamento e carinho, para bell hooks (1952-2021) e Paulo Freire (1921-1997), afirmando com toda a convicção que “[...] *não importa de onde o amor surge na sala de aula, ele transforma.*” (hooks, 2020, p. 241).

Não podemos nos esquecer de Cássia Eller (1962-2001) nessa dedicatória, pois ela, com sua voz, música e personalidade transgressora, nos faz cantar ainda essa canção que inspira o subtítulo desse livro de cartas.

“O professor me ensinou fazer uma carta de amor”

E, para não deixar de citar a importância que assume a disciplina Educação e razões oprimidas no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Viçosa, dedicamos esta obra ao professor Edgar Pereira Coelho, criador da disciplina citada e responsável pela criação da Cátedra Paulo Freire desta mesma universidade. Ao se dedicar em sua tese de doutorado ao estudo das cartas de Freire, Edgar deu voz ao que ele denomina de Pedagogia da Correspondência freireana, compreendida como *“uma pedagogia dialógica em favor dos oprimidos (analfabetos) na própria forma (de carta) de escrita”* (Coelho, 2019, p. 175)

AGRADECIMENTOS

Esta obra só pôde ser concluída devido ao investimento dos autores e organizadores que construíram juntos, igualmente, a disciplina Educação e razões oprimidas, na e para a qual as cartas aqui presentes foram produzidas. Assim, agradecemos a todas e todos pelo comprometimento e cuidado com a escrita das cartas.

Queremos agradecer especialmente à professora Alvanize Valente Fernandes Ferenc, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Viçosa, pelo empenho em nos apoiar no financiamento dessa obra por meio de recursos oriundos do Programa de Desenvolvimento da Pós-graduação (PDPG) emergencial de consolidação estratégica dos Programas de Pós-graduação Stricto Sensu Acadêmicos- portaria 155 – 10/08/2022 - CAPES ou “PDPG - consolidação – CAPES”. Na continuidade, somos gratas à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo apoio financeiro por meio do PDPG.

Estendemos os agradecimentos à equipe coordenadora do PPGE/UFV e aos docentes que apoiaram que o investimento financeiro ao livro fosse contemplado, sendo, a maioria orientadores e orientadoras dos estudantes que fizeram a disciplina que deu origem às cartas publicadas nessa obra. E, ainda, para sermos justas, agradecemos à mestranda Ana Victória Dal-cin Santolin, licenciada em letras e que, gentilmente, contribui com a leitura e ajustes dos textos originais.

E, por fim, a esses mestres que nos inspiram cotidianamente a continuar (re) existindo e resistindo aos nefastos projetos de esfacelamento da educação pública, em todos os níveis de ensino. Gratidão Freire! Gratidão hooks. Continuamos aqui com seus ideais, mobilizando pensamentos e construindo pontes para a transformação e a emancipação social e educativa.

Sumário

PREFÁCIO - Do encantamento e convite à reflexão crítica e amorosa sobre situações existenciais de educadores-educandos e educandos-educadores que este livro nos provoca	9
Por Elizandro Maurício Brick	
CARTA DE PRELÚDIO	13
Por Bethânia Medeiros Geremias	
PARTE I - DISPOSTAS(OS) A CORREREM RISCOS E LUTAREM PELO DIREITO DE SER QUEM SÃO: DE MÃOS DADAS COM A PEDAGOGIA ENGAJADA	21
REFLETINDO SOBRE O PENSAMENTO CRÍTICO: UMA CARTA À BELL HOOKS.....	22
Aláide Vimieiro Toledo Barbosa	
EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA-ALUNA	28
Nathália Cristina Costa Tavares	
CARTA ENDEREÇADA À BELL HOOKS: A “PEDAGOGIA ENGAJADA” ASSOCIADA À EDUCAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA.....	37
Daniella Viveiros Meirelles	
O DESPERTAR DOS SINOS: CARTA A HOOKS	43
Carlos Fernando Ribeiro	
TUDO O QUE PRECISAMOS É DE AMOR.....	48
Elecíntia Medina Vieira	
PARTE II - A BUSCA DO SER MAIS E OS REFLEXOS DA HUMILDADE, AMOROSIDADE E RESISTÊNCIA NA PRÁXIS DOCENTE	55
REFLEXÃO EM FREIRE: PROFESSOR EM CONTÍNUA APRENDIZAGEM	56
Lenice Lima Miranda	
É BOM PORQUE É POPULAR!.....	63
Thaiana Dias	
ZIGUEZAGUEANDO ENTRE O DIFÍCIL E O MEDO PARALISANTE.....	68
Vanessa Maria Gonçalves	
CURSEI PEDAGOGIA PORQUE NÃO TIVE OPÇÃO.....	75
Taylla Cristina de Paula Silva	
O SE FAZER PROFESSORA: EXPERIÊNCIAS CONTADAS EM RESPOSTA À CARTA DE PAULO FREIRE	83
Fernanda Marques da Silva	
RELATOS DE UMA EDUCADORA QUE SEGUE APRENDENDO E ENSINANDO	90
Mariana Moreira dos Santos	
DIALOGICIDADE - A ARTE DE OUVIR E DIZER ENTRE EDUCADORES E EDUCANDOS	97
Camila Martins Januário de Freitas	

EDUCAÇÃO ENQUANTO ATO DE RESISTÊNCIA.....	103
Elisângela de Fátima Teixeira	
PARTE III - ENTRE AMOROSIDADES E ANDARILHAGENS DAS(OS) ETERNAS(OS) EDUCANDAS(OS) DE FREIRE	110
ENTRE LEITURAS E RELEITURAS DE MUNDO: DIZERES DE UMA ETERNA EDUCANDA DE PAULO FREIRE	111
Daiane Cenachi Barcelos	
RESPOSTA À CARTA: DO DIREITO E DO DEVER DE MUDAR O MUNDO	118
André Randazzo Ortega	
A MUDANÇA DO <i>MEU</i> MUNDO: DOS COCAIS ÀS MINAS GERAIS.....	125
Anna Thércia José Carvalho de Amorim	
HÁ BRAÇOS PARA RESISTIR.....	133
Rayane Oliveira da Silva	
CONJUGAÇÃO DO VERBO RESISTIR E ESPERANÇAR	139
Sandra Cristina Gomes	
CARTA DE DESPEDIDA	144
SOBRE AS ORGANIZADORAS E A ILUSTRADORA	146

PREFÁCIO

Do encantamento e convite à reflexão crítica e amorosa sobre situações existenciais de educadores-educandos e educandos-educadores que este livro nos provoca

Por Elizandro Maurício Brick¹

O livro *“Tecendo biografias e memórias de leituras: cartas de Pós-Graduandos à bell hooks e Paulo Freire”* organizado por Bethania Medeiros Geremias, Camila, Martins Januário de Freitas, Daiane Cenachi Barcelos e Mariana Moreira dos Santos é comovente, profundo e sensível, uma potência reflexiva e sensibilizadora. Foi essa a percepção que pude elaborar e sentir a partir das 18 cartas, organizadas nas três seções, a primeira endereçada à bell hooks, com cartas que dialogam diretamente com capítulos do seu livro “ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”, a segunda e terceira seções com cartas à Paulo Freire, em diálogo com os capítulos/cartas dos seus livros *“Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”*, *“Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”* e demais obras de Freire e de outros autores engajados com a pronúncia do mundo: com a denúncia dos horrores do mundo vigente e com o anúncio da possibilidade de um outro mundo possível. Quanta potência! Quantas referências acadêmicas fui conhecer e reconhecer por meio das cartas, quantas referências culturais, existenciais, quanta reverberação de pensamento e sentimentos em relação aos desafios e angústias compartilhadas, quantos exemplos inspiradores sobre a possibilidade concreta de realizarmos uma educação amorosa e engajada com a transformação da realidade injusta. Além da quantidade e diversidade de temas e situações existenciais abordadas nas cartas, destaco a sensibilidade e a profundidade reflexiva para a qual cada carta apresenta-se como um convite.

O contato inicial com as cartas me remeteu imediatamente a um pressuposto do diálogo segundo Enrique Dussel, um dos momentos da ética da libertação: a afirmação pré-ética originária do “outro” como “Outro”, não apenas como sujeito dos direitos vigentes no sistema de totalidade produtor de vítimas, mas como sujeito requerentes de novos direitos, como parte da comunidade de vítimas que no processo passa a se reconhecer protagonista do processo de libertação.

Vivemos em um país secular em que seus povos originários tiveram reconhecimento como sujeitos de direitos apenas com a constituição de 1988, símbolo da recente redemocratização, a pouco mais de três décadas. Vivemos em um país marcado pela dependência tecnológica, econômica e cultural que até hoje não promoveu a universalização do acesso à educação escolar e a erradicação do analfabetismo, marcado pelo racismo

¹ É professor da Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciado em Física. Mestre e doutor e mestre em Educação Científica e Tecnológica. Leciona a disciplina *Práxis curricular ético-crítica: vivências de planejamento educativo na perspectiva freireana*, no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Integra a coordenação do Laboratório de Novas Tecnologias (LANTEC). Constitui o grupo de pesquisa PROSA (Educação e Tecnologia Ético-Crítica). É membro da Sociedade Brasileira de Física (SBF), da Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (ABRAPEC) e da Rede Universitatis BR, eixo 7 - Educação superior do campo, formação de professores e suas contribuições para as políticas de educação superior e para o desenvolvimento do campo e da sociedade brasileira.

estrutural vergonhosamente traduzidos em políticas de branqueamento que buscou esconder a nossa intrínseca constituição miscigenada de base negra e indígena. Em um país que, sob a propaganda do “Agro que é pop”, avança em um projeto de desenvolvimento que aprofunda a nossa condição de dependência, um projeto de campo com cada vez menos sujeitos e biodiversidade, um negócio que em nome do lucro de poucos explora o sofrimento presente e o nosso futuro ao tomar a natureza - da qual somos parte intrínseca - apenas como recurso: vegetal, mineral, hídrico, eólico, humano (força de trabalho), informacional(dados).

A negação e os obstáculos à possibilidade de autodeterminação dos povos oprimidos como protagonistas de sua própria história se travestem de inúmeras formas, desde a negação da própria possibilidade de produção e reprodução da vida (acesso à direitos básicos como o direito ao trabalho, à terra, à moradia, à água, à energia elétrica, à educação escolar), mas também em inúmeras formas simbólicas que refletem, introjetam e condicionam a reprodução do contexto desumanizador. Essas formas simbólicas não estão apenas externas a nós, mas também incorporam as nossas percepções e explicações sobre as situações de opressão vivenciadas, das quais fazem parte os preconceitos, as diversas formas de fatalismos e conflitos imobilizadores: tal como a terceirização da culpa entre os oprimidos que não se reconhecem como parte de uma mesma luta mais ampla. O reconhecimento da introjeção e naturalização das estruturas de opressão, sobretudo ao ler o conjunto de cartas que compõem este livro, me parece um aspecto crucial da “luta pelo direito de ser quem é” e “da busca do ser mais”. Aspecto desenvolvido de forma brilhante e emocionante no conjunto de cartas à bell hooks da primeira parte do livro e à Paulo Freire na segunda e terceira partes do livro. Esse fenômeno da introjeção e naturalização das estruturas de opressão aparece como um desafio do nosso tempo nas cartas que denunciam e promovem reflexões críticas, incorporando diversas formas de expressões culturais de cada momento narrado, sobre as contradições e ataques recentes à democracia brasileira, sobre avanços e enormes desafios em relação à temas transversais à classe, gênero, raça e sexualidade a serem enfrentados no Brasil, sobre o desafios de promover a “pedagogia engajada” no âmbito de nossas práxis educativas específicas (Educação Veterinária, Educação Infantil, Ensino de Línguas Estrangeiras, Cursinhos Populares, Movimentos Sociais, Ciências Sociais, Ciências Naturais etc.). Como representativo desse convite à reflexão sobre nosso papel problematizador da dicotomização entre subjetivo e objetivo, entre passado-presente-futuro, destaco um trecho da carta à bell hooks sobre “pensamento crítico” da Alaíde Vimeiro Toledo Barbosa, em que a autora mobiliza argumentos explicativos do passado colonial para provocar reflexões sobre situações análogas que estaríamos, sem perceber, incorporando objetivamente e subjetivamente no presente:

Ao observar a vida contemporânea e as questões que envolvem o pensamento crítico, não posso deixar de estabelecer um paralelo entre os espelhos e a nossa parafernália eletrônica atual, que tem nos *smartphones* o seu ápice de manifestação. É como se eu assistisse a um filme, no qual o cenário de dominação se assemelha ao passado, numa versão muito mais perversa e destruidora. O paralelo dos mundos se faz quase imperceptível. Criticamos o passado de outrora, mas não vislumbramos o presente.

Nos deslumbramos diante dos espelinhos contemporâneos, certos de que participamos de um mundo globalizado em tempo real, como nunca. A um toque de tela, instantaneamente, buscamos o maior volume possível

de informações acerca de um fato, acreditamos que sabemos de tudo o tempo todo e respondemos aos apelos disso numa fração de segundos, num comportamento extremamente reativo. Seguimos e somos seguidos, compartilhamos ideias e formamos grupos, formamos opiniões, abraçamos causas, sem sequer averiguarmos a origem, a procedência da informação ou o objetivo por trás da ideia.

Disputamos uns com os outros, quem produz mais conteúdos, quem consegue mais seguidores, o que se faz mais atraente e se vislumbra melhor, quem possui os melhores e mais sofisticados aparelhos e até a qualidade do acesso às redes. Só não questionamos a procedência das informações e os objetivos de tão vasta rede de entretenimentos. É tão espelho, que as *selfies*, os *stories* e os vídeos de *TikTok*, dentre outros, estão repletos de um eu que se projeta para o mundo em busca de si mesmo, de validação e reconhecimento, mas um eu muitas vezes, tão solitário e triste, que já não se reconhece humano em suas imperfeições e cada vez mais tem dificuldades de se aceitar como realmente.

[...] Penso no quanto pagamos para nos entreter com esses espelhos e no que nos é expropriado, sem perceber o que levam de nós. Pergunto: O quanto de apropriação de nossas riquezas se dá através da nossa distração? Até que ponto somos diferentes dos povos nativos do novo mundo dizimados pela civilidade colonizadora? E o que é pior, como se dá o novo genocídio dos povos dominados no mundo contemporâneo? Um mundo que ainda lida com as sequelas de uma pandemia que transformou a vida de milhares de pessoas e assolou lares. O que pensar? Como agir? O que sentir? Que falta nos faz o pensamento crítico nessas horas?”

Dentre os aspectos cruciais da “luta pelo direito de ser quem é”, “da busca do ser mais” e do exercício da “amorosidade e andarilhagens” inspiradas em Freire, podemos destacar a disposição a correr riscos sabendo que iremos nos defrontar com obstáculos e dificuldades no processo, muitas vezes presentes em nós mesmos. Esse aspecto permeia as reflexões desenvolvidas com maiores detalhes e concretude nas cartas, se desdobrando em temas como: a dificuldades com a realização de escritas não acadêmicas (com maior liberdade criativa); a inserção e construção do debate sobre engajamento entre docentes; medos e anseios como o de não “praticar sempre em nosso cotidiano a criticidade”; de não “impor aos estudantes o nosso pensar”; ou de “pretender fazer por eles”; de “amar e se envolver demais com os problemas dos estudantes sem saber estabelecer limites” dentre outros.

Me parece compreensível e ao mesmo tempo um motor para a mudança a possibilidade de reflexão coletiva sobre essas inseguranças, riscos, desafios e obstáculos de realizar atividades tão árduas e anti-hegemônicas como “ensinar a pensar criticamente”, “amar novamente”, “exercer a pedagogia engajada”, “promover a educação democrática”, “aprender a leitura do mundo e da palavra”, “não deixar que o medo paralise”, “reconhecer a docência como profissão”, “ouvir o educando a ser ouvido por ele”, “reconhecer a potencialidade na cultura e ações populares”, “resistir e esperar apesar da dureza da realidade”, “enfrentar a mudança do mundo pela mudança do nosso mundo”. Atividades que não se confundem com o “pensar sobre” ou com o “pensar para”, mas se concretiza no “pensar e sentir com”, propiciando a superação da contradição professor-aluno introjetada em nós, mas também propiciando aos educadores-educandos e aos educandos-educadores

as alegrias e o poder de pensar-sentir relações autênticas entre eles e com os saberes, de experimentar a amorosidade que nos humaniza e nos afasta das diversas formas de dominação e que nos permite sonhar coletivamente.

Parabéns às organizadoras e as autoras e autores dessa obra que brinda à nós leitores com memórias e reflexões tão profundas e inspiradoras, com a expressão de uma prática de estudo que não se encerrou e se enclausurou nos indivíduos ao final do curso Educação e Razões Oprimidas, mas se apresenta ao público como exemplo inspirador de uma práxis transformadora que transbordou e continuará a transbordar.

Florianópolis, maio de 2023.

CARTA DE PRELÚDIO

Por Bethânia Medeiros Geremias

Caras leitoras e leitores,

É com grande alegria que eu apresento o livro *“Tecendo biografias e memórias de leituras de pós-graduandos: o professor me ensinou a fazer uma carta de amor”*, organizado por mim e três mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa: Camila Martins Januário de Freitas, Daiane Cenachi Barcelos e Mariana Moreira dos Santos. Além dessa linda parceria na organização da obra, tivemos a felicidade de poder contar com uma estudante do curso de Pedagogia, desta mesma universidade, para a ilustração de algumas de suas páginas. Agradeço à Janaína Torres Lopes pelas lindas criações artísticas que tornam as cartas ainda mais vivas.

Antes de apresentar as cartas, produzidas pelos estudantes da Pós-Graduação, é importante contextualizar o nascimento dessa obra, escrita por muitas mãos. Mãos que teceram, a partir de experiências e memórias de vida e de leituras diversas, um texto tão bonito e transformador. O livro nasceu de uma prática de leitura e escrita desenvolvida por mim na disciplina optativa "Educação e razões oprimidas", que leciono no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Durante a realização da disciplina, – em dois semestres distintos (2021 e 2022) – os estudantes foram convidados a escrever cartas em resposta às obras "Professora, sim; tia, não - cartas a quem ousa ensinar" e "Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos", de Paulo Freire, bem como ao livro "Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática", de bell hooks¹.

O trabalho com gêneros epistolares, nas aulas da graduação e da pós-graduação, integra uma das estratégias de ensino e de avaliação desenvolvidas por mim, com o intuito de mobilizar a escrita e a leitura em sala de aula. Nós, que nos embasamos nos trabalhos de Freire, já estamos habituados com essa forma de diálogo entre o autor e seus leitores.

Aproveito a obra para agradecer ao querido professor – hoje aposentado - Edgar Pereira Coelho, fundador da disciplina Educação e Razões oprimidas, em nosso programa de Pós-Graduação. Ele mesmo foi o autor de uma linda obra intitulada *“Pedagogia da correspondência: Paulo Freire e a Educação por cartas e livros”*. Apesar da disciplina ter sido atualizada por mim após 2020, com a incorporação das obras de hooks, ela traz as marcas e as memórias desse querido professor que, em seu livro, escreve o seguinte: “não exito em afirmar que ele [Freire] criou um verdadeiro subgênero literário, no conjunto do gênero literário ‘carta’ [...] a partir de uma reconfiguração e imbricação dos universos real e ficcional” (2019, p. 98). É no prefácio deste livro que Gadotti (p. 14) escreve:

Paulo Freire usou o gênero carta também como um suporte novo da educação popular, como uma poderosa ferramenta pedagógica do diálogo. O gênero carta não se presta ao discurso autoritário. As cartas se destinam

¹ O nome da autora está escrito em letras minúsculas, sendo uma escolha dela, para que o foco fosse em sua escrita, e não em sua pessoa. É um pseudônimo inspirado em sua bisavó materna.

muito mais para fazer um convite às pessoas, um convite ao diálogo. Paulo Freire chama a atenção para o conteúdo das formas. O que ele disse por meio das formas é muito importante para a formação do educador.

É com essa perspectiva da inseparabilidade entre conteúdo e forma que, sendo grande admiradora da obra de Freire, eu solicitava aos estudantes, ainda na graduação, que respondessem a algumas cartas do seu livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”. Em outra oportunidade, eu pedi aos estudantes da disciplina de Ciências, do curso de Pedagogia, que se correspondessem com outros do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, da Universidade Federal de Santa Catarina. Um relato desse trabalho foi publicado depois na Revista Perspectiva. Destaco, ainda, a resposta a uma das cartas de Freire, publicada em coletânea de 2021, na qual intitulo Paulo Freire de “o mestre das cartas-*asas*”. Guardo dessas memórias de escritura a riqueza das experiências compartilhadas: de ensino, de aprendizagem, de vida e de formação na e para a docência.

O livro, que agora apresento, é fruto de um desejo de homenagear a essas duas figuras ímpares da pedagogia mundial: hooks e Freire, que nos inspiram a buscar, cotidianamente, uma educação transformadora, libertadora e engajada na construção de uma sociedade mais justa e solidária. A importância de abordar e problematizar os conhecimentos e práticas escolares e universitárias, desde uma perspectiva transgressora, engajada e interseccional foi fomentada em meu primeiro contato com o livro de hooks “Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade”. É já na introdução desta linda obra, em que a hooks dialoga com Freire, que ela escreve:

Na pós-graduação, constatei que eu me entediava com frequência na sala de aula. O sistema de educação bancária (baseado no pressuposto de que a memorização de informações e sua posterior regurgitação representam uma aquisição de conhecimentos que podem ser depositados, guardados e usados numa data futura) não me interessava. Eu queria me tornar uma pensadora crítica. Mas, essa vontade era vista como uma ameaça à autoridade. Os alunos brancos (homens) considerados “excepcionais” frequentemente tinham permissão para traçar a si mesmos o curso de sua jornada intelectual, mas dos outros (e particularmente de grupos marginais) só se esperava que se conformassem (hooks, 2013, p. 14).

Visando também fomentar o pensamento crítico nas salas de aula em que lecionei (da educação infantil à pós-graduação) e, me considerando, desde sempre, uma estudante e, depois, professora progressista, me identifiquei demais com a leitura dessa obra e com o pensamento da autora. Ela me mostrava que eu estava no caminho certo e que minhas transgressões não eram somente o reflexo de uma voz indisciplinada, mas de uma mulher - professora, criada para a submissão ao patriarcado (em todos os espaços) - que sempre quis fazer valer sua liberdade de criar e de pensar por si própria (na vida e na sala de aula).

Os conteúdos-formas desse livro são organizados em três partes, que refletem a trajetória dos pós-graduandos e pós-graduandas em sua busca por uma prática docente mais consciente, crítica e amorosa. Nasce, como diria Freire, de nossa eterna busca de “*ser-mais*”. Não como uma obrigatoriedade imposta por aqueles que tentam nos assujeitar, mas como direito e um devir ontológico.

Na Parte I, “Dispostas(os) a correrem riscos e lutar pelo direito de ser quem são: de mãos dadas com a pedagogia engajada”, os autores refletem sobre o pensamento crítico, a educação democrática e a pedagogia engajada, em cartas endereçadas a bell hooks e em diálogo com outras figuras inspiradoras.

Na primeira carta, a mestrande e professora Alaíde Vimieiro Toledo Barbosa busca inspiração nos escritos de bell hooks para responder ao "Ensino 1: o pensamento crítico" e compartilhar conosco suas reflexões e ansiedades acadêmicas, pessoais e profissionais. A carta escrita por ela: *Refletindo sobre o pensamento crítico: uma carta à bell hooks*, traduz o seu entusiasmo pelo poder transformador da ação, do engajamento e da liberdade, destacando o papel inspirador e transgressor dessa intelectual que nos ensina a pensar e agir de forma crítica.

Nathália Cristina Costa Tavares, em sua carta intitulada *Educação democrática: reflexões de uma professora-aluna*, também escolhe responder à bell hooks, dialogando com seu Ensino n° 2: Educação democrática. Tavares discute sobre as lutas da democracia no Brasil e sobre a conexão entre fome e cidadania, compartilhando, ao mesmo tempo, uma memória pessoal sobre as experiências de sua mãe com trabalho e pobreza e sobre uma experiência de reflexão em sala de aula da educação infantil sobre o tema “cor da pele”, destacando a importância de abordar a discriminação e o racismo na educação das crianças.

Na terceira carta dessa parte, Daniella Viveiros Meirelles, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Medicina Veterinária, rompe com as fronteiras do seu curso ao se matricular na disciplina Educação e razões oprimidas, com a ansia de buscar novas formas de ensinar-aprender na formação dos profissionais de sua área. Assim, ela também nos ensina sobre a riqueza de ampliar os diálogos com outros conhecimentos e, assim, construir pontes. Não é por acaso que escolhe o seguinte título para o seu escrito: *Carta endereçada à bell hooks: a “pedagogia engajada”*, associada à educação em medicina veterinária.

Na carta seguinte, *O despertar dos sinos: carta a hooks*, Carlos Fernando Ribeiro aborda sua dificuldade em escrever, especialmente em conciliar uma escrita informal acadêmica com exigências formais. Ele expressa a luta de abordar relatos pessoais dolorosos e reflete sobre a divergência entre suas práticas diárias e a criticidade educacional influenciada por hooks. Segundo o autor, a escrita dessa carta é libertadora, pela oportunidade de enfrentar feridas internas. Carlos destaca a longa jornada para alcançar igualdade sociocultural em nosso país, mas encontra em hooks uma educadora que promove uma educação planetária intercultural, baseada no respeito à diversidade, para transformar estruturas opressivas e redefinir suas práticas educacionais.

A última carta da primeira parte começa com o título *Tudo o que precisamos é de amor*. Nela, Elecíntia Medina Vieira, mestrande em Estudos Linguísticos, responde ao Ensino n° 27: Amar novamente, do livro "Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática", de bell hooks. Ela conecta hooks a Paulo Freire ao abordar o amor em sala de aula. Ela nos conta que foi outro livro dessa autora, intitulado "Tudo sobre o amor: novas perspectivas" que impactou sua vida profissional e pessoal, concebendo amor como força transformadora. Elecíntia diz promover o amor como ação diária, aplicando-o em sua docência. No processo da escrita, ela lembra com pesar a partida de hooks e homenageia-a na carta. Com suas reflexões, a autora nos instiga a refletir sobre o amor em sala de aula, transcendendo disciplinas, transformando a educação e afastando-a dos mecanismos de

dominação e opressão em sala de aula. O ensinamento central é: “Tudo o que precisamos é de amor”. Um ensinamento significativo, não é mesmo?

Seguindo a linearidade das correspondências, na Parte II - “A busca do ser mais e os reflexos da humildade, amorosidade e resistência na práxis docente” – autores e autoras compartilham suas experiências e reflexões sobre a prática docente, permeadas pela humildade, amorosidade e resistência. Em seus relatos, encontramos o ziguezaguear entre o difícil e o medo paralisante, a importância da dialogicidade e a educação enquanto ato de resistência.

Lenice Lima Miranda inicia sua carta, *Reflexão em Freire: professor em contínua aprendizagem*, descrevendo o ambiente em que se encontra no momento dessa escrita: ensolarado e florido. Enquanto relê “Professora-tia: a armadilha”, de Freire, ela conta que teve a oportunidade de refletir sobre a obra durante sua graduação em Pedagogia, nos anos 90, e enfatiza como essas leituras lhe deram coragem para sair da zona de conforto profissional e retomar os estudos na pós-graduação. Por essas e outras razões, ela expressa sua gratidão a Paulo Freire, por inspirar gerações de professores, destacando a relevância de sua visão transformadora e de seu compromisso com a aprendizagem contínua.

A segunda carta dessa parte, escrita por Thaiana Dias, tem um título forte e expressivo: *É bom porque é popular!* Em todas as linhas, ela expressa sua gratidão à Freire e reconhece a sua influência em sua transformação pessoal e profissional. Mesmo enfrentando dificuldades, Thaiana nos conta que decidiu enfrentar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), matriculando-se em um cursinho pré-vestibular aos sábados. Mais tarde, ao mudar-se para Viçosa, teve a oportunidade de participar de um cursinho popular inspirado nas ideias freireanas. Esse foi, segundo ela, um momento crucial para o desenvolvimento de uma consciência ampliada de si mesma, para a superação de suas crenças limitantes e o reconhecimento da importância do aprendizado crítico e criador.

A terceira carta, de Vanessa Maria Gonçalves, intitulada *Ziguezagueando entre o difícil e o medo paralisante*, emerge do contexto da disciplina que originou este livro. Vanessa escolheu responder à segunda carta: “Não deixe que o medo do difícil paralise você”, por sua ressonância com sua trajetória como estudante e professora. Ela compartilha suas lembranças escolares, destacando as palavras incentivadoras de sua mãe para enfrentar o medo do difícil, especialmente em relação à matemática. Vanessa descreve o bloqueio que enfrentou nessa disciplina, gerando inseguranças ao longo da educação básica e influenciando sua escolha pelo curso de História na universidade. Ela se sente profundamente conectada com sua própria jornada ao ler a carta, trazendo à tona suas experiências de medo e dificuldades escolares. Vanessa reflete sobre a falta de diálogo aluno-professor e aborda a “ironia da vida” ao se tornar professora de História, uma vez que havia desejado deixar a escola para trás. Seu interesse em responder à carta, que explora o medo do difícil, é acentuado por essa ironia, já que a escola, que ela ansiava afastar, tornou-se um elemento fundamental em sua vida.

A resposta subsequente, escrita por Taylla Cristina de Paula Silva, é uma réplica à carta de Freire. O título que escolheu para o seu escrito, *Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade*, segue o nexos do conteúdo da carta do mestre “Cursei pedagogia porque não tive opção”. A autora compartilha reflexões e experiências educacionais, desejando ter conhecido as palavras de Freire desde cedo para enfrentar desafios. Moviada por essas palavras, aborda o desânimo associado à profissão docente. Embora tenha considerado ser

professora, optou inicialmente por cursos mais prestigiosos, devido às dificuldades educacionais. Certas situações minaram sua autoconfiança ao se preparar para o vestibular, levando-a a questionar seu potencial. Posteriormente, optou por Pedagogia, mencionando a pressão para obter o diploma universitário. Taylla escreve que na graduação participou de projetos que ampliaram seus horizontes. Apesar das lutas, destaca problemas educacionais persistentes devido a retrocessos e cortes orçamentários. Como mulher negra, valoriza ocupar espaços sub-representados e compartilha sua experiência como mestranda em projeto de extensão que prepara minorias para a pós-graduação.

A carta, que tem como título: *O se fazer professora: experiências contadas em resposta à carta de Paulo Freire*, é escrita por Fernanda Marques da Silva. Nela, a autora compartilha sua trajetória acadêmica e suas experiências escolares, destacando como a prática educativa impacta profundamente a vida dos estudantes. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e, atualmente, professora do Ensino Fundamental, Fernanda relembra suas vivências com professoras marcantes, que deixaram marcas positivas e negativas. Ela ressalta a importância de acreditar no potencial dos alunos e reflete sobre como o desinteresse de alguns educadores pode afetar negativamente a autoestima e o futuro dos estudantes. No decorrer da carta e, através de suas lembranças, a autora reforça a seriedade da prática educativa e a responsabilidade dos educadores em orientar e inspirar seus alunos.

Na próxima carta, Mariana Moreira dos Santos compartilha sua jornada em resposta à carta de Paulo Freire "Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas". Em sua escrita, ela destaca a influência dos ensinamentos de Freire em sua prática docente, explora sua trajetória até a carreira de educadora, revelando que mesmo que nunca tenha sonhado em ser professora na infância, desenvolveu um carinho especial pelas educadoras que a marcaram durante seus anos escolares. Em seus *Relatos de uma educadora que segue aprendendo e ensinando*, ela narra memórias que incluem: o processo de alfabetização, no qual a leitura se tornou um prazer e uma paixão que a levou a explorar bibliotecas e cultivar o hábito de leitura; o enfrentamento à pandemia da Covid-19 – que resultou em profundas transformações nas áreas sociais, econômicas, políticas e educacionais; o Ensino Remoto Emergencial nas escolas e universidades e o consequente desvelamento da desigualdade no acesso às tecnologias digitais no país, assim como outras experiências relevantes que lhe impulsionaram a refletir sobre as características dos educadores progressistas, tais como: a abertura para o diálogo em sala de aula, a amorosidade, a coragem, a tolerância, o respeito aos educandos e a paixão pelo processo de ensino-aprendizagem.

A carta de Camila Martins Januário de Freitas traz reflexões sobre a dialogicidade no contexto educacional. Ao responder à carta "De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele", a autora expressa sua admiração pelas ideias e legado do educador. No percurso de escrita da carta *Dialogicidade: a arte de ouvir e dizer entre educadores e educandos*, Camila também destaca o período sombrio vivido nos últimos anos, marcado por um governo autoritário e pela pandemia da Covid-19 e observa como a leitura das obras de Freire trouxeram fôlego para conceber um cenário alternativo para o país, baseado em justiça social e inclusão. Ao mencionar sua trajetória acadêmica, Camila diz da importância do diálogo entre educadores e educandos, destacando o conceito de didascência. E, ainda, ao final do texto, ela nos brinda com um lindo poema e ilustração de autoria própria, realizados no seu processo de leitura da carta de Freire e sua resposta a ela.

Elisângela de Fátima Teixeira reflete sobre a *Educação como Ato de Resistência*, influenciada pela leitura da “Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos”. Ela destaca a conexão entre o ensino, a ética e a resistência, especialmente para grupos subalternizados, como a população negra. Elisângela discute a exclusão histórica das classes marginalizadas na educação brasileira, que foi moldada pelas elites intelectuais, e propõe uma educação de resistência contínua para desafiar os padrões impostos aos povos negros. Sua abordagem decolonial visa desconstruir esses padrões, compartilhando sua identidade como mulher negra, mãe solo e professora, que considera a leitura como uma ferramenta libertadora.

Caminhando agora para a apresentação da última parte deste livro: “Entre amorosidades e andarilhagens das(os) eternas(os) educandas(os) de Freire”. Em suas cartas, dirigidas a Paulo Freire, as autoras e autores se colocam como eternos educandas e educandos, refletindo, em seu conjunto, sobre a mudança do mundo e a conjugação do verbo resistir e esperar.

Daiane Cenachi Barcelos, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, escolhe a primeira carta do livro “Professora sim, tia não” de Freire, para discutir sobre a importância da leitura do mundo no processo de escrever e ler nas escolas e universidades. Seu texto tem como título *Entre Leituras e Releituras de Mundo: Dizeres de uma Eterna Educanda de Paulo Freire* e traz o impacto das ideias de Freire em sua formação. Ao relatar suas andarilhagens – modo como nomeia suas experiências como educanda e educadora - Daiane relata problemas sociais, educacionais, políticos e econômicos no contexto brasileiro, percebendo-os como causadores de retrocessos vivenciados na educação nesses anos mais recentes. Daiane também valoriza em sua carta a sua graduação em Educação do Campo, na qual teve acesso ao pensamento de Freire. Mantendo esse orgulho, prossegue com seu mestrado, focalizando nos saberes populares de grupos rurais marginalizados, como MST, Quilombolas, Indígenas e Agricultores(as) Familiares.

Na sequência dessas correspondências, André Randazzo Ortega produz uma *Resposta à carta: do direito e do dever de mudar o mundo*, da obra *Pedagogia da Indignação*. É num momento pessoal, político e educacional delicado em que diz escrever sua resposta à Freire que ele expressa uma mistura de angústia e expectativa diante dos desafios enfrentados pela esquerda progressista nos últimos anos. Para André, o legado e os ideais de luta e resistência deixados por Freire servem de inspiração para enfrentar as adversidades. Assim, o foco principal da batalha de André e seus colegas é a defesa da jovem democracia brasileira. A história recente, segundo ele, é marcada por eventos como o impeachment da presidenta Dilma Rousseff e a ascensão de Jair Bolsonaro, um líder que nega princípios democráticos e promove uma visão reacionária e fundamentalista. A sinalização de ventos mais brandos é apontada por este autor com a eleição presidencial de 2022, cuja disputa acirrada entre projetos políticos irreconciliáveis, representados pelos presidencialistas Lula x Bolsonaro – com vitória do governo do presidente petista – foi decisiva para o nosso país. É no corpo de sua carta, escrita com muita emoção, que André alerta para o importante papel de resistência dos educadores progressistas e convoca-os a continuarem na luta por uma sociedade justa e democrática, elementos centrais do pensamento freireano.

A carta de Anna Thércia José Carvalho de Amorim a intitula *A Mudança do Meu Mundo: Dos Cocais às Minas Gerais*, é também uma resposta ao texto “Do direito e do dever de mudar o mundo”, de Paulo Freire. Em seu texto, compartilha sua jornada de infância no

campo, no qual diz ter vivido em condições adversas que lhe levaram a ter que superar muitos obstáculos. Ela descreve, ainda, a dura realidade em que cresceu, enfrentando a falta de recursos básicos, como água encanada e uma educação precária, em uma escola multisseriada. A figura de sua avó desencadeia seu interesse pela aprendizagem, quando ela a ensina a ler e escrever por meio de cópias de livros antigos. Esta é uma carta comovente, na qual sua autora explora suas experiências de infância no campo, os desafios, as mudanças e as lutas para melhorar sua vida e a de sua família. Outro destaque trazido por Anna é a importância do legado de Paulo Freire que, com suas ideias, influenciou sua jornada educacional e pessoal. Por essas e outras razões, narradas ao longo de sua carta, Anna Thércia expressa sua gratidão por Freire e por suas contribuições para a educação popular, que transformaram e moldaram seus percursos.

A próxima carta que apresento a vocês é a de Rayane Oliveira da Silva e que tem como título *Há Braços para Resistir*. Em resposta à carta de Freire “Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho”, do livro *Pedagogia da indignação*, ela compartilha sua jornada educacional de Itaboraí, RJ, até a UFV, MG. Ao longo de sua escrita, ela destaca a influência de Freire em sua formação, ressaltando a importância da transformação social através da educação crítica. Rayane aborda, ainda, a necessária adaptação educacional durante a pandemia e reflete sobre a desvalorização da educação em tempos políticos difíceis. Por fim, sua carta termina com agradecimento a Freire por sua inspiração e uma reflexão sobre o modo como a educação pode capacitar os indivíduos para enfrentarem desafios e lutar por um mundo melhor.

Chegando ao fim desta minha carta de apresentação da obra - a qual escrevo com olhos marejados de lágrimas e coração repleto de orgulho por esses educandos-educadores - sintetizo para vocês a carta escrita por Sandra Cristina Gomes em resposta a quinta carta do livro *Professora sim, tia não*, de Paulo Freire, sobre o primeiro dia de aula. Na carta intitulada *Conjugação do verbo resistir e esperar* a autora expressa sua admiração pelas ideias transformadoras de Freire para o campo educacional, compartilhando no processo de escrita histórias da trajetória que a levou a se tornar professora. Sandra relembra seu início no ensino médio e sua busca pelo magistério, superando desafios financeiros. Ela destaca, ainda, seu papel como educadora de Educação Infantil e como os ensinamentos de Freire moldaram seu primeiro dia de aula, enfatizando a empatia e a sensibilidade. Ao refletir sobre a realidade atual dos educadores – com enfrentamento de sobrecargas no trabalho e falta de reconhecimento – ela menciona o verbo “resistir”, central na vida dos professores, e o conceito de “esperar”, ensinados por Freire como ferramentas de enfrentamento.

Retomando aqui o fôlego - após reler todas as cartas escritas para escrever esta apresentação para vocês - pretendo encerrar meu texto com um grande agradecimento aos autores-educandos-educadores, professores em formação permanente, que aceitaram o desafio proposto por mim na disciplina de escrever as cartas e de publicá-las em um livro que refletisse todos os ensinamentos e aprendizagens comuns que compartilhamos.

É certo que a disciplina Educação e razões oprimidas não dá conta de aprofundar todas as obras de Freire ou de hooks e que o tempo em que passamos juntos passa muito rápido, quase voa. Mas, também é certo que não entramos nela como saímos. Nos tornamos outros e outras, nos transformamos e crescemos como seres humanos e educadores, como vocês leitores sentirão, provavelmente, ao ler as cartas e ao viajar com elas pelas histórias e

memórias desse grupo de pós-graduandos que abriu seu coração, deixando fluir as palavras que, com orgulho e comprometimento, escreveram para compartilhar com vocês.

Despeço-me com o sentimento de dever cumprido e com novos planos para novas escrituras coletivas, que traduzam, não somente as aprendizagens tecidas em conjunto, mas nosso desejo e nossa luta por dias melhores na educação brasileira. Esperançar, resistir, amar, aprender, educar, conviver, conscientizar, transformar, dialogar... Que todos esses verbos nos acompanhem, como ensinamentos, que segundo hooks devem buscar o desenvolvimento do pensamento crítico na formação de pessoas. Com a força desses verbos, me despeço de vocês e reforço o convite para a leitura de todas as cartas, na ordem que escolherem.

Um grande abraço e boa leitura!

PARTE I

DISPOSTAS(OS) A CORREREM RISCOS E LUTAREM PELO DIREITO DE SER
QUEM SÃO: DE MÃOS DADAS COM A PEDAGOGIA ENGAJADA



Ilustração: Janaína Torres Lopes

REFLETINDO SOBRE O PENSAMENTO CRÍTICO: UMA CARTA À BELL HOOKS

Alaíde Vimieiro Toledo Barbosa¹

Querida bell,

Tempos estranhos são esses em que lhe escrevo. Sempre acreditei que o mundo e os seres que nele habitam estariam em uma escala ascendente em seu processo de evolução, mas hoje fico pensando se existiria um retrocesso e, isso me assusta. Mas, espero que seja apenas um devaneio, um pensamento pontual e que não corresponda à realidade. Venho através desta carta responder ao “Ensino 1: O pensamento crítico”², no qual você aborda o pensar enquanto ação, atividade apaixonante e prazerosa, movida pela ânsia do saber, essencial à educação, enquanto fruto do processo interativo, que requer engajamento de todos, na responsabilidade mútua de consolidar uma comunidade de aprendizagem empoderada, comprometida com a liberdade. E é exatamente esse poder transformador da ação, do engajamento, da liberdade, que me leva a dialogar contigo acerca do pensamento crítico, sua importância e o papel da educação diante do mesmo.

Ao mesmo tempo em que lhe respondo, quero dividir com você meus questionamentos e ansiedades, buscando beber dessa fonte, do manancial de conhecimentos que me inspiram a buscar pelo pensamento crítico e pela necessidade de transformação da realidade. Não a vejo como uma figura ausente, mas como aquela que sempre será um lugar seguro para buscarmos quando necessitarmos revigorar nossos ânimos e reavivar a busca pelo saber.

Na realidade, gosto de pensar no mundo que se configura em minha mente ao me lembrar do dia em que a conheci, através dos estudos, nas aulas do mestrado em Educação, ministradas pela professora Bethânia³. Alimento em pensamentos a imagem de uma intelectual que colocava intensidade em tudo aquilo que tocava, uma mulher que pensava e ensinava a pensar, porque fazia parecer deslumbrante, tanto quanto deveria ser a ideia de uma mente trabalhando, questionando e agindo. É assim que você chegou em minha vida e permanece, mesmo depois de ter partido, continuando a influenciar minha busca pelo conhecimento e o despertar do conhecimento crítico, impulsionando minhas reflexões e ações, tanto em minha vida pessoal quanto profissional, seja como estudante ou como educadora.

Quando entro numa sala de aula, é como se eu escutasse a sua voz me advertindo entre as paredes: “*pensar é uma ação*”, então eu fico pensando mil e uma formas de incentivar meus alunos a formular perguntas, buscar respostas e desenvolver mecanismos que nos permitam um ir e vir permanente entre teoria e prática, estreitando as ligações entre uma

¹ Graduada em Estudos Sociais CES/JF, Especialista em Políticas Públicas e Gestão Social UFJF, Mestranda em Educação UFV/Minas Gerais. Professora da Rede Estadual de Ensino na SRE Ubá, MG.

² hooks, bell. Ensino 1: o pensamento crítico. In: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020, p.31-36.

³ A Prof^a Dr^a Bethania Medeiros Geremias é professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Coordena e ministra a disciplina Educação e razões oprimidas, no curso de Pós-Graduação em Educação desta universidade.

coisa e outra, numa ânsia permanente pelo saber e pela compreensão do funcionamento da vida. Como e por que vivemos? Por que fazemos o que fazemos? De que modo poderíamos fazer para vivermos melhor? Ecoa dentro de mim uma voz: Como seu pensamento e ação podem contribuir para respostas a essas questões?

Depois de estudar um pouco sobre o pensamento crítico, conforme você havia me ensinado, passei a observar um pouco mais o mundo à minha volta, aquele mais próximo de mim, que faz parte do meu cotidiano. E é interessante como as mesmas coisas podem se apresentar de modos diferentes para nós, a partir de uma simples mudança no olhar. Tenho alunos de diversas faixas etárias, pois trabalho desde o 6º ano do Ensino Fundamental até o 3º ano do Ensino Médio, e esse é o meu observatório do pensar.

Quando as crianças chegam no 6º ano do Ensino Fundamental, normalmente chegam falantes, incansáveis, elétricas e eufóricas. Ainda trazem consigo bastante daquela predisposição orgânica para o pensamento crítico, como interrogadoras incansáveis, elas ainda manifestam o anseio pelo conhecimento e se maravilham com a possibilidade de desbravar o mundo e ir além. E embora nos exijam muito mais energia e disposição do que qualquer outro ano de escolaridade subsequente, são elas que mais me chamam a atenção no quesito pensamento crítico.

“Quem? O quê? Quando? Como? Por quê? Para quem? Para quê?” São para essas crianças que as perguntas parecem ser ainda mais importantes e fazem maior sentido. E isso me entristece quando penso que em algum momento, você me disse, em alguma das minhas leituras sobre o pensamento crítico, que a paixão da criança pelo pensar termina ao deparar-se com uma educação para a conformidade e obediência (hooks, 2020), e percebo que isso é real. E me ponho a questionar sobre a minha responsabilidade sobre isso.

Mais triste ainda, é pensar que além de parar de questionar, as crianças começam a temer a mente pensante, como algo indevido, inconveniente e inadequado. Quando terminam o 3º ano do Ensino Médio, embora conservem a irreverência e a necessidade de mudar o mundo que atravessa gerações, a maioria dos estudantes já não traz mais externalizada aquela ânsia da descoberta e do saber questionador. A preocupação maior se dá em conseguir acumular informações e dominar macetes úteis para garantir um bom resultado nas avaliações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) almejando uma vaga na universidade ou apenas para ter um certificado de conclusão da educação básica, para se engajar no mercado de trabalho, visando ajudar no sustento da família e garantir as despesas da casa. Por conseguinte, o pensamento crítico fica esquecido, relegado à segundo plano, como coisa inútil ou desnecessária, abafado dentro de cada pergunta não respondida, em cada questionamento não feito, revestido de disciplina e obediência.

Está certo que isso não é apenas uma responsabilidade da escola, mas de uma estrutura conjuntural, de um modelo educacional que permeia a sala de aula, e está além dela, no cerne da sociedade em que vivemos. Está, igualmente, incorporada numa cultura que se constrói, se reforça e se alimenta dia após dia, que se fundamenta muito mais no temor do que no amor, muito mais na obediência do que na consciência. Isso faz com que a autenticidade se torne inaceitável, reprovável, ferindo o pensamento independente, moldando seres humanos e suprimindo em algum lugar, a lembrança e a sensação prazerosa do pensamento crítico, da apaixonante busca pelo conhecimento e a capacidade de transcender os limites previamente estabelecidos por outrem. E o resultado disso, certamente, vai além das escolas, chega até as universidades e, o que é pior, vai além delas,

estendendo-se pelas ruas, pelas casas, pelo mundo. Sim, se estende por todos os lados, em todos os lugares. E é isso que assusta!

Quando você anda pelas ruas, chega no trabalho ou entra numa sala de aula, o cenário parece ser o mesmo. Sempre há alguém com um celular nas mãos recebendo ou enviando uma mensagem, consumindo ou produzindo um conteúdo ou informação. Isso é quase unânime atualmente. Espero que entenda que não sou contra isso. Apenas quero aproveitar esse contexto para expressar a minha preocupação com as questões que envolvem o pensamento crítico.

Lembro de um tempo, em que nas aulas de história, os professores falavam acerca da chegada dos europeus nas terras indígenas da América, seduzindo seus habitantes com presentes, tais como espelhos e outras bugigangas de baixo valor, a fim de que lhes entregassem suas riquezas e sua liberdade. É certo que houve resistência e muitos perceberam as imposições da dominação se opondo à mesma, porém não antes que muitas vidas fossem ceifadas e que suas terras fossem dominadas.

Ao observar a vida contemporânea e as questões que envolvem o pensamento crítico, não posso deixar de estabelecer um paralelo entre os espelhos e a nossa parafernália eletrônica atual, que tem nos *smartphones* o seu ápice de manifestação. É como se eu assistisse a um filme, no qual o cenário de dominação se assemelha ao passado, numa versão muito mais perversa e destruidora. O paralelo dos mundos se faz quase imperceptível. Criticamos o passado de outrora, mas não vislumbramos o presente.

Deslumbramo-nos diante dos espelinhos contemporâneos, certos de que participamos de um mundo globalizado em tempo real, como nunca. A um toque de tela, instantaneamente, buscamos o maior volume possível de informações acerca de um fato, acreditamos que sabemos de tudo o tempo todo e respondemos aos apelos disso numa fração de segundos, num comportamento extremamente reativo. Seguimos e somos seguidos, compartilhamos ideias e formamos grupos, formamos opiniões, abraçamos causas, sem sequer averiguarmos a origem, a procedência da informação ou o objetivo por trás da ideia.

Disputamos uns com os outros, quem produz mais conteúdos, quem consegue mais seguidores, o que se faz mais atraente e se vislumbra melhor, quem possui os melhores e mais sofisticados aparelhos e até a qualidade do acesso às redes. Só não questionamos a procedência das informações e os objetivos da tão vasta rede de entretenimentos. É tão espelho, que as *selfies*, os *stories* e os vídeos de *TikTok*, dentre outros, estão repletos de um eu que se projeta para o mundo em busca de si mesmo, de validação e reconhecimento, mas um eu, muitas vezes, tão solitário e triste, que já não se reconhece humano em suas imperfeições e cada vez mais tem dificuldades de se aceitar como realmente é.

Mas isso, bell, não é meu objetivo no momento, embora seja tão preocupante quanto, e não se coloca aos meus olhos como o foco dessa reflexão acerca do pensamento crítico. O que me preocupa é que enquanto isso, enquanto nos distraímos em nossos espelhos, nos esquecemos de questionar os fatos e de pensar sobre tudo o que acontece à nossa volta. Sobre as imposições de um modelo de colonialismo severo e a nova forma de apropriação de territórios, não mais pelo domínio dos Estados nacionais à base do uso da força ou da guerra, ou a destituição de governos - embora isso ainda ocorra para amedrontar e distrair os povos e nações - mas através de grandes grupos e corporações que transcendem seus domínios pelo globo e atravessam governos estabelecendo seus interesses a partir do financiamento de serviços e atividades de toda ordem.

O que me preocupa é a forma como silenciosamente nossos espelinhos favorecem ao domínio do pensamento e nos coagem de forma passiva a levantar bandeiras de causas que vão contra nós mesmos, defendendo ideias e interesses que não nos representam como seres humanos livres em pensamento, palavras e expressões, que alteram leis e atendem a interesses obscuros de dominação, num processo de escravidão moderno, no qual a distinção se dá entre as possibilidades e a acessibilidade dos mundos que se apresentam em conformidade com o poder aquisitivo e a capacidade de influenciar e multiplicar a riqueza em escala global.

É nesse momento que me assusto. Penso no quanto pagamos para nos entreter com esses espelhos e no que nos é expropriado, sem perceber o que levam de nós. Pergunto: O quanto de apropriação de nossas riquezas se dá através da nossa distração? Até que ponto somos diferentes dos povos nativos do novo mundo dizimados pela civilidade colonizadora? E o que é pior, como se dá o novo genocídio dos povos dominados no mundo contemporâneo? Um mundo que ainda lida com as sequelas de uma pandemia que transformou a vida de milhares de pessoas e assolou lares. O que pensar? Como agir? O que sentir? Que falta nos faz o pensamento crítico nessas horas?

E, então, é impossível não voltar o meu olhar para a escola e o meu papel enquanto educadora e refletir sobre o quanto de minha prática contribuí para que aquelas crianças questionadoras se calem e se transformem em estudantes e adultos tão entretidos em seus espelinhos tecnológicos, distraídos pela comodidade do consumismo imediatista, que se nutre do não pensar ou do pensar que pensa por informação ou mera opinião. Como eu gostaria de poder tê-la aqui comigo para me auxiliar, pois tenho medo de me enveredar pelos caminhos da mera obediência e contribuir para o não pensar, achando que tenho o direito de pensar por alguém. Como ensinar a pensar?

Lembro, quando você me disse que “estudantes não se fazem pensadores críticos da noite para o dia” (hooks, 2020, p. 33), argumentando que eles precisam de tempo para aceitar a alegria e o poder do pensar, sinalizando ainda, a necessidade de que nós educadores tenhamos na pedagogia engajada, uma estratégia de ensino para recuperar nos estudantes a vontade de pensar e através dela estimular a consciência de si, que permite a auto realização (hooks, 2020). A prática docente vem, ao longo do tempo, me permitindo observar a confirmação dessa argumentação no cotidiano escolar de muitos jovens estudantes.

Desse modo, bell, como romper com a tendência às visões unilaterais e fazer com que meus alunos queiram enxergar diferentes lados de uma situação, se abrindo às evidências que lhes permitam invalidar ideias imaturas e sem argumentação válida? Como estimular a busca por soluções de problemas, deduzindo ou inferindo conclusões a partir de fatos disponíveis e informações fidedignas? Como garantir que o meu trabalho esteja contribuindo de fato para transcender à mera obediência e estimular o pensamento crítico? Como estabelecer estratégias de ensino comprometidas com uma pedagogia engajada?

Isso não é fácil. Pois envolve estimular os alunos a pensar, tendo o cuidado de não querer o fazer por eles e nem lhes impor o meu pensar. Faz-se necessário utilizar o conhecimento de modo a sermos capazes de determinar o que é mais importante e significativo em determinado contexto, avaliando e aprimorando esse pensar permanente e interativamente.

É certo que o caminho é árduo, envolve lucidez quanto ao que se busca responder. Questionar informações e averiguar diferentes pontos de vista, num esforço incessante de

confrontar as fontes e ir além da superficialidade, mergulhando nas profundezas da busca do saber, com o auxílio da leitura, da escrita, da fala e da escuta com a finalidade de discernir as verdades mais profundas, em prol do conhecimento. O desafio se torna ainda maior quando compreendemos que nem todos os estudantes estão dispostos a acolher a proposta de pensar criticamente, pois na maior parte do tempo se faz mais confortável permanecer na passividade que lhes isenta o trabalho árduo da busca apurada.

Sei que muitas vezes os professores se sentem desmotivados, desanimados diante da resistência dos estudantes, sobretudo quando estes optam pela conformidade da obediência e de não pensar criticamente. É por isso que não me canso de presentear meus amigos com suas obras, na esperança de que elas sejam um tônico emulsificante para lhes fortalecer os ânimos e os estimular a seguir em frente. Afinal, esse trabalho é como lançar boas sementes ao solo. Nem sempre elas vão nascer, porque dependem das condições inerentes ao próprio solo e os elementos que com ele interagem. Porém, uma coisa é certa, ainda que nem todas venham a germinar e, das que germinam, nem todas venham a sobreviver, o fato é que aquelas que frutificarem produzirão novas sementes em seus rebentos e se lançarão ao solo novamente, alimentando as esperanças sobre os dias vindouros. É nisso que devemos pensar para revigorar nossos ânimos.

É incrível como a habilidade do pensamento crítico é recompensadora, ainda que nem todos estejam dispostos a aprendê-la. Como é gratificante compartilhar o prazer de trabalhar as ideias e transformá-las, através do pensamento, em ação. Numa ação comprometida e transformadora, libertadora. Mas eu te adianto, não é assim apenas com relação aos estudantes, mesmo entre nós educadores essa resistência ainda se faz presente. E receio que ainda estejamos reproduzindo essa resistência nos estudantes de modo a disseminá-la sem perceber, você me compreende? Estaria eu novamente exagerando em meus devaneios? Se o faço não é por mal, mas pela tentativa de ir além.

Lembro que você defendia que a mente aberta era uma condição essencial para o pensar criticamente, considerando a necessidade de uma abertura capaz de nos permitir uma contraposição ao nosso ponto de vista, esse que nos impede de enxergar o que é diferente, descartando outras perspectivas, mantendo-nos numa espécie de ciclo vicioso. Realmente, se nos mantivermos protegidos pela venda que nos causa cegueira, jamais consideraremos a possibilidade de nos permitir um novo ponto de vista e transformar a realidade. Seremos prisioneiros da mesmice, estacionários do saber.

Daí, a necessidade de refletirmos nossas práticas docentes, não apenas do ponto de vista da nossa sala de aula, da cultura em massa, dos espelinhos do colonialismo, mas, também, do ponto de vista da nossa formação acadêmica e do quanto ela reforça e trabalha a favor desse sistema da obediência que desfavorece ao desenvolvimento do pensamento crítico.

Eu concordo com você quando dizia que um problema da formação acadêmica era o incentivo aos professores a necessitarem estar certos o tempo todo. Isso, ao mesmo tempo, coloca o professor numa condição de superioridade surreal e infeliz, porque ninguém consegue ser permanentemente correto e infalível. Isso é desumano tanto com os estudantes quanto com os professores. Estarmos abertos realmente é o melhor antídoto para combater esse mal. É necessário ter humildade e disposição para reconhecermos que não sabemos tudo o tempo todo e, nem devemos saber. Como você nos ensinou, há que se manter a integridade do pensamento crítico e de seu papel na educação, num aprendizado permanente

e ativo. Isso democratiza o espaço da sala de aula. E é isso que precisamos trabalhar, não apenas com os estudantes, mas sobretudo dentro de cada um de nós.

Precisamos fazer da sala de aula um espaço aberto à iniciativa, ao convite ativo ao pensar com intensidade, ao maravilhar-se pela busca do saber e deslumbrar-se com a possibilidade de olhar para um mesmo objeto com perspectivas diversas. Favorecer o compartilhar de ideias, de forma intensa e aberta questionando informações, buscando encontrar respostas para os diversos questionamentos da criança curiosa que há dentro de cada um e, simultaneamente, fazer parte do todo - num esforço colaborativo em busca de conhecimentos e saberes precisos e relevantes - proporcionando benefícios individuais e coletivos. O pensamento crítico, em minha concepção, implica, igualmente, reconhecer a importância e o valor de todos, como agentes de responsabilidade mútua, na construção de uma comunidade de aprendizagem, na qual não exista fracasso ou exclusão. Nesse aspecto, o aprendizado atinge o seu ponto máximo quando transcende em sentido e utilidade o seu significado individual e se torna uma construção coletiva, na qual a participação e o compartilhamento se fazem permanentes. Assim, o pensamento crítico empodera, transforma e legitima nosso dizer e nosso fazer.

Quero muito agradecer por todos os seus ensinamentos e por todo o legado que deixou para nós, não apenas acerca do pensamento crítico, mas também da amorosidade gerada por ele. Não há como falar de amor sem compromisso, sem responsabilidade, sem interesse, sem intensidade e sem humanidade. Vivemos sempre tão atribulados com tantas coisas em nossos afazeres diários, com tantos pensamentos em nossas cabeças, que deixamos de observar que o pensamento crítico é também o despertar do amor – do amor fraterno, que cura as mazelas da humanidade e é capaz de salvar e transformar vidas.

A você, minha gratidão por me auxiliar e me ensinar que é necessário exercitar permanentemente o pensamento na busca de conhecimentos, através de questionamentos que confirmem de fato a criticidade, que não se reduzam ao achismo da mera opinião. Ainda tenho muito o que ler e aprender contigo. Espero mergulhar cada vez mais profundamente nesse oceano de ideias e questionamentos que você nos deixou como frutos.

Sem mais para o momento, desejo que você esteja sempre presente na vida de todos aqueles que almejam aprender a pensar criticamente e a estimular jovens estudantes a não desistirem de sua predisposição orgânica ao pensamento crítico, independente das fronteiras, da raça, da classe social, do gênero ou quaisquer outras circunstâncias que possam permear sua existência. Para que nunca desanimem ou deixem de ter o anseio pelo saber e compreender o funcionamento da vida, em toda a sua beleza e diversidade. Onde quer que esteja, e por onde quer que vá, muito obrigada, bell! Receba o meu carinho, o meu abraço e a minha admiração.

Beijos, de sua fã e leitora,
Guiricema, dezembro, 2022.

EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA: REFLEXÕES DE UMA PROFESSORA-ALUNA

Nathália Cristina Costa Tavares¹

Olá, bell!

Eu, naturalmente, perguntaria “como vai você?” para iniciar esta carta. Mas, infelizmente você não poderá lê-la, pois, seu corpo físico deixou o plano terrestre em 2021. Contudo, você vive através de sua obra, grande sementeira em corações e mentes espalhados pelo mundo.

A recente leitura do seu livro “Ensinando o pensamento crítico” me conduziu a grandes inquietações. Especialmente o capítulo “Educação democrática”², no qual você relata como assistiu e participou em diversos momentos de sua vida nas lutas pela democracia e em como esta tem sido subvertida e deslegitimada pelos interesses mesquinhos que historicamente subjagam, usam e descartam a classe trabalhadora e as minorias; em como a escola, em especial a pública, celeiro democrático é igualmente atacado, desmantelado, usurpado. Por isso, vou te contar um pouco sobre como tem estado o Brasil e sua democracia em especial, nos últimos seis anos.

Em 2016, um golpe depõe a então presidenta da república Dilma Rousseff, assumindo seu vice Michel Temer, velha figura da política nacional, que inicia um novo capítulo no movimento de aniquilação dos direitos dos trabalhadores. Flexibilidade e liberdade aos moldes da lógica capitalista são as palavras chaves da Reforma Trabalhista de 2017 que, em linhas gerais, trouxe maiores garantias ao empregador em detrimento ao empregado. Me parece algo como uma forma de regulamentar a lógica do empreendedorismo, sabe? Aquela coisa, se você está desempregado é sinal de que é necessário se reinventar. Se você tem trabalho, você também tem que se reinventar “porque lá fora está cheio de concorrentes”, dizem. O trabalhador é o responsável por suas mazelas e o empregador um nobre e generoso samaritano.

Quando você inicia seu texto nos contando sobre a situação dos homens negros egressos da guerra, minha mente faz um paralelo com a atualidade, pois a guerra é de outra forma, mas, a vítimas são as mesmas. O que houve com o entendimento democrático da população? Quando nós, pobres, povo, classe trabalhadora, esquecemos que o poder emana de nós e concordamos passivamente com os ditames que nos subjagam?

Voltando ao nosso assunto, simultaneamente, de modo cadenciado e crescente, observa-se um aumento no dólar, da inflação, dos combustíveis, declínio no valor real do salário mínimo e, conseqüentemente, todos os efeitos derivados desse cenário como a perda do poder aquisitivo dos pobres e aumento da miséria. Situação inversamente proporcional à

¹ Formada em Pedagogia pela FUPAC-Ubá em 2014; Professora na Rede Municipal de Ensino de São Geraldo-MG desde 2017. Atualmente, mestranda em Educação pela UFV.

² hooks, bell. Ensino 2: educação democrática. *In*: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020. s/p.

dos detentores dos meios de produção. Resumindo, “*O rico cada vez fica mais rico e pobre cada vez fica mais pobre*”, como diz uma música³.

Vimos, igualmente, a ascensão de discursos de ódio e violência contra as minorias. Dentre os candidatos às eleições do ano de 2018, há o então deputado federal Jair Bolsonaro, ex-militar, conhecido por suas falas e atitudes misóginas, racistas, preconceituosas, de ódio e violência, que escancaram seu desprezo pela vida. Em 2019, este candidato toma posse, após ser eleito por 55,13% dos votos válidos: 57.796.986 votos. Que tristeza senti, bell. Esse montão de gente elegeu uma pessoa que fugiu de qualquer tipo de debate, de exposição de planos e ideias para seu governo, algo essencial em uma democracia. Como nossas ideias amadurecem, como progredimos, questionamos, mudamos ou ratificamos nossos pensamentos e opiniões sem debate, sem diálogo? Como conhecemos o diferente, sem que ele tenha a oportunidade da fala respeitosa e amorosa, aqui parafraseando o querido Freire? Como aprender e exercitar a escuta amorosa sem a possibilidade da conversa?

Em pleno século XXI, com tantos avanços tecnológicos e científicos, me pego nos mesmos questionamentos de Caetano Veloso na música Podres Poderes:⁴ “*Será que nunca faremos senão confirmar/ A incompetência da América católica/Que sempre precisará de ridículos tiranos/Será, será, que será? /Que será, que será? /Será que esta minha estúpida retórica/Terá que soar, terá que se ouvir/Por mais zil anos*”. Curiosamente, esta música foi lançada em 1984, ano em que o país ainda estava sob jugo da ditadura militar. Absurdo, após quase 40 anos a história se repetir, de certa forma.

De 2019 até 2022 foram tempos dolorosos, marcados pela segregação da vida, da alegria e da esperança. Você acreditaria se eu te contasse que, o governo miliciano tem entre seus apoiadores mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, negros, pobres, classe trabalhadora? É, você acreditaria. Minha constante autoindagação me conduz às leituras de Paulo Freire, especialmente à sua brilhante Pedagogia do Oprimido⁵ e sobre vida e obra Franz Fanon⁶, na temática sobre o anticolonialismo, que conheci em uma disciplina do mestrado intitulada Educação e Razões Oprimidas, em homenagem ao patrono da educação brasileira. Em consequente, observo alguns entes queridos a minha volta, apoiadores desta nefasta perspectiva e suas respectivas características: homens/gays/negros/pobres – mulheres/cis/negras/pobres – homens/gays/brancos/pobres – homens/cis/brancos/pobres. Por vezes penso se, de alguma forma, tudo o que está acontecendo é na verdade um sonho. Daqueles que ocupam a noite toda e acordamos desgastados e fatigados, mas aliviados de ter sido apenas um sonho.

Por todo esse tempo, todo tipo de ataque à democracia foi alimentado e propagado por este grupo fascista e seus sectários. Falas preconceituosas e criminosas foram amplamente proferidas sob o pretexto mentiroso de “direito à expressão”, garantido pela nossa constituição democrática. Chegaram a falar da existência de um “racismo reverso”, acredita? O ponto positivo é que trouxe à tona a explicação do que é exatamente racismo e

³AS MENINAS. **Xibom bombom**. São Paulo: Universal Music:1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=THHhpYFW2bU>. Acesso em: 10 nov. 2022.

⁴CAETANO VELOSO. **Podres poderes**. Rio de Janeiro: Philips Records: 1984. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nu1dnKkgT7Q>. Acesso em: 11 nov. 2022.

⁵FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁶DIAS, Vivian Valério. Convergências entre o pensamento de Frantz Fanon e Paulo Freire: Da zona do não-ser à vocação ontológica do ser-mais. **Revista Estudos do Sul Global**, v.1, n.2228-246, set, 2021.

a importância da lei de cotas raciais como forma de reparação histórica, bem como a necessidade de mais ações de mesmo cunho.

Inúmeras vezes, ao seu modo peculiar, lançaram dúvidas quanto à segurança das urnas eletrônicas. Incitações à balbúrdia e desrespeito aos demais poderes que constituem nossa democracia. Você acredita que um sem número de vezes, incitados por seu líder, estes seguidores pediram e ainda pedem intervenção militar a pretexto de garantir “liberdade”? De igual forma, atacaram a educação e seus profissionais das formas mais baixas e grotescas.

O escárnio pela vida teve seu ponto mais alto durante a pandemia do vírus da COVID-19⁷. Inúmeras pessoas doentes e morrendo pela doença e/ou por seus efeitos. A economia, a cada dia pior, e o eleito fascista se empenhava em piorar o que não estava bem. No desdobrar de nossa conversa, me deparo com a seguinte questão: sendo a democracia, uma forma de governo em que o povo exerce sua soberania, que tipo de povo atualmente é o brasileiro?

Segundo o que consta no site do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)⁸, nesta eleição de 2022,

[...] houve um comparecimento de 79, 41% do eleitorado (quase 125 milhões de eleitores compareceram às urnas) e o menor índice de abstenção do segundo turno em relação ao primeiro turno, pela primeira vez nas últimas cinco eleições, bem como um número mais baixo de votos brancos e nulos, demonstrando efetivamente a participação maciça do eleitorado brasileiro.

O primeiro lugar foi eleito com 60.345.999 votos e o segundo lugar obteve 58.206.354 votos. Uma diferença de 2.139,645 votos. Ou seja, mais de 58 milhões de pessoas foram às urnas exercer sua cidadania, cumprir seu papel democrático, mas, observe que controverso, declarando seu apoio ao bolsonarismo. Veja só, bell, esse mundão de gente ignora todos os fatos na tentativa de manter o representante do mal e seu uso do poder de forma nefasta, cometendo atrocidades e banalizando a vida, cenário ilustrado pelo trecho da música de Caetano Veloso, Podres Poderes: *“Enquanto os homens exercem/ Seus podres poderes/ Morrer e matar de fome/ De raiva e de sede/ São tantas vezes/ Gestos naturais”*.

No vídeo sobre a vitória do candidato Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições de 2022, intitulado “A democracia é uma luta constante” em seu canal no YouTube, a célebre Rita Von Hunty⁹, nos traz a indagação: vitória para quem?¹⁰ Estou imensamente feliz com a vitória do amor, da ciência da esperança. Mas, nossa realidade ainda é alarmante, medonha.

Devemos comemorar, meu coração está mais aliviado, mas não podemos ignorar essas 58 milhões de pessoas que votaram nesse projeto antidemocrático citado. Os

⁷ Doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e suas variantes.

⁸BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. Presidente do TSE apresenta números do 2º turno das Eleições 2022. Disponível

em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Novembro/presidente-do-tse-apresenta-numeros-do-2o-turno-das-eleicoes-2022>. Acesso em: 15 nov. 2022.

⁹ Persona do professor, ator, YouTuber, comediante, palestrante e drag queen brasileiro, Guilherme Terrei Lima Pereira. Formado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), e em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

¹⁰ TEMPERO DRAG. A democracia é uma luta constante. YouTube, 17 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cK8GmfqY9ek>. Acesso em: 14 nov. 2022.

Bolsonaristas são pessoas que ignoram absurdamente os dados objetivos. A realidade concreta é substituída por achismos e suposições que são levados ao pé da letra como realidade, a exemplo das mentiras lançadas sobre a eficácia das vacinas, principalmente da COVID-19. Um discurso unilateral que tem como ingredientes a deslegitimação do outro, o discurso de ódio, a mentalidade de seita e a ausência de diálogo.

O conceito *banalidade do mal*, de Hanna Arendt, trazido no artigo intitulado “Espaço público e espaço privado na constituição do social: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt”¹¹, da professora Vera da Silva Telles, é certo em nos situar historicamente e explicar uma das características da semelhança entre o bolsonarismo e o fascismo. As semelhanças nas descrições dos eventos da 2ª Guerra Mundial são esclarecedoras e alarmantes. Segundo Hannah Arendt estes eventos se constituem como “[...] uma experiência radical, na qual os critérios que permitiam aos homens distinguir no mundo a verdade da mentira e o bem do mal foram subvertidos [...]” (1990, p. 24). Mais adiante, Telles traz o trecho no qual Arendt relata sobre o julgamento de um dos generais de Hitler, detalhando as características de um dos homens diretamente responsáveis pelo Holocausto: “[...] ‘os atos eram monstruosos, mas o responsável era comum, como todo mundo, nem demoníaco, nem monstruoso’ [...]” (1990, p. 25) pessoas comuns, como eu e você, sem nenhuma forma alegórica como geralmente as histórias fantasiosas descrevem o mal.

Tem uma questão, bell, que eu gostaria de comentar com você. Essa é a terceira vez em que Lula se elege presidente, um marco na nossa história. Sempre me chama atenção que na maioria dos discursos dele, em todas as ocasiões, é ratificado seu compromisso em garantir ao pobre três refeições diárias. Inicialmente eu pensava que essa importância toda era simplesmente porque ele e os familiares já estiveram nessa situação e, por isso, ele tem empatia pelas milhões de pessoas, no Brasil e no mundo, que ainda vivem nessas condições. E, quem nunca passou pela fome, pela vulnerabilidade alimentar, é indiferente por covardia e descaso. Mas meu olhar amadureceu e entendi o que acontece. Com fome não se pode lutar por direitos, questionar o que está sendo posto, é comer para sobreviver. Assim, o ato básico da biologia de todo ser vivo, a alimentação, é também uma questão política.

Lembro-me de ouvir por uma rádio na internet uma propaganda da rede municipal de ensino da prefeitura da cidade de Guarulhos, em São Paulo, em que era enaltecido o cuidado com a alimentação dos alunos, pois havia uma equipe de nutricionistas que garantia às crianças alimentação de qualidade e, assim, as famílias podiam ficar tranquilas com as crianças na escola. Passei a prestar atenção e a única propaganda sobre a educação era essa. Sim, nós que estamos nas escolas, principalmente nas públicas – em especial as que atendem as famílias da classe trabalhadora – sabemos o quanto muitas das crianças se alimentam apenas na escola.

Mas, este ser o critério para mensurar a “qualidade” da educação, o fomento para que a criança esteja na escola, diz muito. Nos diz o quanto a fome é usada de forma vil, escancarada, para subjugar o pobre, o trabalhador, a mulher que é mãe solo. Sobre esse ponto, bell, peço licença para compartilhar com você minhas memórias de criança.

Quando aos cinco anos de idade meu pai havia nos abandonado, passei a acompanhar a minha mãe em sua busca por trabalho. Ela batia de porta em porta oferecendo serviço de

¹¹ TELLES, Vera da Silva. **Espaço público e espaço privado na constituição do social**: notas sobre o pensamento de Hannah Arendt. *Tempo Social*, São Paulo, v.1, p. 23-48, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ts.v2i1.84786>. Acesso em: 16 nov. 2021.

faxina para nos alimentar. Me lembro das vezes em que rejeitavam sua mão de obra por levar uma criança consigo, mas ela não tinha quem cuidasse de mim, com segurança, enquanto ela estivesse trabalhando. Outras “patroas” trancavam os armários e vigiavam a comida. Mas, também houveram lugares onde minha mãe pôde trabalhar com dignidade e fui tratada com carinho, como uma criança deve ser.

Acredito ter encontrado uma resposta para uma questão que ficou martelando em minha cabeça: sendo a democracia uma forma de governo na qual o povo exerce sua soberania, que tipo de povo atualmente é o brasileiro? Estamos famintos. Famintos de comida na mesa, de esperança na alma, de alegria no coração, de beleza no olhar, de fé na vida, de compaixão com a dor alheia, de solidariedade, de verdade e de justiça. Temos fome de cidadania. Me lembrei de outra música para ilustrar e problematizar esta situação. Não tive irmãos e minha mãe sempre ouvia rádio. As músicas eram minhas companhias e minhas distrações na infância, por isso minha cabeça tem instantaneamente músicas para cada situação.

A música intitulada “Comida”¹², cantada pela banda Titãs, nos traz algumas referências para pensar um pouco mais sobre a fome democrática que atravessamos. A data de lançamento dessa música, 1987, coincide com o momento histórico no qual o Brasil tentava se erguer como uma república democrática, após vinte anos de ditadura militar. Acredito que, por essa razão, a canção inicie com o seguinte trecho: “*Bebida é água/Comida é pasto/Você tem sede de quê? / Você tem fome de quê?*”. Os sectários do bolsonarismo, por sua forma peculiar de seguir cegamente as verdades dadas por seu líder, receberam diversos apelidos, dentre eles, gado.

Assim, me recordo imediatamente da obra dos primos Elba e Zé Ramalho, “Admirável gado novo (vida de gado)”¹³, escrita do ano de 1979, tempo em o país ainda estava sob o regime militar. Há dois momentos dessa bela música que trago para nossa conversa, bell. O refrão se repete diversas vezes enfatizando “*Eh, ó, vida de gado/Povo marcado eh/Povo feliz*”. Noutro trecho ouvimos que “*O povo foge da ignorância/Apesar de viver tão perto dela/E sonham com melhores tempos idos/Contemplam esta vida numa cela*”.

Passados 30 anos, mais ou menos, dessas canções, percebo que continuamos na mesma. Falando da fome do estômago. O alimento está cada dia mais caro, se tornando cada vez mais distante das famílias mais pobres, sendo substituído pelos ultraprocessados. Falando da fome de diversão, as formas de entretenimento atualmente são as mais diversas, principalmente pelo advento da internet. Neste espaço, a enxurrada de informações e conteúdos é vertiginosa. A diferença entre informação e conhecimento tem ficado bem clara, a exemplo das *fake news*.

O gênero musical em alta no momento é a sofrência. Nada contra, mas sempre penso na importância da letra, do que está sendo cantado, afinal a arte é um ato político e, se ela é usada para normalizar o sofrimento, a depreciação, o desvalor, talvez isso nos indique algo. Talvez seja uma forma de se acostumar a viver no sofrimento, a “contemplar a vida de uma cela” como dito anteriormente. E assim vamos consumindo o que nos é posto, não nos

¹² TITÃS. **Comida**. Rio de Janeiro: Warner Group Music, 1987. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hD36s-LiKlg>. Acesso em: 15 nov. 2022.

¹³ ZÉ RAMALHO. **Admirável gado novo**. Epic Records, 1979. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YwqoeKlaJQs>. Acesso em: 15 nov. 2022.

questionamos sobre o valor nutricional. Apenas consumimos, porque o rótulo ou a blogueira nos diz que é saudável ou que é disso que eu preciso, mesmo sem me conhecerem.

Sabe bell, há cinco anos sou professora de criancinhas, em uma escola pública. Através das leituras, das histórias que ouço das professoras mais velhas, entendo que nunca foi fácil. Em muitos momentos me sinto soterrada com tantas tarefas, afazeres, exigências e burocracias da profissão. Penso que a docência é essencialmente científica. Eu planejo cada aula de acordo com o currículo, mas também com as necessidades da turma, com a didática específica para ela. E quando chega o grande momento, tudo pode mudar. É uma pergunta que surge ou mesmo um desinteresse que muda a direção daquela aula. E a gente se inventa e se reinventa com embasamento, com conhecimento. Contudo, a exaustão, que me parece uma constante e ingrata companheira de profissão é, por vezes, dissipada pela alegria de um aluno em reconhecer sua letrinha em uma embalagem ou anúncio na TV ou quando exhibe com orgulho a escrita de seu nome. É maravilhosa a sensação de dar sentido ao mundo para aquele pequenino ser! É inexplicável a alegria que sinto.

Diante do nosso assunto, me pego em novos questionamentos: como a escola pública para a classe trabalhadora está neste cenário? Como ela pode se posicionar de forma a promover consciência de classe? Qual o lugar da democracia no ensino atualmente?

O bolsonarismo tem atacado ferozmente a escola e seus profissionais com ofensas e mentiras. Durante a pandemia da COVID-19, quando ainda não havia vacinas, trabalhar de casa foi a solução para uma parcela da população e os professores faziam parte desse público. O retorno presencial era um risco à saúde de todas as pessoas. Mas, eram constantes as falas e atitudes do desgoverno em banalizar a grave situação sanitária que assolava o planeta. Nessa corrente, muitos de seus seguidores passaram a fazer protestos pelo retorno das aulas presenciais. Teve até passeata organizada por escola particular com direito a participação dos funcionários, inclusive professores.

Em uma de suas lives semanais¹⁴, o presidente dos negacionistas atacou mais uma vez os professores dizendo “[...] para eles tá bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro eles ficam em casa e não trabalham, por outro colabora que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a se instruir [...]”. A corrente de insultos e distorções incitada por este desgoverno, em inúmeras ocasiões, alimentou as agressões a esta classe já tão adoecida, violada em seus direitos e desprestígio social. Tudo isso foi muito cansativo e desgastante, pois além da constante ameaça da doença, a necessidade de isolamento por si só gerou diversos problemas em todas as pessoas, como por exemplo ansiedade, insônia e depressão. Mas nada é por acaso, não é mesmo, bell?

[...] à medida que os interesses dos grandes negócios e do capitalismo corporativo incentivam os estudantes a olhar para a educação somente como meio de alcançar sucesso material. Esse pensamento torna a aquisição de informação mais importante que a obtenção de conhecimento ou o aprendizado do pensamento crítico. O princípio da igualdade, que está no cerne dos valores democráticos, faz pouquíssimo sentido em um mundo dominado por uma oligarquia global (hooks, 2010, p. 41).

¹⁴Live realizada em 17/09/2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JsIdVBSushc&t=1293s>. Acesso em: 16 jan. 2023.

Obrigada por ajudar a elucidar a intencionalidade destas atitudes com este trecho tão valioso para mim.

Para atravessar esses dias foi preciso resiliência, paciência, fé em dias melhores, perseverança e amor, aliás, muito amor. E por falar neste nobre sentimento, lembro de um texto¹⁵ que foi publicado no jornal Correio da Manhã, em 14/10/66, quando o Brasil estava há dois anos sob o regime militar. Escrito por Carlos Drummond de Andrade, um dos grandes poetas brasileiros, este nos fala “[...] *Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente. Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando.*” Veja só, bell, mais uma “coincidência”. Uma diferença de tempo de mais de quarenta anos e, ainda assim, tão bem descrita pelo poeta.

No chão da escola, sendo professores, precisamos diariamente de doses de amor, esperança, humor, afeto, compreensão. Como educar as crianças a fim de que aprendam sobre seu poder de cidadãos? Como fazê-los crer que nada está posto, imutável, pelo contrário, que vivemos uma constante luta? Como esclarecer que as tentativas de derrubar os poucos direitos que conquistamos são diárias? E mais ainda, como parar os mecanismos postos em grande parte dos ambientes, para confundir quem somos, nos dissuadir sobre o quê, quando, como e quanto podemos alcançar?

Em Freire, encontro esclarecimento para este panorama de fanáticos e lunáticos quando ele nos fala que

[...] a sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre[...] A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada. Parta de quem parta, a sectarização é um obstáculo à emancipação dos homens. [...] O sectário, por sua vez, qualquer que seja a opção de onde parta na sua ‘irracionalidade’ que o cega, não percebe ou não pode perceber a dinâmica da realidade ou a percebe equivocadamente. Até quando se pensa dialético, a sua é uma ‘dialética domesticada’ (FREIRE, 1987, p. 13-14).

Os constantes debates sobre as variadas fobias que estão camufladas na cultura brasileira me fazem perceber o quanto parte de nós mesmos ainda é tão adoecida. Ainda que você estude, se esclareça, ainda há muito a ser feito. Por mais que queiramos nos ver e nos entender como pessoas que se horrorizam com o racismo, o sexismo, a homofobia, por exemplo, é fundamental a autorreflexão do quanto ainda praticamos essa cultura, do quanto o opressor ainda está instalado dentro de nós, disfarçado das formas mais estapafúrdias, por termos nos acostumado com hábitos e tratamentos tão violentos e perniciosos.

Como e quanto me ponho a perceber as formas do opressor que ainda residem em mim, em minha prática diária com as crianças? Como reajo às atitudes deles quando reproduzem as facetas das fobias, aprendidas como comportamento normal? Esses questionamentos me lembram uma turma de pequenos que tive, na qual certo dia estávamos

¹⁵ Texto sobre a música “A Banda” de Chico Buarque. Disponível em: <https://chico-buarque.com/2021/06/14/a-banda/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

numa atividade em que cada um deveria escolher um livro para ler na sala. Um dos alunos se recusava a pegar em um livro que tinha na capa uma menina regando uma flor. Ao perceber o quanto ele estava irredutível, afirmando que não leria o livro, o perguntei qual a razão. Ele me disse que “o livro era de mulherzinha”. Confesso que fiquei assustada com a fala dele, mas quis entender o que se passava no entendimento dele, até porque, tinham outros dois alunos na sala que sempre escolhiam a cor azul. Em qualquer atividade. Em qualquer situação, eles apenas queriam azul.

Então, eu reuni os alunos e perguntei se alguém concordava com ele. Todos responderam que era um livro normal, como qualquer outro e me pediram para contar a história. O texto narrava a história de uma plantinha que morava em uma casa com uma menina e sua mãe. Ao ver o quanto ela era tratada com carinho pela mãe, a plantinha resolveu adoecer para receber os mesmos cuidados. Ou seja, não havia nada de extraordinário na história. Assim, as crianças indagaram o colega sobre a razão deste livro ser, para ele, de meninas. Ele respondeu que era por causa da flor, que flor era apenas “coisa de menina”. Aproveitei e comecei os questionamentos: mas lá no sítio onde você mora, as plantações não dão flores? Você não entra na escola segurando as flores que traz para mim quase todos os dias? Quem disse que flores são coisas de meninas ou de meninos? Aproveitei para problematizar a situação das cores. “Minha blusa é azul. Essa cor é de menino?”, “Qual problema em brincar de massinha rosa ou vermelha?” Sempre que eu tinha oportunidade levantava essas questões com essa turma, naquela perspectiva do ditado popular: *“água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”*.

Terminando esse caso, me lembrei de outro que acredito ser pertinente nessa nossa prosa. Com essa mesma turma, certo dia, a temática da aula era o Dia da Consciência Negra. Os pequenos são muito inteligentes e perspicazes, por isso expliquei a eles, de forma resumida, sobre como a nação africana teve suas terras e cultura invadidas, roubadas pelos brancos. Acrescentei como a nação brasileira é formada em grande parte por negros e suas principais características físicas. Expliquei que o meu cabelo cacheado foi herdado da minha avó materna e meu bisavô, ambos negros. E assim, os próprios meninos começaram a se olhar e se identificarem brancos ou negros, dentro daquela descoberta inocente e bonita de criança, despida de julgamentos ou preconceitos. Durante a aula, tiveram duas alunas que me deram a entender que esse assunto já havia sido tratado com elas, pois rapidamente disseram com muito orgulho: *“Tia, eu sou negra”*. Mas sempre tem um porém. O aluno do “caso” da flor e uma menina, ambos negros, se identificaram como brancos. Não interferei em suas autodeterminações.

Mas você sabe, as crianças são um doce, mas também são um *cadimbo cricri*. Imediatamente, a maioria dos meninos se dirigiram aos dois argumentando que eles eram negros, pois bastava perceber os lindos cachos nos cabelos e a “pele como chocolate” como dito por um deles. Mas era nítido o horror dos dois ao perceberem que são negros. Ao perceber a situação, eu intervi para encerrar a questão. Nisso, uma aluna branca que fez questão de dizer que a mãe é negra comentou sobre racismo dizendo: *“Você sabia, Tia, que tem pessoas que maltratam as outras só por causa da cor da pele?”*. Então, aproveitei para explicar sobre o racismo e outras formas de discriminação.

Acredito que a forma de abordar situações assim faz toda a diferença. Conduzir àqueles seres humanos que passam por mim a olhar a vida sob uma ótica democrática, inclusiva, participativa do mundo, no mundo e com o mundo, abre caminhos para novos

olhares, novos entendimentos. Novos horizontes e possibilidades para eles, enquanto aprendizes que também me ensinam. Por isso, me autodenomino como professora-aluna.

Obrigada, bell, por poder dividir com você um pouquinho das minhas reflexões.

Te desejo paz e luz!
São Geraldo, dezembro de 2022.

CARTA ENDEREÇADA À BELL HOOKS: A “PEDAGOGIA ENGAJADA” ASSOCIADA À EDUCAÇÃO EM MEDICINA VETERINÁRIA

Daniella Viveiros Meirelles¹

Querida bell hooks,

Me parece uma tarefa difícil endereçar uma carta a você, autora e escritora que tanto passei a admirar. Descobrir sua história, seus ensinamentos e, principalmente, sua obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (2020)² foi inspirador.

A descoberta é recente, mas de grande impacto. Assim sendo, antes de iniciarmos qualquer aprofundamento, considero importante revisitar brevemente minha jornada, que se associa fortemente ao objetivo dessa carta: discutir o ensinamento intitulado “Pedagogia Engajada” presente em sua obra citada acima e sua associação à Educação Veterinária.

O desejo de atuar como professora e tentar fazer a diferença em processos educacionais não se origina de uma formação em pedagogia ou em qualquer tipo de licenciatura. Sou graduada em Medicina Veterinária e, mesmo antes da graduação, me recorde de transitar por uma educação fortemente bancária, como apresentado por Freire (1987)³.

Durante a graduação, comecei a sentir incômodos com a maneira em que os professores nos ensinavam. Quando as aulas não eram muito teóricas, sem muito engajamento, as aulas práticas eram muito tecnicistas. Muitos dos professores possuíam domínio técnico sobre os conteúdos didáticos que ministravam, porém pareciam não saber como engajar a turma, e fugiam de aulas expositivas e avaliações tradicionais.

O processo educativo pautado em notas e reconhecimento intelectual não me supria. Sob a minha perspectiva, discutir e desenvolver aspectos humanísticos também era necessário para tornar os profissionais da saúde ainda melhores. Nessa mesma época, meu contato com a docência se iniciou ao me tornar monitora em uma disciplina nomeada “Anatomia Patológica” –considerada profissionalizante na grade curricular do curso superior em questão.

Durante os semestres em que fui monitora, fazia questão de me aproximar dos alunos, conhecê-los, promover debates e utilizar a “problematização” como método de ensino nas monitorias que eu ofertava. Foi quando eu enxerguei que gostava de aprender enquanto ensinava.

Em paralelo, comecei a ofertar aulas particulares para alunos de graduação. Investi aos poucos, e comecei a escutar de colegas, familiares e amigos que eu “levava jeito” para

¹ Médica veterinária pelo Centro Universitário de Viçosa, pós-graduada em Docência e Gestão do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá, mestre e doutoranda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Viçosa. Seus projetos de pesquisa envolvem: educação em Medicina Veterinária, metodologias ativas de ensino e ensino remoto no contexto formativo de médicos veterinários.

² hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020. 288p.

³ FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 1987.

lecionar. Somado a isso, quase no fim do curso de graduação, o Conselho Federal de Medicina Veterinária (CFMV) em associação a diversas instituições de ensino superior (IES) – incluindo a que eu estudava – promoveu treinamentos e palestras sobre estratégias de ensino e aprendizagem que tornassem os alunos mais ativos, críticos e reflexivos, e como representante de turma, tive a oportunidade de participar.

Foi então que conheci as chamadas “metodologias ativas de ensino (MA)” e me encantei. Percebi que poderiam ser alternativas para a educação em Medicina Veterinária. Mas, eu ainda era graduanda. Não via como poderia suscitar debates para maior inserção das mesmas no processo formativo de médicos veterinários e, somado a isso, eu estava no meu último ano de graduação. Ou seja, deixaria aquele espaço logo, logo.

Nessa mesma época, um professor muito querido – um dos poucos preocupados em também trazer mudanças para o ensino tradicional em Medicina Veterinária – me perguntou se eu não tinha interesse em construir uma pesquisa, que envolveria a análise de percepção de docentes e discentes quanto ao uso de MA. Eu aceitei.

Confesso, bell, que foi desafiador e completamente fora dos padrões de temas de “trabalhos de conclusão de curso” na minha área. No entanto, tal pesquisa permitiu uma publicação científica em conjunto ao CFMV e trouxe fortes levantamentos sobre o processo de ensino e aprendizagem em Medicina Veterinária, bem como importantes limitações nesse contexto (MEIRELLES *et al.*, 2019)⁴.

Para não me estender muito, foi a partir disso que meu olhar para a educação e para diferentes ferramentas metodológicas cresceu. Depois da graduação, decidi me tornar professora universitária e venho construindo minha jornada. Hoje, como doutoranda do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Viçosa (UFV), venho seguindo a mesma linha de pensamento e realizando pesquisas relacionadas à formação acadêmica e profissional de médicos veterinários.

Como criticado por Cunha (2010)⁵, docentes universitários se construíram, historicamente, na ideia de que sua profissão de base seria o norteamo para sua atuação como educadores. Sendo assim, se eles sabem fazer, eles sabem ensinar. A autora ainda aponta que, para muitos professores universitários, os conhecimentos pedagógicos são colocados em segundo plano. Isso também tem sido relatado na docência em Medicina Veterinária (MEIRELLES *et al.*, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2018⁶; COBUCCI, 2017⁷).

No entanto, visando contrapor esse cenário, venho buscando conhecimentos em especializações, cursos, eventos científicos e disciplinas ao longo do mestrado e doutorado, que discutam sobre educação e que me forneçam caminhos didático-pedagógicos para atuar em diferentes cenários no Ensino Superior. Dessa forma, entre tantos outros importantes educadores e autores, tive a oportunidade de conhecer o seu trabalho, cara bell hooks.

⁴ MEIRELLES, D. V.; COBUCCI, G. C.; CUNHA, A. F. D. Como docentes e discentes de Medicina Veterinária avaliam o uso de metodologias ativas na graduação? **Revista CFMV**, Brasília, n. 80, p.47-58, 2019.

⁵ CUNHA, M. I. A docência como ação complexa. *In*: CUNHA, Maria Isabel (Org.). **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva Individual ao espaço institucional**. Araraquara, SP: Junqueira&Marin, p. 19-34, 2010.

⁶ OLIVEIRA, M. S.; BRUZAMOLIN, A. L.; OLIVEIRA, M. M. F. Avaliação e formação pedagógica dos docentes de um curso superior de Medicina Veterinária. **Revista Intersaberes**, v.13, n. 30, set./dez, 2018.

⁷ COBUCCI, G. C. **Metodologias ativas e aspectos pedagógicos no ensino de graduação em Medicina Veterinária**. Viçosa, 2017. 103p. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Viçosa.

Através da disciplina intitulada “Educação e as Razões Oprimidas” – cursada no doutorado –, que trabalha com excelência as obras de Paulo Freire, eu conheci a sua obra “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática”⁸, que se constitui como uma das bibliografias de referência da disciplina. Como mencionei anteriormente, ao ler seus livros, o tema *Pedagogia Engajada* me tocou.

Acreditar em práticas pedagógicas que favoreçam a pedagogia engajada para o campo das Ciências Veterinárias é transcender a perspectiva convencional e tecnicista na construção de médicos veterinários, que vem sendo empregada há muitos anos no Brasil (PAULA, 2020⁹; RONCATI *et al.*, 2013¹⁰). Como você mesmo defende, querida bell, a pedagogia engajada parte do pressuposto de que a interação entre docentes e discentes favorece a aprendizagem, que a participação de ambos deve ser preconizada, bem como o pensamento crítico e o diálogo (hooks, 2020).

A pedagogia engajada diverge da chamada educação bancária, denominada e criticada por Freire (1987). O autor, que tanto eu quanto você admiramos, afirma que esta última coloca o professor como único detentor dos conhecimentos, que os transmite de forma passiva aos alunos, que, por sua vez, terão a função de memorizar e reproduzir tais saberes.

Saliento aqui que é de grande valor para o meu processo construtivo conhecer uma mulher, educadora e feminista como você, que também se inspirou no pensamento freiriano para traçar sua jornada como autora e educadora. Isso me fornece confiança para seguir com meu propósito educacional.

No entanto, cara bell, é preciso mencionar que o emprego da educação bancária ainda se faz densamente presente em muitas IES que oferecem os cursos de graduação em Medicina Veterinária (MEIRELLES *et al.*, 2019; OLIVEIRA *et al.*, 2018). Os conhecimentos são fragmentados entre as disciplinas e há supervalorização de determinadas áreas de atuação do médico veterinário, como a clínica veterinária (BÜRGER, 2010¹¹; PFUETZENREITER; ZYLBERSZTAJN, 2004¹²).

Muitas vezes, os estudantes não são considerados como cidadãos que atuarão de forma social, coletiva e política, mas sim, como profissionais que precisam desenvolver técnicas e habilidades para atuarem no mercado de trabalho (TAVOLARO, 2016¹³; PFUETZENREITER; ZYLBERSZTAJN, 2004). Além disso, há forte uso de aulas

⁸ hooks, bell. *Pedagogia engajada*. In: hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. São Paulo: Elefante, 2020, p. 46-51.

⁹ PAULA, E. M. N. D. **Matrizes Curriculares dos Cursos de Graduação em Medicina Veterinária do Brasil**: análise com ênfase no Ensino da Saúde Pública Veterinária. 190p. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Jaboticabal, 2020 190 p.

¹⁰ RONCATI, N. V.; PEREIRA, C. A. D.; RONCATI, A. C. K. P. Perfil docente frente às metodologias ativas de ensino e aprendizagem. **Revista CFMV**, v. 60, p. 63-68, 2013.

¹¹ BÜRGER, K. M. O ensino de saúde pública veterinária nos cursos de graduação em Medicina Veterinária do estado de São Paulo. 2010. 129 p. **Tese de Doutorado** (Doutorado em Medicina Veterinária), Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias – UNESP, Campus de Jaboticabal, SP.

¹² PFUETZENREITER, M.R.; ZYLBERSZTAJN, A. O ensino de saúde e os currículos dos cursos de medicina veterinária: um estudo de caso. **Interface - Comunic., Saúde, Educ.**, v.8, n.15, p.349-60, mar/ago., 2004.

¹³ TAVOLARO, P. A necessidade do fortalecimento do conhecimento humanístico na formação do médico veterinário: a visão de estudantes do segundo semestre de graduação. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia**, CRMV-SP, v. 14, n. 1, p. 28-34, 2016.

meramente expositivas, que inserem o alunado em posicionamento passivo perante seu processo formativo (MEIRELLES *et al.*, 2019; COBUCCI, 2017; CFMV, 2012¹⁴).

Como discutiram alguns autores, os docentes do curso superior em questão possuem escassos conhecimentos pedagógicos (BOTELHO *et al.*, 2018¹⁵; OLIVEIRA *et al.*, 2018). Adicionalmente, parece haver resistência em inserir novas metodologias de ensino, como as MA (MEIRELLES *et al.*, 2019; TORRES; CHIRELLI, 2019¹⁶; EIMANTAS, 2014¹⁷).

Nesse cenário, cara bell, percebo potencialidades em aproximar a concepção de pedagogia engajada da necessidade de mudanças nos currículos veterinários. Pois como você mencionou: “a pedagogia engajada é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes” (hooks, 2020, p. 50).

Penso ser também uma alternativa a conciliação do engajamento dos graduandos de Medicina Veterinária com a aplicação de variadas técnicas de ensino utilizadas pelos docentes, sobretudo as baseadas na MA. Relatos recentes têm mostrado resultados relevantes quanto à participação ativa, ao interesse e à construção dos conhecimentos quando essas são empregadas (SANTOS *et al.*, 2020¹⁸; ANTUNES *et al.*, 2019¹⁹).

Perceber que a pedagogia engajada dialoga com a educação libertadora, tão bem defendida por Freire (1987), me traz segurança. Educação esta que prevê a participação ativa do educando, que considera professor e estudante como sujeitos do processo de ensino e aprendizagem e o diálogo como essência do processo formativo.

Porém, não tem sido fácil inserir debates desse tipo, bell. Defender a necessidade de maior capacidade didático-pedagógica para professores universitários, visando construir um ambiente acadêmico de confiança, troca de saberes mútuos e crescimento profissional, mas também pessoal para docentes e discentes, é nadar contra a corrente.

Como apontado anteriormente, e reforçado por Torres e Chirelli (2019), a formação docente no campo da Medicina Veterinária ainda é embrionária, o que, por vezes, perpetua uma visão distorcida quanto à utilização de técnicas de ensino mais dinâmicas, mais dialógicas, mais envolvimento de educadores e educandos, que retirem o docente do perfil de único capaz de compartilhar conhecimentos. Há professores que alegam investir em aulas expositivas tradicionais em maior grau por acreditarem que aplicar metodologias ativas em sala de aula exige maior tempo de aula e os impede de cumprir todo o cronograma e transmitir o maior número de informações (MEIRELLES *et al.*, 2019; COBUCCI, 2017).

¹⁴ CFMV - Conselho Federal de Medicina Veterinária. **Estratégias de ensino aprendizagem para desenvolvimento de competências humanísticas:** propostas para formar veterinários para um mundo melhor. Brasília: CFMV, 2012, 152p.

¹⁵ BOTELHO, A. F. M. et al. A docência e o ensino da medicina veterinária. **Revista CFMV**, Brasília: DF, n. 77, abr./jun., p. 41-44, 2018.

¹⁶ TORRES, V. F.; CHIRELLI, M. Q. Formação Docente na Medicina Veterinária: desafios e estratégias desvendados pela análise temática. **CIAIQ2019, Atas**, p. 681-690, 2019.

¹⁷ EIMANTAS, G. **Uso de manequins no ensino da Medicina Veterinária.** Boletim APAMVET, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 14-16, 2014.

¹⁸ SANTOS, R. F. D.; SANTOS, J. B. D.; MOREIRA, C. A. Medicina Veterinária e a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP): uma experiência aplicada às disciplinas de Microbiologia e Imunologia. In: **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, 2020.

¹⁹ ANTUNES, V. L. C.; PASQUALINI, A. C. B.; ANDREAZZI, M. A.; EMANUELLI, I. P. Metodologia ativa: método PBL adaptado para extensão rural em pecuária leiteira. **XI EPCC: Anais Eletrônicos**, out., 2019.

Sobre isso, apresento uma passagem trazida em seu livro, cara bell: “Quando comecei a trabalhar em sala de aula, assim como vários professores, minha maior preocupação, quiçá obsessão, era se uma quantidade substancial de informações seria ou não abordada” (hooks, 2020, p. 47).

Apesar dessa confissão, você traz um complemento essencial a favor da pedagogia engajada, que diz respeito à importância de desconstruir essa visão conteudista e reservar um tempo de aula para que os alunos compartilhem informações sobre sua realidade e seus desejos, tornando o clima em sala de aula mais positivo e próspero à construção de saberes (hooks, 2020).

Em sua obra *Ensinando a Transgredir*, pensando em instituições de ensino que, constantemente, reforçam as ideias de educação bancária, você discute que os docentes costumam ser mais valorizados quando seguem o *status quo*, quando não enxergam a educação como prática da liberdade (hooks, 2013)²⁰. No entanto, me conforta ao reconhecer que nós duas acreditamos em uma educação acompanhada de amor, humildade e esperança, assim como defendido por Freire (1987).

Sigo acreditando que mais professores desejem se engajar e busquem transformar suas salas de aulas em espaços de desenvolvimento do pensamento crítico. Com base nisso, defendo que, ainda que o graduando de Medicina Veterinária venha a se tornar médico veterinário, este também é cidadão.

Como tal, ele está inserido em uma realidade sócio-histórica, e não atuará apenas nos âmbitos animal, vegetal e humano (DUTRA, 2006)²¹. Ele também atuará no âmbito social (BÜRQUER, 2010).

Por conseguinte, considerar que os alunos de Medicina Veterinária devem ser instruídos de maneira unicamente tecnicista, com base em conhecimentos específicos, teóricos e práticos das áreas de atuação do médico veterinário, como apontaram as análises de Pfuetzenreiter e Zylbersztajn (2004), não condiz com uma educação como prática da liberdade. Como defendido por Freire (1987), não há como desvincular os aspectos humanísticos da educação, seja esta profissionalizante, técnica ou básica.

O ponto é: esses estudantes não são máquinas reprodutoras de técnicas e habilidades práticas a fim de atender puramente ao mercado de trabalho e produção. Cabe também aos professores desconstruir tal visão em seu alunado por meio da prática da pedagogia engajada, permitindo que ambos se conheçam melhor e interajam entre si (hooks, 2020).

Como defendido em sua obra: “a pedagogia engajada enfatiza a participação mútua, porque é o movimento de ideias, trocadas entre todas as pessoas, que constrói um relacionamento de trabalho relevante entre todas e todos na sala de aula” (hooks, 2020, p. 49). Sendo assim, é de grande importância que os alunos percebam que podem contribuir de forma significativa para o seu próprio processo formativo através de diversos aspectos como o ato de ler, ouvir, escrever, criar, compartilhar, dialogar, etc. (hooks, 2020).

Mais que isso, enfatizo que os diálogos em espaços acadêmicos podem e devem ir além dos conteúdos veterinários. Discutir temas sociais, receios e anseios também

²⁰ hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

²¹ DUTRA, M. G. B. As múltiplas faces e desafios de uma profissão chamada Medicina Veterinária. **Revista CFMV**, Brasília/DF, n. 37, p. 51-58, 2006.

engrandece o espaço acadêmico e pode favorecer a participação, o interesse e o comprometimento em aulas subsequentes.

Além disso, como aponta Freire (1987), docentes e discentes são indivíduos inseridos em um mundo em constante transformação. Acredito que ambos são capazes de construir uma relação de comprometimento com o ensino e a aprendizagem, para transformação de suas realidades e contribuições para a sociedade. Para tanto, faz-se necessário revisitar e reformular constantemente os currículos, o conteúdo programático e as técnicas de ensino utilizadas.

Não há como negar que não é tarefa simples mudar uma postura educacional fortemente enraizada nas Escolas Veterinárias, bem como em qualquer nível de ensino. São muitos fatores envolvidos: infraestrutura, recursos disponíveis, capacitação pedagógica, cultura, posturas divergentes (tanto de professores, quanto de estudantes), entre tantos outros.

Porém, se temos a chance de suscitar debates em educação e apresentar concepções educacionais que possam culminar com diferentes práticas pedagógicas, que atinjam os diferentes perfis de alunos e acompanhem as modificações sociais, econômicas e políticas ao nosso redor, cabe a nós enquanto educadores, fazê-lo. Acredito, enfim, em uma Educação Veterinária humanizadora, interdisciplinar, social e engajada.

Por fim, querida bell, gostaria de poder sentar ao seu lado e dizer que, embora você seja reconhecida por suas discussões vinculadas às questões de gênero e raça – que também me engrandecem como mulher e cidadã –, seus ensinamentos educacionais trouxeram fortes aprendizados para minha atuação como educadora em Medicina Veterinária. Talvez seja isso: o pensar criticamente aquilo que assimilamos, promovendo aplicações significativas em nossos cenários de vivência, nos permitindo aprender e compartilhar sempre mais.

Com admiração, gratidão e carinho,

*Educadora-educanda em constante construção.

O DESPERTAR DOS SINOS: CARTA A HOOKS

Carlos Fernando Ribeiro¹

Olá, bell hooks!

Eu me chamo Carlos Fernando e escrevo esta carta com muitas dificuldades. A primeira delas é a minha relação com escritas ‘acadêmicas’ informais, já que em minha vida sempre me foi cobrada uma formalidade dentro das instituições educacionais. A segunda dificuldade tem relação com inserir em um texto relatos pessoais que me machucam só de lembrar. A terceira é sobre meu pensamento sobre “o que escrever” para uma das intelectuais que influenciou/influencia meu modo de ver a educação com viés crítico, sendo que em meu cotidiano nem sempre pratico a criticidade de forma educativa. Então, escrever esta carta, pra mim, é libertador, mas ninguém avisa que a libertação é de certo modo dolorosa e também aliviante, encontrando dentro de nós feridas e traumas a serem aliviados

Desde já, peço desculpas se esta carta for mais triste do que positiva, pois, mesmo com as mudanças sociais que tivemos, ainda não alcançamos o mínimo do almejado socioculturalmente nas relações transversais que permeiam a classe, como raça e gênero.

Queria te explicar...

Querida hooks, a maior parte dos meus escritos começam com os pontos positivos sobre a temática. Isso se dá pela minha perspectiva de leitura do mundo, sempre em busca da felicidade dentro do caos. Em minha vida, eu constantemente enxerguei o copo sempre meio cheio, dada a minha situação social que mencionarei mais adiante. Portanto, bell hooks, trago-lhe notícias sobre a situação brasileira em relação a temáticas que atravessam direta ou indiretamente a educação, como classe, gênero, raça e sexualidade.

Podemos ter um pouquinho de alívio, porque...

Nas últimas três décadas, os temas transversais como gênero, raça e sexualidade foram sendo incorporados dentro das legislações educacionais. Percebemos isso na LDB nº 9.394/96², que insere em seu texto de modo genérico a tolerância e respeito à liberdade de credo, de sexualidade, e a igualdade de gênero e raça.

A partir do ano de 2003, outras políticas foram colocadas como importantes para o desenvolvimento social. Podemos citar a criação da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM), da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR), e, no âmbito do Ministério da Educação, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). Além disso, foram criadas conferências e abertos

¹ Cientista social formado na Universidade Federal de Viçosa (UFV), atuou como assessor parlamentar, artístico e de comunicação. Mestrando em Educação na linha de pesquisa formação humana, política e práxis social, desenvolvo minha pesquisa em tecnologia e educação nas/das redes sociais.

² BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

fóruns de debates sobre gênero, sexualidade, raça e juventude a partir de 2004, integrados pelos movimentos sociais, o Estado e pesquisadores da área.

Toda essa importância dada para esses temas vem dos esforços dos movimentos sociais, bem como de uma proposta internacional de um modelo de democracia que tem como central os direitos humanos na base da Constituição, traçando políticas e propostas educacionais que possam, efetivamente, contribuir para a redução das desigualdades de gênero, étnico-raciais e de classe nos diferentes níveis de ensino. Vemos também políticas públicas, como cotas raciais e para pessoas trans sendo implementadas em universidades e concursos públicos, apresentando mudanças significativas no âmbito coletivo.

Mas, posso dizer para você que...

Estamos muito longe de uma igualdade, equidade ou qualquer outra palavra que simbolize uma diminuição expressiva da desigualdade ou, por exemplo, a extinção da fome, que sempre afeta os marginalizados socialmente e institucionalmente por mero descaso. Também somos o país em que a cada 23 segundos morre um jovem negro. Temos também diversas contradições que refletem o machismo, o sexismo, o racismo e a lgbtqia+fobia. Um exemplo disso é que somos o país que mais mata transexuais no mundo, como também o que mais consome pornografia na temática trans do planeta.

Neste momento, peço licença a você, hooks, para utilizar de suas falas e compreender que os dados e relatos sobre violência em seus diversos âmbitos transversais são construídos através do entendimento de posse do opressor sobre os corpos marginalizados. Sendo negro, mulher, lgbtqia+, ou pobre, passamos por situações em nosso cotidiano que refletem que somos vistos como objeto, ou algo que precisa de permissão para falar, estudar, criticar ou mesmo para se posicionar socialmente. A classe dominante a cada dia se apropria de pautas importantes dos movimentos sociais, veste uma roupa nova nos debates e vendem as ideias desses movimentos de resistência como se isso importasse mais do que o capital. É, querida bell hooks, talvez estejamos caminhando mais lentamente para um real debate de pautas aprofundadas sobre gênero, etnicidade, sexualidade ou qualquer modificação sociocultural e ambiental realmente radical (radical aqui escrito no sentido de ir até a raiz do real problema).

Este meu breve relato sobre as notícias de um ano após seu falecimento não é muito agradável, eu sei, só que isso mostra que precisamos da ação. Como já escrito na bíblia, em Tiago capítulo 2, “a fé sem obra é morta”, ou seja, esperar a mudança ou o milagre sem mesmo você ter agido, não vai causar efeito. Por isso, tenho que dizer que seus escritos, pensamentos, filosofia e livros estão sendo lidos, utilizados de diversas formas, aplicados em diversos movimentos sociais e influenciando as pessoas a repensar novas perspectivas de mundo.

Eu acho engraçado que...

Nós, leitores de suas obras, sempre nos questionamos sobre porque o divertido e o aprendido vão sendo desvalorizados e até mesmo desconsiderados a cada série que você avança na escola. Posso observar isso em minha vida, ao observar que dos anos iniciais do Ensino Fundamental as aulas eram mais divertidas ou mesmo mais criativas. Quando fui para

os anos finais do Ensino Fundamental parecia que gostar do divertido ou engraçado no processo de formação de conhecimento era coisa de criança, ou seja, que naquela etapa da vida era preciso encarar um projeto de mini adulto, escrever de caneta e nunca mais de lápis, porque isso sim é coisa de criança que ‘leva a sério a vida escolar’.

Vai-se passando os anos e tudo vai se formalizando em caixas, que são escritas em quadros ou slides. Em meu Ensino Médio, realizado em um Instituto Federal, seguimos um padrão visto como excelência, rigidez e seletividade, onde a competitividade era incentivada pelos professores, e a coletividade/empatia é demonstrada na formação de grupos de estudantes desesperados.

Quando penso nessa época, lembro de ser uma das fases mais felizes, sempre me lembrando das noites viradas para estudar topografia com todos do alojamento. Lembro-me que num destes dias, um professor visto como carrasco incentivou que quem tirasse a maior nota da sala já teria passado no semestre, deixando a gente finalizar a prova em uma semana. Mal sabia ele que a união fez e faz a força, levando metade da turma a tirar a mesma nota para passar do semestre.

Mesmo tendo essa vivência de unir forças sobre um problema, a socialização, influenciada pelo capitalismo, me fez almejar a máxima produtividade, porque só assim eu poderia ser rico e retornar o conforto que recebi, aos meus familiares. Pensando desta forma, estudei um tempo Biomedicina, depois Engenharia Florestal, como meta de enriquecimento e, acabei largando tudo e me formando em Ciências Sociais. Vou te confessar que foi a melhor escolha da minha vida, pois com o desenvolvimento das disciplinas pude me questionar em diversos momentos sobre meu corpo, meu ser e minhas atitudes.

Mas a caminhada da graduação, querida hooks, foi difícil. Quando li seu livro “*ensinando a transgredir*”³, já no final da graduação, senti que alguém no mundo entendia, de certo modo, que minha escolha de largar a licenciatura e me formar apenas como bacharel, foi acertada. Em minhas vivências profissionais como educador, estudante e cientista social, pude perceber que a educação é para além de ensinar conceitos ou mostrar exemplos imagéticos, é se entregar para se doar e receber, é sobre entender o limite do outro e fazer o outro seus limites, é muito mais sobre diálogo do que sobre autoritarismo.

Diversos momentos que eu ainda tinha a escolha de permanecer na licenciatura me fizeram questionar a situação em que eu estava. Nas disciplinas em que a educação era pauta central, o ‘ensinando a lecionar’, a desmotivação em permanecer na licenciatura era enorme quando, ao adentrarmos na docência enquanto campo de pesquisa, nos deparamos com o desmonte institucional da carreira do professor. Salários desproporcionais, embates sindicais, judicialização de greves e desrespeitos por parte da sociedade civil com o ato da docência, é a coisa mais comum na história brasileira. O ensinar por amor e não por dinheiro ainda nos assombra, construindo um perfil de professor franciscano. Neste momento, me senti frustrado, sem rumo, pensando apenas em me desenvolver na pesquisa e extensão.

Mesmo tendo largado a licenciatura, não posso largar de mão a educação, como formação humana, social e cidadã que é. Penso que a mesma transpassa os muros das instituições de ensino, sendo construída cotidianamente através de diversos conhecimentos diferentes e entrelaçados. Sabendo desse poder de influência para mudar a perspectiva

³ hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

mundial, iniciei meu mestrado no Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Como você mesma indica em *ensinando a transgredir*, o ato de ensinar é um ato de resistência, se contrapondo a todo o tédio, estagnação, desânimo, de maneira em que o ensinar e aprender seja em mão dupla e libertador aos dois lados – Docente e Discente. Desta forma estou a repensar minhas questões sobre lecionar, para entender qual meu ponto de partida para a minha reconstrução sobre o que é ser educador.

bell hooks, quando eu leio seus escritos vejo uma educadora e outros mundos possíveis...

Semelhante ao olhar de Moacir Gadotti sobre Paulo Freire como um educador de novos mundos possíveis, eu a vejo da mesma forma. Sobretudo quando percebemos que seus escritos são para além de si, nos influenciando a pensarmos a partir de nós, de nossas utopias, nos fazendo ver para além do que você escreveu, mostrando um caminho possível para fora dos muros da ideologia capitalista, patriarcal e racista, que nos faz acreditar que chegamos ao auge do ser humano. Além disso, seria um caos social!

Quando eu leio sobre suas experiências, bem como reflexões sobre as mesmas, vejo sobre as possibilidades de uma educação, citando Gadotti⁴, planetária. A intermulticulturalidade é, para mim, o centro para nos sentirmos pertencentes a um território, para além das linhas institucionais, bem como o respeito às regionalidades e os diversos conhecimentos que circulam em uma enorme diversidade étnica, que nos dá um norte para refletirmos sobre uma nova perspectiva de pertencer ao planeta Terra. Mas para chegarmos a esse passo, precisamos inverter a ótica estrutural do capital, dos opressores e dos oprimidos. Entender que o que é produzido pelos oprimidos/marginalizados é válido, interessante e, sobretudo, libertador.

Quando você escreve sobre o entusiasmo, amor e o divertido como base para lecionar, é perceptível a subversão dos valores acadêmicos dominantes, quebrando a expectativa de que o ato de lecionar deve apresentar seriedade e formalidade. Em minha formação, foram poucas as aulas que tiveram a iniciativa de quebrar a expectativa do chato e monótono ou o do conhecimento ser doloroso. É libertador ler seus livros pensando que minhas reflexões aqui dos anos 2020 já eram criticadas por você e muitas(os) outras(os) intelectuais. Mais que isso, também é desafiador repensar e mudar práticas cotidianas que refletem em nós uma educação não libertadora, sendo uma ação cotidiana que precisamos ter.

Agradeço a vida por ter tido contato com os seus pensamentos...

Apesar desta carta estar sendo escrita após o falecimento de Gloria Jean Watkins, envio estes relatos a você, bell hooks, que continua viva em suas obras, nos movimentos sociais, nas ações das mulheres, negras(os), LGBTQIA+ e todos os marginalizados pela sociedade. A sua voz ecoa a cada resistência cotidiana, a cada vitória que o oprimido ganha e a cada desejo de novos mundos possíveis.

⁴GADOTTI, Moacir. Paulo Freire e a Educação Popular. In: **Proposta: Revista trimestral de Debate da FASE**, n.113, p. 21- 27, jul./set., 2007.

Finalizo essa carta com um até logo, até um novo mundo onde suas palavras encontrarão sua utopia realizada.

Abrços de um conhecido desconhecido

TUDO O QUE PRECISAMOS É DE AMOR

Elecíntia Medina Vieira¹

Querida bell hooks,

É com grande alegria que escrevo esta carta para você, sobre seu ensinamento 27: “**Amar novamente**”, presente em seu livro: “**Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**” (2020)². Permita-me chamá-la de você... Tenho um enorme respeito e admiração por sua pessoa, mas de tanto ler e pesquisar sobre sua vida e obra, me sinto tão próxima e íntima, que gostaria de chamá-la assim. Sou mestranda em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e investigo o amor pedagógico no ensino de línguas estrangeiras.

Fui apresentada a você e suas obras durante o mestrado, onde pude discutir suas ideias e relacionar suas teorias com as de Paulo Freire (com o qual você tanto dialogou em suas obras). E como é bom ouvir e ler suas teorias! Além da obra que mencionei, outras obras suas, como “Tudo sobre o amor: novas perspectivas”³, “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”⁴ e “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança”⁵. Todas elas são referências em minha dissertação, em minha prática como professora de língua inglesa, e em minha vida. Seus ensinamentos mudaram minha vida profissional, estudantil e pessoal!

Você nos traz lindos ensinamentos que servem para a Educação e para a nossa vida em geral, principalmente, aqueles sobre o amor, que todos deveriam ler. Você nos informa que o amor é uma força transformadora, pois tem o poder de tudo mudar; que o amor cura, já que pode curar as feridas do passado; e que ele é mais forte que a morte. Além disso, você nos alerta que a sociedade precisa reconhecer que sabe tão pouco sobre o amor, na teoria e na prática, e que precisa aprender a amar verdadeiramente, a enxergar o amor não como substantivo, mas como verbo; como escolha e prática; e assim, poder abrir os corações para seu poder e sua graça, pois “o amor é uma ação, uma emoção participativa.” (hooks, 2000, p. 165)⁶. Como você declara, “para praticar a arte de amar, nós temos que, primeiro, escolher o amor” (hooks, 2000, p. 155). Como aprendi sobre o amor depois que conheci você e suas

¹ Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade de Viçosa (UFV-MG). Professora de língua inglesa do Ensino Fundamental II, da rede pública estadual de Minas Gerais e em curso de idiomas.

² hooks, bell. **Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática**. Trad. LIBÂNIO, Bhuví. Editora Elefante, 2020.

³ hooks, bell. **All about love - new visions**. I Bell Hooks p. em. ISBN 0-688-16844-2 1. Love. 2. Feminist ethics 1. Title. BF575.L8 H655 2000. Disponível em: <https://wtf.tw/ref/hooks.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

⁴ hooks, bell. **Teaching to transgress: Education as the practice of freedom**. Journal of Engineering Education, v. 1, p. 126-138, 1994. Disponível em: <https://sites.utexas.edu/ljcs/files/2018/02/Teaching-to-Transcend.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

⁵ hooks, bell. (2003) **Teaching Community: A Pedagogy of Hope**. New York: Routledge. Disponível em: <https://thecheapestuniversity.org/wp-content/uploads/2018/08/bellhooks-teaching-community-a-pedagogy-of-hope.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2021.

⁶ Tradução livre, assim como as demais citações advindas das obras no original.

obras! Passei a ver o amor como ação, me questionando sempre, a cada dia. Em minhas ações o amor está sempre presente, inclusive em sala de aula.

Infelizmente, você não está mais entre nós. No dia 15 de dezembro de 2021, no momento em que fiquei sabendo que você havia nos deixado, eu estava participando de uma reunião online do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Poder, Cultura e Práticas Coletivas (GEPOL), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), que conheci através do perfil do *Instagram*: “Coletivo bell hooks – Formação e políticas do cuidado”. No momento, a professora responsável pelo grupo teve que interromper sua fala, para nos dar a triste notícia que tinha acabado de saber; e, em forma de uma homenagem, ela pediu que cada um escrevesse uma pequena carta para você, e aqui está o que escrevi naquele momento:

Querida bell hooks,

Acabo de saber que você não está mais aqui entre nós... é realmente uma triste notícia... tão nova, tantos livros ainda a escrever, tantas ideias para partilhar, tantas teorias, lutas, curas para passar para frente... e você se foi... se foi, mas deixou um grande legado, grandes obras... suas palavras, palavras escritas, sua fala... tenho certeza que serão eternas!!! Gostaria de agradecer-lá por tudo o que me ensinou, sobre o feminismo, o racismo, sobre a escola, a Educação, e, principalmente, sobre o amor... foram ensinamentos que me ajudaram em meus estudos, em minha pesquisa, minha prática como professora e minha vida... você realmente mudou minha vida!!! Continuarei lutando para que o amor não seja visto como apenas sentimentalismo, como um tabu na Educação, entre professores e alunos... levarei sua teoria sobre o amor por onde quer que eu vá, em todos os momentos, sendo na escola, na universidade ou nas conversas do dia a dia... para que todos entendam que o amor é o que há de mais importante em nossas vidas, que o amor é uma combinação de cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança; que o amor nos leva à luta, em busca de transformação, de mudança... que o amor é ação... o amor é o que o amor faz!

Esse dia foi muito triste, mas não desistimos, continuamos os encontros para que suas teorias e seu nome não fossem esquecidos. Neste grupo, discutimos seus ensinamentos do livro “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança”, grupo através do qual pude, com grande orgulho e alegria, apresentar seu ensinamento 11: “Um diálogo sincero: ensinar com amor”. Fiz, com todo carinho, alguns slides para poder compartilhar seu ensinamento sobre o amor no ensino, e terminei exibindo o clipe da música: “Amor é luta”⁷, de Bruna Black, cujo refrão é: “*Como falar de amor / Se você não se levanta pra mudar / Falar de amor é luta, dar a mão / E caminhar.*” Acredito que essa música está muito relacionada ao significado de amor que você nos ensina, já que envolve a luta, a mudança, a confiança e a perseverança.

Mas, voltando ao ensinamento que escolhi para essa carta: “Amar novamente”, nele você já começa sua escrita relacionando o amor com o ensino, com a sala de aula. Penso que essa seja uma das formas mais lindas de enxergar o amor, o amor para além do romântico, já que há o amor da família, o amor dos amigos, o amor próprio... e por que não o amor na relação professor-aluno? Por que não o amor no ensino de línguas estrangeiras? Você me dá

⁷ AMOR É LUTA. (Letra: Ariadne Pereira | Lidia Martiniano | Nataly Ferreira | Vitória Silva | Aline Maria | Marcio Pazin). Bruna Black. SigoSom, 2019. Youtube. (2:57). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yCIIwJaYKoo>. Acesso em: 03 mar. de 2023.

esperança em falar de amor, em falar de amor sem ter medo... em ter coragem de espalhar esse amor na sala de aula e na escola. Muito obrigada por isso!

Você começa sua escrita com uma frase simples, mas tão linda: que o amor constitui uma base para a aprendizagem; ou seja, não há como ter aprendizagem sem amor, assim como afirmam Barcelos e Coelho (2016)⁸, que levaram essas discussões sobre o amor no ensino para a área da Linguística Aplicada. E também, como já afirmou meu querido Paulo Freire, que “a educação é um ato de amor” (FREIRE, 1967, p. 97)⁹, e que nos apresentou o tão lindo conceito de amorosidade e sua importância no processo educativo e na vida. Amorosidade que nos faz sermos humildes, termos empatia e compreensão, dialogarmos, olharmos o outro com amor. Você ainda explica que o amor pode empoderar a todos os envolvidos no espaço escolar.

Para você, o amor não é apenas um sentimento... vai muito além, pois você o relaciona com luta e ao conceito de ética do amor, que diz respeito a todos terem o direito de serem livres, é ir em busca da justiça, como você nos incentiva (hooks, 2003), já que, para você, “não existe amor sem justiça” (hooks, 2020, p. 242). Você nos convida a ter fé no poder transformador do amor e a abraçar a ética do amor; pois isso pode transformar nossas vidas, já que ajuda a enfrentar o medo do amor que a sociedade tem, nos dá coragem para defender aquilo que acreditamos, e de realizar as mudanças necessárias, pois quando escolhemos amar, nos movemos contra o medo e a alienação (hooks, 2000). É isso que devemos ensinar aos nossos alunos, o amor como forma de luta, justiça, mudança; coragem para ir em busca dos nossos direitos e da nossa liberdade de fazer e ser quem somos. Você nos traz uma definição de amor como: “uma combinação de cuidado, compromisso, confiança, sabedoria, responsabilidade e respeito” (hooks, 2000, p.7-8), o que você chama de amor genuíno. Você ainda nos explica o que não é amor, nos alertando que o amor não se relaciona ao abuso, e à obsessão por poder e dominação (hooks, 2000).

Conforme você declara, esses ingredientes do amor são essenciais para amarmos verdadeiramente, além da honestidade e da comunicação aberta. Acredito que a comunicação aberta que você menciona tem relação com o diálogo, compreensão e empatia; em ouvir e respeitar a opinião do outro. E quando colocamos em prática essas dimensões do amor em nossas vidas, é que podemos afirmar que abraçamos a ética do amor (hooks, 2000). É uma definição de amor em geral, e que também está relacionada ao amor no ensino, já que precisa de todos esses valores para que ocorra a aprendizagem de conteúdos da escola, mas também de conteúdos importantes para a vida.

De acordo com você, esses são os princípios básicos do amor, e esse é o amor que constitui a base da relação professor-aluno, que incentiva a busca pelo conhecimento e estabelece meios para uma aprendizagem ideal. O amor, em suas palavras, é a “busca apaixonada pelo conhecimento” (hooks, 2020, p. 238). O amor engloba várias outras virtudes e valores: a empatia, o respeito, a compreensão, o afeto, o carinho, a compaixão, a ternura, a esperança... uma pequena palavra que envolve tantos sentidos... E pensar no significado de

⁸ BARCELOS, A.M.F. and COELHO, H.S.H. Language learning and teaching: What's love got to do with it? In P.D. MacIntyre, T. Gregersen and S. Mercer (eds). **Positive Psychology in SLA** (pp.130–144). Bristol, U.K.: Multilingual Matters, 2016.

⁹ FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. Disponível em: <https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/09/5.-Educa%C3%A7%C3%A3o-como-Pr%C3%A1tica-da-Liberdade.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2021.

amor me faz lembrar da música “Principia”¹⁰, do Emicida, em que há uma parte que trata sobre o significado e a importância do amor.

Então, será tudo em vão? Banal? Sem razão?
Seria, sim, seria se não fosse o amor
O amor cuida com carinho, respira o outro, cria o elo
No vínculo de todas as cores, dizem que o amor é amarelo
É certo na incerteza
Socorro no meio da correnteza
Tão simples como um grão de areia
Confunde os poderosos a cada momento
Amor é decisão, atitude

Muito mais que sentimento
[...] Não tá no dogma, ou preso numa religião
É tão antigo quanto a eternidade
Amor é espiritualidade
Latente, potente, preto, poesia
[...] Será tempo o bastante que tenho para viver?
Eu não sei, eu não posso saber
Mas enquanto houver amor
Eu mudarei o curso da vida
[...] Porque eu descobri o segredo que me faz humano
Já não está mais perdido o elo
O amor é o segredo de tudo
E eu pinto tudo em amarelo.

A letra da música toda é muito linda, mas esses trechos abordam o amor como sinônimo de cuidado, carinho, elo, vínculo, certeza, simplicidade, decisão, atitude, espiritualidade, poesia, muito além do sentimento, assim como você acredita, indo além da eternidade, da religião; uma alternativa para a mudança e a transformação, afirmando que o amor é a razão e o segredo da vida!

Quando falamos de amor na escola, amor na sala de aula, amor na relação professor-aluno, muitos nos olham assustados, já têm pensamentos maliciosos, já avisam que não concordam, muitos não querem nem ouvir falar de amor nesse contexto, pois, como você mesma já afirmou, o amor no ensino é visto como um certo tabu (hooks, 2003). Você menciona que os críticos pensam que o amor não tem relação com os processos de ensinar e aprender (os cínicos com relação ao amor, como você os chama), que pensam que o amor pode ser uma perturbação, distração, ou falta de objetividade; e, na verdade, esses críticos, muitas vezes, são os diretores, supervisores, e até mesmo os próprios professores, que não veem esse tema com bons olhos na escola.

¹⁰ PRINCIPIA. (Composição de Emicida/Nave). Emicida. Part. Pastor Henrique Vieira, Fabiana Cozza, Pastoras do Rosário. Sony Music, 2019. Youtube. (5:55). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kjggv0xM8Q>. Acesso em: 03 mar. 2023.

Muitos pensam que o amor é importante apenas para crianças, na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, não sabendo que o amor se relaciona a todo tipo de aprendizagem, para adolescentes e jovens, do Ensino Fundamental II, Ensino Médio, e até mesmo nas universidades. O amor faz diferença onde quer que ele esteja! O que muitos não entendem é que esse amor não tem nada a ver com o amor romântico, que, infelizmente, é o único que a maioria conhece; não sabem que há vários tipos de amor. Você mesma menciona que as definições de dicionários sobre o amor, primeiro e, sobretudo, realçam o amor romântico, o relacionando, muitas vezes, com uma afeição profunda ligada à paixão e à atração sexual, e acabam não descrevendo apropriadamente o verdadeiro significado do amor (hooks, 2000).

O amor não torna os professores menos objetivos, não torna o trabalho deles menos sério, não os torna “bonzinhos”, que aceitam e permitem tudo, assim como você explica.

Com isso, lembrei-me de uma linda carta escrita por Geremias (2021)¹¹, em que a autora conta que nunca deixou de ser amorosa, mas também nunca deixou de exigir que sua autoridade fosse respeitada. Assim, ela explica: “Já havia aprendido que autoridade não implica autoritarismo e a não confundir licenciabilidade com liberdade (de ser, viver e tornar-se mais)” (GEREMIAS, 2021, p. 176-177). Dessa forma, uma professora amorosa não deixa de ter rigorosidade ética e exigir respeito dos alunos.

Para você, o amor também não se relaciona ao favoritismo em sala de aula. Você conta que perguntou a uma aluna se seu amor por ela gerou um clima de favoritismo na sala de aula, e ela, rindo, respondeu que quanto mais você os amava, mais eles tinham que “trabalhar”. E ainda, que o amor não tem relação com a nota que os alunos recebem. Você relata que, no final de um semestre, alguns alunos reclamaram porque não receberam uma melhor nota, e você respondeu que não há relação entre o amor por um aluno e sua nota, pois a nota deveria ser relacionada à qualidade do trabalho do aluno, e explica que o amor não deveria fazer com que ficasse cega diante das verdadeiras habilidades dos alunos, mas sim, que esse amor a fizesse compreender a capacidade deles, e até mesmo suas limitações (hooks. 2003).

O ensinar com amor faz com que o professor se preocupe com o aluno, com sua aprendizagem e com seu bem-estar emocional. O amor no ensino tem relação com a empatia, com o respeito, com o carinho, ternura e afeto do professor para com o aluno. Essa definição de amor se associa ao conceito de amor pedagógico (BARCELOS, 2019)¹², que está relacionado a ouvir os alunos, conhecê-los, saber de suas histórias, gostos e interesses, preocupar-se com eles, com suas emoções, com seu bem-estar, ensiná-los não apenas a matéria, mas ir além, levando para a sala de aula conteúdos importantes que irão auxiliar os alunos dentro e fora da escola, como racismo, feminismo, relacionamento abusivo, *bullying*, gêneros e sexualidades, etc., preocupando-se com um ensino crítico, preparando-os para a vida.

¹¹ GEREMIAS, Bethania Medeiros. Sobre ousadias docentes. In: **Cartas a Paulo Freire**: escritas por quem ousa esperar. Coordenação: Cidival Morais de Sousa; Editores: Antônio Roberto Faustino da Costa e outros. – Campina Grande: EDUEPB, 2021. 464 p. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Cartas-a-Paulo-Freire.pdf. Acesso em: 24 nov. de 2021.

¹² BARCELOS, A.M.F. **Pedagogy of love**: a methasynthesis of studies in education and implications for language teaching. Relatório de Pós-doutorado, 2019.

Há um discurso sobre o trabalho do professor que é malvisto pela sociedade: o ser professor por amor. Não há nada de errado em você afirmar ser professor por amor, mas deve estar atento ao que essa frase significa. Não significa que trabalho apenas por amor e não mereço ser bem pago por isso, que trabalho por amor e por isso não reclamo; muito pelo contrário, é por amor que vamos à luta, em busca de melhores condições de trabalho, melhor infraestrutura, um salário digno; é por amor que também vamos em busca dos nossos direitos, em busca de justiça e transformação. Não é apenas ensinar por amor, mas ensinar com amor, sabendo dos nossos direitos.

Você menciona que muitos professores afirmam não querer ser “terapeutas” em sala de aula, e ignoram as emoções presentes nesse espaço, pois pensam que isso não é relevante; ou por terem medo do conflito que elas podem gerar. Muitos professores declaram não querer ser psicólogos, pois pensam que estão ali apenas para ensinar o conteúdo. Realmente, cada um tem a sua função, não há porque querermos ser terapeutas ou psicólogos, mas não há como também negligenciar as emoções em sala de aula, pois são fundamentais em nossas vidas e fazem parte da sala de aula. As emoções têm um papel notável nos processos de ensino e aprendizagem, já que podem influenciá-los (BARCELOS; RUOHOTIE-LYHTY, 2018)¹³. Da mesma forma, as emoções podem influenciar ações de professores e alunos em sala de aula, por isso, é importante considerá-las, pois é através do conhecimento das emoções dos alunos, que o professor é capaz de compreender seu comportamento em sala de aula e buscar possíveis soluções.

O ensino com amor, assim como você mesma explica, nos possibilita entender que não há como ter uma experiência significativa de aprendizagem sem considerar as emoções dos alunos e aprender a lidar com elas, entender as emoções que podem impossibilitar a aprendizagem, como a ansiedade e o medo, por exemplo. Porém, você comenta que alguns professores têm medo desse amor, têm medo de se envolverem demais nos problemas dos alunos, em suas vidas, e o medo de não saberem estabelecer limites. E você nos esclarece que podem pensar assim, porque a maioria tem uma concepção equivocada do amor, que ele pode nos enlouquecer e nos cegar e pode nos fazer sentir como tolos e ir além dos limites possíveis. Mas, ensinar com amor, na verdade, é compreender a capacidade de cada aluno e promover um ambiente de diálogo em sala de aula, compreensão e empatia, para que os erros sejam tratados de forma natural; um ambiente em que a liberdade de expressão seja estimulada, que os alunos tenham confiança e liberdade de ser quem são e não terem medo de falar suas opiniões e questionamentos e discordar, que eles sejam encorajados a debates e discussões, para que aconteça a troca crítica, o que pode gerar conflitos, já que, em uma sala, podem haver opiniões diversas, mas os conflitos devem ser resolvidos de forma construtiva.

Ensinar com amor é ter discernimento para saber o que fazer em sala de aula a cada dia. Assim, seria criar e inventar, pensando no melhor para os alunos. Isso seria ensinar com amor, o que você denomina de trabalho do amor. Você menciona que há professores que sempre usam o mesmo estilo de ensino, a mesma metodologia sempre; e, por isso, possivelmente, consigam uma sala de aula calma, em que os alunos ficam em silêncio e obedecem a autoridade (ou os professores escolhem atividades que façam os alunos ficarem

¹³ BARCELOS, Ana Maria F.; RUOHOTIE-LYHTY, Maria. Teachers' Emotions and Beliefs in Second Language Teaching: Implications for Teacher Education. In: **Emotions in Second Language Teaching - Theory, Research and Teacher Education**. Juan de Dios Martínez Agudo Editor(eBook). Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-75438-3>. Acesso em: 26 jul. 2021.

em silêncio; ou os alunos respeitam os professores por medo ou ameaças de perder pontos, de ficar de recuperação, de chamar diretor ou supervisor, ou conversar com os pais dos alunos nas reuniões). Assim, os professores podem se sentir bem, porque conseguiram realizar tudo o que estava no planejamento. São professores que têm medo de mudar o planejamento de suas aulas; mas, dessa forma, não se envolvem no processo de aprendizagem, que deveria ser, como em suas palavras, “com totalidade e compaixão” (hooks, 2020, p. 240).

Você nos descreve que uma sala de aula amorosa é aquela onde os alunos aprendem com a presença do professor, mas também com sua prática, com suas ações e seu exemplo. E, quando os professores criam um clima de amor na sala de aula, os alunos são capazes de compartilhar o amor pela aprendizagem. E você complementa com essa linda frase: “Não importa de onde o amor surge na sala de aula, ele transforma.” (hooks, 2020, p. 241). E o amor realmente nos transforma. Quando entendemos o verdadeiro significado do amor, passamos a pensar diferente. Sabemos que não é importante apenas afirmar que amamos a profissão e amamos nossos alunos, mas que devemos colocar esse amor em prática.

Em meu Ensino Médio, eu já sabia, com toda a certeza, que queria ser professora, e foram outras professoras que me influenciaram nessa escolha: uma professora de língua inglesa da rede pública estadual de Ensino Fundamental II, e uma professora de língua inglesa, em um curso de idiomas, que ensinavam inglês através de música. Essa última foi minha professora por anos e explicava com um brilho no olhar. Colocava todo seu amor em suas palavras e gestos, o que me fazia lembrar a professora Maluquinha, de Ziraldo (1995)¹⁴, que encantava seus alunos com seu jeito de ser, que parecia ser um anjo entrando na sala, “uma professora inimaginável” (p. 11). Também quero inspirar meus alunos e, independentemente da profissão que escolherem, que a exerçam com amor. Quero ensinar para eles não somente a matéria, a gramática da língua inglesa, interpretação de texto, culturas de outros países, datas comemorativas; mas conhecimento para a vida! Que possamos discutir, mesmo nas aulas de língua inglesa, temas importantes, e juntos construirmos uma sala de aula melhor, uma escola melhor... um mundo melhor!

Uma das mais belas e importantes frases de seu ensinamento, em minha opinião, é essa: “A educação mudará para melhor em nosso país quando todos os professores aprenderem a amar, tanto fora da sala de aula quanto dentro dela.” (hooks, 2020, p. 242) É essa frase que penso que resume todo seu ensinamento. Você ainda conta de alunos que crescem, seguem suas profissões e a procuram por ensinamentos e conselhos, o que mostra que o poder do amor está além do tempo. E você termina nos lembrando que “[...] o amor sempre nos afastará da dominação em todas as suas formas. O amor sempre nos desafiará e nos transformará.” (hooks, 2020, p. 242), por isso, é preciso colocarmos esse amor em ação no dia a dia e na sala de aula, no momento de planejar as aulas, e na forma como tratamos nossos alunos, pois tudo o que precisamos é de amor!!!

Com todo o amor do mundo, me despeço de você.

¹⁴ ZIRALDO, 1932. **Uma professora muito maluquinha**. – São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1995.

PARTE II

A BUSCA DO SER MAIS E OS REFLEXOS DA HUMILDADE, AMOROSIDADE E RESISTÊNCIA NA PRÁTICA DOCENTE



Ilustração: Janáina Torres Lopes

REFLEXÃO EM FREIRE: PROFESSOR EM CONTÍNUA APRENDIZAGEM

Lenice Lima Miranda¹

Prezado Paulo Freire,

Espero que esteja bem. Eu, aqui estou em uma tarde ensolarada primaveril, envolta por um gramado verde, com seus canteiros de flores coloridas e perfumadas. O vento, vindo da direção da lagoa, passa por entre as árvores e parece assobiar, visão essa que se contrasta com o preto negro do asfalto recém lavado pela chuva passageira. Os carros vêm e vão, assim como grupos de jovens estudantes esbanjando alegria através de seus sorrisos fartos e gestos expansivos. Certamente, eles por aqui passam em busca de seus sonhos e da construção de um futuro promissor.

Visualizo este cenário sentada ao lado do prédio do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais, enquanto faço uma breve pausa da releitura de uma de suas cartas “Professora–tia: a armadilha” do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”², a segunda vez que tenho a grata oportunidade de refletir sobre essa obra. A primeira foi durante minha graduação em Pedagogia, final da década de 1990, exatamente quando ela foi lançada; e, nesse momento, como discente da Pós-graduação stricto sensu em Educação. Isso mesmo, após mais de duas décadas atuando em diversas modalidades da educação, ingressei no Mestrado em Educação, na Universidade Federal de Viçosa.

Essa instituição está classificada entre as melhores do mundo e a 16ª do país, um verdadeiro orgulho para todos que veem a educação como a peça fundamental para a transformação da nação. Nesse sentido, parafraseando Mário Sérgio Cortella³, ousou dizer que a sorte segue a coragem; e é Coragem com letra maiúscula. Enfatizo isso, porque sair da zona de conforto na qual me encontrava profissionalmente e voltar a estudar exigiu de mim muita coragem e motivação. Isso se deu, principalmente, pela vontade que tenho de fazer a diferença na vida das crianças que ainda passarão por mim no trajeto escolar. Acredito que ainda preciso, a cada dia, buscar motivos para me reencantar pela educação, já que as transformações que tanto buscamos e almejamos no mundo e nas pessoas passam, pois, necessariamente por ela, por isso essa retomada se faz tão importante.

Assim, por meio dessa nova oportunidade, mais uma vez me coloco à disposição a aprender, pois como você mesmo diz “não existe ensinar sem aprender”, aprender enquanto viva estou, aprender para poder ensinar, aprender para construir a minha obra e, assim como você, quem sabe, também, deixar o meu legado. Dessa forma, novamente, recorro a Cortella

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Carangola (1998). Licenciada em Educação Especial pela Universidade de Santa Cecília (2020). Pós-Graduada em Inspeção escolar pela Faculdades Integradas de Jacarepaguá (2006) e, também, em Educação Infantil (2020) e Educação Especial (2021) pela Faculdade Única de Ipatinga-MG.

² FREIRE, P. **Professora Sim, Tia Não: cartas a quem ousa ensinar**. 5. ed. São Paulo, 1993. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/armadilha>.

³ CORTELLA. M.S. **A sorte segue a coragem. Oportunidade, competências e tempos de vidas**. 1. ed. (2018).

para expressar esse sentimento que tenho pelo aprender, já que ele, em uma fala, na semana de SINAOP⁴, realizada em 2013 na cidade de Vitória-ES, enfatizou que:

Todo mundo sabe que vai morrer, mas tem muita gente que não faz nada com isso e insiste em ter uma vida fútil, banal, superficial. Morrer é ser esquecido, ou seja, enquanto você se fizer lembrar, não terá morrido. A única forma de ficar, é ficar nos outros. A obra imortal não é a física, é aquilo que não degrada, não estraga, não empobrece.

E, para mim, ser professor ou professora possibilita realizar esse legado: ser imortal, pelo menos por um certo período de tempo. Pois, penso, Freire, que, enquanto um de seus ex-alunos lembrar ou mencionar algum momento construído ou vivido com você, você estará, sim, vivo na presença daqueles que aí ficaram.

Ao ler e refletir sobre uma escrita sua nesta carta que lhe estou respondendo, a qual citarei logo em seguida, veio-me à memória o livro *O Capital*, de Karl Marx⁵. Nele, o autor escreve que tanto a aranha que tece sua teia quanto a abelha que constrói seu favo diferem do homem, que também constrói a casa. Contudo, este último a realiza numa dimensão pensada, ordenada, organizada sobre o objeto a ser construído. Levando essa ideia em consideração, acredito que o você reflete sobre a escrita relaciona-se intimamente ao que Marx pontuou, já que você sabiamente ressaltou que:

É que, na verdade, escrever não é um puro ato mecânico, precedido de um outro, que seria um ato maior, mais importante, o ato de pensar ordenadamente, organizadamente, sobre um certo objeto, em cujo exercício o sujeito pensante, apropriando-se da significação mais profunda do objeto sendo pensado, termina por apreender a sua razão de ser. Termina por saber o objeto. A partir daí, então, o sujeito pensante, num desempenho puramente mecânico, escreve o que sabe e sobre o que pensou antes (FREIRE, 1993, p.07).

Isso me remete a compreender que o pensamento vai e vem, vagueia e retorna aos seus ensinamentos, Paulo. Tal questão se faz verdadeira, uma vez que o ato de escrever não pode ser reduzido a um exercício mecânico, porque é mais complexo do que pensar sem escrever.

Depois dessas reflexões, proponho-me a continuar a pensar nos instigantes pensamentos que o seu livro me proporcionou e nas palavras escolhidas por você durante a obra. Sabe, querido patrono, gosto de pensar no significado das palavras para tentar compreender melhor o mundo. Assim, me questiono: tia? o que significa? Segundo o dicionário da Língua Portuguesa, tia é a irmã do seu pai ou da sua mãe e ponto. Em contrapartida, professora é a pessoa que ensina uma ciência, arte, técnica ou outro conhecimento e, para o exercício dessa profissão, requer-se qualificações acadêmicas e pedagógicas, para que seja possível que o profissional ensine a matéria de estudo da melhor

⁴ Disponível em: <https://www.tcees.tc.br/mrio-srgio-cortella-encerra-com-chave-de-ouro-a-semana-de-sinaop/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

⁵ MARX, K. **O Capital - Livro I – crítica da economia política**: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

forma possível ao aluno. Mesmo quando falamos das professoras da educação infantil – digo professoras, porque as mulheres são maioria na categoria de docentes –, conforme demonstram os dados do censo escolar de 2020, que enfatizam que o Brasil pode ser considerado um país de professoras – 81% no total geral da Educação; na educação infantil, as mulheres ocupam 96,4% das vagas.

Além disso, a sociedade associa a profissão como mais adequada ao perfil das mulheres, cuja grande maioria tem filhos, o que acaba fazendo com que nós sejamos vistas como mais atenciosas, delicadas, meigas e pacientes, características que, diretamente, são associadas ao papel de uma mãe. Porém, para ser professora não é bem assim, não basta querer, é preciso uma formação acadêmica, exigida e assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96)⁶, no artigo 62, que explicita que:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Destaco, também, querido educador, como se faz necessária uma formação durante a trajetória profissional. Isso é importante, pois ser professora não é só cuidar da criança, satisfazendo suas necessidades básicas à sobrevivência com afeto, mas também educá-la. Isso requer, portanto, conhecimento, formação e preparação, afinal, as competências necessárias exigidas ao magistério, através da formação, vão muito além do afeto e do cuidado que as tias podem oferecer às crianças. Por exemplo, uma tia de sangue pode ser também professora daquela criança, mas ela não será parente ou membro da família de todas as crianças. Além do mais, a professora tem um nome, escolheu e exerce uma profissão que com a tal deve ser identificada na sociedade. Acredito, Paulo, que as crianças consigam compreender isso com muita tranquilidade, desde que seja explicado a elas.

A tarde cai e o barulho dos estudantes passando, assim como o dos carros, diminuem bastante, só o vento continua e parece me fazer ouvir você dizendo:

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão. Se pode ser tio ou tia geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos, mas não se pode ser autenticamente professora mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos (FREIRE, 1993, p. 09).

Compreendo, então, que ser professora implica assumir uma profissão. Porém, me indago, o que você mesmo quis dizer com isso? Penso que gostaria que nunca esquecêssemos a nossa condição de eternos aprendizes, para, assim, ensinarmos e aprendermos com prazer, com seriedade, preparo físico e porque não emocional-afetivo? Acredito ainda que a coragem

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei Federal 9394 de dezembro de 1996.

e a ousadia são outras duas características, dentre muitas outras, que precisam estar presentes na profissional professora. Coragem e ousadia para começar a profissão, para permanecer nela e, principalmente, para fazer aos outros e a si mesmo o que a educação propõe em meio a tantas adversidades como as que conhecemos e enfrentamos na trajetória docente.

Continuando minha análise sobre as palavras do título da carta que estou a refletir, busco entender o significado dicionarizado de armadilha. Nele, leio que esta palavra significa: 1. artifício para caçar animais; esparrela. 2. militar: engenho de guerra explosivo, oculto ou dissimulado, para ser acionado inadvertidamente pelo inimigo. 3. *figurado* embuste; estratagemas; cilada. 4. *figurado* engano; logro. 5. *figurado* situação perigosa a que é difícil escapar.

Leio de novo: *situação perigosa a que é difícil escapar*. E, a partir dessa ideia, penso ser esse o seu intuito ao colocar a palavra armadilha no título, ou seja, nos levar a reflexão e nos oportunizar a conscientização do risco que cada uma de nós professoras estamos correndo ao aceitarmos passivamente esse singelo e aparentemente inofensivo tratamento. Aliás, ao contrário, tratamento que quer nos levar a adentrar pelos caminhos do sentimentalismo, do afeto, do trabalho menos valorizado, do silenciamento, de lutar pelo direito de sermos reconhecidas como profissionais, principalmente quando somos interpeladas pelo sentimentalismo, ao ouvir que devemos: “trabalhar por amor, por gosto, por vocação”. Isso, estimado Freire, causa-me muita, mas muita indignação, pois trabalho com amor, dedicação e muito profissionalismo há vinte e sete anos e nunca deixei de olhar meus alunos como seres humanos, de ouvi-los, de apoiá-los em suas fragilidades, tentando compreender suas necessidades. Por outro lado, ser profissional é um direito. Por isso, quero e gosto de me sentir respeitada, pois cursei duas graduações, *Latu Sensu* e agora o *Stricto Sensu*, sem contar as inúmeras formações continuadas feitas durante essa jornada.

Voltando a pensar sobre a questão da escolha do léxico armadilha que mencionei anteriormente, estou lembrando de uma passagem bastante interessante que li uma vez, em que citavam Chuang, famoso filósofo da China antiga, do século IV a.C. Nesse excerto, era frisado que:

[...] o objetivo de uma armadilha de peixes é pegar peixes; quando eles caem na armadilha, ela é esquecida. O objetivo de uma armadilha para coelhos é pegar coelhos; quando estes são agarrados, esquece-se a armadilha. O objetivo das palavras é transmitir ideias. Quando estas são apreendidas, as palavras são esquecidas. Onde poderei encontrar alguém que se esqueceu das palavras? É com ele que gostaria de conversar (NEVES, 2017, p.131)⁷.

Volto, então, a refletir: seria, nesse mesmo viés, a introdução da palavra “tia” para denominar a professora? Não só querendo aqui entender o significado isolado de cada palavra, mas para além disso, busco, prezado Paulo, compreender o seu real significado enquanto inseridos num processo rizomático, numa trama de relações. Também acredito que, enquanto persistir a denominação de “tia” para fazer referência à professora, que parece

⁷ NEVES, E. **Nunca é tarde**. Porto Alegre, 2017.

algo inocente, persistirá, ainda, o caráter ideológico da denominação como armadilha utilizada pelos governantes para impedir que elas lutem por seus direitos. Assim, penso eu, a partir da leitura de sua carta, que, desde que essa ideologia persista, as professoras estarão presas na armadilha do silenciamento, da impossibilidade de construir sua identidade como profissional, como sujeitos de direito e de serem reconhecidas na sociedade como tal. Assim, se a educação, um assunto de interesse público, não for tratada com o devido respeito, não superaremos a já habitual situação de tratamento de desinteresse e de desprezo que presenciamos no Brasil nos últimos anos para com esse âmbito social.

Para dar seguimento à reflexão que tenho feito, atrevo-me a exemplificar com outro fato marcante que trago comigo nesses anos todos como profissional. Tal fato aconteceu em 1995, quando entrei pela primeira vez em sala de aula, em uma turma que poderia chamar de minha. Eu concluí o magistério em 1994 e, em seguida, comecei a lecionar, sem muitos ensaios ou quase nenhum. Na verdade, nesse momento, nascia uma inocente “tia”. Com apenas 18 anos, fui recebida numa escola da zona rural, onde todas eram “tias” e eu, recém-chegada, fui incorporada ao quadro escolar como apenas mais uma tia de quinze crianças com média de idade de quatro anos. Crianças que também estavam vivendo uma primeira experiência no ambiente “escolarizado”, pois, como sabemos, o sistema é assim, funciona assim e você é apenas mais uma peça dele. Contudo, eu sempre fui inconformada com essa situação.

Neste mesmo ano, comecei a graduação em Pedagogia e tive contato com o seu livro: “Professora Sim, Tia Não”, publicado em 1993. Confesso que ser chamada de tia nesse contexto me incomodou desde o primeiro momento em que iniciei a carreira docente. Depois, tive a iniciativa de comprar com o meu próprio dinheiro um crachá para cada criança, inclusive para mim, e, num processo dialógico, enfatizei o uso do nome e, assim, todos começaram a me tratar pelo nome pessoal ou como professora. Considerava-me empoderada, apesar da tenra idade, e, mesmo que ainda me faltasse experiência e que outros colegas me olhassem de modo retorcido, penso que eu transgredi uma regra e fiquei conhecida pelos meus alunos, seus familiares e comunidade como PROFESSORA.

Trabalhei alguns anos nessa mesma comunidade. Mais tarde, agora licenciada em Pedagogia e já atuando na carreira após prestar concurso público, era a mais jovem do grupo de professoras. Aqui – neste micromunicípio da Zona da Mata Mineira, com pouco mais de sete mil habitantes – resido e continuo a minha carreira. No entanto, sempre pensei e procurei pensar diferente, ver além das possibilidades, adquirir mais conhecimentos, possibilitar a mudança de olhar, fazer a diferença na vida daqueles que por mim passassem, fossem crianças ou colegas de trabalho. Procurei nunca me deixar abater ou ser manipulada por aqueles que querem nos silenciar, abnegar nossos direitos, impedir a realização de nossos sonhos e nos tornar invisibilizadas na luta da construção coletiva, por nós e pelos outros.

Em certa oportunidade, quando trabalhei como pedagoga na Secretaria Municipal de Educação (2005-2012), utilizei novamente da necessidade de ousadia, ao idealizar e realizar formação continuada para os pares e para todos os segmentos da educação. Além disso, esse empenho também se fez necessário quando participei ativamente da elaboração do Plano de Carreira e de muitos outros projetos educacionais neste local. Pode ter certeza, Paulo, que eu nunca fugi da luta, nem tão pouco à luta.

Mas sabes bem, querido educador, ser professora, estar professora, exercer a profissão que se escolheu e se preparou para tal, reconhecer a necessidade de assumir com

dignidade sua profissão, de lutar por seus direitos não é luta fácil, não é para qualquer um. É preciso muito mais do que ousar. É preciso forças para resistir, é preciso conhecimento, autoconhecimento e disciplina para que, resistindo às intempéries se possa mudar e compartilhar a mudança com os pares, numa prática que precisa estar alinhada às ideias que visam à democracia. Nisso, os professores exercem um papel fundamental, porque, sabemos bem, que só através de uma educação de qualidade para todos e que prime pelo respeito ao próximo é que poderemos participar da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Ah, ainda acredito que você gostaria muito de saber que por aqui estamos vivendo o processo de transição de governo, renovando as esperanças no campo educacional. Depois de quatro anos difíceis para nós educadores deste país, temos novamente na presidência o Lula, que você tão bem conheceu. A memória de seus feitos pela educação me faz esperar por tempos melhores.

Espero que nesse novo tempo, o medo dê lugar à liberdade, e as professoras, como profissionais, possam, de fato, cumprir com mais um de seus inúmeros deveres, posicionando-se perante os seus alunos, a família e toda a sociedade. Não de forma isolada, mas em posição de união na luta democrática, lugar sagrado, no qual os professores deixam vir à tona os valores da democracia. Anseio, também, que a prática profissional das docentes seja, de fato, o motivo de uma avaliação que enobreça, que cobre e busque melhorias, numa parceria harmônica entre a teoria e a prática e que elas não precisem mais ser confundidas ou associadas às tias, o que tanto camufla sua importância e ação na sociedade.

Paulo Freire, por falar em tia, fico pensando em como encontrarei as escolas, as colegas e as crianças após o retorno do meu estrado. Digo isso, porque depois de vinte e sete anos de serviços prestados a uma instituição municipal e, quase vinte a outra, fomos surpreendidos por uma pandemia que migrou o nosso trabalho para o on-line, levando-nos a conviver diariamente com as tecnologias e proporcionando-nos um universo educacional totalmente novo, no qual as salas de aula foram trocadas pelas telas dos computadores. Como sempre gostei de estudar, aproveitei esse novo tempo para participar da Extensão Universitária, nas mais diferentes Universidades do país e de outras inúmeras formações continuadas, o que reacendeu em mim o entusiasmo em cursar o Mestrado em Educação, na tão sonhada Universidade Federal de Viçosa.

Estou finalizando o primeiro ano desta pós-graduação tão sonhada e construindo meu projeto de pesquisa, cuja temática envolve a formação continuada de professores da Educação Infantil. Nesse momento, Freire, vivendo as alegrias e as dores desse feito, usufruo do direito assegurado, na já citada LDB, de Licença Especial para cursar o Mestrado, processo esse que realizo com muita ousadia e transgressão, ao considerar a minha origem e a trajetória profissional que construí até aqui. Mas, essa é outra história.

Reconheço que existe um fator crucial a pensar antes de iniciar qualquer projeto na vida: O QUERER. E este eu tenho inerente ao meu ser de educadora, que acredita na contribuição dessa formação para a melhoria da minha prática docente, para a possibilidade de mudança de olhar nas instituições em que trabalho e, também, com meus pares e, por último e não menos importante, para a consciência de um lugar no mundo.

A noite caiu e o cenário aqui fora já é outro. E eu, o sujeito pensante, vou adentrar ao departamento e, em um desempenho reflexivo, tomada por todas as indagações que a sua leitura me trouxe e, também, por toda a compreensão que te ler sempre me passa, irei escrever o que sei e sobre o que acabei de pensar. Pode ter certeza, amado patrono, que não

serei a mesma e espero também que todos que tiverem a oportunidade de ler essas breves palavras também não sejam e consigam compreender ainda mais a importância do professor na formação pedagógica-humana-afetiva do discente, que vai além do ser apenas tia, mas perpassa todo o ser humano que ali se constrói, questão que tento sempre levar como ponto chave no meu exercício diário como profissional e humana.

Querido Paulo, receba meu abraço de admiração.
Com carinho,

É BOM PORQUE É POPULAR!

Thaiana Dias¹

“É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”.
(FREIRE, 1993, p. 27)

“Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.
(FREIRE, 2011, p. 107)

Ao querido e eterno Educador Brasileiro,

Estimado Paulo Freire, me chamo Thaiana Dias, nasci no sul de Minas Gerais, em uma cidade bem pequenininha chamada Itanhandu, e gostaria de te dizer que já faz um tempo que venho aprendendo muito com você! Mesmo tendo me formado como professora, narrarei aqui mais o meu caminho como estudante. Talvez minha narrativa vá mais ao encontro com essa educadora-educanda que sempre serei vista que como você mesmo nos indica através de suas obras, aquele que ensina também está sempre aprendendo e vice-versa. A leitura de sua primeira carta - “Aprender: Leitura do mundo - Leitura da palavra”, do livro “Professora sim, tia não - Cartas para quem ousa ensinar”² despertou em mim reflexões, emoções e memórias diversas que compartilharei aqui com você.

Começarei, então, narrando algo que me incomodava muito quando eu era adolescente e que, até então, me marcou muito: o fato de que no ambiente escolar, eu nunca era considerada uma menina bonita. Isso fez com que eu passasse a rejeitar várias das minhas características físicas, como por exemplo, minha altura, visto que eu era considerada muito alta, se comparada com as demais meninas da minha sala e, principalmente, meu cabelo! Meu cabelo cacheado era considerado motivo de piadas e comentários por parte de alguns colegas de sala. Na verdade, questões relacionadas ao meu cabelo era o que mais me aborrecia!

Decidi, então, ao longo do tempo, começar a encontrar formas para escondê-lo. Em casa, meu pai fazia piadas quando eu alisava, o que também não era uma opção para mim. Decidi, dessa forma, sempre usar uma “pituca” no meu cabelo – o que em outros lugares do Brasil é chamado de “coque” – ou, se eu o deixava solto, eu o mantinha sempre molhado. Isso tanto na escola quanto em outros lugares que eu viesse a frequentar. Molhar meu cabelo e passar muito creme era uma opção que eu encontrei de não o deixar “armado”. Isso porque piadinhas do tipo “Ei, Thaiana! Seu cabelo é igual ladrão, se não está preso, está armado”, eram ouvidas constantemente por mim. Claro que também tenho boas memórias da época do Ensino Fundamental e Médio: os amigos que fiz, coisas que aprendi, as boas risadas e os momentos felizes também ficarão para sempre em minha memória.

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (DLA/UFV). Atualmente, também está atuando como professora substituta de Espanhol no Colégio de Aplicação CAp-COLUNI/UFV. E-mail: thaiana.dias@ufv.br.

² FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 43. ed. Olho d'Água, 1993.

Porém, me faltava muita autoestima nessa minha época de adolescência. Além de me sentir feia por fora, com relação às minhas características físicas, me sentia também, muitas vezes, incapaz. Por mais que eu tivesse boas notas nas matérias, sempre me comparava muito com os estudantes das escolas privadas da cidade e eu via que esse era um sentimento de muitas outras pessoas que estudavam comigo. Eu pensava, enquanto estudante de escola pública, que uma universidade federal era muito distante de mim, que eu não seria capaz de acessar algo assim porque afinal eu era “só” uma estudante de escola pública e quem passaria nas melhores universidades do país eram os filhos daqueles que tinham dinheiro para pagar um ensino médio em uma escola particular “de qualidade”. Essas eram minhas crenças até então.

Por incentivo da minha família, depois do ensino médio, decidi que queria fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e passar em uma universidade, mesmo ainda não tendo muita autoconfiança. Como na minha cidade não tinha um cursinho pré-vestibular, meu pai me matriculou em um que se localizava em uma das cidades mais próximas da minha. Porém, como o curso diário era inviável, pela distância que eu teria que percorrer todos os dias e pelo valor a pagar, que seria muito alto, fui matriculada no cursinho todos os sábados, onde fazíamos uma revisão dos conteúdos que foram estudados durante toda a semana, para quem podia participar de segunda a sexta feira. Todo final de semana, então, eu saía bem cedinho de casa para chegar na “cidade vizinha” que ficava mais ou menos a uma hora da minha. Deste modo, eu ficava a tarde toda estudando e regressava no final da tarde, chegando à noite em casa. Assim passei mais ou menos um ano os meus sábados.

Porém, muitas vezes eu me sentia completamente perdida naquele lugar! Tudo parecia tão difícil para mim e eu continuava me sentindo “burra” mesmo. Eu acredito que a maioria dos meus colegas que estavam estudando ali vinha de escolas particulares, visto que eram pessoas bem-sucedidas e queriam cursar medicina ou outros cursos que são muito concorridos nas federais, devido à grande valorização no futuro mercado de trabalho que todos almejavam. Inclusive, quando eu dizia que queria ser professora, todos me olhavam com espanto e me perguntavam: “Então porque você está aqui?” Como se, para ser professor, não fosse necessário estudar para conseguir uma vaga na universidade.

Aos sábados era realmente como se fosse uma revisão para a grande maioria dos que ali estavam, porém, eu só tinha acesso às aulas exatamente desse dia. Eu pagava muito mais barato, contudo, não conseguia acompanhar a grande maioria dos meus colegas de turma. Eram muitos conteúdos em um único dia e eu me sentia cada vez mais perdida! Eu chegava a ficar até mesmo espantada quando os professores faziam perguntas difíceis sobre as matérias estudadas e alguns dos meus colegas respondiam prontamente, com respostas na ponta da língua.

Minha irmã, que residia em Viçosa, percebendo minha situação, me convidou para morar com ela e me disse que nessa cidade, tinha um tal de um “Cursinho Popular” e que eu poderia me matricular lá e tentar uma vaga, já que bastava preencher um questionário socioeconômico e enviar algumas documentações comprobatórias para estudar lá. Ela até chegou a me explicar que esse cursinho seguia bastante as ideias de Paulo Freire. Porém, no momento essa nem foi uma informação muito relevante para mim, porque eu realmente não havia ouvido falar sobre você anteriormente. Decidi, então, ir para Viçosa e estudar no tal Cursinho Popular, que eu nem sabia muito bem como funcionava. E foi precisamente quando te conheci! E, acredite: foi um dos melhores anos da minha vida!

No Cursinho Popular (Diretório Central dos Estudantes - DCE/UFV) não aprendi somente os conteúdos que cairiam no ENEM, comecei também a ter mais consciência de mim, da minha realidade, de onde eu vinha, minha posição no mundo. Comecei a entender, inclusive, porque algumas de minhas características físicas eram tão rejeitadas na minha adolescência e porque achávamos que os alunos das escolas particulares eram mais inteligentes, capazes de passar nas melhores universidades do Brasil enquanto, nós, estudantes de escolas públicas, não. Comecei a ter mais consciência de todas essas questões que comecei narrando no princípio dessa carta! É o que você diz na sua carta também que, “enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é um *quefazer* crítico, criador, recriador [...]” (FREIRE, 1993, p. 29)

Nesse lugar me senti extremamente à vontade e bem recebida: me senti em casa! Depois de muitas aulas, conversas e debates com os professores e colegas de lá, eu cheguei à conclusão de que a princípio, todos os estudantes que ali estavam, vieram de escolas públicas, muitas vezes sucateadas justamente para que as desigualdades sociais se perpetuassem e que precisamente pelo fato de elas serem públicas que deveriam ser de qualidade, visto que a educação é um direito de todos. Isso me lembra até mesmo uma reflexão que um educador do Cursinho Popular trouxe logo no primeiro dia de aula, que vou relatar brevemente a seguir:

Estávamos todos sentados em uma roda no anfiteatro do Colégio de Aplicação CAP-COLUNI/UFV, onde as aulas aconteciam no período noturno, nos apresentando e falando um pouco sobre nós mesmos. Uma de nossas colegas se apresentou, e já no final de sua apresentação, ela disse assim: “Enfim, estou aqui nesse cursinho popular porque não tenho dinheiro para pagar um cursinho particular da cidade!”. Depois de ouvir tudo o que ela falou, nosso professor disse mais ou menos o seguinte: “E que bom que você está aqui! Que bom que você tem a oportunidade de estar aqui! Às vezes pensamos que o cursinho popular não é bom, e que aqueles que temos que pagar por eles são melhores. Porém, e se pensarmos diferente? e se pensarmos que “É BOM PORQUE É POPULAR!? É BOM PORQUE É DE TODOS!?”. Já nesse dia saí com essa reflexão. Nunca mais esqueci o que ele disse: “É bom porque é popular!”.

Nesse dia, também, ele aproveitou para nos falar da educação bancária e que a perspectiva educacional daquele cursinho era diferente. Ele disse que além de estudar pensando em passar na universidade, iríamos debater questões diversas que seriam importantes para nossa formação enquanto cidadãos. Falou sobre autonomia e sobre a importância de sermos curiosos e buscarmos sempre nossos conhecimentos, buscar aprender. É o que você diz também no seu livro “Pedagogia da Autonomia³”, certo, Freire? Quando você diz que “ensinar exige criticidade” (FREIRE, 2011, p. 32) e escreve que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo

³FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. 1 ed. Paz e Terra, 2011.

que não fizemos, acrescentando algo a ele algo que fazemos (FREIRE, 2011, p. 33).

Buscar e ser curioso, Paulo Freire! Aquilo que você chama de “Ser Mais!”, quando você diz na “Pedagogia do Oprimido”⁴ que “os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de Ser Mais” (FREIRE, 2011, p. 72). Ele não utilizou esse termo. Porém, sem saber a expressão que você utiliza, eu entendi exatamente isso naquele momento: que eu também era responsável pela minha aprendizagem e que eu deveria buscar “Ser Mais”!

Ao longo de todo o ano que estudei no cursinho, éramos incentivados a ter autonomia! Ao longo do tempo fui entendendo também porque eu me sentia tão perdida naquele cursinho particular que eu fazia aos sábados! Entendi como tentavam depositar conteúdos diversos em nós em um único dia, com a única intenção de fazermos decorar muitos temas que cairiam no vestibular, mas que muitas vezes eram “passados” de forma totalmente desconectada da nossa realidade. Por isso você diz na sua carta que:

Estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. Por isso também é que *ensinar* não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal [...]”. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto (FREIRE, 1993, p. 33).

No cursinho popular, comecei a estudar muito, a “ler as palavras”, a “ler o mundo” e também a ler o mundo através das palavras. É exatamente o que você diz na carta, que “[...] o ato de estudar implica o de ler, mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra do mundo anteriormente feita” (FREIRE, 1993, p. 29). Tudo com bastante criticidade, isso porque, às vezes, “imersos na realidade de [...] [nosso] pequeno mundo, não [...] [somos] capazes de vê-la” (FREIRE, 1993, p. 33 - *grifos da autora*).

E realmente, ao longo desse um ano que fiquei estudando nesse cursinho, aprendi muito! Refleti sobre temas e questões que até então eu não havia pensado com tanta profundidade. Entendi que eu me sentia bem naquele lugar porque todos os meus colegas ali estavam na mesma situação que eu. Trazíamos sim, falhas no nosso aprendizado proporcionado pelo sistema e que apesar de sermos de lugares diferentes, tínhamos uma trajetória escolar bem parecida. Eu sentia que isso nos uniu e nos fez criar forças para estudar cada vez mais! Estudávamos juntos, víamos documentários, nos esforçávamos e debatíamos sobre temas diversos. Como aprendi naquele ano de 2014! Eu sentia que estava abrindo meus olhos para o mundo e que via tudo com mais clareza!

Comecei a ter questionamentos diversos que até então eu não refletia muito sobre: questões relacionadas à classe, à violência de gênero, ao racismo estrutural e às desigualdades

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

sociais no Brasil, por exemplo. Tudo isso enquanto estudávamos para o ENEM, perpassando todas as outras matérias: Português, Matemática, Biologia, Física, Química, Filosofia, enfim... Todas as matérias eram estudadas ali.

Por isso eu não me canso de dizer: como eu aprendi naquele ano! Como eu cresci! E são aprendizados que seguramente eu levarei para a vida. Jamais esquecerei! E tudo graças a você, Paulo Freire! Tudo que acontecia ali foram os seus pensamentos, suas ideias, seus livros que se multiplicaram em conhecimentos diversos e que movimentavam a atuação daqueles Educadores que se empenharam tanto em nossa Educação. Educadores Multiplicadores que se reconheciam também como seres em constante aprendizagem, que tinham a humildade de dirigir-se a nós, educandos, como iguais! Dialogávamos entre iguais porque tenho certeza que eles entendiam que “não há [...] diálogo se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante” (FREIRE, 2011, p. 111).

Falando dos Educadores que eu tive no cursinho popular, não posso deixar de mencioná-los um pouco mais e agradecê-los imensamente. Afinal, eu os via, todos eles, como jovens comprometidos e engajados a refletir e a fazer a leitura do mundo e das palavras com os educandos. Com isso, o intuito de levar outros jovens oprimidos pelas desigualdades sociais à reflexão e percepção crítica do mundo que habitamos e, quem sabe – se isso fosse o que estes educandos realmente desejassem depois do término do cursinho –, a ingressar na universidade e seguir um rumo diferente daquele que o fatalismo ou o conformismo lhes impunha.

Enfim, e foi essa a minha trajetória com a educação popular ... E claro! No final do ano fiz o ENEM e passei no curso de Letras! Como eu fiquei feliz! Foi um momento de grande felicidade em minha vida! Eu, que me achava incapaz, estava ali, sendo aprovada no curso de Letras pela Universidade Federal de Viçosa. E você sabe a grande contribuição que tem nisso, não é? Afinal, eu sou fruto da tal Educação Popular que eu nem sabia o que era! Me formei na graduação em julho de 2019 e agora também atuo como professora de espanhol. Sempre tento levar em consideração todo o aprendizado que tive com você em minhas práticas! Recentemente, fui aprovada no Mestrado em Linguística Aplicada, também pelo Departamento de Letras da UFV e aqui me encontro novamente com você, realizando a disciplina *EDU 699 - Educação e Razões Oprimidas*.

Desejosa de novos encontros com suas leituras, me despeço cordialmente,

ZIGUEZAGUEANDO ENTRE O DIFÍCIL E O MEDO PARALISANTE

Vanessa Maria Gonçalves¹

Prezado Paulo Freire,

Início esta carta confessando que estou te conhecendo agora e quem está me dando esse imensurável prazer é a professora Bethania Medeiros Geremias, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, no qual ministra a disciplina Educação e Razões Oprimidas. Ela é brilhante como profissional, um ser humano admirável, muito receptiva e gentil. Eu a considero muito afetuosa, pois tem uma peculiaridade notável que é a compaixão pelos animais, uma característica nobre e que diz muito sobre seu caráter.

Bethania, apaixonadamente, é sua discípula, literalmente veste sua camisa. Acredito que com a intenção de nos aproximar de você, sugeri, como atividade da disciplina que ela ministra, a produção de uma carta em resposta daquelas que você escreveu no livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* ou dos *ensinamentos* de bell hooks, no livro *Ensinando o Pensamento Crítico: sabedoria prática*.

Escolhi responder a segunda carta do seu livro e confesso que a princípio a preferência da carta se deu apenas pelo título “*Não deixe que o medo do difícil paralise você*”², porém, quando iniciei a leitura, percebi, na mesma hora, que escolhi a carta certa.

Quando comecei a leitura da referida carta foi como se eu estivesse revivendo a minha trajetória como estudante e como professora. Logo no início, você escreve sobre o difícil e o medo, palavras marcantes na minha vida, principalmente na minha infância. Lembro-me das palavras da minha mãe: “menina larga de ser medrosa, as coisas são difíceis, mas não são um bicho de sete cabeças”. Essas palavras, ao mesmo tempo que me deixavam com sentimento de fraqueza, me encorajavam, pois, se não é um bicho de sete cabeças, consigo enfrentá-lo.

A história da minha infância e boa parte da minha adolescência é marcada pelo medo e pelas dificuldades que eu tinha de enfrentar no ambiente escolar. Lembro-me que morava perto da escola e o simples soar do sino me causava frio na barriga; era algo que eu não entendia, pois, ao observar minha irmã e meus colegas, pareciam tão à vontade em relação à escola e eu sempre com muito receio.

O principal motivo para tanta intimidação da escola, acredito, começou no conteúdo de matemática, pois não acompanhava a turma; assim, o medo e a vergonha me paralisavam e eu não conseguia expor essa dificuldade para meus professores. Mestre Paulo, nessa época, acho que os meus professores não te conheciam, pois o diálogo entre aluno e professor era algo distante. Diante disso, eu encarava essa disciplina com grande temor, o que, de certa forma, criou um bloqueio em relação à disciplina, me causando insegurança por todos os anos como estudante da educação básica. Insegurança que me levou a duvidar da minha

¹ Graduada em História pelo Centro Universitário de Patos de Minas- UNIPAM. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa- UFV. Professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais.

² FREIRE, Paulo. Não deixe que o medo do difícil paralise você. In: **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olho D' água, 1997. p. 27-31.

capacidade de aprendizado e por muitos anos deixei que o medo me paralisasse como aluna e não conseguia enxergar uma saída para esse obstáculo.

Prezado Mestre Paulo, como eu queria que meus professores tivessem conhecido seu livro: *Professora, sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*, porque acredito que se tivessem compreendido e exercido a docência com seus aconselhamentos, minha experiência como aluna teria sido muito diferente.

O interesse em responder esta carta, está na grande ironia da minha vida. Enquanto aluna, o que eu mais desejava era que esse período da trajetória escolar passasse rápido, e jurava que não pisaria em uma escola novamente. O que não sabia era que a vida ia me pregar uma grande peça: doze anos mais tarde a escola, prazerosamente, passaria a fazer parte do meu existir, quando me tornei professora de História.

A escolha pela graduação em História se deu por incentivo de um amigo; era um curso que me chamava atenção porque sempre me identifiquei com a área das humanidades. Fazer a graduação era um sonho, mas, devido às contingências da vida, demorei a retomar os estudos. Ao longo do curso passei por vários percalços, além da questão financeira, problemas emocionais e físicos, como crise do pânico e alopecia, que é a perda de cabelo; porém, sobrevivi a todas elas, pois a vontade de vencer era maior que esses problemas. No entanto, o que eu não esperava era que assim que concluísse o curso, surgiria a oportunidade de lecionar nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio de uma escola na zona rural de minha cidade.

Esse período como educadora foi um momento de grande aprendizado, porém, passei por várias dificuldades, entre elas a falta de experiência em sala de aula, pouco auxílio da escola e excesso de trabalho. Além disso, fomos surpreendidos pela pandemia da COVID 19. Isso mesmo, Mestre Paulo, passamos por uma pandemia terrível, que foi causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado em Wuhan, China, em dezembro de 2019, as tentativas de pará-lo foram ineficientes e logo o vírus se espalhou para todo o mundo. Os Consórcios de Veículos de Imprensa do Brasil apontaram que até 9 de novembro de 2022, 632.870.902 casos foram confirmados em 228 países e territórios, com 6.601.403 mortes atribuídas à doença, tornando-se uma das pandemias mais mortais da história. De fato, ainda hoje convivemos com o vírus, porém, graças à ciência e à tecnologia, pesquisadores conseguiram desenvolver a vacina em um tempo excepcional. Foi um período de muita tensão, mas agora com a vacina estamos saindo do caos e voltando à normalidade.

Em virtude dessa pandemia, o cenário escolar mudou e nós professores tivemos que nos adequar abruptamente para o ensino remoto emergencial, proposto pelo governo diante do isolamento social. Foi um período conturbado, a mudança repentina exigia-nos habilidades para transpor conteúdos e adaptar nossas aulas presenciais para plataformas on-line, sem preparação para isso, causando-nos uma situação estressante.

Por conseguinte, percebi que no campo as dificuldades em lidar com o ensino remoto eram ainda maiores. Isso se deve ao fato de que muitos alunos, por problemas sociais ou de conexão e acesso à internet no campo, tiveram dificuldades de acompanhar as aulas nesse período. Diante dessa situação, temos uma grande preocupação com nossos estudantes; como contornar as consequências dessa pandemia na educação? Como lidar com a desigualdade evidenciada por essa crise sanitária? Mestre Paulo, admito que essas perguntas são uma preocupação diária para nós professores no contexto pós pandêmico, e tenho

certeza que se você estivesse aqui, nos ajudaria a pensar as possibilidades para contornar essas consequências incalculáveis na nossa educação.

Paulo, espero não estar cansando seus ouvidos, mas achei importante te contar sobre a pandemia, afinal foi um momento assustador que trouxe consequências ruins, em todas as áreas de nossas vidas, sobretudo no campo educacional e foi justamente nesse momento que ouvi falar de você.

Algumas frases soltas, às vezes no início de uma reunião quinzenal, na qual a supervisora começava a falar com uma citação sua, como por exemplo: “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizado pelo mundo (FREIRE, 1987, p. 39)”³.

Outras na primeira folha do caderno de plano de estudo que a escola nos apresentava; no mural da escola, em um cartaz feito em algum momento para evento escolar; e até em reuniões de pais ou na recepção de volta às aulas. Enfim, ouvi falar muito de você durante esses anos trabalhados no Estado, porém, devo confessar que naquele momento, apesar de achar as citações interessantes e relevantes, eu não destinava um tempo para pesquisar a seu respeito, e nem mesmo as pessoas que as liam tiravam um tempo para apresentar o autor delas. Sei que é lamentável admitir isso, mas é uma realidade nas escolas, muitos te conhecem, mas de forma superficial.

Entretanto, sempre tive uma inquietação, no sentido de melhorar como pessoa e profissional. Quando me mudei para Viçosa, tive a oportunidade de realizar o processo seletivo de mestrado em educação. Graças a essa inquietação estou tendo a oportunidade e a satisfação de me aprofundar na sua biografia e nos seus ensinamentos, e te prometo que não guardarei apenas pra mim, pretendo fazer discípulos por meio de suas ideias e reflexões.

Na disciplina Educação e Razões Oprimidas, tive a oportunidade de conhecer um autor que escreveu sobre sua obra; o nome dele é Diego Chabalgoity, Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Além de professor dessa instituição, ele é coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Paulo Freire e Educação Popular. Chabalgoity (2015)⁴ no livro *Ontologia do Oprimido: Construção do Pensamento Filosófico em Paulo Freire*, apresenta uma investigação acerca da concepção de ontologia presente na sua obra. Diego considerou três de seus primeiros escritos: educação como prática da liberdade, pedagogia do oprimido e ação cultural para a liberdade.

A professora Bethania realizou como proposta de atividade da disciplina uma mediação de leitura desse livro, na qual cada aluno deveria apresentar um capítulo. Eu e minha colega Anna ficamos responsáveis pelo primeiro, em que é apresentado um esboço da sua obra, no intuito de situar no tempo e espaço suas ideias e vivências. Foi nesse momento que fiquei surpresa com sua grandiosa obra e confesso que surgiu um enorme interesse em te conhecer e entender mais sobre a vastidão de seus escritos.

Mestre Paulo, estou lhe contando toda essa trajetória porque sempre fui muito insegura e temerosa. Seria hipocrisia da minha parte negar o medo, que é real. O perigo que vejo pode até ser infundado para outras pessoas, mas, na minha insegurança ele é concreto,

³ FREIRE, Paulo. **A concepção bancária da educação como instrumento da opressão**. In *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁴ CHABALGOITY, D. **Ontologia do oprimido: construção do pensamento filosófico em Paulo Freire**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

o medo do julgamento, de não realizar a tarefa proposta ou mesmo de não entender um texto complexo e todas essas situações estão sendo experienciadas por mim no mestrado.

A primeira dificuldade que enfrentei no mestrado foi escrever o trabalho final de uma disciplina. É como se naquele momento o medo que eu tinha da disciplina de matemática lá na minha infância voltasse, não como um bicho de sete cabeças, como minha mãe dizia, mas de doze, e achei que não conseguiria sair daquela inércia. Quando comecei a produção do texto, entrei em pânico, a insegurança me travava e de uma certa forma, o medo me paralisou.

Porém, Mestre Paulo, o que me chamou a atenção na sua carta foram as possibilidades que você propõe para superar o medo. Você recomenda que perante o medo, seja qual for, primeiramente é necessário que confirmemos, com clareza, as suas causas e razões. Segundo, se as causas forem de fato existentes, é importante confrontá-las com as possibilidades que possuímos para encará-las com sucesso. Terceiro, se for necessário, adiar o enfrentamento do obstáculo, para que nos tornemos mais aptos para realizá-lo amanhã.

Ao ler sua carta, fiquei mais animada e, com isso, consigo encontrar forças para prosseguir na carreira acadêmica, como você escreveu, pois a questão não é permitir que o medo simplesmente nos paralise ou nos leve a desistir de enfrentar situações adversas, sem luta ou sem esforço. Nesta carta, você nos apresenta reflexões sobre o medo, dando como exemplo o medo frente à necessidade de entender um texto. Com isso, alerta sobre alguns erros e nos apresenta algumas saídas.

Desse modo, a sua primeira orientação, que faço questão de aplicar em todas as minhas leituras como aluna e professora, é sobre a nossa autoavaliação: examinar nosso potencial para compreender um texto. Por exemplo, se pego um texto para trabalhar, preciso identificar se tenho ou não capacidade para compreendê-lo; se caso constatar que minha capacidade está aquém, não devo permitir que o medo me petrifique e faça com que eu desista do texto; uma saída é pedir ajuda e buscar meios que não seja apenas o texto em si, para que, assim, eu consiga superar limitações para a sua compreensão.

A segunda orientação é sobre o erro que devemos evitar enquanto estudamos. Muitas vezes recuamos frente ao primeiro obstáculo e estudar é uma tarefa que, como qualquer outra, demanda responsabilidade. É um processo que exige imersão e disciplina pessoal rigorosa. Outra questão a ser considerada é a maneira como encaramos os estudos. Ou os abraçamos com prazer e reconhecemos sua necessidade ou o assumimos como um verdadeiro peso, um fardo imposto a nós. Em virtude disso, talvez a maneira como o estudo tem sido considerado seja uma das causas do grande número de desistências nas escolas. Naturalmente, se não reconhecemos algo como relevante, a tendência é abandonarmos.

Como vimos acima, a disciplina é algo que devemos buscar e que devemos forjar em nós mesmos. É fato que quando assumimos esta disciplina, mais fortificados ficamos para vencer algumas ameaças, aumentando assim nossa capacidade de estudar com eficácia.

Na carta, você nos apresenta algumas dessas ameaças, tal como não manusear instrumentos que podem auxiliar nos estudos, como por exemplo dicionário e livros. Mestre Paulo, hoje também temos a internet como ferramenta de estudo e, com certeza, se você estivesse aqui, nos aconselharia a usá-la nos estudos, pois, como você aponta, é importante criar o hábito de consultar instrumentos auxiliares.

Outra ameaça ao estudo autêntico é driblar a superação das dificuldades; é a ilusão de achar que estamos entendendo o texto, todavia não colocar esse entendimento à prova.

Será mesmo que compreendemos o texto que acabamos de ler? Por que passamos o estudo para frente e não paramos para nos perguntar se estamos entendendo?

São perguntas que muitas vezes evitamos fazer, talvez pelo medo da frustração de não ter compreendido o texto ou até mesmo por não quisermos revelar a capacidade que temos de nos sabotar. Às vezes, temos a ilusão de que fugir dos obstáculos é a melhor saída, conscientes de que será uma fuga que não nos levará a lugar algum, como você escreveu na carta: “fugir ao primeiro embate é permitir que o medo de não chegar a bom termo no processo de inteligência do texto, nos imobilize. Daí a acusar o autor ou autora de incompreensível é um passo (1987, p. 28)”.

Confesso, Mestre Paulo, que algumas vezes me sabotei e presumo que pelo simples fato de não conseguir assumir minhas dificuldades. Porém, como você nos orienta na carta, não precisamos ter vergonha de não entender um texto. Ler e reler o texto faz parte do processo de compreensão. O compromisso com a leitura tem que ser verdadeiro, não bastando simplesmente passar o olho sobre as frases, sem uma preocupação minuciosa com o significado e sentido das palavras.

Outra ameaça apresentada por você, que compromete a tarefa de estudar com qualidade, é perder o foco durante a leitura, ou seja, permitir que nossa imaginação voe para bem longe. Admito que às vezes me pego nessa situação, estou com o livro apostado, porém, estou pensando em várias coisas, menos na leitura que já, há algum tempo, deixei de lado. Com isso, ela se torna mecânica, sem aproveitamento.

Mestre Paulo, mais ao final de sua carta você analisa um ponto que acho importantíssimo apresentar aqui: a leitura de um texto é uma troca entre o sujeito leitor e o texto, isto é, é uma integração entre o leitor e o autor, em que, o leitor ao reescrever o texto busca fazê-lo com diligência, para não mudar o sentido original e trair o espírito do autor. No entanto, isso só é possível quando se tem a compreensão crítica do mesmo. Nesse momento, o medo de ler já deve ter sido superado em virtude do efeito da disciplina intelectual. Agora consigo entender o porquê você insiste na questão da disciplina. A disciplina de uma leitura bem feita é o que faz perder o medo e, conseqüentemente, a capacidade da escrita, pois é inconcebível escrever sem ler e vice-versa.

No decorrer do mestrado, estou tendo a oportunidade de fazer leituras em grupo, ouvir o ponto de vista do outro. Confesso que a leitura em grupo me traz mais segurança para expor minha compreensão do texto. Durante a discussão do grupo, fica evidente o surgimento de vários conceitos relacionados ao que foi lido, e isso nitidamente enriquece a produção da inteligência do texto.

Em concordância com isso, você, em um trecho da carta que aqui lhe respondo, nos fala da necessidade da leitura como experiência dialógica:

Das melhores práticas com a leitura que tenho tido no Brasil e fora dele eu citaria as que realizei coordenando o grupo de leitura em torno do texto. O que tenho observado é que a timidez em face da leitura ou o próprio medo tendem a ser superados e as tentativas de invenção do sentido do texto e não só de sua descoberta são liberadas (1987, p. 30).

No entanto, para realizar essa leitura em grupo, você sugere alguns aspectos importantes que devem ser cumpridos, como por exemplo, cada participante do grupo deve

fazer uma leitura prévia do que vai ser discutido no encontro; é importante se preparar, como disse anteriormente, sempre estarmos munidos de instrumentos auxiliares para ajudar na compreensão do texto.

Fica nítida nesta carta sua preocupação em nos mostrar a importância do comprometimento com a leitura, pois na posição de educandos ou educadores devemos ser sujeitos disciplinados intelectualmente, buscando sempre fazer uma leitura aprofundada. Você aponta a frustração de como os textos são trabalhados nas escolas; admito que não mudou muito, os alunos na maioria das vezes ficam passivos em relação à leitura, realizando uma leitura mecânica. Creio que como educadores, devemos observar suas considerações e preocupações e levá-las para a sala de aula, mudar a maneira de realizar os exercícios, que muitas vezes não estimulam a criança a pensar. Assim, ela só reproduz o que está escrito.

Acredito que as dificuldades que enfrento no mestrado em relação à leitura se dão porque quando criança minha imaginação não foi estimulada pelos meus professores, não tinha espaço para recontar o que foi lido. Acredito que se minha professora conhecesse esse livro e suas diretrizes, ela abriria espaço para os alunos terem a experiência de recontar as histórias lidas, com isso certamente nos tornaríamos melhores leitores, pois, ao deixar nossa imaginação e sentimentos livres para criar, teríamos mais coragem para produzir conhecimento crítico.

Ao observar seus escritos, entendo que como educadora tenho o dever de incitar a curiosidade dos meus alunos e é importante criar condições para promover a capacidade criadora e a reflexão crítica. Por isso, ler e responder esta carta me fez refletir sobre o medo, a dificuldade, a inteligência, o aprender a pensar e compreender. Com isso, percebi que posso encarar sem medo e sem preconceito o meu processo de capacitação e, para que eu tenha bons frutos, é imprescindível não desistir na primeira dificuldade, como você orienta. É importante observar e usar de maneira inteligente nossas habilidades e, se necessário, pedir orientação de outra pessoa para desenvolvermos melhor essas habilidades. Para vencer os desafios é fundamental impor disciplina intelectual e encarar com rigor as leituras.

Antes de finalizar esta carta, com meus sinceros agradecimentos, quero te dizer que esse livro é um grande presente, pois nos apresenta razões para evitar uma compreensão distorcida sobre a tarefa profissional do professor. Com sua análise sobre “Professora sim, tia não” pude ter outra visão a respeito da profissão docente, pois como professora não percebia que, ao permitir ser chamada de “tia”, estava alimentando uma ideologia, afinal a palavra tia soa tão doce. Como tia, só tenho amor e carinho para oferecer. Mas, é como você escreveu, a tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma inocente armadilha ideológica, em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta, entretê-la no exercício de tarefas fundamentais (FREIRE 1993, p.18)⁵.

Diante disso, sei que a profissão de professora deve ser assumida com grande responsabilidade, é uma atividade que exige seriedade, devemos sempre buscar o preparo científico, teórico e racional. No entanto, você também nos mostra, que seria hipocrisia dizer que ensinamos sem afeto, afinal quando ensinamos, fazemos com sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas e com paixão, pois não dá para

⁵ FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1993.

educar alguém sem amor ou sem gostar de pessoas, então ensinar é uma tarefa prazerosa e também exigente.

Além disso, preciso te dizer que o mundo de desigualdades que você tanto criticava continua o mesmo, embora com outra roupagem, que camuflam e tornam menos escancaradas as contradições. Mas nossas mazelas ainda são causadas pela visceral e má distribuição de renda vigente na sociedade brasileira. O Estado Democrático de Direito é fraco, fato que se manifesta em forma de corrupção em setores e níveis de governo, pois é endêmica nas organizações sociais, bem como com pouca participação popular, na defesa de seus direitos, sem contar a violência presente no campo e na cidade. A opressão, hoje, parece ser menos escancarada, mas isso não a torna menos grave. Neste nosso contexto neoliberal, qual seria hoje nossa finalidade enquanto educadores?

O conservadorismo quer a permanência do *status quo*, quer a reprodução contínua do já existente, pois interessa a resignação de nossas classes populares, a subordinação das mentes e corações à ordem neoliberal vigente. Minha proposta é que nós, educadores, enfrentemos os mitos, conhecendo-os. Os saberes são a base de nossas melhores decisões.

Despeço-me, agradecendo por ter nos deixado esse brilhante livro, pela sua vida laboriosa, uma vida em defesa do coletivo, inspirado pelo amor e pela esperança, por não ter negado o passado e nem os equívocos, mas, o transformado em potenciais para o acerto.

Querido Mestre Freire, eu te agradeço por não nos deixar à deriva no mar da docência. Nunca deixe de nos inspirar, gratidão eterna.

CURSEI PEDAGOGIA PORQUE NÃO TIVE OPÇÃO

Taylla Cristina de Paula Silva¹

Querido Paulo Freire,

A quanto tempo não nos víamos. A última vez que soube de você foi quando eu estava na graduação, por intermédio de outro colega professor. Sinto vergonha de não atender os seus chamados. Ao longo da minha carreira docente você me chamou para conversar muitas vezes, por meio de eventos, palestras, aulas e vivências. Mas, não me aprofundi nas conversas contigo. Sem saber que o que eu mais precisava era te conhecer pelas suas próprias palavras e não por vozes de colegas. Mas, na disciplina *EDU 699 - Paulo Freire e as razões oprimidas* venho te conhecendo melhor e te admirando.

Gostaria de ter conhecido você pessoalmente na minha infância, para te contar minhas experiências como mulher negra que sonhava com o mundo. Os encontros na infância teriam me proporcionado habilidade para lutar sem gastar tanta energia. Entretanto, sei que ao ler seus livros irei me beneficiar pessoal e profissionalmente.

Assim, quando tive a oportunidade de dialogar com você, optei por responder sua carta. “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”² porque logo pelo título identifiquei-me com a imagem que caracteriza o sentimento de desânimo pertencente a algumas pessoas que se inserem nos cursos de formação de professores com relação aos desafios da profissão.

O interessante, querido Paulo, é que quando criança queria ser professora de Educação Básica, por admirar algumas das minhas e naquela época serem admiradas. Na minha mente infantil, eu imaginava que seria uma professora participativa de movimentos sociais, pesquisadora, iria a congressos, motivaria os estudantes. Contudo, quando percebi como eram as condições de trabalho das professoras de Educação Básica, não quis me envolver nessa profissão. Na época, não sabia a distinção na valorização entre docentes universitários e de Educação Básica. Nesse sentido, mudei meu foco para outras profissões e me preparei para alcançar esses cargos que possuem valorização social e econômica, tais como o curso de Direito e Medicina.

Nesse processo, querido amigo, vivenciei situações que me desestabilizaram e sentia que, a todo momento, algumas pessoas realizavam ações para fazer com que eu descreditasse do meu potencial intelectual, inclusive profissionais da educação. Essas ações consistiram em micro ações veladas ou diretas, e perpassou/perpassa a universidade. Os opressores agem de formas manipulativas que nos fazem querer agradá-los, nos transformando em dependentes emocionais deles e, mesmo sabendo que temos um grande potencial, nos minam com suas atitudes. Que campo de guerra! Me podaram tanto, que no final eu acreditava não ser merecedora e incapaz de realizar meus sonhos, mesmo sabendo

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: taylladepaula@hotmail.com

² FREIRE, Paulo. Terceira Carta: “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d’ Água, 1997.p. 32-36.

que se eu fazia eu conseguia desempenhar os propósitos com glória, longe dos olhos dos opressores.

Nesse contexto, no ano do vestibular eu passei por situações que não permitiram que eu desenvolvesse todo o meu potencial para estudar. Então, me inscrevi no vestibular do curso de Pedagogia, por saber que era um curso que conseguiria passar com dois meses de estudos. Na época, não era permitido pensar que se poderia viver bem sem uma universidade ou pensar que se pode ingressar na graduação depois dos 18 anos (tida por muitos como a idade ideal). Ouso a dizer que alguns jovens permanecem vivendo essa pressão.

No primeiro ano do curso me dediquei a construir um bom currículo, para poder cursar uma pós-graduação *stricto sensu*. Assim, durante minha graduação na Universidade Federal de Viçosa (UFV), participei de projetos que me proporcionaram uma vivência como pesquisadora e docente. Nos primeiros anos de universidade, me integrei ao grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG), no qual participei do *Projeto Educação Permanente para Agente Comunitárias de Saúde em Viçosa-MG*.

As discussões nesse grupo possibilitaram enxergar e vivenciar as experiências com relação às discussões de gêneros surgidas no cotidiano da escola, que vão desde a sala de aula até outros ambientes da instituição, realizando ações que perpassam a discussão de gênero. Sobre essa temática, caro Paulo Freire, outro dia nossa turma estava conversando sobre quando você encontrou bell hooks e mencionaram como a partir desse encontro você passou a refletir nas suas obras sobre a posição da mulher.

Simultaneamente, participava do Centro Acadêmico de Pedagogia (CAPED), que entendia a universidade para além da sala de aula. Nesse processo, me envolvi nos movimentos estudantis, participando das discussões e dos protestos. Ah... Paulo, como me sentia viva nesses lugares, lembro-me de quando participei da manifestação com os outros colegas da universidade nas Quatro Pilastras³ e outros locais reivindicando nossos direitos enquanto estudantes e cidadãos. Foram momentos de aprendizagem que influenciaram minha prática docente.

Posteriormente, ingressei no grupo do Programa de Educação Tutorial (PET Educação) e passei a investigar como se dava a trajetória escolar de estudantes de camadas populares ao ensino superior. Nesse processo, como convivia com estudantes surdos e frequentava o curso de LIBRAS, ao realizar o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da minha graduação, me dediquei aos estudos na temática de acesso e permanência de discentes surdos de camadas populares ao ensino superior. Essa oportunidade de estudo me permitiu ir para sala de aula com uma visão pedagógica para os estudantes de inclusão, bem como desenvolver planos de aulas mais cuidadosos e realizar cursos sobre educação especial, quando já formada. Momento que senti necessidade de fazer uma graduação nessa área para aprofundar meus conhecimentos científicos e aplicá-los na minha prática docente.

No processo de formação docente inicial, vivenciei outros momentos que contribuíram para tal formação, como o intercâmbio internacional estudantil que realizei. Ah, amado Paulo, foi uma experiência única em que tive contato com um texto seu em uma apresentação de seminário. Ao retornar para o Brasil, aprofundei meus estudos sobre o processo de formação de professores.

³ As pilastras denominadas 4 pilastras são símbolos da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Paulo, dentre todos os projetos na graduação que participei, tendo em vista que todos contribuíram significativamente para minha prática pedagógica, o mais tocante de todos os citados anteriormente foi o que envolveu a temática de gênero e raça, vinculadas às questões históricas e sociais. Esses projetos, destinados à discussão da trajetória acadêmica de grupos sub-representados no ensino superior, interferiram na minha visão e prática profissional. Nesses grupos de pesquisa, percebi que em lugares privilegiados, nós negros vivemos uma “solidão”, ou seja, são poucos que ocupam esses espaços.

Além disso, todos esses caminhos de formação me possibilitaram enxergar a importância de lutar pela educação em movimentos de greve; ser ativa nas reuniões do sindicato, nas conversas na hora do cafezinho na sala dos professores; realizar leituras constantes para buscar informações; abordar sobre a situação da educação, raça e gênero nas minhas aulas com as crianças; entre outras ações que permitem que eu possa refletir de forma crítica as situações vivenciadas que envolvem o trabalho docente.

Dessa forma, compreendo que a construção do eu profissional docente pode sofrer interferência do ambiente escolar, das políticas educacionais, das experiências vivenciadas e da mobilização pessoal (MARCELO, 2009)⁴. Essa mobilização integra as crenças, valores, o tempo para estudos e compartilhamento de ideias com seus colegas de trabalho para desenvolverem atividades que permitam refletirem o contexto vigente do trabalho docente (MARCELO, 2009).

Ah, querido amigo, tento manter minha mente atenta às interferências políticas e sociais no âmbito educacional, sendo crítica e lutando pelos meus direitos e da comunidade escolar. E em ações diárias tento conversar com algumas companheiras, com os estudantes e com suas famílias sobre a importância de participar desse movimento, principalmente de abrir espaço para dialogarmos com as famílias sobre o projeto da elite brasileira de destruir pouco a pouco a educação pública.

Porém, quando iniciei minha carreira docente, não me enxergava como professora da educação básica. Vivenciava um confronto entre o ideal e o real da profissão e do ambiente escolar. No primeiro ano que assumi uma turma foi na Educação Infantil, espaço em que as professoras nessa instituição são chamadas de “tias”. Claro, que me lembrei de você, querido Paulo! E você como sempre foi citado em uma conversa sobre esse assunto com uma outra professora.

Eu lembro que a professora com quem eu conversava dizia que não aceitava que os discentes a chamasse de “tia”, ensinava-os a chamar de professora. Em resposta a essa professora, mencionei que o que me preocupava era porquê dessa cultura ser reproduzida no ambiente escolar e associei à condição do trabalho docente no Brasil – carga de trabalho excessiva, salários baixos, falta de investimento em infraestrutura, recursos didáticos centrado no livro didático, casos de agressão aos professores aumentando, entre outras condições objetivas e subjetivas –, caracterizada pela desprofissionalização da carreira.

No ano seguinte, fui efetivada no meu primeiro cargo como professora dos anos iniciais e assumi uma turma em minha cidade natal. Retornar àquele município, trabalhar na instituição escolar que reproduzia aquelas mesmas microagressões preconceituosas e

⁴ MARCELO, Carlos. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. Sísifo, **Revista de Ciências da Educação**, n. 8, p.7-22, jan./abr. 2009.

desencorajadoras com os grupos sub-representados me deu ânsia de vômito e, na oportunidade que tive, solicitei transferência para outra cidade.

Além disso, a todo momento me faziam sentir como se estivesse “roubando” o lugar de alguém ao ocupar o cargo, após ter passado por um concurso público legítimo. Aquele ambiente representava a competição entre professoras oprimidas contra sua própria classe. Não percebiam que, ao prejudicarem umas às outras, estavam prejudicando a si próprias. Tenho a impressão que essas atitudes são as que reforçam a situação de opressão do trabalho docente naquela cidade. Nesse local, aqueles docentes que participavam de movimentos grevistas eram tidos como criminosos e preguiçosos.

Querido Paulo, espero que um dia a maior parte da classe de professores possa ouvir seus pensamentos e reconhecermos nossa importância social como profissionais da educação. Logo, nos unimos em uma luta política por nossos direitos.

Tenho certeza de que um dos saberes indispensáveis à luta das professoras e professores é o saber que devem forjar neles, que devemos forjar em nós próprios, da dignidade e da importância de nossa tarefa. Sem esta convicção, entramos quase vencidos na luta por nosso salário e contra o desrespeito. (FREIRE, 1997, p. 32)⁵.

Assim, nessa montanha russa, tentava fazer meu papel e educar por meio de ações que exaltavam a beleza e a inteligência das crianças sub-representadas, sendo a única professora negra e que andava de *bike*⁶.

Nesse percurso, assumi meu segundo cargo como professora de Educação Básica, em uma turma de creche em que a faixa etária das crianças era de seis meses a um ano e meio. Essa fase foi maravilhosa. Apesar do caos nas relações entre os funcionários da instituição escolar, me sentia realizada na sala de aula com meus estudantes. A vontade deles de experimentar e explorar o mundo circundante, características próprias da idade, e o desafio em planejar aulas para uma faixa de ensino não valorizada como profissão ou vista somente como uma atividade de cuidado, me animava e me dava ainda mais estímulos para superá-lo. Além disso, pelo fato das crianças serem de um bairro em que a maioria dos moradores eram negros de camada popular e sujeito a problemas envolvendo o tráfico de drogas, eu procurava fomentar a valorização da cultura do bairro, da inteligência, da beleza e outras características das crianças negras, para que elas não tivessem a sensação de serem esmagadas pelo sistema.

Neste momento, caro Paulo, me recorro de sua colega bell hooks no livro “*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*”⁷ quando menciona como era a prática pedagógica de professoras das comunidades negras em que cresceu. Nessa obra, ela descreve que o trabalho dessas docentes continha cunho político, sendo uma luta antirracista. Pois, o compromisso das professoras

⁵ FREIRE, Paulo. Terceira Carta: “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d’Água, 1997.p.32-36.

⁶ As professoras nessa cidade vão para o trabalho de carro e as bicicletas são destinadas às pessoas que trabalham nas fábricas (não nos escritórios das fábricas). O andar de bicicleta ali era um divisor de margens para aquelas pessoas e para mim a possibilidade de transitar entre os “2 mundos”.

⁷hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

[...] era nutrir nosso intelecto para que pudéssemos nos tornar acadêmicos, pensadores e trabalhadores do setor cultural - negros que usavam a “cabeça”. Aprendemos desde cedo que nossa devoção ao estudo, à vida do intelecto era um ato contra-hegemônico, um modo fundamental de resistir a todas as estratégias brancas de colonização racista (hooks, 2013, p. 10).

Leituras como essas deram maiores engajamentos na minha forma de agir na/para a sala de aula no ano de 2022, permitindo aprofundar temáticas como essas que favorecem no meu trabalho.

Assim, na minha trajetória profissional como professora, observei a necessidade de estarmos em atualização permanente de nossa profissão e prática docente. Nessa perspectiva, no ano de 2020 vivemos um processo de pandemia mundial causada pelo vírus SARS-CoV-2. Nessa conjuntura, o Brasil implementou uma política pública emergencial que consistiu em realizar o ensino remoto, por meio de plataformas virtuais e entre outros recursos adaptados pelos sistemas de ensino. Dessa maneira, querido Paulo Freire, relembro-me de suas ideias sobre tecnologias em que ressalta que a mesma “[...] muda nossas vidas e propõe novos hábitos, novas soluções.” (FREIRE, 2014, p. 72)⁸,

Nesse contexto, nós professores nos vimos com sentimento de dúvidas, ansiosos por vivenciar esse momento. Assim, iniciei minha jornada no mestrado em educação, escrevendo um projeto de pesquisa que tem como finalidade discutir como se daria a mediação pedagógica nas aulas de matemática por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Concernente à área de educação matemática, o uso de tecnologias digitais se acentuou a partir da pandemia (SANTOS *et al.*, 2021)⁹. Conforme Borba *et al.* (2022, p. 26)¹⁰, “[...] o SARS-CoV-2 influenciou a presença de tecnologias digitais em Educação Matemática com a intensidade que nenhum programa desenhado por humanos (ou humanos-com-tecnologias) alcançou”.

Ademais, por meio de observações do contexto atual da instituição escolar pública municipal e conversas informais, tenho notado que os docentes se sentem desafiados a utilizar tecnologias digitais no ensino da matemática, tanto pelos desafios vivenciados com a tecnologia ou com alguns conteúdos da matemática. Ao vivenciarem o ensino remoto, muitos docentes se viram frente à necessidade de se capacitar na área de tecnologias digitais, inclusive eu. Por iniciativa própria, participei de cursos de formação que possuíam como objetivo elaborar/planejar atividades e jogos digitais que contribuíssem para as suas aulas e disciplinas.

Assim, durante o período remoto, meu processo de produção e mobilização de conhecimentos matemáticos e da prática docente foi marcado por múltiplos desafios, na tentativa de associar a matemática às tecnologias digitais e de compreender as potencialidades e limites das tecnologias digitais que eu utilizava. E, nesse momento de formação, vivenciei

⁸ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da solidariedade*. 1.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014. 142p.

⁹ SANTOS, Silvana Cláudia; SANTOS, Daniel Tebaldi; JAVARONI, Sueli Liberatti. A programação computacional e a Educação Matemática: aspectos da amaterialidade na reorganização do pensamento. **Boletim GEPEM**. n. 79 – jul. / dez. P 114 – 126, 2021

¹⁰ BORBA, Marcelo de Carvalho; SOUTO, Daise Lago Pereira; JÚNIOR, Neil da Rocha Canedo. (Org.) **Vídeos na educação matemática**: Paulo Freire e a quinta fase das tecnologias digitais.1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

os anseios de como planejar e desenvolver as aulas de matemática durante as aulas *online*, com o intuito de torná-las efetivas e significativas para os estudantes. Acrescida a esses anseios, havia a preocupação de como tornar as aulas de matemática acessíveis às crianças carentes.

Ah... meu amigo, relembro que em suas falas defendeu que as instituições escolares trabalhassem o direito de crianças carentes serem letradas tecnologicamente, para que as tecnologias contemporâneas sejam usadas para alcançar os objetivos de lutas dos oprimidos (FREIRE, 1996)¹¹. Essa alfabetização tecnológica perpassa o pressuposto da importância de uma formação docente que leve isso em consideração.

Nesse sentido, esse período foi marcado por um imenso compartilhamento de ideias e práticas pedagógicas com nossos pares da escola, com a finalidade de aprimorar nosso trabalho docente. Conforme Marcelo (2009), o ato dos professores de refletirem sobre suas experiências no espaço concreto da escola é uma característica para a formação docente e seu desenvolvimento profissional. No trabalho remoto, experimentei o sentimento de satisfação pela valorização do meu trabalho por setores que tendem a não reconhecer a importância do papel do professor, o que demonstra que não é qualquer um que pode lecionar. Nesse sentido, Nóvoa (2007)¹² discute que as tecnologias têm alterado o cotidiano das pessoas e das instituições escolares. O autor ressalta que o papel do docente nesse ambiente permanece relevante.

Segundo Fonseca (2021)¹³, devemos nos atentar às condições que permitem que os professores – em formação inicial ou continuada – saibam as limitações e potencialidades do uso das tecnologias na educação. Para tanto, é preciso que conheçam e estejam ambientados com os recursos tecnológicos, no intuito de integrá-los naturalmente, considerando o contexto e não os aplicar em atividades aleatórias.

Continuando essa conversa, Paulo, que aqui procuro fazer com sua carta, atualmente atuo como professora da biblioteca escolar na modalidade de ensino médio da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse caminho, desenvolvi um projeto de literatura com os discentes. Ao participar de espaços formativos, ao longo da minha formação docente, resolvi elaborar um projeto literário para dialogar com os estudantes que frequentam esta modalidade de ensino sobre temas que envolvem o racismo estrutural em nossa sociedade e a violência contra a mulher, vinculado ao aprimoramento da habilidade de interpretar textos argumentativos e produção de redação, bem como estimular reflexões críticas sobre outros assuntos relevantes e que interferem na nossa sociedade.

O projeto literário surgiu da intenção de que o discente tenha condições emocionais e acadêmicas para determinar sua participação ou não em cursos de graduação “apenas”¹⁴ pelo desejo de continuar sua trajetória acadêmica. E não pelo fato de acreditar que não possui

¹¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

¹²NÓVOA, António. **O regresso dos professores**. Livro da conferência Desenvolvimento Profissional de Professores para a Qualidade e para a Equidade da Aprendizagem ao longo da Vida. Lisboa: Ministério da Educação, 2007.

¹³FONSECA, Karla Helena Ladeira. **Tecnologias Digitais na Educação**: possibilidades para a formação de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental. Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2021.

¹⁴ Sabemos que há poucas políticas públicas para termos o aumento de vagas na graduação que permitam atender a todos os alunos brasileiros formados no Ensino Médio, caso todos almejem adentrar nesse nível de ensino. Mas queremos que o estudante da EJA da instituição possa ter condições de ser aprovado e acreditar nessa aprovação no Ensino Superior.

qualidades suficientes para alcançar boas notas na classificação da lista de inscritos das universidades/faculdades. Além disso, esse projeto é necessário pois verifica-se a escassez de alunos oriundos da modalidade da EJA, que deram prosseguimento nos estudos, quando comparamos com a relação dos estudantes matriculados no ensino médio regular da mesma escola.

Ao longo desse trajeto do projeto literário, convidei egressos do EJA que frequentaram a escola onde atuo e que estão estudando no ensino superior da Universidade Federal de Viçosa (UFV), uma universidade pública e de qualidade. Os ministrantes tinham o objetivo de compartilhar suas experiências para incentivar os estudantes que assim queiram seguir os mesmos passos. Nas atividades do projeto, o espaço para o diálogo era essencial e era nesse contato que conseguia conhecer a realidade dos estudantes que eram de bairros distintos da cidade de Viçosa - MG.

A partir desse conhecimento, elaborei atividades que discutiam as políticas públicas e os indagavam a refletirem sobre o contexto de vida destes estudantes. Cada encontro era um momento único de aprendizagem com esses discentes. Mas, alguns discentes me incomodavam ao reproduzir frases ou atitudes opressoras que, sem saberem, reforçam a estrutura que os fazia estar naquela posição de oprimidos. Esse incômodo me fez refletir sobre minha prática pedagógica.

Assim, achei necessário e relevante criar um espaço de escrita coletiva entre os próprios discentes, sobre os problemas de infraestrutura dos bairros que eles habitavam, com o intuito de construirmos uma carta para levarmos à câmara de vereadores da cidade. Eles se mantiveram dispersos, sem participação, como se esse movimento não fosse levar a nada. Então, passei a articular com os outros professores e pensamos em trazer um dos vereadores para a escola e eles conversarem com ele, mas foi em vão. Como passar a imagem que por meio da educação podemos modificar? Que esse movimento é importante para sairmos da situação de fatalismo e mostrarmos que estamos aqui?

Paulo, ao falar sobre esse assunto com você, lembro-me de suas falas sobre o medo da liberdade que os oprimidos possuem e que pode causar o fatalismo (FREIRE, 2022)¹⁵. Esse fatalismo normalmente está ligado a justificativas divinas ou de destino ou a algum fado. Outra característica dos oprimidos que observei nessa situação com os estudantes foi a autodesvalia que consiste em acreditarem que são incapazes para realizar algo ou não possuem conhecimento de nada. Essa característica é construída após os oprimidos ouvirem muito de seus opressores que os são assim.

Ah querido, se soubesse como mesmo depois de tantas lutas e pesquisas sobre educação ainda temos os mesmos problemas educacionais que existiam em sua época. Houve um tempo em que pensamos que haveria mudanças, pois vimos muitos negros, estudantes oriundos de camada popular, acessando ao ensino superior. Porém, os tempos sombrios, muito parecidos com os que você viveu, trouxeram retrocesso e estagnação. O atual governo realizou cortes brutais no orçamento destinado às universidades públicas. Em nível estadual, o projeto SOMAR¹⁶, do atual governo de Minas Gerais, vem desqualificando descaradamente a educação pública, manipulando as massas por meio de propagandas enganosas.

¹⁵FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

¹⁶ Esse projeto consiste na entrega da gestão das escolas estaduais públicas a empresas particulares, disfarçadas de O.S.

Caro companheiro, como mulher negra, a partir de estudos e vivências, percebi a importância em estar ocupando espaços não atingidos facilmente pela minha raça e gênero, a fim de possibilitar que as minorias estejam mais presentes nesses âmbitos. Acredito que minha experiência como docente e pesquisadora, pertencente a um grupo minoritário, possa servir de exemplo para outros na mesma situação. Assim, espero que minha presença no mestrado possa incentivar outras colegas de trabalho a frequentarem a pós-graduação *stricto sensu*.

Nesse contexto, ingressei como colaboradora do cursinho preparatório para o mestrado intitulado "Formação acadêmica afirmativa: diversidade na pós-graduação" oferecido pelo Educagera (UFV). O cursinho possui como público alvo negros, LGBTQPIA+ e indígenas, grupos sub-representados nos espaços acadêmicos.

Nesse processo formativo, vou me tornando professora, mas sempre atenta para não reproduzir ações agressivas e opressoras que experimentei. Atualmente, ainda não me encaixo no padrão de professora construído socialmente. Por ser muito militante nos meus posicionamentos e por trabalhar assuntos na sala de aula não aceitos por alguns colegas docentes e familiares, sou criticada. Alguns, visando deslegitimar minhas falas, reagem como se fossem os únicos detentores do saber. Mas, afinal, será que todo esse processo formativo do qual participo ou participei não serviu para nada? Ou querem manter a ordem social e política que os agrada? Continuarei minha luta, na esperança de que mais profissionais da educação, familiares e estudantes possam aderir ao movimento de resistência e defesa da educação básica pública, gratuita e de qualidade. E, que possamos aprender a ler criticamente os projetos políticos associados aos que governam ou querem governar este país.

Abraços de uma mineira apaixonada pela educação!

O SE FAZER PROFESSORA: EXPERIÊNCIAS CONTADAS EM RESPOSTA À CARTA DE PAULO FREIRE

Fernanda Marques da Silva¹

Querido Paulo Freire,

Ler sua carta, cujo título é “Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra possibilidade”², me fez refletir muito sobre minha trajetória de formação. Antes de lhe contar um pouco dela, gostaria de te relatar que, infelizmente, ainda hoje, no ano de 2022, é comum escutar de estudantes de licenciaturas esta mesma frase. Antes de adentrarmos nos desafios atuais, gostaria de lhe contar um pouco sobre mim e minha trajetória acadêmica.

Meu nome é Fernanda, sou pedagoga formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) há oito anos. Hoje, atuo como professora de primeiro ano do Ensino Fundamental, na rede municipal da cidade de Ponte Nova, MG, e sou mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFV.

Sobre minha trajetória escolar, pouco me recordo dos anos iniciais. Lembro vagamente de algumas professoras, cujo amor ou desinteresse pela profissão me marcou. Das poucas recordações que tenho, recordo-me de poucas professoras que me afetaram durante a trajetória no Ensino Fundamental.

Relembrando minha trajetória escolar, me faz ter mais certeza ainda de sua afirmação de que a prática educativa é algo muito sério, pois lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos e ao participar da formação de tais, nós, como educadores, podemos ajudá-los ou prejudicá-los (FREIRE, 1997).

Sobre as recordações, uma delas foi a de minha professora no primeiro ano do ensino fundamental, em uma escola pública de uma cidade bem pequena do interior de Minas Gerais. Ela me marcou pelo seu posicionamento firme, porém amoroso. Estudante de escola pública, eu e meus amigos tínhamos uma realidade parecida e esta professora nos proporcionou, além da aprendizagem significativa, uma linda festa de encerramento do ano letivo, na qual nos levou para sua casa. Lembro que era uma casa grande, que chamava bastante atenção na cidade e que possuía uma linda e grande piscina. Por se tratar de algo distante da realidade de muitos alunos, acredito que este fato ficou marcado, não somente na minha vida, mas de muitos alunos que estudaram com ela.

Por ser filha de militar, as mudanças de cidade eram frequentes e, ao ingressar no terceiro ano – correspondente ao quarto ano hoje – tive que me mudar de cidade. Lá, obtive outras experiências e tive outra professora.

Naquela época era comum separar as turmas por desempenho, ficando os alunos de melhor desempenho em salas com a letra A, seguindo assim até a letra D. Nesta última sala eram separados os alunos tidos como mais indisciplinados e de piores notas. Ao entrar nessa escola, fui inserida no terceiro ano C. Lembro que a professora dessa turma já quase se

¹ Pedagoga, formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestranda em Educação pela referida universidade e professora efetiva da Rede Municipal de Ensino da cidade de Ponte Nova, Minas Gerais.

² FREIRE, Paulo. Terceira Carta: “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d’ Água, 1997.p. 32-36.

aposentando, mostrava total desinteresse com a aprendizagem dos alunos. A aula era marcada por brigas e indisciplina. Ficar alguns dias nessa sala me afetou profundamente, por sentir a forma como eu e os outros alunos éramos desacreditados, vistos como estudantes que “não teriam um futuro”.

Relembrando os dias que passei nesta sala, reflito sobre o como é importante acreditar no potencial dos alunos, pois os mesmos, já inseridos em uma realidade que talvez fosse dura e com grandes dificuldades, queriam apenas ser vistos, notados, por aquela professora. Estas lembranças me fazem refletir sobre a importância de se desenvolver a prática educativa como algo sério, pois ela lida com o futuro de crianças, jovens ou adultos. Penso, também, como o desinteresse de alguns professores ao lecionarem pode acarretar em fracasso de milhares de alunos, que se veem desacreditados em seu potencial. O senhor foi muito sábio ao compartilhar seu pensamento de que:

Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1997 p. 32).

Logo depois fui remanejada para o terceiro ano A, no qual a dinâmica das aulas era bem diferente. A professora era incentivadora, buscava meios para tornar as aulas atrativas e demonstrava gosto pelo ato de ensinar.

No quarto ano do Ensino Fundamental (correspondente ao quinto ano do ensino fundamental, atualmente), me deparei com uma professora amorosa, brincalhona e que me marcou significativamente. Acredito que, pelo amor que ela transmitia ao lecionar, por meio do seu modo de ensinar, pensei, pela primeira vez, em ser professora do Ensino Fundamental.

Assim, prossegui meus estudos, na rede estadual de ensino, contando com diversos tipos de profissionais, desde os que amavam o magistério aos que já eram desacreditados quanto à educação e a profissão, seja pela pouca valorização ou pela situação precária do ensino e das escolas.

Lembro-me que era comum ter professoras como as que você citou em sua carta, que diziam que aquela profissão foi a única oportunidade que tiveram, por se tratar de uma graduação com valor mais acessível, por sua vasta área de atuação, mas que não se viam felizes exercendo-a ou que era algo temporário, até conseguirem algo “melhor”. Havia também aquelas que diziam que era uma profissão para mulheres, por ali conseguirem conciliar a vida doméstica, de cuidados com a casa e filhos e a profissão.

E, então querido Freire, como me tornei professora? Ainda no início do Ensino Médio, ano de 2007, meu objetivo era me formar em Direito, pois o curso de Pedagogia não fazia parte das opções de cursos superiores que eu desejava cursar. Porém, no ano de 2008, com um intenso contato com uma pessoa formada em Pedagogia, o curso passou a se tornar uma opção de formação após a conclusão do Ensino Médio, pois apesar da pouca valorização, apresentava maiores possibilidades de atuação após a formatura. E por se tratar

de um curso noturno, com valor mais acessível, eu poderia conciliar trabalho e estudo. Assim, a Pedagogia passou a se tornar minha primeira opção de formação.

Eu, aluna da rede estadual de ensino e com pouco conhecimento de como acontecia o ingresso nas universidades públicas, tinha como opção cursar o ensino superior em uma instituição privada, mas no ano de 2009 tive a oportunidade de conhecer a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e os cursos ofertados por ela. A partir de então, comecei a pesquisar formas de ingressar na universidade pública, em específico na UFV. Acredito que, por meio do contato e vivência, mesmo que limitada, do espaço acadêmico, houve um agenciamento desejante, e eu, sujeito anônimo, passei a ser praticante de minha história, buscando meios de ingressar naquele mundo, antes tão distante.

Aprovada no vestibular de Pedagogia, no ano de 2010, iniciei o curso no mês de março do referido ano. Devo te contar, Paulo, que as políticas de acesso à universidade também foram um fator muito importante para a realização desse sonho. Ao ingressar na universidade, pude contar com o auxílio alimentação, que garantia minhas principais refeições do dia sem custo algum, além do auxílio moradia, que era pago mensalmente para ajudar a custear minhas despesas de moradia na cidade de Viçosa, pois tive que me mudar para poder estudar.

Ao iniciar o curso de Pedagogia, me deparei com várias disciplinas, às quais ainda não me identificava. Não compreendia como aquilo iria me auxiliar em sala de aula. Porém, uma disciplina em específico ampliou meu olhar sobre o curso e formas de atuar e me fazer professora. O nome desta disciplina era Práticas de Formação Acadêmica, ofertada nos dois primeiros anos da graduação. A partir dela, pude conhecer alguns programas e projetos que eram desenvolvidos na universidade, em específico no Departamento de Educação, e as possíveis áreas de atuação do pedagogo, após a conclusão do curso.

Em uma das visitas aos espaços que eram desenvolvidos estes projetos, tive contato com a Ludoteca, ao estudo da infância e à promoção de atividades lúdicas para crianças das escolas da cidade de Viçosa e região.

Eu te confesso que conhecer a Ludoteca me fez sentir a necessidade de vivenciar aquele espaço, para que minha formação fosse para além das salas de aula e das disciplinas obrigatórias. Logo no primeiro semestre, regresssei à Ludoteca e me ofereci para atuar como voluntária. Durante minha participação, vivenciei e fiz parte de grupos de estudos sobre a infância, elaborei atividades e materiais para trabalhar de forma lúdica com crianças, conheci sobre a atuação do professor como pesquisador, teorizando a realidade e analisando as vivências. Atuei como voluntária na Ludoteca por um semestre.

No segundo semestre do curso de pedagogia, em um dos trabalhos da disciplina mencionada, foi proposta a realização de uma pesquisa e trabalho em grupo sobre algum projeto que era desenvolvido na universidade. O grupo em que eu estava inserida escolheu realizar a pesquisa sobre o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG). Durante a minha pesquisa, comecei a frequentar o grupo de estudos realizado por este núcleo e minha participação gerou em mim o desejo de me integrar mais ativamente dos trabalhos realizados por eles, pois me identifiquei com a temática e acredito que a vivência naquele espaço fez

surgir em mim um desejo que pode ser identificado “como um agenciamento, produção. Produção de nova sensibilidade, maneira de existir” (SIMONINI, 2013, p. 519)³.

Durante o período que participei do Núcleo, pude vivenciar algo oposto do que até então tinha experienciado. No NIEG, comecei a conhecer um pouco mais sobre estudiosos que trabalham sobre gênero e relações de poder, além de ter a oportunidade de estruturar, produzir material e atuar em um “Curso de Formação para Agentes de Combate às Endemias” e um curso de “Formação dos Profissionais das equipes de Saúde da Família: Introdução ao Trabalho na Atenção Básica à Saúde”, turmas I e II.

O NIEG me oportunizou, também, a elaboração do meu primeiro artigo científico, em conjunto com outros estagiários, voluntários e bolsistas atuantes no núcleo. Além de participação e apresentação de trabalhos em Congressos que abordam o estudo de gênero. Posso dizer que lá me senti produtora de conhecimento, na medida em que pude refletir sobre a realidade imposta muitas vezes às mulheres e identificar questões, como limitar a profissão de professora às mulheres. Posso dizer Freire, que lá começou meu processo de libertação.

Em dezembro de 2010, foi criado no Departamento de Educação, o Programa de Educação Tutorial (PET-EDU), que possuía como temática o “acesso e permanência de estudantes de camadas populares à universidade”. Como era um programa novo, a oferta de bolsas era grande e isso fez com que eu fizesse a inscrição para o processo seletivo de recrutamento de estudantes. Fui aprovada, porém não como bolsista, mas como voluntária. Mesmo assim, comecei a participar do programa, que tinha como finalidade proporcionar aos estudantes do curso de pedagogia, que apresentavam o perfil de estudante carente e com baixa renda, a vivência em um programa que permitiria a atuação em áreas do ensino, da pesquisa e da extensão.

O PET/EDU, além de me proporcionar maior vivência/experiência na área de Ensino, Pesquisa e Extensão, me apresentou estudos dos clássicos da Sociologia e Filosofia, que era algo que até então não tinha acesso. Durante minha participação no PET, tive a oportunidade de ler *A República*, de Platão; *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel; *O Capital* de Karl Marx, entre outros.

O estudo de clássicos da literatura e o encontro com os estudos e textos do sociólogo Pierre Bourdieu, me fizeram refletir sobre minha trajetória escolar e sobre a importância de se pensar o caminho a ser trilhado para obter uma trajetória acadêmica de sucesso. Estudante, oriunda de uma família de classe social baixa, com pouco capital cultural adquirido até o ingresso na universidade, comecei a traçar meios para poder trilhar um caminho diferente do que o estudo desse sociólogo me mostrava como certo para meu futuro.

Procurei “táticas” que fizessem com que eu me diferenciasse do restante dos meus colegas de turma. Com isso, busquei realizar um intercâmbio acadêmico. O intercâmbio não era algo muito comum aos estudantes de pedagogia e nem para estudantes que cursavam as áreas das Ciências Humanas. Então, vi nele a oportunidade de adquirir experiência e vivência em uma cultura diferente, aprendizagem de um novo idioma e conhecer o sistema educacional de outro país.

³ SIMONINI, Eduardo Lopes. O desejo dos anjos. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 503 - 524, jul./dez. 2013.

Sobre o intercâmbio, ele aconteceu no ano de 2012, no período de julho a dezembro. Meu intercâmbio foi realizado na Colômbia e posso dizer que foi uma experiência incrível. Lá, percebi o quanto você é reconhecido. Nas disciplinas ofertadas nas licenciaturas, muito se fala sobre você, sobre o que deixou de lições para o mundo todo. Durante meu período na Colômbia, pude valorizar também nossa educação, que apesar de precária, é ofertada de forma gratuita, diferente de lá, onde o ensino superior deve ser pago, o que dificulta ainda mais o acesso de pessoas desfavorecidas economicamente.

Ainda, durante a graduação, vivenciei e fiz parte de vários projetos, alguns ligados à extensão e outros à pesquisa. Nos estágios obrigatórios, encontrei as primeiras dificuldades do magistério. O contato com professoras atuantes e suas críticas ao ensino me fizeram ver que grande parte das professoras pareciam estar ali por falta de opção, mas, mesmo assim, me formei em pedagogia e sou professora hoje, como já disse a você. Durante esses oito anos atuando nas escolas, vivenciei realidades duras. Atuante em escolas periféricas, nem sempre a realidade que estava inserida era favorável ao ensino, seja pela falta de material, indisciplina ou até mesmo por causa de fatos decorrentes das desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, como a fome, que dificultava muito o processo de ensino-aprendizagem.

A realidade dos alunos em escolas públicas periféricas é dura de se ver, por mais que tentamos compreender e adentrar a realidade vivenciada por tais, ainda assim, ela se tornava muito distante daquilo que fazia parte do que eu vivenciei e vivencio como ser social. Acredito que o me pôr no lugar deles, por mais que tentasse, era algo que jamais poderia mensurar.

Tive alunos que estavam ali somente para garantir a alimentação básica. Alunos, cujos responsáveis deveriam ter a obrigação de proteger e zelar por eles, se viam muitas vezes desamparados, talvez por falta de tempo dos pais que precisavam trabalhar exaustivamente.

Eu, como professora, imersa naquelas realidades, buscava meios para tornar o processo de aprendizagem o mais prazeroso possível para aqueles alunos que, ainda tão novos, já vivenciavam uma dura realidade. Mostrar aos alunos o poder transformador da educação é algo que prezo muito e isso aprendi com você Freire. Mostrar a eles como a realidade pode ser modificada, como conhecer nossa realidade e dificuldades para assim transformá-la, é algo desafiador, mas que tento fazer diariamente com meus alunos.

Sobre a qualidade do ensino, não tenho lá boas notícias. Estamos vivendo tempos difíceis, com grandes cortes na educação e desvalorização da profissão. A desvalorização se deve tanto pelos baixos salários dos profissionais que atuam na Educação Básica e péssimas condições de trabalho quanto por dificuldades em sala de aula, como indisciplina. A violência tem adentrado as escolas, de forma sorrateira. Ainda podemos presenciar vários acontecimentos de violência por parte de alunos e até mesmo professores.

Ainda hoje, se tem urgência em melhorias na educação, e tal fala sua, se torna atual, mesmo compartilhada há anos atrás, de que:

É urgente que engrossemos as fileiras da luta pela escola pública neste país. Escola pública e popular, eficaz, democrática e alegre com suas professoras e professores bem pagos, bem formados e permanentemente formando-se. Com salários em distância nunca mais astronômica, como hoje, frente aos de presidentes e diretores de estatais (FREIRE,1997, p. 33).

Acredita que em pleno século 21 ainda é comum presenciarmos diversos tipos de discriminação? Seja pela cor da pele ou orientação sexual. Parece até que houve um retrocesso com relação a isto. E nós, professores, muitas vezes nos vemos coagidos quando tentamos abordar alguns temas em nossas aulas.

Posso te falar que os últimos anos foram desafiadores... Passamos por uma pandemia mundial, causada pelo vírus SARS-CoV-02 (Covid 19) nos anos de 2020 e 2021. A pandemia fez com que perdêssemos várias pessoas queridas e milhares de vidas foram interrompidas durante ela. Vimos pessoas jovens, com milhares de planos e sonhos indo embora, idosos e crianças. Foi algo realmente assustador.

Sobre a educação? Durante esse período a educação também teve que se adaptar, assim como toda a sociedade. Tivemos que nos manter isolados de quem amamos, sem poder abraçar, beijar ou ter qualquer tipo de contato durante meses. As salas de aula, cheias de vida, com crianças interagindo umas com as outras, foram trocadas pelas aulas virtuais, nas quais o contato se deu por meio de aparelhos eletrônicos e blocos de atividades. Cada um tentou se adaptar da melhor forma possível para que nossas crianças não tivessem grandes perdas educacionais.

Como educadora, te garanto que tentamos fazer o melhor para nossas crianças, para oferecer uma educação de qualidade e significativa, mesmo em tempos difíceis. Durante esse período, também tivemos em nosso país um governante pouco empático. Passamos por um período em que a veracidade de estudos científicos era questionada. Os investimentos em áreas como saúde e educação foram diminuindo drasticamente. Nossas universidades sofreram e ainda sofrem com a falta de investimentos por parte do Governo Federal que se finda, mas resistimos, firmemente a este período sombrio.

Hoje, no fim do ano de 2022, com a pandemia controlada, estamos tentando nos reerguer. As escolas estão cheias novamente: de vida, de vontade de aprender e de recuperar o tempo perdido. Acredito na chegada de um novo tempo, no qual a educação e seus profissionais recebam o valor necessário. Como disse, “é urgente que o magistério brasileiro seja tratado com dignidade para que possa a sociedade esperar dele que atue com eficácia e exigir tal atuação” (FREIRE, 1997, p. 35). Espero que haja maiores investimentos onde se precisa, como saúde e educação. Tempos de menos intolerância e maior amor ao próximo, onde se possa respeitar o outro, suas escolhas, suas características e modos de viver.

Como você mesmo diz, é preciso que tenhamos esclarecimento sobre a necessidade de uma luta política, por busca de melhorias para nossa população,

[...] a necessidade de esclarecer a opinião pública sobre a situação do magistério em todo o país. A necessidade de comparar os salários de diferentes profissionais e a disparidade entre eles. É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá (FREIRE, 1997, p. 35).

Desejo firmemente que haja melhoria das condições de trabalho do magistério, melhor reconhecimento do poder transformador dos professores e valorização da profissão, pois, assim como você, concordo que há urgência em se tratar o magistério com dignidade. E termino esta carta reforçando suas palavras de que “nenhuma sociedade se afirma sem o

aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia, do ensino” (FREIRE, 1997, p. 36).

Despeço-me assim,
Fernanda Marques da Silva.

RELATOS DE UMA EDUCADORA QUE SEGUE APRENDENDO E ENSINANDO

Mariana Moreira dos Santos¹

Querido Paulo Freire, escrevo essa carta em resposta à carta escrita por você intitulada: “Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas”, retirada do livro “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”². Pretendo, nesta carta, compartilhar com você a minha trajetória e dizer como os seus ensinamentos têm sido importantes para o meu trabalho como educadora. Me identifiquei com essa carta porque nela você apresenta características que são fundamentais para a prática docente de um educador progressista, sendo que, as virtudes destacadas são adquiridas a partir da prática em consonância com a opção política do educador.

Gostaria de iniciar contando dos caminhos e das inspirações que me levaram à docência. Ser professora nunca foi meu sonho de criança. Em minhas brincadeiras na infância eu imaginava que seria médica, jornalista, policial, mas nunca havia passado pela minha cabeça ser professora. Comecei a estudar muito nova. Sempre nutri um sentimento de carinho e respeito pelas educadoras que passaram pela minha vida. Além disso, eu sempre gostei do ambiente escolar, e costumava participar de atividades extra turno que as escolas onde estudei ofereciam. Contudo, mesmo com o ótimo convívio e com as boas experiências vividas durante a infância, eu não pensava em ser professora.

Falando de lembranças, gostaria de dividir com você recordações do meu processo de alfabetização, pois me recordo até hoje com carinho desses momentos. Lembro-me com afeto da professora que me ensinou a ler e as recordações que eu tenho sempre me enchem de alegria. Comecei a ler as primeiras palavras e a escrever pequenas frases no primeiro ano do Ensino Fundamental. O sentimento de descoberta e conquista – a cada nova palavra lida – tomavam conta de mim. Na escola, toda segunda-feira, tínhamos um momento de leitura. No cantinho da sala ficava uma mesa cheia de livros e gibis que podíamos escolher. Eu sempre gostei de ler os gibis, viajava pelas histórias da turma da Mônica e o meu personagem preferido era o Chico Bento, pois adorava o jeito simples e teimoso do personagem que vivia no campo. Apesar disso, essas leituras não eram suficientes, eu sempre queria mais.

Foi então que minha professora sugeriu que eu pegasse livros emprestados na biblioteca municipal, que ficava na rua da escola. Toda sexta-feira, no final da aula, eu ia ansiosa escolher um novo livro, que eu levava para casa e lia durante o final de semana. Cultivei o hábito de pegar livros emprestados na biblioteca por dois anos, até que eu troquei de escola. No entanto, a leitura ainda estava muito presente no meu cotidiano, porque meus pais sempre cultivaram o hábito de leitura em casa. Costumávamos, aos domingos, após a missa, ir à banca de jornal. Enquanto meu pai comprava o jornal eu ficava folheando as revistas, gibis e álbuns de figurinhas que vendiam na banca.

¹ Pedagoga pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (PPGE - UFRV).

² FREIRE, Paulo. Das qualidades indispensáveis ao melhor desempenho de professoras e professores progressistas. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo - SP: Olho d'água, 1997. p. 37 - 43.

O gosto pela leitura permaneceu durante muitos anos, mas, na medida que fui crescendo, começou a despertar aos poucos em mim, o interesse pelo ensino. Eu era uma jovem muito participativa na escola. Participava de grupo de jovens, de teatro, e fui líder de turma por diversas vezes e sempre estive presente e ajudando nos eventos da escola.

A escola na qual eu estudei durante a minha adolescência era uma instituição de ensino Católica e foi no grupo de jovens que comecei a perceber o meu interesse em ensinar. Nesse grupo, eu e meus colegas éramos assessores das crianças que faziam parte da Infância Missionária, que é uma obra da Igreja Católica que tem como objetivo ensinar às crianças e aos adolescentes sobre a dimensão missionária. Foi assessorando essas crianças que o entusiasmo ao ensinar se manifestou com mais força, porque eu me sentia feliz em poder compartilhar com elas os conhecimentos que havia aprendido na Igreja e, aos poucos, todos ao meu redor começaram a elogiar a forma como eu lidava com as crianças. A partir desse contato, fui desenvolvendo habilidades e, mesmo que não estivesse claro para mim, iniciou o meu desejo pela docência.

Na medida que os anos foram passando eu fiquei cada vez mais interessada pela docência, pois tive excelentes exemplos de educadoras que me inspiraram. Gostaria de trazer, nesta carta, duas pedagogas que me influenciaram positivamente durante a minha trajetória no Ensino Médio e que foram fundamentais para eu decidir cursar Pedagogia. Uma delas era coordenadora pedagógica e a outra era orientadora educacional, ambas trabalhavam na escola onde eu estudava. O que mais me chamava a atenção, era a forma como elas tratavam os estudantes, pois percebia que elas utilizavam a comunicação não violenta para lidar com os educandos e com os diversos conflitos que haviam no cotidiano escolar.

Mesmo tendo boas lembranças das outras escolas e profissionais da educação que passaram pela minha formação escolar, eu nunca havia presenciado tal conduta. A comunicação era peça fundamental no trabalho das duas. Elas estavam sempre abertas ao diálogo. Em suas aulas, havia espaço para os estudantes expressarem suas queixas, angústias e dúvidas e elas estavam prontas para ouvir atentamente. Como você mesmo nos ensina, o diálogo é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, é por meio do diálogo que os educandos expressam seus conhecimentos, suas dúvidas e inquietações e o educador, através do diálogo, reconhece e respeita o educando, como sujeito importante e ativo no processo de ensino. Ou seja, sem diálogo não há ensino, pois, para que o ensino verdadeiro ocorra, é necessário reconhecer que educadores e educandos atuam igualmente nesse processo.

Inspirada pelo trabalho dessas duas profissionais, aliado ao desejo de ensinar, que eu decidi cursar pedagogia. Entretanto, enfrentei barreiras na minha família porque meus pais não eram favoráveis à minha escolha. Minha mãe queria que eu cursasse Direito e o meu pai não tinha nenhum curso em mente, mas acreditava que eu deveria fazer algo que me trouxesse um retorno financeiro melhor. Ambos me alertavam sobre a falta de valorização financeira e profissional que o professor tem. Nesse período, eu cheguei a realizar o vestibular para o curso de Psicologia e passei, mas mesmo assim, não me sentia feliz com a ideia de cursar algo que não me traria felicidade e realização profissional.

Apesar das objeções familiares, eu tive ajuda externa que me permitiu ter clareza de qual curso fazer. Isso ocorreu no 3º ano do Ensino Médio, quando a escola ofereceu aos estudantes encontros com um psicólogo que trabalhava com orientação profissional, ajudando jovens a decidirem qual caminho seguir nesse âmbito. A partir das dinâmicas, testes, visitas em escolas, conversas com diversos profissionais, pude decidir o curso que iria

fazer. Mesmo com a resistência que os meus pais tiveram no início, eu me posicionei firmemente sobre a minha escolha de curso. Durante a graduação e até hoje, eles me apoiam e se sentem orgulhosos da professora que me tornei.

Foi na graduação que tive o meu primeiro contato com a docência de verdade. Durante todos os anos de curso eu estudei e trabalhei na escola onde eu me formei. Primeiro trabalhei como estagiária e, depois, como monitora. Nesse período, tive que tomar a difícil decisão de escolher entre o trabalho ou aproveitar as oportunidades que a universidade oferecia para os estudantes, como iniciação científica, participação de projetos de extensão, de grupos de pesquisa, entre outras inúmeras possibilidades.

Caro Freire, aprendi com você que decisão é uma das virtudes que o professor progressista deve ter, no entanto não é uma tarefa fácil. Quando decidimos algo, estamos optando por alguma coisa e abrindo mão de outra, para decidir é necessário avaliar as opções de forma cautelosa, e só assim, seguras da escolha, podemos decidir. E como educadora, segura das minhas escolhas, saber ensinar essa difícil habilidade de decidir aos educandos.

Dessa forma, segura da minha decisão, eu me dediquei ao trabalho na escola. Fiz dois anos consecutivos de estágio em turmas de 1º ano do Ensino Fundamental. Com as professoras das classes, aprendi na prática sobre o processo de alfabetização e pude acompanhar de perto o desenvolvimento das crianças e, a cada descoberta que eles faziam, eu relembra do meu processo de alfabetização. Foi incrível poder presenciar as crianças aprendendo a ler e escrever as primeiras palavras. Após esse período como estagiária, eu trabalhei como monitora. Fazia de tudo um pouco na escola, e lá adquiri experiências importantes para minha formação.

Mas, querido Freire, foi somente no curso de Pedagogia que tive o meu primeiro contato com suas obras. Lembro-me que no primeiro semestre de curso, na disciplina de Filosofia da Educação, o professor era um entusiasta do seu trabalho, ele levava os seus livros e expunha-os na frente do quadro e falava sobre cada um e sobre você.

Outro momento em que tive a oportunidade de aprofundar sobre os seus ensinamentos foi na disciplina de Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), em que a professora trazia suas contribuições para a alfabetização de jovens e adultos. Nas aulas, pude aprender sobre as palavras geradoras, que serviam de base para a elaboração de materiais, as situações-problema e os círculos de cultura, espaço em que aconteciam os debates e que eram importantes para o início da alfabetização. No meu trabalho de conclusão de curso, eu realizei uma análise documental para investigar como as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDIC) estão inseridas na Base Nacional Comum Curricular, com foco na área de Ciências da Natureza. Nesta escrita, eu não deixei de mencioná-lo, mobilizando seu posicionamento crítico frente às TDIC, em especial, quando você alerta para a necessidade de pensar a tecnologia para além do tecnicismo e sugere uma formação que não esteja limitada ao treinamento para o uso de ferramentas.

Em 2020, que seria o meu último ano de graduação, o mundo ficou devastado devido a pandemia da Covid-19, causada pelo coronavírus que circulou pelo mundo e matou milhares de pessoas. Esse vírus trouxe mudanças sociais, econômicas, políticas e educacionais, devido às medidas de segurança impostas pelas organizações de saúde, como o distanciamento social e o uso de máscaras, ações necessárias para diminuir a circulação do vírus. Diante disso, as instituições de ensino, os educadores e educandos tiveram que se adequar às medidas impostas. Desse modo, o ensino que até então era presencial, se tornou

remoto, a interação entre os sujeitos se tornou a distância, levando à preocupação, por parte dos professores, de como ensinar os estudantes, remotamente e de forma qualitativa.

As mudanças educacionais foram difíceis, tanto no que se refere ao acesso à tecnologia, quanto na adaptação dos educandos e educadores. Na pandemia, as desigualdades ficaram evidentes, sobretudo a exclusão digital, que é consequência da exclusão social. Muitos estudantes de classe populares, que não possuíam elementos básicos de sobrevivência, tiveram maiores dificuldades para acessar tecnologias adequadas para prosseguir com os estudos. Eles não tinham, muitas vezes, um lugar adequado para estudar e muitos abandonaram a escola, devido a essas dificuldades.

Além do isolamento e das inúmeras perdas que a pandemia causou, ela me trouxe, naquele momento, incertezas sobre o futuro, pois não era possível prever quando iria me formar e começar a trabalhar. Embora a pandemia tenha atrasado a minha formatura, o período de isolamento em casa me permitiu participar de eventos da universidade e fora dela. Realizei cursos de extensão e comecei a participar de um grupo de pesquisa chamado TECIDO - Tecnologias, Ciências e Didiscências³. Também, nesse período, ainda passei no processo seletivo para estagiar no Instituto Federal de Minas Gerais -Campus Avançado Ponte-Nova. Assim, auxiliei pedagogicamente um estudante deficiente visual do 3º ano do Ensino Médio Técnico integrado em Administração. Essas experiências foram enriquecedoras para a minha formação, pois tive a oportunidade de conhecer pessoas novas, trabalhar com excelentes professores, aprender e compartilhar conhecimentos.

No final de 2021, eu me formei e, junto com a formatura, veio a minha aprovação no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação da UFV. Confesso que mesmo com a alegria dessas conquistas, havia um sentimento de apreensão acerca dos desafios e responsabilidades que eu iria encontrar como professora e mestranda. Estava deixando de ser uma estagiária do curso de Pedagogia e me tornando professora da Educação Infantil de uma escola pública da minha cidade.

No mestrado, meu projeto de pesquisa foi pensado no contexto da pandemia, em que diversas manifestações negacionistas científicas e *fake news* se potencializam. Houve discursos através das mídias e redes sociais, por parte de grupos identitários que contestavam a gravidade da doença, além das medidas de prevenção e da eficiência das vacinas. Pensando em superar os desafios desse contexto na educação, eu destaco o letramento midiático como uma possibilidade de trabalhar com os estudantes a leitura e o posicionamento crítico frente às informações e conteúdos que eles têm acesso. Para isso, eu pretendo investigar como o letramento midiático vem sendo proposto nos planos de aula da plataforma Nova Escola para os anos iniciais do Ensino Fundamental. Com esse propósito, irei identificar as habilidades que os estudantes necessitam para o desenvolvimento do letramento midiático.

Além disso, utilizarei na minha pesquisa seu posicionamento acerca da mídia e da educação, que está posto no livro “Educar com a mídia: novos diálogos sobre a educação⁴”. Nesse livro, você traz elementos sobre o ensino, a relevância e as possibilidades que os meios

³ O grupo de pesquisa Tecnologias, Ciências e Didiscências (TECIDO) é um grupo de estudos liderado pela professora Dr^a. Bethania Medeiros Geremias, docente da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Neste grupo são desenvolvidos estudos no âmbito da educação e educação CTS. Participam do grupo estudantes da graduação em pedagogia, educação do campo e ciências biológicas, além de estudantes da pós-graduação em educação.

⁴ FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Educar com a Mídia: Novos Diálogos Sobre Educação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

de comunicação proporcionam para os educandos e educadores. É através da forma como as escolas entendem e utilizam as mídias que é possível determinar aspectos de limitação ou de ampliação acerca delas. Diante dos desafios que são postos pelas mídias, espera-se que os estudantes desenvolvam um olhar crítico a respeito dos conteúdos que elas apresentam. No mestrado, eu estou tendo a oportunidade de conhecer melhor e me aprofundar em algumas de suas obras e ensinamentos, graças a disciplina Educação e Razões Oprimidas⁵ que cursei. E foi através dela que surgiu a proposta de resposta desta carta.

Estimado mestre, irei te contar como tem sido a minha experiência como professora e como tenho tentado colocar em prática suas contribuições. Eu iniciei em 2022 assumindo uma turma com crianças de três anos, em uma escola de Educação Infantil. Sou a professora mais nova em idade e recém-chegada na instituição. Tudo foi novo para mim, porque até então eu não tinha muita experiência nesse segmento da educação, a única vivência com a Educação Infantil que eu tive foi durante o estágio obrigatório na graduação. Meus primeiros dias foram permeados por medos e inseguranças, porque sentia receio de não conseguir exercer o meu trabalho e lidar com as dificuldades que encontraria. Compreendo que o medo faz parte, principalmente, no primeiro contato com as crianças. Na carta, você orienta que “antes de tudo, reconhecemos que sentir medo é manifestação de que estamos vivos. Não tenho que esconder meus temores. Mas, o que não posso permitir é que meu medo me imobilize.” (FREIRE, 1997, p. 39).

Conforme você aconselha na carta, deve-se assumir o medo, tendo a capacidade de investigar qual é a sua origem, só assim é possível vencer esse sentimento, “por isso é que não posso, de um lado, negar meu medo; de outro, abandonar-me a ele. Mas preciso controlá-la e é no exercício desse controle que minha coragem necessária vai sendo partejada.” (FREIRE, 1997, p.39). Demonstrar o sentimento de medo não é uma demonstração de fraqueza, pelo contrário, é assumir que, como humano, eu possuo limitações.

Foi assumindo esse sentimento, ao invés de adotar uma postura autoritária para escondê-lo, que eu consegui superá-lo. Com humildade compartilhei o meu sentimento e obtive ajuda das professoras e auxiliares mais experientes. Humildade é uma das características fundamentais para uma professora progressista. Como você mesmo escreve, tal atitude requer coragem e respeito, a nós e aos outros. Somente com a humildade é possível admitir que ninguém sabe tudo e que todos sabem algo. Dessa forma, tendo uma atitude humilde, temos a capacidade de ouvir o que os outros têm para ensinar. Foi assumindo uma postura humilde que eu aprendi e continuo aprendendo, com as profissionais mais experientes, sobre a rotina da escola e das crianças e como lidar com situações adversas. Contudo, essa postura de humildade também é imprescindível na relação educador/educando, ainda mais quando concebemos que o ensino só acontece quando há troca de conhecimentos e experiências entre esses sujeitos, indo além da mera transmissão de conhecimento por parte do educador.

Além da humildade, outra virtude necessária é a amorosidade, pelos educandos e pelo ensino. Como você mesmo sugere, é fundamental ter um “amor armado”, pois diante das

⁵ A disciplina optativa EDU 699 - Educação e as razões oprimidas, foi ministrada pela professora Dr^a Bethânia Medeiros Geremias no segundo semestre de 2022 na Pós-Graduação em Educação da UFV. Nessa disciplina foram trabalhadas as obras e os pensamentos de Paulo Freire, perspectivas decoloniais e práticas educativas. Além disso, como atividade prática, os estudantes tiveram que produzir uma carta em resposta a uma das cartas de Freire ou dos ensinamentos de bell hooks.

diversas injustiças que nós professores enfrentamos em nossa trajetória, não deixamos de protestar a favor de melhorias, e, mesmo assim, nos dedicamos ao trabalho com os educandos. É necessário que esse “amor armado” seja “um amor brigão de quem se afirma no direito ou no dever de ter o direito de lutar, de denunciar, de anunciar. É essa a forma de amar indispensável ao educador progressista e que precisa de ser aprendida e vivida por nós.” (FREIRE, 1997, p. 38).

Porém, para colocar a amorosidade em prática, é necessária outra característica, a coragem. É imprescindível ter “a coragem de lutar ao lado da coragem de amar” (FREIRE, 1997, p. 38). Para ter coragem, primeiro é preciso superar o medo, e como já mencionei, o medo é um sentimento que faz parte da vida. No entanto, é necessário entender as causas de tal sentimento. Dessa forma, superando o sentimento de medo, é possível ter coragem para lutar por uma educação melhor e amar os educandos.

Acredito que além dessas virtudes já citadas, assim como você sugere, é necessário fazer uma leitura da turma, para compreender o contexto que os educandos estão inseridos. No meu caso, é algo mais complexo, devido à idade dos meus alunos e da dificuldade que alguns têm de se expressar através da fala, mas é possível observar as reações agressivas, tímidas, as inquietações e a forma como eles se comunicam e brincam. É importante fazer uma observação crítica, para que, na medida que elas vão sendo feitas, consiga-se compreender a turma.

Retomando as características que você atribui ao educador progressista, uma qualidade necessária é a tolerância, sem ela não é possível o trabalho pedagógico e uma prática progressista. A tolerância é saber conviver, aprender e respeitar o que é diferente, e isso só ocorre quando há uma democracia, porque para tolerar é preciso estabelecer limites. Penso que essa virtude é necessária levando em conta que a escola é um espaço plural, e que para conviver com pessoas com diferentes perspectivas é necessária uma atitude tolerante.

Outra qualidade que deve ser cultivada é a segurança, e para alcançar essa virtude é fundamental possuir “competência científica, clareza política e integridade ética” (FREIRE, 1997, p. 40). Entendo isso como educadora, que preciso ter segurança no que eu faço e minha prática precisa estar fundamentada cientificamente, pois tendo consciência do que estou fazendo, para que e porque faço, estarei segura das minhas ações.

Você escreve também na sua carta, dirigida às professoras que ousam ensinar, que é necessário à educadora progressista a tensão entre paciência e impaciência. Contudo, acredito que seja umas das qualidades mais difíceis de serem adquiridas, pois requer sabedoria e experiência. Uma postura somente paciente pode levar a imobilização e a acomodação da prática. Já a impaciência sozinha pode conduzir as práticas a um ativismo cego, podendo causar prejuízos nas ações, tornando-se, assim, uma atitude irresponsável. Você sugere que haja uma tensão entre elas, pois sozinhas não são qualidades. Dessa forma, deve-se buscar viver a impaciente paciência que, dificilmente, fará exceder os limites do discurso e da prática. Percebo que tenho dificuldade para viver essa tensão, acredito que a minha postura tende a ser muito mais paciente. Mas, acredito que na medida em que irei adquirindo mais experiências, conseguirei lidar melhor com essa tensão.

A qualidade mais importante e que deve ser cultivada é a alegria de viver, que consiste em entregar-se inteiramente à vida, sem negar as tristezas da mesma, pois, só assim, é possível lutar pela alegria no ambiente escolar.

É vivendo, não importa se com deslizes, com incoerências, mas disposto a superá-los, a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuo para criar, para forjar a escola feliz, a escola alegre (FREIRE, 1997, p. 42).

Mesmo com erros e com momentos de incoerências, levando em conta todas as qualidades acima citadas, é possível contribuir para a construção de uma escola feliz, que pensa, que ama, que não teme os riscos, que recusa o imobilismo e que não se cala, uma “escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece.” (FREIRE, 1997, p. 42).

É com essa alegria de viver que é possível enfrentar os obstáculos e acomodações fatalistas, que vez ou outra se instauram no fazer pedagógico. Para isso, Freire (1997, p. 42) assegura que deve haver “unidade na diversidade de interesses não antagônicos dos educadores e das educadoras na defesa de seus direitos”. Dessa forma, a alegria de viver não exime a luta, que consiste na defesa dos direitos a:

[...] sua liberdade docente, direito à sua fala, direito a melhores condições de trabalho pedagógico, direito a tempo livre e remunerado para dedicar à sua formação permanente, direito ele ser coerente, direito de criticar as autoridades sem medo de punição a que corresponde o dever de responsabilizar-se pela veracidade de sua crítica, direito de ter o dever de ser sérios, coerentes, de não mentir para sobreviver (FREIRE, 1997, p. 42).

Caro Freire, como eu disse, sou uma professora recém formada e com pouca experiência na docência. Algumas dessas características citadas eu desenvolvi na minha breve experiência como educadora. Outras virtudes, percebo que ainda não adquiri. Mas reconheço a minha incompletude como ser humano e muito consciente da minha escolha, assumo que mesmo não tendo adquirido todas essas qualidades, estou disposta a aprendê-las no decorrer da minha vida, na medida em que irei adquirindo novas experiências docentes. Pois como você mesmo frisou, essas virtudes são imprescindíveis para uma educadora progressista.

Um abraço fraterno!

DIALOGICIDADE - A ARTE DE OUVIR E DIZER ENTRE EDUCADORES E EDUCANDOS

Camila Martins Januário de Freitas¹

Querido educador Paulo Freire,

Deixo registrada nessas primeiras linhas minha admiração perante seus pensamentos, sua vida testemunhante e seu legado. Obrigada por se comprometer com os esfarrapados(as) do mundo, os oprimidos e as oprimidas. O encanto por sua escrita e por tudo o que você defende me abriu novos horizontes, renovou as minhas forças para retornar aos estudos acadêmicos e me faz refletir constantemente minha prática docente.

Vivemos nos últimos anos tempos sombrios. Recentemente, fomos surpreendidos com a pandemia advinda da Covid-19. Foi um período de isolamento e, infelizmente, muitas vidas perdidas pelo vírus e pela omissão de alguns representantes políticos. Vivemos tempos de medo e desesperança frente às incertezas a que fomos sujeitos. A vida sagrada foi colocada de lado, muitas vezes, por esses senhores representantes e ficou claro, professor, o quanto as diferenças de classes foram e são eminentes.

Mas, sabe Paulo, a leitura de suas obras, que versam sobre resistência e sobre a luta permanente, deram fôlego para se pensar em outro cenário possível para o nosso país. Sempre haverá pessoas comprometidas com uma existência mais humanizada, mais justa, na qual pensamos nos mais pobres, na inclusão de todos. Esse é um fator de resistência para que o mundo não se perca no fatalismo, no desamor e na desesperança.

Na minha formação inicial em licenciatura em Pedagogia, tive a oportunidade de ler alguns recortes e trechos de seus trabalhos, me instigando e despertando a curiosidade em saber mais sobre suas ideias. As minhas indagações iam ao encontro das minhas vivências pessoais, com a minha formação cristã, e da impossibilidade de me manter neutra com as questões de injustiça social. Eu sempre tive esse mal-estar quando se tratava das dores e problemas dos outros, pois não consigo me fazer indiferente com essas questões. O evangelho sempre pesou em mim e vejo que pesava também em seus ombros. Com o passar do tempo, ao entrar no Ensino Superior e na Pós Graduação, comecei a refletir sobre as vivências. Com o embasamento nas leituras de suas obras e também as de hooks, Gadotti, Saviani, dentre tantos outros, pude, assim, tomar consciência e entender o funcionamento por trás de tantas desigualdades, no qual o controle e o poder estão na mão de poucos, enquanto um número enorme de pessoas passa por situações de opressão diariamente.

Vivemos em uma sociedade de classes, de oprimidos e de opressores, que resulta em uma lógica estranha: muitos com poucos e poucos com muito. De início, confesso que me surpreendi com tamanha indiferença que esse sistema nos apresenta, com o individualismo exaltado e, pior, por me sentir muitas vezes sua presa e também ser uma reprodutora dele. Mas, continuamente procuro não me deixar imobilizar com a situação e sigo em frente,

¹Mestranda em Educação pela UFV, Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela UFV e especialista em Psicopedagogia Institucional pela UNOPAR. Integrante dos grupos de pesquisa/estudo: Núcleo de pesquisas educação e artes em diferentes espaços (NUPEADE). E-mail: camilamartins_j@hotmail.com.

sabendo que as coisas não são, estão sendo, não é mesmo? Então, todas as mudanças pretendidas estão abertas.

Como havia dito, Freire, sou aluna do Mestrado em Educação em uma Universidade Pública no Brasil. Neste momento em que lhe escrevo, estou finalizando a disciplina EDU 699 – Educação e Razões Oprimidas, ministrada pela professora Bethania Medeiros Geremias. O nome da disciplina é bem sugestivo, não é mesmo? Como proposta de atividade, fomos desafiados a escrever uma resposta a uma de suas cartas, podendo escolher livremente, conforme nossa preferência.

Hoje, te escrevo em resposta à sua terceira carta intitulada “*De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele*”, escrita no livro “*Professora sim, tia não - Cartas a quem ousa ensinar*”². Não escolhi essa carta, ela me escolheu, pois ela é fonte rica para a escrita do meu trabalho, que aborda aspectos do que você denomina de ‘*dodiscência*’, que fala do importante diálogo que deve existir entre docentes e discentes e dessa aprendizagem mútua que se produz nessa relação para a construção do saber. Para além do mestrado, fico refletindo sobre minha trajetória formativa e sobre o quanto o acolhimento em sala de aula foi decisivo para o sucesso ou fracasso na minha aprendizagem.

Concordo com você de que já passa da hora da escola ser um espaço de acolhimento e de abertura democrática para o interesse na escuta atenta ao outro, do debate, da criação, da construção de críticas, enfim, do diálogo. Muitas questões, que poderiam ser pautadas no ambiente escolar, para indagar e formar os educandos sobre a situação social em que se encontram, são temidas pelos educadores, motivados pela repreensão dos pais e de grupos que se dizem conservadores e que julgam que a criança e os jovens não são seres ativos, que não se interessam e não têm curiosidade pelo o que os cerca.

São situações que reprimem e objetificam os educandos, cujas mentes são concebidas como depósitos de conteúdos. Não há, assim, espaço para o debate, para a dúvida e esclarecimento. Abre-se um campo perigoso para as alternativas não viáveis, para que as questões sejam saciadas, sendo que, a escola e a família são espaços oportunos para o desenvolvimento de uma cultura de diálogo e resoluções de conflitos.

Aliás, Paulo, novamente você vem sendo criticado pelo movimento conservador que se instaurou e cresceu nos últimos anos aqui no nosso país, pois mais uma vez querem fazer uma caricatura sua, como aquela de um fantasma comunista. Estamos percebendo um grupo de opressores e de oprimidos que carregam em si o opressor, que tem manipulado o povo através de pautas que tocam religião e família e assim, através do medo e de *fakes news*, controla e convence um número grande de pessoas. Temos vivenciado situações que beiram ao incerto, que geram incertezas, mas que também reafirmaram nossas ideias e nossas certezas.

Concordo com Torres³ (1996, p. 147) ao afirmar que “há boas razões pelas quais, na pedagogia da atualidade, podemos ficar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire.” Nós reconhecemos e assumimos ficar com Freire, pois é inegável a atualidade de seu

² FREIRE, Paulo. Terceira Carta - De falar ao educando a falar a ele e com ele; de ouvir o educando a ser ouvido por ele. In: **Professora Sim, tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020. p.83-92.

³ TORRES, Carlos Alberto. A voz do biógrafo latino-americano - uma biografia intelectual in: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire Uma biobibliografia**. São Paulo: cortez, 1996. p. 117-147. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3078/1/FPF_PTPF_12_069.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

pensamento, o quanto é pertinente e necessário mergulharmos nos ensinamentos freirianos para o enfrentamento das questões ainda desafiadoras na educação, das questões das minorias, das tecnologias, no combate às *fakes news* e tantas outras questões sociais.

Nesta sua carta, que aqui respondo com carinho e zelo, você aborda que “como educadoras e educadores, não podemos nos eximir de responsabilidade na questão fundamental da democracia brasileira” (FREIRE, 2020, p. 92). Se todos professores realmente entendessem a importância do compromisso com a opção política que a profissão necessita assumir, a nossa classe poderia ser muito mais unida, e talvez ser chamada de ‘tia’, não fosse uma questão a ser problematizada. A desvalorização da profissão advém dessa espontaneidade que concebemos à prática pedagógico-política do ato educativo, não só por parte de nós professoras e professores, mas também dos políticos e da população em geral.

Nós vivemos em uma sociedade em que muitas outras profissões são extremamente valorizadas financeiramente e admiradas, mas a profissão de professora e professor parece que caiu no fatalismo, pois sinto que somos admirados, mas não valorizados. Quando entramos em greve para reivindicar melhores condições salariais, nós somos, perante aos olhos de muitos, ingratos, estamos querendo receber muito para somente ‘cuidar de criança’. Assim, voltamos à questão do termo tia, da maternidade, do machismo enraizado culturalmente. A profissão, majoritariamente exercida por mulheres – ainda hoje – é pouco valorizada, porque ainda acreditam que se trata de um instinto natural e de que não é preciso nenhuma formação para que isso aconteça. A desigualdade de gênero ainda se faz presente, mesmo com tantas conquistas do movimento feminista pelo mundo.

A nossa formação inicial nos exige comprometimento e seriedade diante das várias leituras obrigatórias e ao cumprimento dos estágios das atividades curriculares. Além disso, o serviço de um educador não se finda ao término das aulas e nós estamos em formação permanente. Nossa profissão nos exige a pesquisa, o estudo, o ser educando para sempre, precisamos constantemente nos atualizar e realizar novas leituras e reflexões do nosso pensar e agir pedagógico, a práxis necessária. Este é o educador progressista, como você já disse muito bem, aprende ao ensinar, aprende com seu educando e com sua realidade. Nas minhas experiências com estágios e aulas, aprendi e aprendo continuamente com eles.

Realmente, Paulo, a escola seria um importante espaço para se pensar outras concepções de vida e concordo que ela não é, sozinha, a salvadora da pátria. Contudo, acredito que ela pode ser sim palco para formação de cidadãs e cidadãos que podem fazer a diferença e construir coletivamente um outro tipo de sociedade. Para tanto, a escola precisa ser democrática, ter escuta atenta, acolhimento, respeito ao saber e à vez do educando de se pronunciar, ou seja, corresponde com o pensamento daqueles que se comprometem com uma pedagogia transformadora. Ser educador ou educadora progressista exige dialogicidade, para que os educandos possam ter voz. Se todos nós professores e professoras criássemos consciência da importância do diálogo para a construção do conhecimento, muitos outros educandos se sentiriam envolvidos no processo e, assim, penso que a relação educadora-educandos seria mais frutífera.

Em meu Ensino Médio sempre me senti desconfortável e deslocada, porque todos os conteúdos eram doados e depositados. Confesso que na maioria das vezes, após as avaliações, eu só queria me livrar da maioria daquelas matérias, nunca vi sentido e relação com meu cotidiano, até porque, nunca me fizeram contextualizar os conteúdos tendo como ponto de partida a minha realidade.

Quando encontrei alguns professores – no Ensino Médio, na graduação e na pós graduação – que trouxeram outras metodologias que me fizeram refletir e ser o ponto de partida na construção do saber, senti receio da diferente e certa dificuldade em me acostumar com a proximidade com eles, como se estivesse quebrando um muro da hierarquia entre professora/professor e aluna. As raízes autoritárias e bancárias ainda apresentam forças sobre mim e às vezes me travam, pois ainda há muros que a rígida hierarquia construiu nessa relação. Porém, busco quebrar essas raízes na minha relação com meus educandos.

Quando estou atuando como professora da Educação Infantil, penso que o acolhimento é o primeiro passo para que uma criança, em tenra idade, se sinta bem no espaço escolar. A amorosidade é essencial para todas as etapas do ensino e essa é uma prática que não se pode perder ao longo dos anos de atuação. Mas, sei bem que a autoridade é fundamental, afinal, estabelecer limites e orientar atividades são imprescindíveis para que não se caia em uma licenciosidade. Diferentemente, o autoritarismo não funciona, na medida em que ele só causa distanciamento e rejeição à educadora e à escola. A experiência com professores autoritários e rígidos nos marcam para sempre e, muitas vezes, nos bloqueiam diante do aprendizado.

As crianças pequenas – na verdade, todos nós – estão cheias de curiosidades e gostam de compartilhar suas realidades e vivências com a professora e os colegas. Elas precisam cantar, levantar, usar as cores que gostam, se expressar e exteriorizar suas artes. Eu penso que para se ter um rico momento de partilha, é fundamental e estratégico, às vezes, silenciar-se, para se ter uma escuta atenta e acolhedora de seus alunos. É estranho que aos poucos essa vocação do ser mais do educando vai sendo silenciada – não silenciar para escutar, mas silenciá-los – a partir do evoluir dos degraus escolares.

O silêncio se torna uma obrigação e toda forma de ser e de se expressar vai sendo silenciada em comportamentos e pensamentos rígidos e pré-moldados. As expressões corporais e artísticas vão sendo silenciadas, ridicularizadas e, muitas vezes, até são motivos de castigos. Vamos sendo moldados para ficarmos rigidamente sentados em carteiras enfileiradas, em silêncio, olhando para frente para um mestre condutor. Nos preparam para viver e atender a sociedade autoritária que “corta as classes sociais”. (FREIRE, 2020, p. 84). Assim, as classes dominantes, de modo sempre autoritário, oprimem e controlam as classes menos favorecidas. Ao crescer, pelo distanciamento das expressões e das artes, não as apreciamos, não as valorizamos e não vemos razão para valorizá-las, para defendê-las, como direito e lazer. Não valorizamos e defendemos aquilo que não temos conhecimentos e proximidade.

O autoritarismo, sob o qual alguns educadores se fecham, cortam as possibilidades de fomentar a autonomia dos educandos. Parece que alguns professores, Paulo, se entregaram ao fatalismo que nos cerca, principalmente nos últimos anos do Brasil de agora e não enxergam mais sentido na educação, se entregaram mesmo a licenciosidade. Mas, fico mais preocupada com um grupo dos professores que têm seu discurso bem distante da prática, demonstrando a ausência de coerência entre o que se diz e o que se faz, como você mesmo sempre gostou de nos lembrar.

Suas palavras expressam que, aqueles que estão na luta com os mais pobres, estão a favor da causa dos oprimidos, defendendo a autonomia do educando e buscando suas transgressões. Porém, poucos fazem com que isso aconteça na prática, na medida em que podam qualquer iniciativa de autonomia dos seus educandos. Muitas vezes, estes professores

e professoras parecem até se sentir frustrados com os progressos de seus educandos, colaborando com um sistema que tende a empurrar para fora das escolas e universidades os estudantes das classes populares, os fazem entender que aquele espaço não foi feito e pensado para eles. Como você disse, existe o discurso progressista, mas a prática é puro autoritarismo (FREIRE, 2020) e, assim, suas palavras são ocas e não têm poder de transformação. Pior ainda, são palavras que potencializam o contrário do que dizem e defendem.

Estamos agora, através de muita luta do povo – e esperar foi fundamental nesses últimos anos pós golpe⁴ – traçando novos caminhos, e temos consciência de que não será fácil para o novo governo⁵. Mas, sabe Paulo, parece que todos nós estamos mais aliviados e o medo aos poucos vai diminuindo, o ar está menos pesado e a vida agora é prioridade novamente. E apesar do cenário precário da educação, temos sim bons professores, que atuam nas nossas escolas pelo país e que são/estão comprometidos com uma prática humanizada, que enxergam o ser humano e sabem da sua capacidade de ser mais. Esses educadores são resistência frente ao cenário de desvalorização da formação de professores, dos poucos investimentos em educação, do conformismo de muitos. Seguiremos em frente, professor, tendo suas obras como fontes de inspiração que nos dão força para lutar contra esse cenário.

Antes de terminar essa carta, ouse aqui, querido professor, apresentar uns versos inspirados na sua carta referenciada acima. Espero que esses curtos versos compartilhados sejam proveitosos para os leitores. Penso que a construção de uma poesia só é possível quando algo realmente te inspira e suas obras são fontes inspiradoras para nós educadores. Fica aqui uma forma de carinho, uma pequena homenagem para você que tanto nos inspira e nos faz perceber como podemos ser mais:

Versando sobre Professora, sim; Tia, não. Cartas para quem ousa ensinar

Professora sim, tia não, cartas a quem ousa ensinar,
Uma profissão digna que se põe com o outro a caminhar.
Para além do parentesco, ser professora é profissão,
Compromisso ético com o educando e permanente formação.

Falar a ele e com ele, e a ele também escutar,
É uma oportunidade despreziosa, para a sala de aula democratizar.
O educador progressista e comprometido sabe bem,
Dar voz não é privilégio de uns, é direito que todos têm.

O silêncio é essencial para que se possa dialogar,
o silenciar-se para ouvir o que o outro tem a falar,

⁴ Em 2016, a presidente Dilma Rousseff sofreu impeachment acusada de pedaladas fiscais, segundo Freitas (2018), a presidente sofreu um golpe articulado entre a ‘nova direita’, juntamente com os meios parlamentares, jurídicos e midiáticos, resultando assim, na quebra do movimento progressista que estava à frente do governo brasileiro a 13 anos. FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. Expressão popular, 2018.

⁵ Luiz Inácio Lula da Silva, membro do Partido dos Trabalhadores (PT) eleito pelo povo de forma democrática pela terceira vez.

Mas o silenciamento é controle e forma de opressão
Autoritarismo por parte daqueles que se sentem donos da razão.

O educador consciente da sua atuação,
Entende que neutralidade não combina com a educação,
E para construção de uma sociedade cada vez mais democrática,
Iniciemos pela docência com coerência entre a fala e a prática.

É o poder de mudar as pessoas que tem a educação,
E são essas pessoas que têm o poder de transformação,
Ousar e não ter medo, profissão e não vocação,
Reitero Paulo Freire: Professora sim, tia, não.

Deixo, ainda, aqui no final dessa carta, um desenho feito por mim!

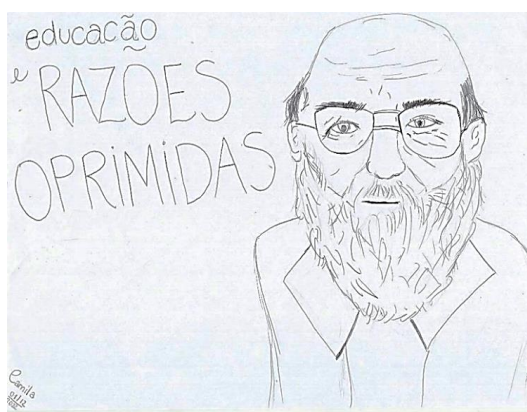


Ilustração: Autora da carta

Agora sim me despeço, na esperança de que suas palavras alcancem cada vez mais pessoas e que elas não sejam indiferentes com as causas oprimidas.

Gratidão por todos os ensinamentos,
Camila Martins Januário de Freitas

EDUCAÇÃO ENQUANTO ATO DE RESISTÊNCIA

Elisângela de Fátima Teixeira¹

Prezado Paulo Freire,

Nesta carta, eu recorro aos conhecimentos epistemológicos produzidos em sua trajetória intelectual em vida, ou seja, um legado deixado à nossa história, visando buscar em seus ensinamentos – os quais sinalizam caminhos à “educação enquanto prática de liberdade” – uma reflexão sobre as aprendizagens necessárias à prática docente que realmente têm a intencionalidade de transformar a realidade por meio da educação.

A motivação inicial para escrita desta carta se deu após leitura da “*Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*”² e assim a respondo gratamente pelo aprendizado proporcionado. Nesta carta, compreendi de uma forma nítida e simples que o ato de ensinar e as ações éticas presentes na sociedade estão completamente interligados ao ato da resistência. Esse ato conforme sua fala,

[...] nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação para o ser mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo, fundamentos para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em face das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmamos (FREIRE, 2000, p. 37).

Todos estes aspectos citados acima, no que diz respeito aos grupos subalternizados, especificamente da população negra, estão diretamente ligados ao fatalismo histórico - oriundo da escravidão – e ao poder da ideologia liberal que, por meio da impregnação de utopia de uma sociedade justa e igualitária, ameaça os sonhos da humanidade de uma sociedade democrática.

Portanto, sabemos que historicamente a trajetória da educação brasileira é marcada por um processo de exclusão e marginalização das classes sociais, principalmente dos povos negros. Nesse sentido, é notório que esse sistema foi pensado e organizado dentro de um processo histórico no qual a produção do conhecimento sempre esteve sob o domínio das elites “intelectualizadas” ou daqueles que sempre detiveram o poder político, econômico, educacional, religioso, social e cultural (CASTRO *et. al.*, 2020)³. No entanto, o Brasil é um

¹ Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa- UFV (2015). Graduada em Educação Especial na Universidade Santa Cecília/UNISANTA (2021). Especialista em Educação Educação Especial e Inclusiva pela UniAlphaville/FSV- Faculdade de São Vicente (2020). Pós-Graduada em Neuropsicopedagogia e Educação Especial e Inclusiva (2021) pela Faculdade de Venda Nova Imigrante- Faveni. Mestranda em Educação pela UFV (2022- 2024). Atualmente atua na rede municipal de ensino do município de Viçosa como professora da Educação Infantil (Alfabetização).

² FREIRE, P. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo, **Editora UNESP**, 2000.

³ CASTRO, S. O. C. ; MARTIN, D. G. ; F. J., N; FONSECA, V. M. da; ALMEIDA, F. M. . A ampliação do acesso ao Ensino Superior e as condições oferecidas para o processo formativo: os institutos federais brasileiros em análise. **Educação em foco**, v. 23, p. 68-88, 2020.

país de origem colonial, cuja constituição enquanto nação foi um processo nacional popular jacobino, como dizia Gramsci (2002)⁴ ou seja, construído de baixo para cima, com as classes subalternas e trabalhadoras influenciadas por elementos do Brasil colônia, como a escravidão. Fatores estes, evidenciados na contemporaneidade, nas ações políticas dos movimentos sociais, que atuam na luta pelo reconhecimento e garantia de direitos sociais daqueles que foram historicamente excluídos (ALMEIDA, 2019)⁵.

Nesta perspectiva, escrevo a partir de um pensamento decolonial, pois acredito que esse foi o percurso encontrado para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos negros subalternizados durante todos esses anos. Assim, escrevo como mulher, negra, mãe solo, oriunda da camada popular, nascida em uma família de classe trabalhadora, que se tornou professora em detrimento à prática da leitura enquanto viés ao ato de “libertação”.

Conforme você escreve, “[...] a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2020) e, é partindo deste pressuposto, que posso afirmar que foi a partir do hábito de leitura que se tornou possível gerir o processo de construção da ciência por meio do conhecimento. Assim sendo, cresci sabendo que uma das melhores armas que eu tinha para enfrentar os olhares sociais excludentes seria o “conhecimento”. Acredito que essa ocorrência se deu devido à autoaceitação e autoestima, entre outros fatores fundamentais, adquiridos no âmbito familiar e na comunidade local, neste processo de inserção social.

Dito isto, Freire, o núcleo central de minha reflexão se pautará no meu percurso formativo ao retomar os teus escritos, no que diz respeito aos relatos de tua infância e a representação que exercem na educação. As narrativas que você faz de sua infância nos convoca a repensar as práticas e o posicionamento ético e político das educadoras e dos educadores no percurso formativo de seus educandos. Conforme sua fala, “a educação é sempre uma certa teoria do conhecimento posta em prática, é naturalmente política, tem que ver com a pureza, jamais com o puritanismo e é em si uma experiência de boniteza” (FREIRE, 2000, p. 40).

Neste sentido, durante toda minha trajetória educacional, a instituição escolar nunca representou, para mim, um espaço motivacional no sentido de trazer perspectivas de crescimento pessoal e social, sendo esta, vista como percurso de resistência. Foi marcada por preconceitos raciais, sociais e econômicos. No entanto, minhas ações sempre apresentaram inconformismo com a situação, conforme escrevi anteriormente.

Compreende-se que na infância as crianças se constituem e são constituídas por meio de múltiplas influências como: a família, a escola, os amigos, entre outras e é com base nestas influências que suas identidades são construídas, sejam elas positivas ou negativas. No entanto, a minha infância foi marcada por tormentos e conturbações vinculadas ao meu estereótipo e condição social, econômica e cultural. Isto me permitiu diferenciar o ambiente familiar do escolar enquanto espaço de legitimação da educação. Assim, nesta época, eu era como qualquer outra criança cheia de sonhos, porém, com os sonhos sempre podados pelo opressor, pois era sempre vista como a “feia”, por causa da cor da minha pele e o tipo de meu cabelo. Fatores estes, que me possibilitaram conquistar poucos colegas, os que aproximavam eram por interesse em conseguir “notas” nas avaliações (antes conhecido

⁴ GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

⁵ ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

como prova) que aconteciam sempre nos finais de bimestre. Antes desses eventos, meus colegas sempre eram reduzidos, ou seja, podemos chamar este fator de "política da boa conveniência", ou seja, vou ser "colega" da negra até onde me beneficiar.

É importante ressaltar que durante toda a Educação Básica, nas turmas em que eu estudava, a maioria dos alunos era branca. Todos esses fatores vivenciados me levaram a inferir que, no cotidiano escolar, bem como no âmbito familiar, a criança constrói seu autoconceito a partir da maneira como é vista pelo seu professor, por seus colegas e demais funcionários da instituição. Daí a importância de se trabalhar a questão da autoestima e autoaceitação nos diversos âmbitos sociais, pois, uma negra com autoestima elevada é uma preta que entendeu que nasceu para protagonizar. Isto não quer dizer que ela seja orgulhosa, prepotente - como diz o pensar social sobre os negros. Isto significa, que o negro entendeu onde é o lugar dele no espaço social, sendo este lugar "aquele em que ela escolher estar".

Relembro dos períodos de desmotivação, desânimo e fadiga. Minha mãe sempre me dizia que precisávamos acreditar em nós mesmos e assim buscar a nossa liberdade, porque sem luta não haverá conquista e porque existe uma classe que impede a nossa transformação, mantendo-nos sob seu poder.

Diante destas vivências, pude perceber que quando uma criança é inserida em outro grupo que se diferencia da família, ela se depara com a diversidade social. Assim, o ingresso na instituição educacional alarga o seu universo social, possibilitando a convivência com crianças, jovens e adultos de culturas diferentes. Exemplificando, na infância, quando uma determinada criança negra, ao entrar em contato com outras crianças, percebe traços particulares de cada uma e o modo como estes traços são recebidos pelos professores e colegas, ela está formando sua personalidade.

Neste embate, a maneira como eu era vista estava ligada ao modo como era interpretada pelos outros que conviviam comigo. Os julgamentos e comparações tiveram um grande impacto no início da construção de minha identidade. Atitudes como sempre fazer os trabalhos sozinha, pois, meus colegas de turma não gostavam de fazer trabalhos com crianças pretas, causava um estranhamento ao estar junto de uma pessoa "diferente". Relembro que nessa época eu também tinha amizade com coleguinhas brancos, percebia que eles gostavam muito de mim, porém quando estava no meio das pessoas, me evitavam, tinham medo de serem taxados como "namoradinhos" meus, ou amiga daquela esquisita etc. É importante frisar que as aproximações eram iminentes nos períodos das avaliações. E assim foi minha infância.

Porém, em contrapartida, em meu âmbito familiar eu sou, até os dias de hoje, uma princesa (ainda continuo sendo), sempre vista como bonita, pois minha casa era um ambiente prazeroso, ali eu tinha possibilidade de me reinventar, gostava de pegar livros na biblioteca e ler em casa, de preferência em meu quintal em frente à mata. Nesse lugar familiar e amoroso eu fui me reinventando e me (re)constituindo, em todos os âmbitos.

Caro Freire, os estudos de Lareau (2007)⁶, explicam que a forma que a família se organiza diz respeito à personalidade que o sujeito irá se formar, podendo obter "vantagens" ou não. Assim sendo, a autora esclarece que há diferenças na forma de transmissão dessas vantagens, o que varia de acordo com a classe social em que o indivíduo está inserido. O que

⁶ LAREAU, A. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. **Educação em Revista**. [online]. 2007, n.46, pp. 13-82.

chamamos de “crescimento natural” (classe baixa) e “cultivo orquestrado” (classe média alta). Dentro das abordagens de cultivo orquestrado e de crescimento natural, três dimensões-chave podem ser distinguidas: a organização da vida diária, o uso da linguagem e os laços sociais (as “intervenções nas instituições” e as consequências serão trabalhadas posteriormente). Essas dimensões não capturam todas as partes importantes da vida familiar, mas incorporam aspectos centrais da criação dos filhos” (LAREAU, 2007, p. 26).

Contudo, na contemporaneidade é perceptível a preocupação com a educação dos filhos nas famílias, independente do meio social a qual pertençam. Segundo Lacerda (2006, p. 26)⁷, um dos fatores que intensificaram essa preocupação pode ser explicado pelo fato de que “[...] a certificação escolar ganhou grande importância e, diante do valor que a escola passou a ter, cada vez mais a ajuda escolar dos pais aos filhos passa a ocupar um lugar central na vida familiar”. Ou seja, percebe-se que a educação escolar passou a ocupar um lugar central na vida familiar.

Lembro que meus pais, com todas as dificuldades vividas, sempre me incentivaram a ler e a não abandonar os estudos. Confesso que a vontade era enorme, porém sempre vinha a minha mente a voz de minha mãe: “Você é capaz, não desista de seus sonhos, você tem que estudar para ser alguém na vida”. Sempre questionei “o que é ser alguém na vida?”. É nesse reconhecimento que eu tirava forças para continuar meus estudos, e assim, ainda que “sozinha”, caminhava em busca da minha realização pessoal, pois desde pequena sempre dizia que seria professora, ainda que não soubesse como. Meus pais também não sabiam apontar o caminho, a única certeza que tínhamos era de que seria por meio dos estudos. Em conformidade com Lareau (2007), os impactos nas oportunidades na vida dos filhos estão ligados aos mecanismos pelos quais os pais ou responsáveis transmitem essas vantagens. Assim,

Os pais de classe média, tanto brancos como negros, tendem a se ajustar na lógica de criação a qual denomino “cultivo orquestrado”. Eles matriculam seus filhos em diversas atividades organizadas, específicas para cada idade, as quais dominam a vida familiar e geram um grande esforço, especialmente para as mães. Os pais vêem essas atividades como uma forma de transmitir às crianças habilidades importantes para a vida. Os pais de classe média também enfatizam o uso da linguagem, o desenvolvimento da razão e utilizam o diálogo como forma de disciplina. Essa abordagem de “cultivo” resulta em um alcance mais amplo de experiências para as crianças, mas também cria um ritmo frenético para os pais, um culto ao individualismo dentro da família e uma ênfase no desempenho dos filhos (LAREAU, 2007, p. 17).

Já na família de classe trabalhadora, no que diz respeito ao crescimento natural, os pais acreditam que, desde que ofereçam amor, comida e segurança, seus filhos irão crescer e ser bem-sucedidos. Eles não têm como foco o desenvolvimento de talentos especiais dos filhos (LAREAU, 2007, p. 16).

⁷ LACERDA, W. M. G. **Famílias e filhos na construção de trajetórias escolares pouco prováveis**: o caso dos iteanos. 2006, 188p. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

Essa experiência me permitiu revisitar o sentido das palavras escritas nos seus livros *Pedagogia do Oprimido*⁸, *Pedagogia da Autonomia*⁹ e *Pedagogia da Esperança*¹⁰. Acredito que suas palavras podem fazer sentido e preencher um vazio existencial para muitas pessoas, diante de um sofrimento devido à carência material, de recursos e acesso aos conhecimentos.

Seus ensinamentos promovem a dignidade humana por meio daqueles que fazem da docência um exercício permanente de promoção social. Conforme citado acima, tive uma única professora que lecionava a partir de uma pedagogia engajada¹¹. Os outros professores, em sua maioria, chegavam em sala desmotivados, utilizando de uma pedagogia tradicional/tecnicista com base na decoreba e de uma avaliação que tinha como única finalidade medir conhecimentos. Sempre ouvia da boca de vários professores: “*esse coitado não aprende*”, “*esse não tem futuro*”, “*Preto tem que estudar pra conseguir ser alguém na vida*”. Essas frases, entre outras, permearam meu cotidiano até minha conclusão do Ensino Médio. Ressalta-se que ainda hoje, na contemporaneidade, se ouve esses discursos no cotidiano escolar.

Nas minhas experiências, a única coisa que eu tinha certeza, era que essa prática constituída por esses professores era a que eu não queria para mim quando fosse lecionar. No entanto, com o passar do tempo, já na adolescência, percebi que havia alguns avanços, pois em respeito ao agir social, as ações pareciam estar mais desveladas. No que diz respeito ao aspecto cognitivo, acredito que há maiores mudanças, mesmo que em desenvolvimento.

Na adolescência me envolvi em um relacionamento tóxico, no qual tive meus dois filhos. Esse relacionamento durou dez anos, e foi estabelecido por meio de um pensamento sexista e machista que quase me custou a vida. É neste sentido, que seus ensinamentos contribuíram para que eu tivesse consciência de classe, raça e gênero. Penso que sua vida e obra podem despertar esta consciência, mas vejo, também, que não é nada simples, pois precisa de muito empenho. Uma das questões mais debatidas pelas mulheres negras e seus feminismos diz respeito ao social. O que é ser uma mulher negra em uma sociedade machista? O que é ser professora negra e lecionar numa sociedade preconceituosa?

Nesta perspectiva, foi no Ensino Superior que percebi o quão defasado foi o meu processo formativo. Na universidade, encontrei uma diversidade de professores envolvidos em uma pedagogia engajada, embora ainda existam aqueles que seguem uma corrente tradicionalista. Neste espaço, eterno educador, através de sua pedagogia, baseada no diálogo entre quem ensina e quem aprende, pude desenvolver minha capacidade crítica, rumo à emancipação humana, num exercício cotidiano de ação coletiva.

Na universidade, eu me envolvi em projetos de extensão, grupos de autoajuda, entre outros. É neste sentido, querido Paulo Freire, que chamo a atenção para importância de se discutir as políticas públicas inclusivas no âmbito educacional, pois faz-se necessário repensar e avaliar a função social das universidades, que, gestadas por meio de verbas do Estado, deveriam formar lideranças que representassem a diversidade étnica e racial do país. Porém, sabemos que na prática isso não acontece. Pensando na representatividade negra nesses

⁸ FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

⁹ FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.p. 52.

¹⁰ FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

¹¹ hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 286 p.

espaços, percebo que os percalços se encontram longe de ser sanados.

Laval (2004)¹² responsabiliza o neoliberalismo pela degradação mundial das condições de vida e do trabalho e, também, das instituições escolares e universitárias. Este autor nos mostra que tudo está interligado em uma grande teia global e que precisamos estar prontos para esse movimento que origina o neoliberalismo, pois primeiramente surgem os políticos reformistas sob o manto da modernização e sob o pretexto de melhoria e eficiência da escola. Posteriormente, negam o caráter ideológico e político dessa estratégia, ou seja, essas medidas apenas atendem ao sistema político dominante.

Contudo, ao discorrermos sobre o processo de formação Brasil nação, chamado pela sociologia de modernização conservadora, vemos que neste período ocorreu a assimilação dos elementos da economia e do mercado capitalista da forma burguesa de dominação da administração pública combinada com a manutenção de relações arcaicas, atrasadas aos modos de produção de relações sociais anteriores, de tal modo que o Brasil entrou no mundo moderno e continuou se mantendo e se atualizando a partir de todas as formas de relações bárbaras que perpassam sua história colonial e escravagista (FERNANDES, 1978)¹³.

Assim, essas transformações engendradas na reforma estatal possibilitaram, dentre outros elementos, as assim chamadas parcerias público-privadas, que podem ser entendidas conforme o ponto de vista de Hoeveler (2019, p. 198)¹⁴, “a partir da propagação dos aparelhos privados de hegemonia que, além de disputar o consenso na sociedade, também disputa espaços produtores de mais valor em potencial”.

Neste sentido, os negros passam da condição de escravizados para a de proletariados, mantendo, contudo, relações de dominação, subordinação e exploração, que são continuidades da escravidão, porém, ritualizadas de maneiras permanentes e não superadas, por causa da ausência de oportunidades.

Tudo isso, conforme hooks (1995)¹⁵, tem implicações mais sérias na hora de pensar o campo cultural acadêmico que se constitui, em sua maioria, pela classe média burguesa, predominantemente branca, aristocrata, colonizadora, antipopular e racista, da formação da elite cultural brasileira. Estes fatores nos remetem ao campo intelectual, cultural e acadêmico brasileiro: por que ainda não passaram por questionamentos concretos em relação a estes percalços? Do ponto de vista da classe trabalhadora e assalariada, será que ela tem se questionado sobre as formas que produz e para quem produz? É neste sentido, que seus ensinamentos apontam para a importância do movimento popular nacional, constituído por uma maioria negra, para a promoção de rupturas com esse modo de produção.

Apesar de todos os avanços das políticas públicas educacionais, tais como a Lei de cotas raciais 10.639/03¹⁶ e o Estatuto da Igualdade Racial¹⁷, ainda há fragilidades no sentido

¹² LAVAL. C. **A Escola não é uma empresa**: O neoliberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Ed Planta, 2004.

¹³ FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1978.

¹⁴ HOEVELER, R. C. O conceito de aparelho privado de hegemonia e seus usos para a pesquisa histórica. **Revista Práxis e Hegemonia Popular**, ano 4, n. 5, p. 145-159, ago./dez., 2019.

¹⁵ HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. **Revista Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras**, v. 3, n. 2, p. 464-478, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1995.

¹⁶ BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 26 ago. 2020.

¹⁷ BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Disponível em:

concreto da “coisa”, essa estrutura produz um certo sentimento de alienação intelectual negra frente ao seu povo.

Segundo Mari e Coelho (2016, p. 128)¹⁸ “o oprimido em certo momento de sua experiência histórica é um aderente, um ser aderido, não somente ao mundo natural, mas também ao opressor”. No entanto, é perceptível no contexto social que os padrões hegemônicos exercidos pelo Estado no sistema educacional brasileiro surtam efeito e trazem implicações diretas nas políticas públicas educacionais. Para estes autores, a escola precisa ter uma formação humanística, ampla, integral, ou seja, emancipatória. Isto não significa que ela não exija disciplina, que a autoridade não tenha espaço. É preciso olhar com muitas ressalvas para algumas concepções libertárias de educação que se produzem num contexto muito restrito, elitista, inclusive de condições de acesso e permanência na educação.

Nossa amiga, intelectual negra Evaristo (2014)¹⁹ afirma que o intelectual negro, no mundo dos brancos, tem que encarar desafios fundamentais, sobretudo em um país racista estruturalmente. Não há como negar o fato de que o Sistema Educacional possui uma estrutura racista, que desloca os negros para debater fundamentalmente questões raciais, e, como ele sendo o único, ou seja, a exceção das exceções daquele espaço, vai debater única e exclusivamente a questão racial.

Assim sendo, Paulo, é preciso pensar em um projeto popular nacional de educação que questione de baixo para cima o papel dos intelectuais na sociedade brasileira, confrontando diretamente a questão do colonialismo cultural, que afasta o povo trabalhador dos processos fundamentais e necessários à construção de um país mais equânime e justo socialmente. Para tanto, considero fundamental um espaço de produção intelectual que dê visibilidade aos debates dos movimentos populares, sindicais e antirracistas. Enfim, Paulo, que possamos seguir resistindo, mantendo a esperança crítica em dias melhores, ou seja, esperando, no sentido que você mesmo cunhou, de esperarçar.

Viçosa, dezembro de 2022.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112288.htm. Acesso em: 20 fev. 2023.

¹⁸ MARI, C. L.; COELHO, E.P. Aproximações entre as categorias oprimido e subalterno de Paulo Freire e Antonio Gramsci. **Educação em perspectiva**, v. 7, p. 123-144, 2016.

¹⁹ EVARISTO, C. **Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória**. Releitura, Belo Horizonte, Fundação Municipal de Cultura, n. 23, p. 1-17, nov. 2008.

PARTE III
ENTRE AMOROSIDADES E ANDARILHAGENS DAS(OS) ETERNAS(OS)
EDUCANDAS(OS) DE FREIRE



Ilustração: Criada por Bethania Medeiros Geremias com apoio da ferramenta DALL-E da OPENAI. Prompt “Paulo Freire educador dialogando com alunos embaixo de uma mangueira [cartoon em preto e branco]”. Gerada em: 08/08/2023.

ENTRE LEITURAS E RELEITURAS DE MUNDO: DIZERES DE UMA ETERNA EDUCANDA DE PAULO FREIRE

Daiane Cenachi Barcelos¹

Querido Freire,

Começo estes escritos cumprimentando-o pela sua imensa contribuição para a educação brasileira, sobretudo para minha formação humana e social. Gratidão! Também, lhe digo que conheci seus dizeres em 2017, quando iniciei a graduação e, a partir de então, me sinto uma eterna educanda freiriana.

Gostaria que estivesse aqui entre nós – não para vivenciar as atrocidades e retrocessos que presenciamos nestes últimos anos – mas, para que você pudesse ecoar sua criticidade política, social e educacional neste país que tanto vem sofrendo. Mostrar àquelas pessoas que distorcem sua tamanha importância do porquê de você ter sido nomeado Patrono da Educação Brasileira.

Eu, uma jovem Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza (Licena) - UFV, oriunda da zona rural, vista a vida inteira como “condenada da terra” – como você mesmo coloca em “Pedagogia do Oprimido” (2020)² tenho maior orgulho em tê-lo como Patrono. Faço meu papel de gritar aos quatro cantos quem *é você*, Paulo Freire.

Agora, no Mestrado em Educação, traço em minha pesquisa um caminho que perpassa pelos seus dizeres, indo ao encontro de perspectivas emancipatórias adotadas pela Educação do Campo. Desse modo, busco (re)valorizar os saberes dos povos do campo, sobretudo dos(as) colegas da graduação que cursei.

Freire, infelizmente desde 2019 estamos presenciando ações governamentais que desrespeitam a educação, a ciência, a pesquisa e, conseqüentemente, você. Desta forma, estar em uma Universidade Federal é um ato de resistência e de resiliência, sobretudo um ato de amor. Especialmente por estar desenvolvendo uma pesquisa de Mestrado, que tem como foco os saberes populares dos povos do campo, do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), de Quilombolas, de Indígenas, de Agricultores(as) Familiares, dentre outros. Falo aqui do amor à educação, como você me ensinou por meio de suas obras. Amor que nutre a profissão que escolhi seguir: a de *educadora*. Se não amo a educação e o ato de aprender ensinando e ensinar aprendendo, não amo o(a) próximo(a) e o mundo.

Ao ler a “*Primeira Carta – Ensinar – Aprender. Leitura do Mundo – Leitura da Palavra*” do livro “*Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*” (2015)³ pude retomar alguns conceitos e pensamentos sobre minha prática formativa e estudantil. Sou uma sobrevivente de uma educação transmissiva e memorística de conteúdos, em que os(as) educandos(as) são considerados como “seres programados para aprender”. Da mesma forma, suas curiosidades

¹Mestranda em Educação/UFV. Licenciada em Educação do Campo – Ciências da Natureza/UFV. Integrante dos grupos de pesquisa/estudo: Núcleo de pesquisas educação e artes em diferentes espaços (NUPEADE) e Tecnologias, ciências e didiscências (TECIDO). E-mail: daianecbarcelos@gmail.com

²FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 75. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2020.

³FREIRE, Paulo. *Primeira carta – Ensinar – Aprender. Leitura do Mundo – Leitura da Palavra*. In: **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015, s/p.

e indagações são repreendidas. Somente ao ingressar numa licenciatura, que bebe da fonte da Educação Popular e de seus dizeres, que pude compreender meu processo formativo na educação básica. Era recorrente escutarmos em sala de aula que, se não nos dedicássemos aos estudos, não conseguiríamos nada mais do que “puxar enxada”, assim como nossos pais.

O fato de viver e sobreviver do trabalho campesino não torna as pessoas menores do que as que conseguem acessar o ensino superior. É preciso promover a consciência de que não há saberes errados ou menos importantes, mas há saberes diferentes, que podem se complementar ou se divergir. O modo como esse fato nos era imposto em sala de aula, me causava incômodo e, somente ao ingressar na Licenciatura em Educação do Campo, em 2017, que me foi oportunizado (re)valorizar e reconhecer a importância dos povos que vivem e sobrevivem com as mãos nos cabos de enxada.

Amparada em seus dizeres, Freire, eu superei os paradigmas de desvalorização do campo impostos a mim durante a minha formação na educação básica, alcançando assim, a minha busca do *ser mais*. Toda essa leitura do meu mundo que realizei, me possibilitou compreender minha realidade de modo analítico e crítico, assim como aguçou minha inquietação e curiosidade em descobrir os porquês dos povos do campo – assim como os demais excluídos da sociedade burguesa – sofrerem tantos julgamentos e desrespeito.

No anseio de suprir essas inquietações, debrucei-me em leituras e autores(as) que poderiam contribuir para tal processo. Me encontrando com os dizeres de hooks, no livro “Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade⁴”, especificamente no capítulo em que ela trata sobre a “revolução de valores”, me deparei com uma frase que expressa tudo o que sinto a respeito das opressões que nos são impostas: “está claro que uma das principais razões por que não sofremos uma revolução de valores é que a cultura de dominação necessariamente promove os vícios da mentira e da negação” (2013, p. 44).

Essa revolução de valores – que, para você, seria a superação da opressão – somente será alcançada quando os(as) oprimidos(as) compreenderem que o processo de libertação deverá partir deles(as) e não dos(as) opressores(as). Porém, encontramos-nos emaranhados(as) no *medo da liberdade*. Medo esse que, “nos oprimidos, [...] é o medo de assumi-la. Nos opressores, é o medo de perder a “liberdade” de oprimir” (FREIRE, 2020, p. 45). A superação desse medo nos proporcionará alcançar os *inéditos viáveis*.

Sabe, Freire, precisei superar os medos que me cercam para conseguir dizer a minha palavra. Não tinha a intenção de ser educadora, por acreditar que não seria capaz de conduzir uma sala de aula, mas, ao ler “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia⁵” na graduação, uma vontade misturada com uma necessidade em me tornar educadora frutificou em mim. No primeiro livro, pude me reconhecer e entender quem eu era, da onde vinha e para onde queria ir, enquanto sujeita oprimida numa sociedade, a qual não me identifico.

Já na obra *Pedagogia da Autonomia*, encontrei bases libertadoras e emancipadoras de uma educadora que me agradaria ser. A partir dessas leituras e depois de tantas outras, compreendi o quanto meu papel de educadora do campo, pautada numa base popular e libertadora, contribuiria com a educação brasileira que ainda se encontra amarrada à concepção de educador(a) como o (a) único(a) detentor(a) do saber.

⁴ hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

⁵ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

Quando saímos da caixa, na qual somos influenciados a ficar, percebemos que o mundo é uma infinidade de saberes e que, para que possamos estabelecer diálogos, é preciso nos silenciar. Silenciar, não na concepção de opressão, mas, silenciar no sentido de ouvir o(a) outro(a), pois, somente assim, este(a) conseguirá dizer sua palavra, e juntos(a) poderão traçar caminhos libertadores.

Para mim, Freire, o ponto chave de seus dizeres é o fato de que enquanto educadores(as) devemos ser *humildes* o suficiente para reconhecer e compreender que não sabemos tudo, muito menos que a formação na graduação nos possibilita dizer que aprendemos tudo o que tinha que ser aprendido e o quanto temos a aprender com os(as) educandos(as). Você deixa claro em sua carta que o ato de estudar é constante, se tornando complementar ao ato de ler, e como já dito acima, não ler somente as coisas escritas, mas também, ler e observar o mundo dos(as) que nos cerca, pois, será somente a partir da leitura e do estudo, que se chegará à compreensão e ao conhecimento.

A leitura que fiz desta carta, Freire, me proporcionou inúmeros sentimentos, pois não foram uma ou duas vezes que pensei em desistir de uma leitura por não estar compreendendo o que um(a) o(a) autor(a) ou outro(a) estava querendo passar. E, na carta, encontrei meu refúgio, pois você destaca o quanto esse processo de ir e voltar no trecho várias vezes contribui para uma melhor compreensão e aprendizado, rompendo os paradigmas de memorização.

Na carta, você aponta que o quanto antes for iniciado com os(as) estudantes – ainda crianças – o estímulo e o gosto pela leitura e sua compreensão, menor será o número de pós-graduandos(as) a dizerem que não sabem escrever suas dissertações e suas teses. Respondendo por mim, Freire, se tivesse sido incentivada, desde da educação básica, a ler os textos, não para memorizá-los, mas sim, para compreendê-los, minha formação seria outra.

O processo de ler extensas folhas e não entender a ideia do texto é torturante e agonizante. O sentimento de incapacidade aos poucos começa a fazer morada nos pensamentos e a dúvida de se realmente estou a nível de pós-graduação começa a se tornar repetitivo, e o prazer em estudar que possuo se transforma em um fardo cansativo.

Porém, no decorrer da leitura da sua carta, pude compreender melhor que todo esse processo agonizante é importante para se chegar à compreensão dos textos e o quanto escrever e reescrever é fundamental para nossa formação. A cada leitura bem compreendida, a maturidade acadêmica vai ganhando espaço em nossas vidas, pois como você mesmo aponta na carta, “a leitura crítica dos textos e do mundo tem que ver com a sua mudança em processo” (2015, s/p). No decorrer da compreensão dos textos aguçamos nossas leituras, sejam elas de letras ou de mundo.

Seus escritos acalentam minha mente e tranquilizam meus pensamentos que, por muitas vezes, se encontram em conflito interno, buscando entender os porquês da sociedade, sobretudo, da educação bancária tão presente em nosso cotidiano. Em sua carta, você apresenta duas experiências provenientes dos Círculos de Cultura que oportunizaram aos participantes compreenderem suas realidades de outra forma, pois, imersos(as) e alienados(as) no dia a dia, não percebem para além do que já estão acostumados. Como você mesmo destaca, o processo de distanciamento da realidade, de forma crítica, permite compreendê-la de modo diferente. Isso é magnífico! É empolgante! Por que não podemos utilizar os seus métodos nas salas de aula?

A resposta se torna visível quando tomamos nota de que sua proposta de educação é política, na medida em que busca libertar os(as) oprimidos(as) das situações-limites que os(as) impedem de alcançarem a busca do *ser mais* e os *inéditos viáveis*. Por isso, somos repreendidos ao utilizar suas bases educacionais libertadoras nas salas de aula. A casa grande teme a libertação do povo. A forma como a educação nos é imposta, nesta sociedade em que vivemos, é excludente e opressora, por isso, nos faz preciso lutar pelo acesso à educação de qualidade para todos(as), tanto na educação básica quanto no ensino superior.

Na carta, assim como em outras obras, você fala da importância da criticidade oriunda dos processos educativos para a libertação do povo e de como a leitura de mundo é imprescindível a essas pessoas. Também disserta sobre como as “relações entre consciência e mundo são dialéticas” (2015, s/p). É essa relação que a educação que você, eu e tantos(as) outros(as) defendemos, buscamos superar os paradigmas de educador(a) como detentor(a) do saber, da educação bancária, e sobretudo, buscamos uma educação de qualidade e acessível a todos(as).

Eu sonho com essa “talvez” *utopia*, “talvez” *inédito viável* de escola e de educação. Mas, sei que para isso acontecer é preciso que os processos educativos passem por transformações. Estamos, Freire, falando de uma formação para além da profissional, uma educação que respeite o(a) educando(a), sua trajetória de vida, sua realidade e seus saberes, e que esse conjunto de especificidades possa vir a ser problematizado, para que, assim, o(a) educando(a) se forme criticamente e profissionalmente. Para que possa ler suas próprias palavras, mas também o mundo, buscando transformações e não se deixando levar pelas alienações e discursos de “somos todos(as) iguais”, “estamos todos(as) no mesmo barco”, pois não somos e não estamos nas mesmas condições de vida.

Freire, as páginas que você nos apresenta sobre *Ensinar – Aprender. Leitura do Mundo - Leitura da Palavra* fizeram com que eu me redescobrisse, assim como me fizeram refletir sobre minha formação e prática docente. Como estudante na educação básica, passei por situações que com certeza sufocaram minhas leituras de mundo e, conseqüentemente, não consegui pronunciar minha palavra por muitos anos. O silenciamento – não o silêncio que oportuniza o diálogo, mas aquele que oprime – ao qual fui condicionada influenciou minha caminhada profissional negativamente, pois, quando entrei na graduação precisava me posicionar em público. Assim, o momento que talvez tenha mais sonhado na vida – dizer minha palavra – havia se transformado numa fobia e em uma agonia. Meus pensamentos entraram em conflito, pois ao mesmo tempo que me diziam para tomar coragem e me pronunciar – afinal, estava me formando para ser educadora – me diziam para ficar quieta na minha, pois ninguém me escutaria e eu sofreria ainda mais por isso.

A atitude que julguei mais sensata, nos primeiros anos da graduação, foi a de me esconder atrás das minhas escritas e das leituras de textos, sobretudo, das suas escritas, Freire. A cada obra lida, um novo aprendizado, uma nova reflexão e uma nova concepção de mundo e de educação e foi se produzindo, grande parte por incentivo de alguns(as) educadores(as) da Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza que me ajudaram a perceber a necessidade de me libertar das amarras e dos medos que me cercavam, para que assim eu conseguisse dizer minha palavra e minha leitura de mundo.

Em 2021, comecei a lecionar, porém remotamente por causa da pandemia da COVID-19. Uma das experiências mais insanas da minha vida, por estar atuando em três disciplinas: ciências, biologia e física; em nove turmas, tanto do ensino regular – fundamental

II e médio – quanto na educação de jovens e adultos (EJA). O sentimento de educadora “de verdade”, Freire, não habitava em mim, acreditava que estava apenas elaborando materiais didáticos, por não ter o contato nas salas de aulas e desconhecer a maioria dos(as) estudantes. Meu maior questionamento era como realizar um ensino contextualizado, se desconheço meus(as) educandos(as) e conseqüentemente, suas realidades.

No início de 2022, com o retorno das aulas presenciais, pude exercer minha *práxis* educativa. *Práxis*, porque, partindo da *ação-reflexão-ação*, pude me formar educadora do campo, rompendo com os moldes da educação bancária, oportunizando aos(às) meus(as) educandos(as) dizerem suas palavras e leituras de mundo, construindo uma educação contextualizada e que realmente fazia sentido em suas vidas.

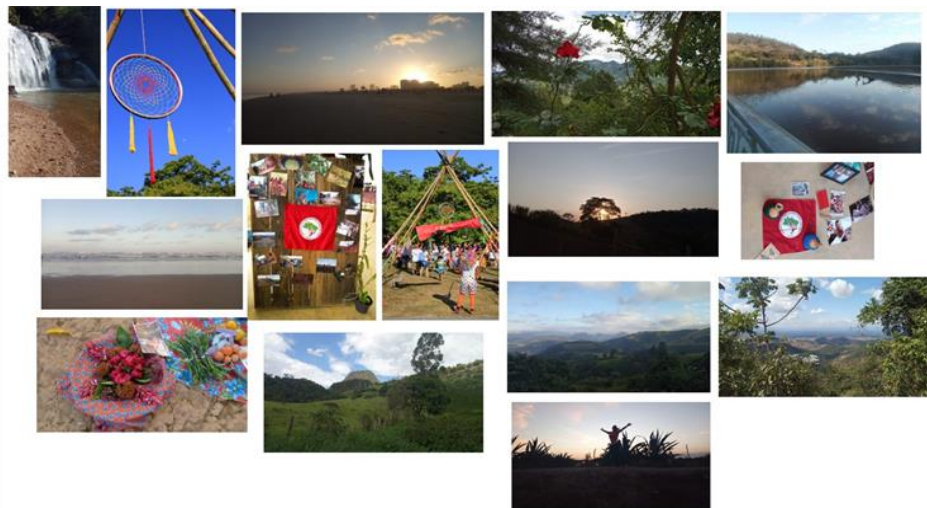
Por causa do mestrado, sai da escola em maio do mesmo ano, mas os meses em que pude dedicar a minha vida à docência me marcaram muito, me permitindo refletir sobre o meu ser de educadora e sobre minha afetividade nas práticas pedagógicas desenvolvidas por mim com estudantes da Educação Básica, com ênfase na área do Ensino de Ciências da Natureza e suas tecnologias. Nesse processo, também me pus a refletir sobre em que precisaria avançar como educadora para fazer valer os princípios e fundamentos aprendidos com você.

Bom, querido Paulo. Apresentei a você esse pequeno relato de minha caminhada como estudante e como educadora para te mostrar sua importância nesse processo. A cada passo e a cada nova reflexão, percebo a necessidade de me tornar uma educadora *humilde*, me reconhecendo como eterna aprendiz e nunca como detentora do saber, tendo a educação como uma *situação gnosiológica*, em que, tanto eu quanto os(as) educandos(as) somos polos aprendentes. Assim como sinto a necessidade de amparar minha prática no *amor*, por crer que esta é uma característica fundamental para prover rupturas frente às atitudes individualistas e egoístas que permeiam a sociedade atualmente. Da mesma forma, se faz preciso a *críticidade* e a *ética*. A primeira, se caracteriza pelo rompimento do lugar de educadora neutra, e da forma como devo me posicionar frente às especificidades de cada escola e dos(as) educandos(as). Já a segunda, diz respeito ao meu comprometimento com a educação e aos saberes dos(as) educandos(as), isto é, não os(as) colocar em uma posição de objeto na sala de aula, mas, permitir que eles(as) se reconheçam como construtores(as) de saberes.

Me autocompreender somente foi possível por meio das vivências que me foram oportunizadas ao longo de minha vida e pelos estudos. Em sua carta, você afirma que “não existe ensinar sem aprender [...] o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende (s/p)”. Assim, entender que o *estudo*, a *leitura* e a *escrita* são uma importante tríade para a construção de uma educação problematizadora e libertadora é um rompimento com os moldes da reprodução, ou seja, é mais fácil reproduzir uma educação tradicional, em que se despeja os conteúdos nos(as) educandos(as) como se fossem vasilhas a serem enchidas. Para você, a educação é permeada de complexidade, sendo preciso sair da zona de conforto e ir além do que nos é imposto. Assim, é somente a partir do estudo, da leitura e da escrita que teremos aportes para desenvolver a *investigação temática* nas salas de aula.

Freire, escolhi responder sua primeira carta do livro citado inicialmente pelo título, pois minha pesquisa do mestrado parte da leitura de mundo dos(as) colaboradores(as). Porém, não imaginava que suas palavras me fariam reviver memórias tão gratificantes. Quando ingressei na Licença foram emergindo novos aprendizados e, como sempre, tive uma alma viajante, me joguei em experiências que me oportunizaram conhecer novas pessoas,

novas realidades, novos conhecimentos. Para tanto, me envolvi em grupos dentro da universidade e, com isso, tive a oportunidade de conhecer em três anos, 24 cidades em 3 Estados – Minas Gerais, Bahia e Sergipe. Como não sabia qual foto escolher para te mostrar um pouco dessas vivências, organizei algumas delas em uma montagem, e tomei a liberdade de lhe apresentar.



Fonte: Fotos registradas pela autora.

Essas fotos, dispostas neste lindo mosaico, representam algumas das *andarilhagens* que citei anteriormente, nas quais pude aprender muito. Rompendo com a ideia de que é somente com a teoria que aprendemos e nos formamos, nestas vivências me deixei levar pelas palavras de mundo das pessoas à minha volta, escutando-os atentamente pude me formar enquanto *educadora*.

Em muitas dessas *andarilhagens*, você foi assunto principal, sobretudo, quando pensamos na Educação do Campo e o quão importantes são seus princípios para a formação de educadores(as) para atuarem com realidades julgadas e apontadas pela sociedade.

Hoje, me sinto privilegiada e contemplada por ter conseguido me formar educadora do campo, amparada em inúmeras leituras de mundo e de escritas. Sinto que correria um grande risco em apenas reproduzir o modelo que tive na educação básica, mas, ao ter uma formação *gnosiológica* e de *andarilhagem*, entendi que a educação problematizadora e libertadora precisa ser feita *com* o povo, partindo de suas necessidades e não da minha imposição enquanto educadora.

Freire, chego ao fim desses dizeres com o sentimento de gratidão por tudo que você tem me proporcionado pensar e viver. Sei que ainda tenho muito a aprender, mas, aos poucos, estou evoluindo nas leituras e nos estudos de suas obras. Muito obrigada por me fazer acreditar e crer nesta educação feita com as pessoas, construída na dialogicidade, na investigação temática e na problematização. Obrigada por me ensinar a dizer minha palavra e, sobretudo, escutar a palavra do(a) outro(a).

Obrigada por me incentivar a ser andarilha e ir em busca de novas situações gnosiológicas. Obrigada por tudo que você deixou para nós. Por ser **Paulo Freire**, um educador preocupado com os(as) esfarrapados(as), com os(as) condenados(as) da terra, com os(as) excluídos(as). Agradeço por sua luta, pois contribuiu para que eu pudesse chegar ao

ensino superior. É por isso que me dedico em minhas pesquisas a defender seu legado e uma educação pública de qualidade a todos(as), para que outros(as) acessem a educação que lhes é de direito.

RESPOSTA À CARTA: DO DIREITO E DO DEVER DE MUDAR O MUNDO¹

André Randazzo Ortega²

Caro professor Paulo Freire,

Sua carta chega até mim em um momento em que me encontro dividido entre a angústia e a expectativa. A angústia, pelo que se dá, e a expectativa, pelo que ainda virá. Não tem sido fácil para nós da esquerda progressista estes últimos anos, talvez os mais desafiadores desde a sua partida. Mas o seu legado, o seu pensamento e o seu exemplo de luta e resistência – travada com tanta paixão e altivez, mesmo diante dos mais adversos cenários – nos fornecem as ferramentas e a motivação para seguir em frente. Afinal, como o senhor mesmo disse, é nosso direito e nosso dever mudar o mundo. É por isso que estou ansioso para contar-lhe tudo.

Hoje, como em tempos passados, nossa luta mais urgente se volta à defesa da ainda jovem democracia brasileira. O que vivemos hoje começa a se desenhar mais ou menos há seis anos, quando a presidenta Dilma Rousseff, do PT, que o senhor ajudou a fundar, sofreu um golpe de Estado travestido de *impeachment*. Quanto à Dilma, o senhor pode ficar tranquilo. Ela demonstrou uma força descomunal ao enfrentar com bravura e serenidade os usurpadores de seu mandato, seu vice-presidente conspirador, Michel Temer, e um Senado Federal em fúria, sedento pelo poder. Sim, ela foi deposta. Não sem resistência, mas foi! Tempos depois, o justo reconhecimento de sua idoneidade já chegou pelas reverências do povo e pelas mãos da justiça. Sim, ela era inocente das acusações que lhe imputavam. Particularmente, alegro-me em contar ao senhor que enquanto jovem estudante universitário e militante de esquerda, à época no auge dos meus 19 anos, me engajei na luta contra a farsa do *impeachment* e o governo ultra neoliberal de Temer que tomou de assalto a Presidência da República.

Creio que o senhor ficaria orgulhoso do que fizemos naquele tempo, professor. Educadores e educandos, da educação básica ao ensino superior, de todas as regiões do Brasil, encamparam a luta pela democracia. Lá onde me formei, foram organizadas manifestações, ocupações de prédios e espaços públicos, aulões nos gramados, rodas de conversa e música. Trocamos as quatro paredes de alvenaria das salas de aula pela praça central da cidade. Marcamos nossa presença, e demos nosso recado. Apesar dos pesares, foi um bom momento para esperar. O pior, no entanto, ainda estava por vir.

Sabe, professor, eu sou formado em História. Como todo historiador, sou um curioso persistente e, por que não dizer, um fofoqueiro sobre o passado (no melhor dos sentidos). Por vezes, me peguei perguntando sobre como líderes tão cruéis e vis surgiram e conseguiram angariar apoio junto ao povo. Era o momento de crise! A desesperança, a desilusão com a realidade, o repúdio ao diferente? São esses os fatores que levaram homens como Mussolini

¹ FREIRE, Paulo. Do direito e dever de mudar o mundo. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. p. 26 -30.

² Licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestrando em Educação pela UFV. Professor de educação básica na rede privada de ensino.

e Hitler ao poder na Itália e na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930. Talvez, seja uma junção de todos eles. É fato que grandes intelectuais que viveram na época buscaram explicar como tal fenômeno foi possível, como Adorno, Horkheimer e Marcuse. Não quero jamais tentar aqui chegar aos pés das brilhantes análises desses mestres, quero apenas relatar para o senhor, do meu ponto de vista, da razão e do coração, o que aconteceu no Brasil no ano de 2018.

Um deputado, ex-militar reformado, até então quase um desconhecido no cenário nacional, com uma carreira parlamentar de pouquíssima relevância ou expressão em sete mandatos consecutivos, conquistados pelo estado do Rio de Janeiro, ganhou projeção ao adotar um discurso forte, apelando ao excesso de moralismo e à religião cristã, por vezes beirando o fundamentalismo. Jair Bolsonaro, esse é o nome dele.

Bolsonaro surgiu como a negação de todo o processo de fortalecimento das instituições democráticas pelo qual o senhor, professor, e tantos outros dedicaram suas vidas e lutaram durante décadas no século passado. Falou ao povo mais reacionário e dirigiu seus esforços à negação da própria política, da democracia enquanto espaço de diálogo e respeito ao diferente, e das minorias, alegando que elas deveriam se curvar à maioria. E, se o senhor me perguntar sobre essa tal maioria, respondo que é a parcela da população que apoiou/apoia Bolsonaro e sua visão de mundo, uma suposta maioria branca, de classe média ou alta e fervorosamente cristã. Seria isso uma cínica deturpação do que é a população brasileira, ou seja, pobre, negra e parda? Seria isso um ataque direto desferido ao Estado brasileiro, laico e garantidor da liberdade religiosa? Me parece claro que sim. De todo modo, um jargão foi e ainda é utilizado para definir essas pessoas, são os “cidadãos de bem”.

Também chamou a atenção a negação da própria humanidade e o processo de reificação daqueles que não se enquadravam e que estavam a par do padrão da moral e dos bons costumes dos “cidadãos de bem”. O senhor facilmente imagina que, nesse processo, os militantes da esquerda progressista se transformaram nos inimigos número um do projeto de país de Bolsonaro e seus apoiadores. Com a instrumentalização da massa, Bolsonaro ascendeu quase que de maneira meteórica e foi eleito presidente, em outubro de 2018. E então, mergulhamos nas trevas.

Professor, acredito firmemente que o governo Bolsonaro tenha sido a maior expressão do levante da extrema-direita no Brasil desde a nossa redemocratização. Aos colegas militares, Bolsonaro ofereceu cargos e ministérios, o que os fez sair da caserna e retornar à cena política. Por diversas vezes, tentaram nos colocar contra a parede. E os ministros da educação, o que falar? O primeiro era um conservador que prometeu revisar os livros didáticos de história que eram utilizados nas escolas. O segundo declarou que as universidades públicas eram locais de “balbúrdia”. O terceiro, era um pastor evangélico. Foi exonerado em meio a acusações de favorecimento a outros pastores e prefeitos nos assuntos ministeriais. Até barras de ouro foram usadas como propina. Como se não bastasse, nossa profissão foi atacada, nossa condição como sujeitos da prática da educação foi vilipendiada e até contra o seu legado eles se levantaram. Aparentemente, a sua proposta de educação libertadora e de formação de sujeitos críticos capazes de se inserir, compreender e intervir no mundo soou como uma ameaça aos interesses desses que comandaram a educação no governo Bolsonaro.

Aliás, acho pertinente contar-lhe que, como o senhor bem escreveu, aqueles que têm como interesse a manutenção do *status quo* e a defesa do interesse dos poderosos, as classes

dominantes, se articularam para combater qualquer tipo de educação progressista e crítica, alegando tratar-se de “doutrinação ideológica”. Sob essa perspectiva, advogaram que a educação brasileira estava a serviço dos interesses da esquerda em promover o ideal socialista/comunista aos jovens nas instituições escolares. Também fizeram, e ainda fazem, ferrenha oposição ao debate de questões como gênero, sexualidade e saúde sexual, que são reunidas sob o pseudoconceito de “ideologia de gênero”, um ataque moral desferido às crianças e às tradições familiares dos “cidadãos de bem”. Houve, nesse contexto, quem colocasse em questão a necessidade do ensino domiciliar, já que Bolsonaro e seus seguidores rotineiramente colocam a primazia da religião sobre o conhecimento de base científica e racionalmente fundamentado. Dizem eles que a família é que deve decidir sobre o que a criança deve ouvir e aprender, algo que se opõe à necessidade de as crianças crescerem no exercício do pensar, do duvidar, do indagar e do experimentar, algo que o senhor tão sabiamente pontuou em sua carta.

As universidades, principalmente as públicas, também não foram poupadas. Muitos se referiram à “ditadura do pensamento único”, uma prisão da mente dos universitários nas ideias de esquerda, marxistas, comunistas e freirianas (olha o senhor aqui novamente!). Querem eles que a educação seja neutra, não enviesada e não doutrinadora, ou ao menos alinhada ao que eles entendem que seja algo neutro, não enviesado e não doutrinador.

É claro, como sabemos, a educação não pode ser neutra. O senhor mesmo escreveu que ela deve estar a serviço da transformação do mundo e da recusa das afirmações fatalistas que naturalizam as estruturas injustas e desiguais típicas da sociedade capitalista. Se discutir sobre os problemas sociais, se municiar jovens para garantir a intervenção na sociedade e se estimular o questionamento e o pensamento crítico é ser doutrinador, devo dizer que muitos educadores assumiram esse título e dele se orgulham até hoje (eu incluído).

Sinto muito, professor, mas acho que o senhor também foi um doutrinador. Na visão dos reacionários, creio que o maior de todos. Seu método de alfabetização, capaz de incitar nos trabalhadores a consciência crítica sobre a realidade, sua concepção de pedagogia como luta pela liberdade, contra a opressão da dominação dos ricos e poderosos, tudo isso se tornou a marca daquilo que esses reacionários enxergam de mais perigoso quando pensamos na educação dos mais pobres (até mesmo porque pobres críticos, conscientes e capazes de lutar contra o sistema é tudo que esses grupos mais temem). Até mesmo aqueles que sequer leram uma frase escrita pelo senhor têm no nome “Paulo Freire” o sinônimo de uma educação “esquerdista e doutrinadora”.

Mesmo diante de tanta adversidade, nós nos mantivemos firmes, e a resistência prosseguiu. No início de 2020, uma nova crise. Uma doença respiratória grave surgida na China, chamada COVID-19, colocou o mundo em estado de alerta. Os casos escalaram rapidamente em número e proporção, e nos vimos diante de uma pandemia global. E, como não poderia deixar de ser, Bolsonaro fez de tudo para atrapalhar o combate à essa pandemia. Primeiro, desestimulou o isolamento social, que era adotado pelos principais países do mundo como medida de contenção da disseminação da doença. Depois, defendeu medicamentos sem eficácia comprovada, estimulando a aquisição e utilização deles no sistema público de saúde. Por fim, ele se opôs à vacinação o quanto pode, atrasando a compra e a distribuição de doses que se tivessem chegado com semanas de antecedência, poderiam

ter salvado milhares de vidas. Quase 700 mil brasileiros perderam a vida no tempo da pandemia³, professor. Foi a maior tragédia de nossos tempos recentes.

Tentando juntar os cacos e continuar na luta contra o desgoverno, fomos surpreendidos pelo vislumbre de que sair do caos era possível. Não era, de sobremaneira, a solução dos nossos problemas, mas era a chance de vencer Bolsonaro. Lula, que havia sido preso em 2018, foi solto e reassumiu seu posto de maior liderança do campo progressista de nosso tempo. Sobre Lula, acho que interessa ao senhor, professor, algumas breves palavras.

Após anos tentando, ele conseguiu se eleger em 2002, e foi reeleito em 2006. Lula fez um bom governo, levando muitos pobres, negros e periféricos às universidades, promovendo justiça social e melhorando a condição de vida dos brasileiros. Mas seu governo foi extremamente conciliatório, e a mão que assistia aos pobres era duas vezes mais eficiente no atendimento dos interesses dos ricos. Lula não foi uma decepção, mas não encampou as reformas que a esquerda progressista sonhava. Saiu em 2010, e conseguiu colocar em seu lugar Dilma, cujo governo acabou no golpe que já mencionei. Em 2018, ele foi preso em uma manobra política para tirá-lo da eleição por um juiz chamado Sérgio Moro. Moro que foi, em seguida, nomeado ministro de Bolsonaro, que venceu a eleição muito em função da prisão de Lula.

Foram 580 dias preso após uma condenação mais que suspeita. Pois, de fato, a suprema corte definiu pela nulidade do processo. Lula foi solto e recobrou seus direitos políticos, lançando imediatamente sua candidatura. Estava, então, para nós, a luta traçada pelos próximos meses que nos direcionaríamos às eleições em 2022. Caberia à esquerda progressista, em conjunto com outros setores que viam o desmantelamento do Brasil nas mãos de Bolsonaro, apoiar Lula e o PT de volta à presidência. Eu, ao menos, pude comprar essa ideia facilmente. Para mim, fazia sentido derrotar Bolsonaro e, depois, encampar outras lutas, mais radicais e derradeiras.

Pois é, professor Freire, poucos momentos nas últimas décadas de nossa república foram tão decisivos para nosso país quanto o mês de outubro de 2022. Foi uma disputa acirrada, marcada pela agressividade de Bolsonaro e pelos ataques que ele e seus seguidores desferiram às instituições de Estado, à Lula e àqueles que o apoiavam. Éramos os comunistas, os defensores de um ex-presidiário, os traidores da nação. O vermelho, a cor do sangue dos oprimidos, dos antigos escravizados e dos trabalhadores, que foram mortos vítimas da opressão e da exploração capitalista ou lutando contra ela, tornou-se a cor que ameaçava sobrepujar o verde e o amarelo da bandeira nacional. Tudo isso confluiu na defesa da continuidade de um governo hostil aos trabalhadores. Não podíamos deixar isso acontecer.

Foram dias de muita tensão, mas no final, por uma margem super apertada de votos, a mais apertada de toda a história republicana, vencemos. E como comemoramos, como vibramos, como celebramos. Foi um momento de êxtase, de pura euforia, daqueles dos quais não esqueceremos tão cedo. Mostrava-se clara e cristalina a sensação de que estávamos deixando para trás o obscurantismo e a barbárie mais terríveis da extrema-direita. Como muitos registraram, a vitória de Lula não era da entrada no paraíso, mas era a saída do inferno.

Entretanto, como não poderia deixar de ser, à esquerda – progressista, comprometida com o direito e o dever de mudar o mundo – mais uma tarefa foi requisitada. Poucos dias

³Segundo dados obtidos em 18 de março de 2023. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 18 mar. 2023.

após a eleição, os “cidadãos de bem” bloquearam estradas e foram à frente dos quartéis do exército alegando fraude no resultado das urnas e manipulação no sistema eletrônico de votação, e pedindo um golpe de Estado dos militares para impedir a posse do presidente eleito e a manutenção de Bolsonaro no poder.

É como disse Marx, professor Freire, “A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa”. Foi nesse momento em que os defensores de Bolsonaro ressuscitaram o espírito do passado da ditadura, que se levantou das páginas mais tristes dos livros de história para ameaçar a democracia. Pudemos sentir o que o senhor, e outros camaradas, devem ter sentido nos meses de março e abril de 1964. Foi então, que para minha grata surpresa, chegou-me sua carta.

Pois agora, diante de tudo isso, me pego refletindo sobre o que o senhor escreveu na carta: se é nosso direito e nosso dever mudar o mundo, e se tal é possível na medida em que mantemos nossos sonhos (projetos pelos quais lutamos), como lutar, ante toda a adversidade dos dias de hoje, por um futuro em que a sociedade esteja livre de toda forma de opressão e exploração? Para começar a refletir, recorro a uma tradição que é muito cara para mim, assim como creio que é para o senhor, o marxismo.

É instigante pensar como já Marx chamou nossa atenção para o fato de que o ser humano, em seu intercâmbio material com a natureza, constrói a sociedade e a si mesmo. Portanto, é do ser do homem a responsabilidade por toda e qualquer atividade humana sensível. É como o senhor também escreveu na carta. Se, nesse sentido, empreender a luta pela mudança qualitativa da sociedade capitalista no sentido da superação de todas as suas formas de opressão é nossa tarefa, a própria luta há de transformar a nós e a nossa maneira de ser diante do mundo. Disso, decorre minha convicção e minha esperança (esperança do verbo esperar, como o senhor me ensinou) de que sim, é possível. Se o ser humano constrói, o ser humano pode mudar, pode derrubar, e depois reconstruir. E como ponto de partida, nós, progressistas, podemos nos motivar com isso. Não importa se é difícil, já que é possível, e, sendo possível, a causa não é, de nenhuma maneira, perdida.

Temos aqui, então, a questão do tempo histórico de uma geração, tal como o senhor mencionou. De fato, a luta não se trava apenas ante as forças do presente, mas também contra as marcas do passado. Ao bem citar o Movimento dos Sem-Terra, o senhor nos remete às máculas deixadas pelo colonialismo e pela concentração fundiária. Nos dias de hoje, ante o cenário que se estabelece, a onda reacionária bolsonarista e o golpismo dos “cidadãos de bem”, nos deparamos com a imperiosa necessidade de defender nossa democracia contra as forças de um passado fardado de verde oliva e manchado de sangue. Acredito, no entanto, que se o passado nos revela desafios, também nos dá exemplos de como resistir e seguir em frente. O senhor lembrou das ligas camponesas e dos quilombos, raízes do atual Movimento dos Sem-Terra. Eu, com base no mesmo raciocínio, lembro dos Carlos, Marighella e Lamarca, de artistas, como Gil e Caetano, e também do senhor, professor, e sua visão de educação que, aos olhos dos ditadores, representou uma ameaça. Mas quais as razões disso?

Arriscar uma resposta nos leva a um breve raciocínio. O senhor nos ensinou em seus livros que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, é da relação imediata ser-mundo que se estabelece o entendimento da realidade. A leitura da palavra, em subsequência, representa a construção do conhecimento, que deve se ancorar nessa mesma realidade. Através de tão valiosa lição, o senhor exorta à inserção crítica e consciente de sujeitos

históricos que não só são capazes de compreender a realidade, mas atuar para modificá-la. Aos militares de sua época, tal visão do processo de construção do conhecimento, e da educação como um todo, era potencialmente aos interesses autoritários do regime dos generais. Nos tempos atuais, para a onda reacionária bolsonarista e dos “cidadãos de bem”, o estímulo ao pensamento crítico e à compreensão da sociedade em bases críticas virou a “doutrinação”, a “ideologia de gênero” e a “ditadura do pensamento único”. Confesso que às vezes penso que estar do lado oposto dos “cidadãos de bem” é a prova de estar no caminho certo.

De toda sorte de coisas que podemos esperar para o futuro de nosso país e nossa democracia, e que são, pois, imprevisíveis, uma foge ao mistério: mais do que nunca, faz-se necessário estabelecer claramente os *fronts* de nossa luta, reconhecendo os obstáculos, os avanços e os retrocessos, mas esperançando na busca pelo sonho. Como bem o senhor escreveu, é imperiosa a rejeição das constatações fatalistas que servem apenas ao propósito de naturalizar as desigualdades sociais e manter o capitalismo de pé, a despeito de todas as suas contradições.

Para o pleno estabelecimento dos *fronts*, vislumbro que todos devem travar suas batalhas na mesma direção, a saber, a superação do sistema capitalista e a formação da sociedade socialista, livre e justa, regida nos princípios de Marx e Engels e sintetizadas em uma das mais famosas frases do pensador de Trier: “de cada qual, segundo sua capacidade, a cada qual, segundo sua necessidade”.

No âmbito do Estado burguês, os parlamentares progressistas e socialistas devem dar combate aos reacionários que, na esteira do bolsonarismo, ganharam assentos no parlamento. Sabemos, pelas lições da história, que a extrema-direita sabe como utilizar o aparelho de Estado para exterminar seus opositores. No entanto, devemos ter em mente que a prática política sob as regras da democracia burguesa não altera qualitativamente a infraestrutura da sociedade de modo a promover a superação do capitalismo como modo de produção vigente. Dalí, podem sair apenas reformas, e reformas estão sempre sujeitas aos ventos das ações reacionárias, como vimos nos últimos quatro anos. Além disso, o capitalismo, como nos ensinou István Mészáros, é irreformável. É por isso que os *fronts* mais decisivos estão na sociedade civil. Nesse momento, me vem à memória os escritos de um grande intelectual e militante socialista, que em sua atitude revolucionária acabou sofrendo as mais severas consequências: Antonio Gramsci.

Gramsci foi extraordinário, não foi, professor? Um exemplo vivo da práxis revolucionária. Foi preso por Mussolini e morreu por causa da debilidade de suas condições de saúde após anos de cárcere. Assim como o senhor, ele também nos conclamou à luta, e uma luta que permeia toda a sociedade, em todos os espaços possíveis. E isso a que ele deu nome de Estado Integral, composto não apenas pelas forças políticas, mas pelas relações civis e rotineiras que, sob o modo de produção capitalista, permite a hegemonia das classes dominantes. E é justamente por isso que a sociedade civil deve ser nosso campo de batalha. Lutar pelo futuro que sonhamos, pela libertação e emancipação dos trabalhadores, dos oprimidos, é lutar pela hegemonia do bloco histórico, encaminhando a mudança da própria sociedade, a superação do capitalismo e a sua substituição pelo socialismo.

Agora, pensemos em algumas instituições, começando pelas escolas. As instituições escolares podem ser tomadas como *front* por serem responsáveis pela educação formal que, nos dias de hoje, é etapa obrigatória na vida de qualquer criança ou jovem. Como o senhor

ensinou, professor Freire, a escola não pode ser alheia às experiências vividas fora dela. Nem o educando é uma tábula rasa, nem o ser que educa é neutro. A ideia da neutralidade é uma besteira sem tamanho. É o silenciamento daqueles que criticam as injustiças da sociedade por aqueles que desejam mantê-las. Assim, os educadores progressistas devem assumir a postura e o compromisso com a formação de autênticos sujeitos críticos, capazes de compreender e intervir na realidade social. Voltando à Gramsci, são esses a quem ele denominou intelectuais orgânicos. Os intelectuais orgânicos da classe trabalhadora servem e servirão ao propósito da vitória na luta pela hegemonia no bloco histórico. Acredito que seja neste prospecto que reside a força da educação escolar, mesmo que esta apresente limites.

Para além, entretanto, se bem compreendi o teor de sua carta, penso que se a escola é um *locus* de luta, deve a sociedade em geral também o sê-lo. Ora pois, estabelecido o *front* da escola, devemos ir para fora dela, para falar com os trabalhadores, vítimas da exploração econômica, com os negros, vítimas do racismo, com as mulheres, vítimas do machismo, enfim, com todos aqueles em situação de opressão. A educação, nesse sentido, transborda para todo o corpo social e aqueles que se integram no processo se refazem e se transformam positivamente em uma relação dialógica, na medida em que promovem ações que mudam o mundo. Do fundo do coração, acredito que se pudermos consumir essas ações, já teremos um bom começo trilhado.

Se é nosso direito e nosso dever mudar o mundo; se, embora difícil, é possível levar ao cabo esse projeto; se podemos, como educadores progressistas, dentro da escola, mas também fora dela, agir nos *fronts* dessa luta, cabe-nos sonhar, cabe-nos esperar, cabe-nos educar, cabe-nos todo o inconformismo ante toda e qualquer forma de injustiça social. E que o senhor, caro professor Paulo Freire, possa continuar munindo nossas mentes e corações com a sabedoria de quem sonhou e esperançou em todos os instantes de sua vida

Um terno abraço, com coragem, estima e incondicional apreço!

Dedico este texto à memória de minha amada tia Áurea Tedesco Serafim, falecida no momento em que eu o escrevi. Figura presente em toda a minha vida, levarei comigo as lembranças de sua ternura, sua companhia e suas brincadeiras.

A MUDANÇA DO *MEU* MUNDO: DOS COCAIS ÀS MINAS GERAIS

Anna Thércia José Carvalho de Amorim¹

Querido Paulo Freire²,

Confesso que antes de iniciar esta carta, peguei-me a pensar na minha infância no campo em uma casa de chão batido, paredes de barro e coberta de palha de coco babaçu. Ali, vivi minha infância e vivenciei experiências que tornaram latentes em mim a vontade de mudar, *me mudar*, mudar nossa condição de vida, mudar o mundo.

Naquela época, no final de 1990, eram minhas obrigações: buscar água no córrego para beber, cozinhar e para os demais afazeres de casa, porque não tínhamos água encanada; buscar coco babaçu em um jumentinho que eu mal conseguia alcançar seu lombo e, no tempo de colheita também ajudava minha avó a colher milho e fava. O coco babaçu era para fazer azeite e vender ou trocar por carne, café, açúcar ou algo que estivesse faltando em casa. Não foi uma infância fácil, mas, afirmo que ali eu era feliz, mesmo estando convencida de que nossa realidade não era algo dado por Deus, porque sei que Ele não daria uma realidade tão espinhosa quanto a nossa. Caro Paulo, não queira saber o que já passei para estar hoje na condição de respondente de uma carta sua.

Ainda naquele lugarzinho, no interior, estudei até a 3ª série do primário em uma escola multisseriada. A escola era pequena. Na verdade, era minúscula, havia apenas uma sala e uma cantina. Isso mesmo, Paulo! Minha escola não tinha banheiro, nem coordenação, muito menos direção. Mas, o mais fatídico era que a minha professora também era merendeira e a responsável pela limpeza. Lembro-me, como se estivesse vivenciando agora, ela fazendo o que podia para cozinhar e lecionar ao mesmo tempo, muitas vezes comíamos a merenda queimada porque ela se esquecia de apagar o fogo. Pergunto a ti, Paulo: como ter perspectivas de mudar o mundo em uma realidade tão adversa? Nem o *meu mundo* eu saberia gerir diante de tamanho descaso.

A minha criação e educação veio dos meus avós com os quais morei desde que nasci até os meus vinte anos. Meu avô diz que frequentou a escola por menos de três meses e aprendeu a ler e escrever, e logo voltou para a roça, pois já sabia assinar o nome e resolver as quatro operações. Não sei qual foi o milagre que fizeram, mas meu avô lê, escreve e resolve continhas de matemática muito bem. Minha avó não teve a mesma “sorte” do meu avô, porque ela ficou órfã de pai aos nove anos e, a partir daí, tornou-se responsável pelos irmãos e por ajudar a sua mãe a manter a casa. Alongo-me nos detalhes, Paulo, para que possas entender de qual lugar estou partindo. Voltando à minha avó. Ela não sabia ler, mas sempre

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV-MG), Especialista em Educação Infantil e Pedagogia pela Universidade Federal do Tocantins (UFT-TO).

² Educador, pedagogo e filósofo brasileiro. Considerado um dos pensadores mais notáveis na história da Pedagogia Mundial. Em 1946, foi indicado ao cargo de Diretor do Departamento de Educação e Cultura do Serviço Social no estado de Pernambuco. No ano de 1961, tornou-se Diretor do Departamento de Extensão e Culturais da Universidade de Recife, ano que realizou junto com sua equipe as experiências de alfabetização popular que levariam à constituição do Método Paulo Freire. Biografia mais aprofundada disponível em: <https://unifei.edu.br/personalidades-do-muro/extensao/paulo-freire/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

foi uma velhinha esperta, pois ela entendia que eu precisava “treinar” minha escrita e leitura. Então, em cima de uma máquina de costura ela espalhava livros velhos, um caderno e um lápis, abria o livro e procurava um texto grande e mandava-me copiar para o caderno. A tal famosa cópia.

Todo dia à tarde minha avó fazia isso como uma penitência. Depois de algum tempo, eu já sabia ler e já estudava na cidade. Nesse período, ela começou a participar do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Ela era a aluna mais assídua e determinada e, com pouco tempo de aula, começou a escrever seu nome, ainda muito trêmula, mas não usava mais sua digital para provar sua existência. Hoje, minha avó lê silabando e pouco compreende o que lê, mas para ela esta aprendizagem foi a maior mudança em seu mundo, pois saiu do analfabetismo total para ser uma conhecedora de letras, palavras e números. Como eu gostava de acompanhar minha avó em suas aulas e ajudá-la a juntar aquelas palavrinhas que eu já dominava tão bem!

Aquele lugarzinho virou passado. Depois de algum tempo, a chácara onde morávamos foi vendida e fomos embora para o Estado do Pará, onde ficamos pouco mais de quatro meses e retornamos porque não conseguimos nos adaptar. Esse período foi o pior, o mais sofrido. Então, voltamos para nosso querido e amado Tocantins, mas onde iríamos morar? Como faríamos para sobreviver se não tínhamos mais nossa terrinha e a única coisa que sabíamos fazer era plantar, colher e caçar? Então, aquela grande família que vivia reunida teve que se espalhar para sobreviver.

Eu e meus avós ficamos em Nazaré, uma pequena cidade no interior do Tocantins, em uma casa cedida. Minha mãe e mais dois de seus irmãos foram para um acampamento de reforma agrária. Naquela época, nem era pela luta do movimento, mas pela necessidade de terem um lugar para morar. Lá, construíram seus barracões de palha, onde moraram por mais de cinco anos até conseguirem ser assentados. Várias vezes atearam fogo nos barracões, jogavam animais podres no córrego para que eles não apanhassem água, com o objetivo de dispersarem os acampados daquele lugar, mas eles resistiram a todos os atentados. E essa foi a mudança no mundo da minha mãe e de seus irmãos, a reforma agrária.

Paulo, lendo sua carta *Do direito e do dever de mudar o mundo*, me chamou a atenção sua afirmação de que “[...] o futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo” (FREIRE, 2000, p. 56)³, tenho que concordar que na luta nos refazemos, nos (re)construímos, saímos da condição de passivos e começamos a criticar, refletir e agir sobre nossa realidade. Tenho que agradecer por tamanha contribuição à *educação popular* e por tamanho acervo que nos deixou, porque a educação para o povo, pensada com e pelo povo, é transformadora.

Meu primeiro encontro contigo foi em um grupo de estudos na graduação em Pedagogia, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), o qual participava para aprofundar meus conhecimentos sobre educação do campo, tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A escolha desse tema se deu pela inquietude em relação à realidade de meus irmãos que acordavam, ainda à noite, para irem ao ponto de ônibus com destino à cidade para estudar, tendo uma escola ao lado da casa de minha mãe no assentamento que viviam. A escola estava fechada e ninguém sabia o porquê.

³FREIRE, Paulo. Do direito e dever de mudar o mundo. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000. p. 26 -30.

Pedagogia da esperança foi o primeiro livro que lemos no grupo de estudos. Recordo-me que em alguma parte do livro você começou a citar os camponeses e trouxe como exemplo um diálogo que teve com alguns deles. Penso que não é possível continuar esta carta sem partilhá-lo aqui, então vamos voltar ao livro *Pedagogia da Esperança*⁴ porque confesso que não me recordo, na íntegra, desse diálogo que você faz com os camponeses e que me fez perceber que não sabemos mais ou menos que o outro, apenas temos saberes diferentes.

Primeira pergunta: –

Que significa a maiêutica socrática?

Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol.

– Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim – disse.

Houve uns cochichos e um deles lançou a questão:

– Que é curva de nível? Não soube responder.

Registrei um a um.

– Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx?

Dois a um.

– Para que serve a calagem do solo?

Dois a dois.

– Que é um verbo intransitivo?

Três a dois.

– Que relação há entre curva de nível e erosão?

Três a três.

– Que significa epistemologia?

Quatro a três.

– O que é adubação verde?

Quatro a quatro.

Assim, sucessivamente, até chegarmos a dez a dez [...] (FREIRE, 1992, p. 48).

Em outra parte do diálogo e, a minha favorita, você escreveu:

[...] – O senhor sabe porque é doutor. Nós, não.

– Exato, eu sou doutor. Vocês não. Mas, por que eu sou doutor e vocês não?

– Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo e nós, não.

– E por que fui à escola?

– Porque seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso, não.

– E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola?

– Porque eram camponeses como nós.

– E o que é ser camponês?

– É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor.

– E por que ao camponês falta tudo isso?

– Porque Deus quer.

– E quem é Deus?

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

– É o Pai de nós todos.
 – E quem é pai aqui nesta reunião?
Quase todos de mão para cima, disseram que o eram. Olhando o grupo todo em silêncio, me fixei num deles e lhe perguntei:
 – Quantos filhos você tem?
 – Três.
 – Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa, no Recife? Você seria capaz de amar assim?
 – Não!
 – Se você – disse eu –, homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça desta, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas?
Um silêncio diferente, completamente diferente do anterior, um silêncio no qual algo começava a ser partejado. Em seguida:
 – Não. Não é Deus o fazedor disso tudo. É o patrão! (FREIRE, 1992, p. 49).

Foi a partir daí que foquei em livros e textos sobre educação do campo e comecei a compreender que a questão não era apenas ter uma escola funcionando no campo, mas ela precisava pertencer àquele lugar. A educação precisa ser problematizadora, precisa levar o educando à reflexão e foi isso que você fez, sabiamente, naquele diálogo. A escola precisa estar inserida nas lutas camponesas e as lutas camponesas precisam fazer parte da escola. Obrigada, Paulo, por me fazer compreender que os oprimidos também precisam de espaço, do seu espaço, não como oprimidos, mas como protagonistas de sua própria história, até porque “a luta ideológica, política, pedagógica e ética a lhe ser dada por quem se posiciona numa opção progressista **não escolhe lugar nem hora**” (FREIRE, 2000, p. 55, grifo nosso).

Temos que sair de nossa posição fatalista e começar a trilhar o caminho de mudanças porque é isso que “[...] nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou àquele fator **condicionante** um poder **determinante**, diante do qual nada se pode fazer” (FREIRE, 2000, p. 55, grifo do autor).

As mudanças começam quando compreendemos a que mundo pertencemos e de onde partimos. Para mim, essa compreensão é a virada de chave. Minha virada de chave veio a partir da leitura do livro *Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil* de Bernardo Mançano Fernandes e João Pedro Stédile⁵. Neste livro, entendi com mais profundidade sobre o Movimento Sem-Terra (MST) e a importância da educação popular. Aqui, tive a certeza a qual mundo pertencia. Na verdade, com a leitura deste livro, me senti revisitando minha infância e as lutas pelas quais passamos. Depois de Fernandes e Stédile, vieram as leituras dos livros *Pedagogia do Movimento Sem-Terra*⁶, de Roseli Caldart e *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias*⁷, de Miguel Arroyo. Tenho imenso apreço por esses livros.

Esse grupo de estudos, que não me recordo o nome agora, mas que era alicerçado pelos seus escritos, me fez compreender que precisamos saber o que nos inquieta, para,

⁵ STÉDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente**: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2014/10/Brava-Gente-A-trajetoria-do-MST-e-a-luta-pela-terra-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁶ CALDART, Roseli Salette. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais que escola. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

⁷ ARROYO, Miguel González. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

então, procurarmos a mudança. No caso dos camponeses, aqueles que lutam por uma divisão de terra mais igualitária, eles sabem pelo que estão lutando, de onde estão partindo e para onde a luta está os levando. Acho que, desde a sua partida, em 1997, até hoje, novembro de 2022, nós tivemos alguns avanços no MST. Mas, enfim, voltemos ao meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Durante a minha pesquisa, observei várias coisas, porém a que mais se evidenciou foi uma suposta desconfiança dos assentados para comigo que, segundo o presidente da associação da época, talvez fosse pelo simples motivo de eu não fazer parte inteiramente de suas lutas, mesmo a minha mãe fazendo parte da mesma realidade deles. Conversei com minha orientadora sobre isso e ela me orientou a estender mais o tempo da pesquisa para conquistar a confiança dos assentados e assim o fiz. Levei meses participando de reuniões da associação – nas quais tive a impressão de ser mal vista por ser a única mulher –, contribuí com a organização do festejo religioso e visitava o assentamento com frequência, visto que minha mãe ali residia também.

Aproximadamente seis meses depois, voltei com meus questionários para realizar a pesquisa e de dezesseis famílias que haviam afirmado que participariam da mesma, somente oito responderam ao questionário. Não me dei por convencida e voltei ao presidente da associação para tirar algumas dúvidas. Ele me respondeu que uma das razões de nem todos quererem participar poderia ser a de que *eu não partilhava da luta deles*. Desta forma, passei a entender que meu olhar era de gabinete, minha visão era de fora, era uma visão diferente dos assentados. Já *escaldados* de tantas pessoas irem lá e usá-los como *ratos de laboratório*, eles já sabiam do meu objetivo e isso fez com que eu me sentisse incomodada. Então, passei a estudar sobre o MST com mais frequência e a abraçar os movimentos dos povos do campo (indígenas, ribeirinhos, quilombolas, pequenos agricultores). Nesse sentido, os livros *Pedagogia da Esperança* e *Brava Gente* foram o pontapé que faltava para (des) construir várias coisas e mudar minha posição quanto aos movimentos sociais.

Paulo, peço licença para aqui compartilhar o hino do MST, um movimento muito importante em minha formação acadêmica e pessoal. Em suas caminhadas com punho erguido, o MST entoou:

*Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!*

Refrão:

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular
Braços Erguidos ditamos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!*

Refrão:

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular
Nossa Força resgatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!*

Refrão:

*Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular.⁸*

Todas as vezes que ouço esse hino sinto que podemos conscientizar e transformar a vida de muitas pessoas através dos movimentos sociais e da educação. Mas, para tanto, precisamos estar propensos a mudanças, lutas e reivindicações. Não podemos ser displicentes e nos acanhar diante dos opressores, frente aos que não vivem nossa realidade e acham que seus olhares de cima são mais importantes que as nossas vozes de oprimidos. Paulo, como tu mesmo afirmas

Se os sem-terra tivessem acreditado na “morte da história”, da utopia, do sonho; no desaparecimento das classes sociais, na ineficácia dos testemunhos de amor à liberdade; se tivessem acreditado que a crítica ao fatalismo neoliberal é a expressão de um “neobobismo” que nada constrói; se tivessem acreditado na despolitização da política, embutida nos discursos que falam de que o que vale é “pouca conversa, menos política e só resultados”, se, acreditando nos discursos oficiais, tivessem desistido das ocupações e voltado não para suas casas, mas para a negação de si mesmos, mais uma vez a reforma agrária seria arquivada (FREIRE, 2000, p. 60).

O MST foi a mudança no mundo de muitas pessoas, principalmente para aquelas que estavam “acomodadas” com o fatalismo pregado pelos conservadores. Depois de tantos anos, o MST ainda é um dos grandes movimentos do Brasil, ainda lutando e (des)construindo o posicionamento de muitas pessoas. Paulo, você ficaria embevecido com o MST durante a campanha para presidente neste ano de 2022. Víamos nas redes sociais aquele mar vermelho de pessoas reunidas com um só objetivo, reconquistar uma brechinha para os oprimidos falarem e serem escutados. O movimento foi ativo e pacífico, recebeu inúmeros

⁸ Letra: Ademar Bogo. Música: Willy C. de Oliveira. **Nosso Hino.** Hino disponível em <https://mst.org.br/2009/07/06/nosso-hino/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

atentados, mas não se abateu e, com a ajuda do movimento, elegemos, novamente, Luiz Inácio Lula da Silva como presidente.

Conseguimos, assim, através da luta dos oprimidos, destituir um governo autoritário. Se você estivesse presente aqui, veria como eles – os simpatizantes do governo – criticam seus escritos e a gente sabe o porquê. O autoritarismo deles se perdeu em meio à nossa luta. Agora temos um número expressivo de oprimidos no Congresso e isso se dá pelo nosso *direito e dever de mudar o mundo*.

Voltando para as ligações de seus escritos com meu trilhar acadêmico, informo a você que hoje sou graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Educação Infantil, *lato sensu*, ambas as formações pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e a primeira da minha família a entrar na universidade. Atualmente, sou mestranda em Educação, pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), localizada em Minas Gerais.

Longe de casa, todos os dias, reflito sobre minha ausência na vida da minha filha e pergunto-me se vale a pena e, sem titubear, já respondo “*sim, Anna, se você não alcançar seu objetivo final, foque apenas no seu objetivo próximo que é acumular conhecimento e ajudar a conscientizar outras pessoas como conscientizaram você*”. Sei que você foi um educador que contribuiu na conscientização de várias pessoas, pois acredite, eu também tive “*meus Paulos Freire*”.

Na minha graduação, eu era uma aluna mediana, não queria nada com nada e meu objetivo era terminar o curso de Pedagogia e ser aprovada em algum concurso. Eu não suportava o curso, mas era o que tinha. Costumo dizer que simplesmente passei pelos dois primeiros anos do curso e me envergonho disso, mas eu não via sentido em ler aquelas montanhas de textos que, ao final, não entendia nada. Mas, no segundo semestre de 2015, chegou à UFT um professor novo que tinha acabado de defender sua dissertação de mestrado. Ele chegou cheio de gás e explicava um texto como ninguém. Eu ficava atônita em meio às suas explicações, e foi a partir daí que as coisas começaram a mudar.

Pouco tempo depois, tive a disciplina de *Didática* com outro professor novo e os dois, juntos, foram “*meus Paulos Freire*”. Queria poder apresentar eles a você, mas, como não é possível, os apresento ao mundo. Apresento Mário Borges Netto e Joedson Brito dos Santos, os professores que me fizeram refletir, sair do meu lugar de passiva e começar a ter uma visão crítica, a me posicionar. Eles mudaram o meu mundo acadêmico e cá estou. Obrigada, Mário e Joedson!

Encaminho-me para a finalização desta carta para compartilhar minhas experiências, agora, como mestranda, que são as mais variadas que você possa imaginar. Vou iniciar com minha vinda para Minas Gerais. Mudar-me para Minas foi a parte mais difícil dessa etapa de minha metamorfose, porque iria me apartar de minha filha. Acho que o acesso à educação ainda se encontra muito concentrado – as regiões sudeste e sul, ainda tem um contingente maior de cursos e vagas disponíveis – e isso me fez migrar, temporariamente, para cá. Enfim, chegar a uma cidade maior, desconhecida e que seria meu lar temporário foi e é assustador, mas são mudanças que considero necessárias.

Na universidade, Paulo, o choque foi maior. Eu venho da região com maior concentração de indígenas do Brasil, Região Norte e, com bastante frequência, ouço que “*tenho cara de índio*”, que tenho cabelo liso porque “*todo mundo no Tocantins é descendente de índio*” e chegaram a me perguntar se chego até a minha casa de carro.

A primeira coisa que fiz foi tentar desconstruir o uso dessa nomenclatura *índio* que não se usa mais por ter um objetivo de inferiorização dos *povos indígenas*, que são diversos.

Ouvir isso dentro de uma academia que diz *construir conhecimento* foi estarrecedor. Hoje, chamamos isso de *xenofobia*, que é algum tipo de aversão às pessoas de outros países ou regiões. Quando tentava desconstruir essa visão retrógrada dessas pessoas, elas, simplesmente, respondiam: “*não é minha obrigação saber porque não faz parte da minha realidade*”, como se o meu país não fosse o mesmo delas. Enfim, muitos podem entender isso como choque cultural, mas eu entendo isso como poder imposto. Contudo, é essa a história contada em nossos livros didáticos.

Até hoje, os livros apresentam as regiões sul e sudeste como desenvolvidas e norte e nordeste como as atrasadas e isso se evidenciou mais ainda durante o período eleitoral. Vivemos uma repetição e memorização constante. Transferimos essa visão completamente descontextualizada e atrasada contribuindo para a perpetuação do racismo, preconceito com a cultura, língua, sotaque etc. Digo a você, Paulo, não é fácil estar na condição de oprimida. Não é fácil ser lembrada a todo instante de onde você veio e que aquele não é o seu lugar. Os espaços de diálogos, de compartilhar vivências e construir conhecimentos estão cada vez mais distantes da comunidade, distante das diversas realidades que os contornam. A universidade, ainda, é um lugar distante para muitos, infelizmente. Mas, como digo sempre: “Avante na luta!”

HÁ BRAÇOS PARA RESISTIR

Rayane Oliveira da Silva¹

Querido e admirado professor Paulo Freire,

Ler sua carta, intitulada “Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho”, no livro *Pedagogia da indignação*², em um momento tão difícil para o nosso país, me encheu de esperanças e de sonhos e, por isso, gostaria de iniciar agradecendo pelo seu legado e por plantar a sementinha da reflexão em nós, docentes da educação. A despeito da reflexão, afirmo que o teor de sua carta continua atual e necessário para os profissionais da educação e para toda a sociedade.

Inicialmente, gostaria de contar um pouco sobre mim, sobre a minha trajetória escolar e do porquê escolhi me dedicar à carreira docente. Chamo-me Rayane Oliveira da Silva, tenho 26 anos, sou nascida e criada na cidade de Itaboraí, interior do Rio de Janeiro e há dez anos moro no estado de Minas Gerais. Tentarei ser breve, mas gostaria de compartilhar com você um pouco sobre minha vida escolar e o impacto desse momento na minha escolha de ser professora.

Minha trajetória escolar iniciou-se no ano de 1998, no mesmo colégio que a minha irmã estudava, no Externato Lagoas, localizado na cidade de Itaboraí, interior do RJ e que existe até hoje. Entrei no jardim de infância I, apenas com dois anos e meio, onde fiz do ensino fundamental I até o primeiro ano do Ensino Médio. Sempre gostei de estudar, lembro que nessa época eu adorava ir à aula e me destacava como uma das melhores alunas da classe. Adorava minhas professoras, que também as chamava de “TIA”, termo que sempre lembro do seu livro: “Professora sim, tia não”. Tenho muitas lembranças desse período e lembro-me de uma certa cobrança dos meus pais com a minha obrigação em “passar de ano” e tirar boas notas. Aqui, hoje como profissional da educação, percebo que não existia uma preocupação com o aprendizado e sim como o passar e com notas.

Uma antiga professora, que atuou na minha alfabetização, sempre falava que quem não se comportasse e fizesse as atividades em sala não iria para o primeiro ano (antiga primeira série). Eu não entendia muito bem o que ela estava querendo dizer, não sabia o que era “passar de ano”, mas obedecia sem questionar. Aqui eu percebo como a educação tradicional prevalecia. Em relação à cultura escolar, lembro-me bem das provas escritas e das notas sempre presentes na minha trajetória escolar. É dito que o caráter sociológico da educação remete à reflexão direta dos direitos colocados pelo grupo social ao qual a educação serve.

No ano de 2012, me mudei para a Escola Estadual Desembargador Moreira dos Santos, localizada em São Gonçalo do Rio Abaixo, Minas Gerais, onde estudei até completar o Ensino Médio, finalizado no final de 2013. Meus pais sempre fizeram o possível para me dar uma educação de qualidade e sempre me incentivaram a estudar. Além disso, durante

¹ Pedagoga e mestranda em Educação pela Universidade Federal de Viçosa. Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental II e Ensino Médio do Colégio Coeducar.

² FREIRE, Paulo. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000. p. 54 -61.

esse período de estudos do Ensino Médio, cursei três cursos profissionalizantes no Senai/MG. O primeiro foi o curso de aprendizagem em processos administrativos; o segundo foi o de aprendizagem em solda e o terceiro foi o de técnico em mecânica industrial, oferecido no Senai e com parceria do Governo, pelo programa PRONATEC³. Em seguida, no ano de 2014, com a finalização dessa etapa, tive a necessidade de parar os estudos e arrumar um emprego para ajudar em casa.

Assim, aos dezoito anos tive meu primeiro emprego de carteira assinada. Trabalhei durante um ano e oito meses em uma empresa de container. Depois de quase dois anos trabalhando, resolvi ingressar em um cursinho para tentar o Enem⁴, mais uma vez! Porém, logo em seguida fui demitida, e o sonho de entrar em uma Universidade falhava, pois sozinha eu não conseguiria ter uma preparação boa para prestar o referido exame. Mas, em menos de dois meses fui aprovada em outro processo seletivo, no qual comecei a trabalhar em uma empresa de saúde ocupacional conhecida como Sustentar Ocupacional, trabalhando, nessa empresa, até fevereiro do ano de 2017. E foi graças a esses dois empregos que eu consegui pagar o cursinho e prestar o Enem novamente.

Então, no ano de 2017, ingressei na Universidade Federal de Viçosa (UFV), no curso de Pedagogia. De modo geral, todas as experiências vivenciadas durante minha trajetória escolar foram muito significativas para mim enquanto ser humano, pois cada professor contribuiu de alguma forma para que eu me tornasse um ser mais crítico e, hoje, ser capaz de não aceitar as coisas já prontas e sim construí-las. Um professor é o responsável pela formação do indivíduo e o ser capaz de contribuir com a transformação social.

As dificuldades foram muitas, veio o medo da família sobre quais seriam as minhas formas de sustento, porque meus pais não tinham condições de me manter fora de casa. A insegurança por pedir demissão de um serviço para estudar em uma federal e não ter condições de me manter, o desprezo dos familiares que não entendiam o motivo de largar um serviço para ir estudar, além de ser a primeira pessoa da família a ingressar em um curso superior. Assim que fui aprovada na UFV e, conversando com alguns colegas, descobri que poderia conseguir uma assistência estudantil. Graças a ela, consegui uma formação superior em uma universidade pública de qualidade, pois, com esse programa, se tornou viável a mudança de cidade e o sustento durante os anos de graduação.

Sobre a minha trajetória na graduação, em abril de 2017, no meu primeiro ano do curso, tive a honra de te conhecer na disciplina de EDU 224- Filosofia I, ministrada pelo professor Edgar Coelho. Com ele e seus ensinamentos, aprendi a importância da educação popular como formação da consciência e o comprometimento dos formadores com a transformação social através da educação. Nesta disciplina, tive a oportunidade de ter contato e de conhecer algumas de suas obras.

Em seguida, comecei a participar como voluntária de um projeto de extensão voltado para a comunidade, conhecido aqui na UFV como Ludoteca. A Ludoteca é um espaço preparado para propiciar o desenvolvimento do aprendizado e de atividades lúdicas e

³ Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego. “O objetivo do Pronatec é ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica por meio de ações de assistência técnica e financeira”. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pronatec>. Acesso em: 17 mar. 2023.

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio. “O objetivo de avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Em 2009, o exame aperfeiçoou sua metodologia e passou a ser utilizado como mecanismo de acesso à educação superior”. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem>. Acesso em: 17 mar. 2023.

brincadeiras, procurando resgatar a prática do brincar no contexto da infância. Por lá, trabalhei auxiliando as crianças a participarem de brincadeiras orientadas com outras voluntárias, enquanto seus professores participam de uma formação com discussões voltadas para a importância do brincar e o seu potencial em relação a temas da diversidade cultural.

Em seguida, já no sexto período, matriculada na disciplina EDU 263 - Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, com a professora Rosa Porcaro, também aprendi sobre o seu legado e suas técnicas. Mesmo no curso de pedagogia, e com essas duas disciplinas citadas, hoje percebo que o contato foi pouco e que dentro do curso poderíamos trabalhar e ler mais os seus textos.

Durante a minha trajetória no curso de pedagogia, com a experiência dos estágios, observei a extensão da profissão docente e sua importância para a sociedade. No sexto período, também tive a oportunidade de atuar como estagiária na Escola Municipal Padre Francisco José da Silva, no bairro de Nova Viçosa, na cidade de Viçosa - MG. Escolhi esta escola por se localizar em um bairro periférico da cidade, por ser distante do centro e por entender a necessidade de trabalhar em uma escola cujos alunos são excluídos da sociedade. Não posso negar que esta escolha se deu após leitura da sua obra *Pedagogia do Oprimido*, em que você traz e reflete sobre a estrutura das classes, além de ser uma obra que aprofunda nos estudos marxistas.

A experiência possibilitou-me a compreensão da educação na dinâmica da estrutura de uma sociedade opressora, com conhecimentos sendo passados de forma bancária e não problematizadora. Essa experiência de estágio foi marcada por imaginar, sorrir, se divertir, descobrir, conversar, questionar, e principalmente aprender. Mesmo se tentasse demonstrar em palavras o que foi essa experiência não conseguiria, pois somente vivendo é que seria possível compreender os sorrisos, as risadas, o carinho e toda a alegria que aquelas crianças possuem e transmitem a todos que convivem com elas. Mesmo com a exclusão social e com todas as dificuldades existentes na comunidade, posso afirmar que tudo vale a pena, investir e acreditar na educação vale a pena. Foram momentos ricos de aprendizados para minha formação acadêmica, pessoal e profissional. Entrei nessa escola com o objetivo de fazer o estágio supervisionado em ensino fundamental e saí com sensações inexplicáveis. Todo amor e carinho recebido nesse período jamais serão esquecidos.

Além dessa experiência, tive outras experiências de estágios em escolas públicas que foram fundamentais para minha formação. No ano de 2019, tive a oportunidade de iniciar uma nova fase da minha vida, dessa vez em uma escola particular e na área de coordenação pedagógica. Passados alguns meses e com a virada de ano, fomos surpreendidos em março de 2020 com uma pandemia⁵. Nesta conjuntura pandêmica, o Conselho Nacional de Educação, por meio do Parecer CNE/CP n.º 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020⁶, autorizou a oferta de atividades em forma remota em todas as etapas de ensino, enquanto durasse a pandemia. As instituições públicas e privadas adotaram o ensino remoto emergencial, através das aulas síncronas e assíncronas, como possibilidade para prosseguir com o período escolar devido ao distanciamento social necessário. Neste momento, Freire,

⁵ A pandemia do coronavírus 19 (COVID) teve seus primeiros casos em dezembro de 2019 e chegou ao Brasil em março de 2020. Ficou marcada por gerar muitos casos graves de síndrome respiratória aguda que levaram a um alto índice de mortalidade em todo o mundo.

⁶ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020> Acesso em: 17 mar. 2023.

precisamos nos reinventar e continuar a educar. Já tinha comigo os seus dizeres e a importância de se reinventar profissionalmente. E foi assim que fizemos.

Na minha graduação, este também foi um ponto que vale a pena ser ressaltado. Anteriormente, a conclusão do meu curso estava prevista para dezembro de 2020 e, com a pandemia, o sonho foi adiado, sendo possível a conclusão do mesmo apenas em novembro de 2021. Durante esse tempo, tivemos que continuar e nos reinventar.

Bom, os anos de 2020 e de 2021 eram para ser mais dois anos comuns, com o retorno das férias, como estávamos acostumados: aquele habitual início de ano, com a recepção de calouros, calouradas, integrações, rever os amigos, e claro, com muitas novidades para contar e escutar. Entretanto, foram dois anos que nós, estudantes, assim como todos os profissionais da UFV, tivemos que aprender e nos reinventar para dar continuidade à nossa formação. Surgiram novas siglas no nosso calendário de aulas. Tivemos o Período Especial de Outono (PEO) e Período Especial Remoto (PER), começamos a perguntar para os amigos qual era o link da aula e ficamos perdidos entre aulas síncronas e assíncronas. Enfim, nossa rotina já não era mais a mesma. Mais do que nunca, foi necessária muita disciplina e persistência para prestar atenção nas aulas e continuar com o foco nos estudos. Freire, que mudança radical na educação nesse momento.

Enfim, gostaria, aqui nesta carta, de agradecer aos professores, técnicos e servidores que, com muito empenho, contribuíram para que tivéssemos uma educação pública de qualidade. Também deixo registrado que mesmo com o sucateamento do ensino público, somos resistência e lutaremos para que a sociedade continue tendo o direito de ter uma educação pública socialmente referenciada. E por fim, Freire, nessa turbulência, a nossa formatura aconteceu de um jeito que nunca imaginamos e diferente do tradicional, uma formatura remota, com todos na sua casa.

Logo após a formatura, várias bênçãos foram acontecendo. Tive a tão sonhada aprovação no mestrado acadêmico na UFV e, logo em seguida, também consegui um emprego em uma escola privada da cidade. A escola atua na oferta de educação básica, localizada na cidade de Viçosa, Minas Gerais, criada em 1992 e, neste ano, ela completa 30 anos, formando sujeitos que neste momento ocupam diferentes espaços profissionais na sua cidade de origem e para além dela. Deste modo, entendo que assumir a coordenação do ensino fundamental II e ensino médio está sendo um desafio. Durante o meu trabalho, busco ter um olhar coletivo e institucional, com intuito de cooperar com as finalidades propostas nos documentos bases da escola e conforme a realidade concreta. Ao longo do ano, vários obstáculos foram aparecendo e sendo superados, escritos estes que poderiam originar uma segunda carta.

Gostaria de finalizar fazendo uma relação da nossa vida política com a educacional, pois escrevo esta carta às vésperas das eleições presidenciais no ano de 2022, e sinto que estou insegura diante do que pode acontecer. Por aqui vivemos tempos difíceis, no qual continuamos nos submetendo aos ricos e aos interesses dos dominantes. Ou seja, a história pouco mudou. Logo, trago a reflexão de que esse cenário se dá pela falta de uma educação crítica e de qualidade para a sociedade, que limita a população oprimida a sempre querer ser opressora⁷.

⁷ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

A falta de compreensão da classe social, da realidade vivida, do seu lugar e de como poderíamos viver esbarra no discurso, vendido por um presidente que não condiz com o cargo que ocupa atualmente. O discurso profético, como você fala na sua carta, é muito atual com o discurso que o presidente faz e conduz seus eleitores. Em que o ser humano não consegue perceber que ele não é apenas um objeto e precisa se reconhecer como ser intervencionista na política. A partir disso, temos escrito na história brasileira um capítulo triste, excludente, negacionista e, mesmo com a era da comunicação mais avançada, ainda vivemos tempos de propagação de notícias falsas similares ao discurso do presidente, sendo meros seres condicionados.

É preciso termos ciência do momento para uma possível revolução contra tudo que estamos vivendo. É saber ser mudança, refletir, ser um cidadão crítico, politizado para analisar a dimensão do que vivemos e as mudanças que queremos. Como em vários pontos, você traz em suas cartas que é preciso ter esperança, mesmo com os fortes discursos neoliberais, com a ponte quase se rompendo querendo destruir nossos sonhos. Querido Paulo Freire, não posso negar que nos últimos anos nossos sonhos estão sendo enterrados e é difícil ter esperança. Como educadora, percebo a todo tempo a prática educativa sendo desvalorizada e isso também é uma forma de ameaçar nossa esperança, sonhos e utopia. Resumo este momento com suas palavras:

Não é possível educar para a democracia, para a liberdade, para a responsabilidade ética na perspectiva de uma concepção determinista da História. Não é possível, por outro lado, educar para a democracia ou experimentá-la sem o exercício crítico de reconhecer o sentido real das ações, das propostas, dos projetos sem a indagação em torno da possibilidade comprovável de realização das promessas feitas sem se perguntar sobre a real importância que tem a obra anunciada ou prometida para a população como uma totalidade bem como para cortes sociais da população⁸.

É nesse sentido que percebemos a importância da união da classe trabalhadora, da educação, da democracia, do conhecimento político, entre outros pontos que eu poderia citar aqui. Como você sempre diz, não é possível separar a política da educação, todo ato político é pedagógico. Isto posto, em contraponto, temos a desvalorização da educação e os ataques que insistem em dizer que a educação não é emancipadora.

Obrigada, Paulo Freire, pelo seu legado e por sempre nos lembrar da importância de ter esperança. Relembro a frase que mais me marcou do seu texto: “É tudo isso, com momentos, apenas, de desencanto, mas sem jamais perder a esperança. Não importa em que sociedade estejamos e a que sociedade pertencamos, urge lutar com esperança e denodo⁹”. E por fim, mas não menos importante, finalizo esta carta com um sorriso no rosto e alegria no coração, pois no último dia 30 de outubro de 2022, o Brasil voltou a sorrir, voltou a ter esperanças de um país melhor e mais justo.

⁸ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000. P. 58.

⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação*: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora Unesp, 2000. P. 61.

Há braços,
Continuaremos lutando!

Com carinho,
Rayane Oliveira da Silva

CONJUGAÇÃO DO VERBO RESISTIR E ESPERANÇAR

Sandra Cristina Gomes¹

Querido e saudoso mestre Paulo Freire,

Escuto tantas histórias a seu respeito. Tantos causos bons de escutar. É muita gente que o senhor ajudou a educar. Gente que não sabia ler e escrever e que hoje até sabe ensinar. Gente que trabalhava na roça e só sabia plantar. Gente que cuidava da terra, que construía casas para as outras pessoas morarem. Gente como a gente, que só sabia mesmo era sonhar. Quando alguém vem me contar sobre sua vida e suas obras eu quase começo a chorar. Foram muitas lutas travadas pelo senhor para que a gente pudesse trilhar seu caminho. Sempre sonhei em ser professora e nunca imaginei que um dia teria que lutar para poder ensinar.

Ao ler a sua quinta carta sobre o primeiro dia de aula, escrita às educadoras progressistas no livro **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**² me chamou a atenção duas de suas frases brilhantes. Na primeira, o senhor diz que “[...] o educador não é um ser invulnerável. É tão gente, tão sentimento e emoção quanto o educando.” (FREIRE, 1994, p. 45). A segunda me faz lembrar de minha trajetória rumo à profissão docente e diz respeito aos medos que permeiam nossa prática profissional cotidiana:

De fato, o medo é um direito, mas a que corresponde o dever de educá-lo, de assumi-la para superá-lo. Assumir o medo é não fugir dele, é analisar a sua razão de ser, é medir a relação entre o que o causa e a nossa capacidade de resposta. Assumir o medo é não escondê-la, somente assim podemos vencê-la (FREIRE, 1994, p. 44).

Minha trajetória começa assim. Quando eu ainda cursava o ensino médio, não tinha dúvidas de que queria ensinar. Procurei um curso de magistério e, logo naquele ano, o curso, que até então era gratuito, havia sido extinto. Mas, por haver muita demanda, a prefeitura fez parceria com um colégio particular da cidade para que pessoas de baixa renda pudessem fazer o curso. A prefeitura pagava 50% e os alunos 50%. Fiquei sabendo e comecei a pensar em uma maneira de pagar.

Assim, eu ingressei no meu primeiro emprego, trabalhando na cozinha de um restaurante de comida a quilo. Eu ainda era menor de idade na época, tinha quase dezessete anos. Eu trabalhava igual a todas as outras pessoas, porém recebia menos por ser menor de idade. Ainda não tinha conseguido ganhar o suficiente para fazer o curso de magistério. Então segui a vida, estudando e trabalhando. Nessa época, ainda não havia escutado nada sobre o senhor. Nem tinha conhecimento de sua existência.

Terminado o ensino médio, eu consegui o emprego de doméstica. A dona da casa era uma pessoa muito humana e, tanto ela quanto sua mãe, já haviam sido professoras.

¹ Mestranda em Educação PPGE Universidade Federal de Viçosa. Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Viçosa (2009), especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional (2014) e em Supervisão, Inspeção e Orientação Educacional (2017) pela Universidade Cândido Mendes.

²FREIRE, Paulo. Primeiro dia de aula. In: FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não: cartas a quem ousa ensinar**. 5. ed. São Paulo: Olho d'Água, 1994. 128 p.

Sabendo de meu desejo, ela se solidarizou comigo e me ajudou a realizá-lo. Então, fiz o magistério muito bem feito, empolgada e feliz. As aulas acabavam às vinte duas horas, mas era o primeiro passo para a realização do meu sonho. E eu estava nas nuvens.

Enquanto frequentava o curso, eu passei pelo estágio e consegui terminá-lo. Por um longo período eu não consegui trabalhar em nenhuma escola e continuei a trabalhar em empregos temporários. Passava meus dias de folga distribuindo currículos nas escolas privadas. Em uma delas, me disseram que *professora preta não podia trabalhar ali e que a escola não poderia contratar uma professora negra porque não saberia qual seria a reação das crianças, posto que lá não havia nenhuma criança negra*. Passei por muitas lutas, até que tive minha primeira oportunidade como professora de Educação Infantil.

Querido Paulo, na noite que antecedeu o meu primeiro dia em sala de aula, não consegui dormir. Tinha muita ansiedade e só pensava em como seria pisar no chão da escola pela primeira vez como professora. Comecei a temer que as crianças – na época com dois anos de idade – não entendessem minha letra no quadro. Não sabia como eu deveria iniciar a aula e nem como me comportar. Não sabia, também, se as crianças me aceitariam. Esse medo não era irracional, pois na experiência anterior que lhe contei a fala sobre eu ser professora e negra me marcaram profundamente. Era um misto de sentimentos. Me sentia feliz e ao mesmo tempo com muito medo, sentia-me animada e insegura de uma só vez.

No meu primeiro dia, eu não via hora de chegar à escola. Cheguei bem cedo e fui apresentada às pessoas, às instalações e, finalmente, à minha turminha. Eu não saberia descrever em palavras meus sentimentos naquele dia, há tantos anos. E sabe o que é engraçado, Paulo? Eu sempre me pego pensando nesse meu primeiro dia como professora, de como todo aquele sentimento de medo e insegurança foi dando lugar a uma força e uma coragem inexplicável. Eu comecei a conversar com as outras professoras, a me apresentar para aquele pequeno grupo de crianças e a escutá-las. Quando percebi, já estava colocando em prática o que havia aprendido no magistério e o que os professores haviam me ensinado sobre sua pedagogia e pensamento. Eu estava ali sentada, fazendo a rodinha de conversa com aquelas crianças, deixando que, através das demandas delas, a aula fluísse. Eu aproveitava cada palavra que elas traziam para dar direcionamento às nossas conversas e às nossas aulas. Como o senhor fazia com suas palavras geradoras

Nesse processo, fui seguindo os seus ensinamentos, observando e buscando agir com sensibilidade e amorosidade. Penso que saber observar e acolher os educandos são elementos essenciais para um bom planejamento, para qualquer idade. Quando o senhor escreve em sua carta que “[...] a jovem professora deve estar atenta a tudo, aos mais inocentes movimentos dos alunos, à inquietação de seus corpos, ao olhar surpreso, à reação mais agressiva ou mais tímida deste aluno ou aluna.” (FREIRE, 1994, p. 45), está nos ensinando a ter esse olhar crítico e cuidadoso, a saber enxergar a identidade cultural dos educandos e a respeitá-los.

Também nos ensina que devemos ser capazes de dialogar e criar estratégias para que haja o crescimento entre educadores e educandos. Percebi, então, sua preocupação em engajar os professores para repensarem sua prática e a maneira de agir em sala de aula. Vejo que, muitas vezes, nós deixamos nossa prática limitada ao que já estamos acostumados no nosso dia a dia. Se ainda hoje, encerrando o ano de 2022, o senhor ainda estivesse aqui, poderia ver como foi importante todas as lições que deixou para nós futuros professores e professoras. Como suas ideias são positivamente propagadas e seguidas entre os educadores

progressistas. Como sua luta, o senhor nos inspira a seguir adiante e a desenvolver um trabalho de amorosidade, compreensão, acolhimento e escuta com nossos educandos.

Procuramos seguir os ensinamentos que o senhor gentilmente nos trouxe em sua mais sublime obra **Pedagogia do oprimido** (2022)³. Sua escrita, tão encantadora, permeia nossos pensamentos. Temos vivido tempos difíceis no cenário atual. Os professores têm sido perseguidos e atacados. Não tão explicitamente como em sua época, mas de maneira severa, e o verbo que mais conjugamos na atualidade é o *Resistir*.

Te agradeço, querido Paulo Freire, por ter nos ajudado a ser resistentes, a seguir em nossa luta, apesar de todos os desafios da profissão docente. E, principalmente, a vencer nossos medos como educadores. Outro verbo importante, que o senhor como professor dos professores nos ensinou a conjugar, foi o verbo *esperançar*. Sigo conjugando esse verbo nas rodas da vida como professora, como educadora, com o coração cheio de amor e paz e esperança.

Acredito que mesmo sem lhe conhecer eu já seguia seus passos, trabalhando com o voluntariado. Trabalhei como voluntária em uma creche pública aos 14 anos de idade. Era uma instituição voltada para crianças carentes, na qual elas eram cuidadas e as mães, em sua maioria solteiras, recebiam ajuda assistencialista. Durante minha estadia nessa instituição, busquei o meu máximo, para que as crianças se sentissem seguras, cuidadas, amadas e respeitadas. Olhando aqueles rostinhos, olhinhos e sorrisos eu me recordava da minha infância, de quando, ainda no segundo ano do ensino fundamental, eu descobri a minha cor de pele, pois, até então, essa questão de cor e racismo não existia para mim. Descobri isso através das atitudes de uma professora racista e preconceituosa. Eu descobri que minha cor era diferente e que isso doía.

Foram tempos difíceis, pois continuei tendo aula com essa professora até o quarto ano. Porém, tenho orgulho de dizer que passei por esses tempos com bravura. Não vou dizer que não chorei. Chorei muito, me isolei e criei estratégias para não ir para a escola. Porém, todas elas foram derrubadas pela minha mãe, que era uma fera e nem imagina o que se passava dentro daqueles muros e portões fechados.

Recordo-me nitidamente de quando eu recebi meu boletim escolar, no quarto ano. Eu chorava descontroladamente e ninguém entendia nada, porque afinal eu havia passado de ano e com notas altas! Hoje, já adulta e com o coração curado, eu sei que aquele choro era de libertação, porque eu precisava tirar toda amargura e dor do peito para começar a viver uma nova fase, sem aquela professora opressora que me frustrou durante todo o ensino fundamental. Aquela história se encerrava ali!

Porém, no ensino médio a minha descoberta foi outra. Se no ensino fundamental, até a triste experiência, eu não me atentava para a minha cor de pele, no ensino médio eu descobri outra realidade. Descobri que existia outro fator dominante, conhecido como classe social e que eu, nitidamente, fazia parte da classe mais baixa, por ser filha de empregada doméstica e de agricultor. Porém, nessa época era mais tranquilo, porque eu já sabia qual era o meu lugar e, então, pensava que era só eu não ultrapassar os limites. O colégio, na minha época, era como uma selva dividida por grupos ou tribos. Cada um tinha o seu e era mais fácil viver assim. Eu não tinha mais aquela professora do ensino fundamental que me

³ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 82 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

oprimia. Agora eu fazia parte de um grupo e isso me tranquilizava de certa forma. Estudava, tinha um grupo de iguais para fazer parte e vivia minha adolescência feliz na vida escolar.

Como já lhe contei no início da carta, eu sempre fui sonhadora e sempre busquei oportunidades de realizar meus sonhos. E, justamente por buscar a realização desses sonhos, comecei a estudar a noite para trabalhar durante o dia. E tudo ia fluindo bem na minha imaginação. Estava louca para prestar o vestibular para pedagogia e dar início ao meu sonho de ser professora. Nessa época, existia na Universidade Federal de Viçosa (UFV) um programa chamado Programa de Avaliação Seriada para Ingresso no Ensino Superior (PASES), pelo qual os estudantes podiam fazer o vestibular por etapas. Esse programa consistia em avaliar os estudantes nos três anos do ensino médio e, após a terceira avaliação, eles eram classificados para concorrer a uma das vagas oferecidas pela universidade.

Sabe por que estou lhe contando tudo isso, saudoso Paulo Freire? Porque foi ao me inscrever nesse programa que tomei uma rasteira, dada pelo sistema, pois o governo implementou um novo programa, no qual os estudantes que estudavam a noite teriam que cursar duas séries em um mesmo ano. Seria o programa acertando passos, assim, os alunos que eles consideravam atrasados poderiam cursar dois anos em um. Pelo que o governo estipulou, aos 15 anos de idade o aluno deveria estar iniciando o Ensino Médio. Mas, sabemos bem que a realidade da nossa educação básica brasileira é outra, devido ao fato de que muitos estudantes de baixa renda precisam trabalhar, até mesmo para ajudar a família, gerando, muitas vezes, um descompasso na idade e na formação desses jovens. E muitos sofreram com essa decisão, pois foi justamente no ano em que fariam a primeira etapa do PASES que fomos obrigados a cumprir duas etapas do ensino médio no mesmo ano, destruindo a oportunidade de muitos jovens que sonhavam com a entrada em uma universidade.

Como sempre, as classes pobres continuaram oprimidas, enquanto as classes dominantes seguiam a vida normalmente. Nesse caso específico, os alunos das escolas particulares puderam fazer o vestibular seriado normalmente e, nós, das escolas públicas, nos tornamos mais uma vez a classe excluída pelo sistema - que deveria criar programas para nos ajudar ou nos colocar em situação de igualdade com as classes dominantes. Isso seria nos libertar de verdade de toda farsa que a educação do Brasil é para todos.

Porém, mais uma vez utilizando do seu verbo *esperançar* como guia, não me deixei abater. Como já lhe contei, procurei fazer o curso de magistério, sempre dando o meu melhor, buscando oportunidades e nunca me deixando abater pelas adversidades da vida. Sempre carreguei comigo, e ainda carrego, a sua ideia de que a educação é o meio de libertação, tanto dos opressores quanto dos oprimidos. Suas palavras nos dão direcionamento. Por mais que tentem apagá-lo, o senhor estará vivo para sempre em nossa memória, em nossos corações. O professor é sempre um aprendiz que precisa estudar, como o senhor mesmo nos disse.

Saudoso Paulo Freire, como o senhor tem feito falta nesses tempos atuais. Os professores têm sido massacrados, pois precisam sobreviver e é exatamente por isso que muitas vezes possuem dois cargos, não lhes sobrando tempo para conhecer seus alunos de verdade. Falo daquele olhar que o senhor possuía e que conseguia, através do contexto, extrair palavras geradoras para alfabetizar os adultos trabalhadores que desejavam aprender a ler e escrever, apesar das contingências da vida. O senhor conhecia seus alunos e suas realidades. Em função do pouco tempo que os professores têm para estudar e planejar, eles

acabam priorizando o uso dos livros didáticos. Conhecendo um pouco de seu trabalho, caro amigo, penso que se fossemos escolher uma palavra geradora hoje, ela seria *Resistir*: à desvalorização, à desmotivação, às cobranças, às violações de nossos direitos e ao desrespeito social e político. Mas, mesmo assim, penso que devemos seguir na luta por reconhecimento, por justiça, verdade e legitimidade das nossas ações.

Eu ouvia falar de Paulo Freire, porém foi no mestrado em educação que pude conhecer suas obras de verdade, sua trajetória e história de vida. Esta experiência se deu na disciplina que uma querida professora nos ofertou. E te confesso que tive uma expansão da mente com suas obras, com sua maneira de ensinar, de enxergar o outro, de acolher. Tive a oportunidade de olhar para ações que passavam despercebidas por mim e que hoje, com olhares mais críticos e a partir de seus ensinamentos, fazem toda diferença na minha vida. Sua práxis me inspira a ser, a cada dia que passa, uma professora melhor. Quando começo a refletir, vejo que, por mais que eu tenha sofrido ou sido injustiçada, nada do que eu passei se compara com a perseguição que o senhor sofreu, no Brasil e enquanto exilado. Sinto muito que o senhor tenha passado por tudo isso para nos deixar esse legado tão bonito.

Sua trajetória mexe muito com minha existência, porque apesar de o senhor ter passado por tanta injustiça, continuou a sua vida tendo fé em Deus e nas pessoas, continuou a lutar pelos oprimidos. Sua quinta carta, que aqui eu ensaio a responder, foi a que eu mais me identifiquei, por se parecer muito com todos os sentimentos conflitantes que senti em meu primeiro dia em sala de aula como professora.

Porém, todas as outras nos trazem lições e aprendizados para minha práxis enquanto professora. Termina essa carta lhe agradecendo, querido mestre, por suas obras e seus ensinamentos. É muito bom poder estar hoje e nesses tempos atuais contando com suas escrituras que para nós são sagradas. Gostaria que essa carta chegasse ao seu coração e que o senhor pudesse sentir que tudo o que passou não foi em vão, porque, ainda hoje, você inspira muitos educadores. E que bom que seja assim! Isso te torna vivo entre nós.

Termino por aqui, ansiosa pelas próximas leituras...

Um abraço fraterno!

CARTA DE DESPEDIDA

Leitores e leitoras, navegantes de mares imprevisíveis,

Nós, organizadoras, nos despedimos de vocês expressando nossa profunda gratidão pela leitura e pelas contribuições de Freire e hooks para a área da educação. Seus ensinamentos são inspirações para nós, estudantes e docentes da pós-graduação em educação, para trilharmos caminhos de emancipação, diálogo e justiça social.

Suas obras envolvem a promoção de uma educação crítica e transformadora, o empoderamento dos estudantes e a visão da educação como uma prática libertadora. Além de apresentarem alternativas aos modelos tradicionais de ensino, que nos incentivam a questionar as estruturas de poder, elas nos possibilitam refletir e buscar formas mais inclusivas e transformadoras de educação. A atualidade das ideias e conceitos de hooks e Freire, nos indicam caminhos para uma prática educadora engajada e comprometida com a igualdade e a emancipação por intermédio da educação.

Superar a fragmentação e a exclusão no ensino se torna uma luta necessária na vida de educadores comprometidos com os modelos de educação pensados por esses autores. Por isso, escrever nossas impressões e vivências constitui em um processo de resistência e enfrentamento às práticas educacionais bancárias.

Organizar um livro com dezoito cartas, escritas por educadoras e educadores, dispostos a correrem riscos, de mãos dadas com uma educação engajada e pautados na busca do ser mais, implica tecer reflexões sobre suas próprias memórias de vida e formação. Consideramos que as vivências pessoais e coletivas compartilhadas nessas cartas, tecidas com muito sentimento, amorosidade e humildade, podem encontrar eco em outras histórias vividas pelo mundo afora, por educadores e educadoras que resistem e se transformam a cada dia.

As correspondências trocadas nessas linhas nos fazem reviver as memórias e lembranças do tempo escolar, da formação inicial e das vivências ocorridas nas práticas profissionais. Diferentes sentimentos foram manifestados pelos autores e pelas autoras das cartas, ao revisitarem o passado e que permitiram um exercício de reflexão sobre a construção de suas subjetividades. Para alguns, a realização da disciplina Educação e razões oprimidas foi a primeira oportunidade de um contato mais aprofundado com a pedagogia libertadora, de Freire e a engajada, de hooks, que se encontram em algum momento de suas vidas e dialogam sobre processo a necessária descolonização do pensamento e conscientização de homens e mulheres em situações opressoras. Conscientização esta “não como um fim em si, mas sempre na medida em que se soma da uma práxis significativa” (hooks, 2013, p. 68).

É, assim, nessa busca de uma ação-reflexão permanente, moldada pelo diálogo e pela práxis cotidiana e libertadora, que organizamos este livro. Por esta razão, esperamos que sua leitura os mobilize, leitoras e leitores, a renovarem o compromisso político que a educação exige de nós, educadores progressistas. Compreendemos que é através de práticas horizontais e engajadas com os nossos educandos que construiremos, coletivamente, uma educação emancipatória, capaz de promover mudanças sociais.

Com estas últimas palavras, nos despedimos.

Com carinho
As organizadoras

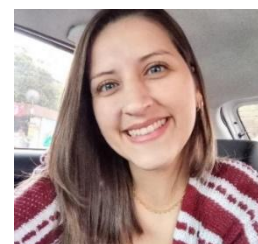
Viçosa, 11 de agosto de 2023.

SOBRE AS ORGANIZADORAS E A ILUSTRADORA



Bethania Medeiros Geremias é educadora, poeta, professora dos cursos de graduação em Pedagogia e Pós-Graduação em Educação, do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa. Ministra a disciplina Educação e Razões Oprimidas no mestrado em Educação. É pedagoga, mestre e doutora em Educação Científica e Tecnológica. Lidera o grupo de pesquisa TECIDO – Tecnologias, Ciências e Dodiscências, que tem como principais referências Paulo Freire, Vieira-Pinto, Andrew Feenberg e bell hooks.

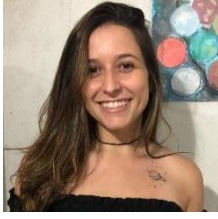
Camila Martins Januário de Freitas, é mestranda do Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Graduada em licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa. Especialização em Psicopedagogia Institucional pela Unopar. Estudante do Núcleo de Pesquisas Educação e Artes em Diferentes Espaços - NUPEADE - UFV/CNPq.



Daiane Cenachi Barcelos é mestranda em Educação na Universidade Federal de Viçosa. Graduada em Licenciatura em Educação do Campo - Ciências da Natureza na Universidade Federal de Viçosa. Integra os grupos de pesquisa Tecnologias, Ciências e Dodiscências (TECIDO) e o Núcleo de Pesquisa Educação e Artes em Diferentes Espaços (NUPEADE) da Universidade Federal de Viçosa. Possui experiências na área da Educação, com ênfase em Educação do Campo e nos seguintes temas: pedagogia da alternância, sistematização de experiências, licenciatura em educação do campo, agroecologia e educação do campo.

Mariana Moreira dos Santos é mestranda no Programa de Pós - Graduação em Educação pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e licenciada em Pedagogia pela mesma instituição. Participa do grupo de pesquisa Tecnologia Ciência e Dodiscência (TECIDO), vinculado à UFV. Atualmente tem pesquisado sobre letramento digital e midiático na BNCC.





Janaína Torres Lopes é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), sendo bolsista do Programa de Educação Tutorial- PET Educação Conexão de Saberes, desde 2020. O programa desenvolve atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, onde possibilita que os integrantes desenvolvam pesquisas individuais de sua escolha, sendo assim, a área de interesse é a Arte e Educação.

Desenvolver e criar ilustrações para um livro é uma verdadeira novidade, mas o convite foi prontamente aceito, principalmente por se tratar de autores que dispensam elogios e admiração, escrever e desenhar são dons artísticos que precisam ser valorizados.

O e-book "Tecendo biografias e memórias de leituras de pós-graduandos: o professor me ensinou a fazer uma carta de amor", organizado por Bethania Medeiros Geremias, Camila Martins Januário de Freitas, Daiane Cenachi Barcelos e Mariana Moreira dos Santos, nasceu de uma prática de leitura e escrita desenvolvida na disciplina optativa "Educação e razões oprimidas", lecionada pela primeira organizadora, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa. Durante a realização da disciplina, os estudantes foram convidados a escrever cartas em resposta às obras "Professora, sim; tia, não - cartas a quem ousa ensinar" e "Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos", de Paulo Freire, bem como ao livro "Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática", de bell hooks. O trabalho com gêneros epistolares nas aulas da graduação e da pós-graduação integra uma das estratégias de ensino e de avaliação desenvolvidas com o intuito de mobilizar a escrita e a leitura em sala de aula. Nesta obra, os leitores poderão conhecer as histórias de vida e de profissionalização dos estudantes - autores das cartas - e, ao mesmo tempo acessar aos diálogos que estes realizam com bell hooks e Paulo Freire, mobilizando conceitos e ensinamentos destes dois grandes mestres, que nos ensinam que educar é um ato transformador [e, sobretudo, de amor].

